



ANNA
McPARTLIN

AUTORA DE *ESTARÁS SEMPRE COMIGO*

Sempre que dizemos adeus

Quanto maior
é a mentira,
maior é a dor

«Uma história comovente
de amizade, coragem e amor...
não conseguimos largá-la.»

Closer

Quinta Essência*



Ficha Técnica

Título original: The Truth Will Out
Título: Sempre Que Dizemos Adeus

Autor: Anna McPartlin

Tradução: Maria Correia

Revisão: Silvina de Sousa

Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 978-989-23-1047-3

"MEB"

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Anna McPartlin, 2008

Publicado originalmente por Poolbeg Press Ltd, 2008

Direitos reservados para Portugal

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leva.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leva.pt

À memória de Ciara Collins

Dedicado a Caroline, Ger e Ashling Collins

O casamento: segunda versão

Era a manhã do dia 1 de maio de 2006, Harri fazia trinta anos e iria casar-se nesse dia.

Na noite anterior, acordara apenas uma vez, a cantarolar «Get Me to the Church on Time». *Vou casar-me daqui a umas horas. Raios, acho que vou chorar. La, la, la la, la. Quem me dera não estar a perder o juízo.* Não permaneceu acordada por muito tempo, apenas o suficiente para um curto momento de ansiedade, para se dar ao luxo de uma lágrima ou duas, se assoar e bater com a cabeça na cabeceira de mogno da cama com o seu quadriculado de corda. *Estupor* – a cama, não o noivo, amava o noivo. Harri estava apenas nervosa. Quando o nervosismo a invadia ficava confusa ou talvez fosse ao contrário. De um modo ou de outro, o nervosismo e a confusão acabavam quase sempre num mal menor. *Não sejas tola, Harri. Tudo correrá maravilhosamente. Tudo irá correr bem. Não irás estragar nada neste dia. Vá, volta a dormir.* Obedeceu a si própria e, apesar de um pequeno galo na cabeça, conseguiu regressar aos braços de Morfeu em poucos minutos, sem grandes problemas.

– Grande dia – saudou-a o pai, no patamar das escadas, piscando-lhe o olho.

– Grande dia, pai – concordou, tímida, esfregando uma ramela particularmente teimosa no canto mais profundo e escuro do olho direito.

– Não arranques o olho, querida – avisou o pai.

– Tentarei não o fazer – respondeu, beijando-o na face barbuda enquanto ele ia, de jornal na mão, a caminho da casa de banho privativa, onde passaria aquilo a que ele chamava frequentemente uma hora bem merecida.

Pouco depois, a seguir a um banho revigorante, a mãe esperava-a no quarto com um pequeno-almoço irlandês completo, composto de torradas, chá, café e grande variedade de *croissants* e queijo.

– Bom dia, minha querida – saudou-a a mãe com um suspiro, sorridente, enquanto pousava a bandeja com o pequeno-almoço junto à janela que dava lá para baixo, para um pátio bonito empedrado e um velho carvalho.

– Bom dia, mãe – sorriu, segurando uma toalha contra o olho que acabara por magoar, apesar da promessa feita antes. Retirou então a toalha do rosto.

– Que coisa, querida, como arranjaste isso?

– Ramelas.

– Ah – retorquiu a mãe, sorrindo –, então dormiste. – Acenou com a cabeça aprovadoramente. – Linda menina. Não te preocupes, querida. A Mona tratará disso. A Mona conseguiria até esconder o rabo de um babuíno num *Fiat Uno* branco.

– Oh, mãe!

A mãe riu-se. Gloria, mãe de Harri, não dizia palavrões nem entrava em conversas obscenas, mas, quando isso acontecia, fazia com que a sua linguagem desregrada tivesse alguma graça. Harri juntava-se, sempre agradada quando a mãe se permitia participar no que ela considerava ser mau comportamento. Aproximou-se e sentou-se na cadeira junto à mesa que dava para o pátio empedrado e o velho carvalho. O Sol brilhava, amarelo-claro, contra um céu azul-argênteo e sem nuvens.

– Está um dia bonito – comentou, aconchegando-se no confortável roupão que a mãe lhe oferecera, seis anos antes, quando ela saíra pela primeira vez de casa para ir viver a vinte minutos dali, no *campus* da universidade. «Compra sempre coisas de qualidade, querida», dissera Gloria. «Tudo o resto não passa de falsa economia.»

Gloria só pensava em qualidade. Tinha gostos caros e era-lhe difícil tolerar qualquer outra coisa que não fossem as melhores e mais requintadas coisas da vida. Fora educada como filha única de um próspero proprietário de terras. Houvera uma época em que os pais eram donos de um quarto da área de South Dublin. O avô de Harri morrera com quase cinquenta anos, deixando a casa para a avó e a mãe de Harri. A avó sofria de epilepsia e por essa razão Gloria nunca a deixara só. Conheceu o pai de Harri quando a casa fora um dia assaltada, no início dos anos setenta, e ele estava encarregado de investigar o crime. Apaixonaram-se rapidamente e casaram-se ao fim de um ano. O pai de Harri, Duncan, era oriundo de North Dublin e, de início, sentira-se pouco à vontade com o seu novo e próspero estilo de vida. Gloria dissera que ele era como um pato num deserto, mas o trabalho mantivera-o satisfeito e enraizado na realidade familiar protetora da sua recente vida doméstica, e assim manteve um certo equilíbrio. Também gostava da avó. Era uma senhora, mas rija como um pero, um génio no xadrez, e juntos disputavam partidas que podiam durar um mês inteiro.

Duncan entrara na polícia logo que acabara os estudos. Fazia parte de uma terceira geração de polícias e subiu de categoria rapidamente, sendo detetive com vinte e poucos anos. Trabalhara em alguns dos casos mais trágicos que a Irlanda vira. Harri interrogava-se muitas vezes sobre como teria ele conseguido deixar todos aqueles casos de terror à porta de casa. A mãe dissera-lhe um dia que ele limpava sempre os pés no tapete e, assim, abandonava o trabalho lá fora.

Harri só vira o pai chorar uma vez. Devia ter uns nove ou dez anos. Ele encontrava-se sentado à secretária no seu escritório no sótão. Harri levava nas mãos uma bandeja com o almoço dele, por isso não batera à porta. O pai fitava uma fotografia, tinha uma mão no rosto e lágrimas nos olhos. Enfiou a fotografia no dossiê aberto sobre a secretária, fechando-o rapidamente e encostando-o ao peito e, depois, virara-se para a janela, limpando as lágrimas e esperando que ela não tivesse reparado. Em casa de Harri nunca tinham o hábito de falar sobre nada que lhes causasse desconforto. O trabalho de Duncan obrigava-o ao silêncio acerca de muitos assuntos e, assim, isso tornara-se um hábito seu. Gloria era demasiado senhora e, ao contrário da avó, demasiado frágil para qualquer género de confrontação, e a avó, quando ainda se encontrava no mundo dos vivos, não concordava em discutir fosse o que fosse que aflorasse o aborrecimento. Os sentimentos, decretara ela um dia, eram algo de maçador. George e Harri haviam crescido numa casa em que o mais importante era que tudo fosse lindo. As lágrimas não tinham lugar ali e, por isso, Harri fingira que não vira o pai chorar naquele dia, mas, anos mais tarde, se fechasse os olhos, ainda conseguia ver aquelas lágrimas grossas a pingar no papel branco.

– Está uma manhã fabulosa. – Gloria sorriu e beijou a filha no alto da cabeça.

– Nunca serei capaz de comer isto tudo – retorquiu Harri, observando a quantidade ridícula de comida que tinha à frente.

– Bem sei – anuiu Gloria, indo até à outra ponta da cama e inclinando-se para de lá retirar uma caixa azul que se encontrava em baixo. – É para ti – disse, sorrindo. – Parabéns, minha querida!

– Obrigada, mãe! – Harri sorriu. Fazia trinta anos, mas ainda ficava doida com presentes. Abriu a caixa e viu um pingente lindo em *art déco*. Gloria gostava imenso de *art déco* e Harri também. Duncan costumava dizer que eram duas ervilhas da mesma vagem. Ergueu-o contra a janela. Era lindo, brilhando à luz do dia com pedras cintilantes. – Gosto imenso! – exclamou, dando um beijo à mãe.

Entretanto, George entrara no quarto e estendera-se sobre a cama antes de Harri ter acabado de beijar a mãe na cabeça.

– Então, mãe, onde está o meu presente?

– Debaixo da tua cama.

– Ah! – retorquiu ele, com um suspiro desapontado.

– O que há de mal?

– Fica dois andares abaixo.

– Não sejas tão preguiçoso, querido, trata-se de escadas, não do monte Everest.

– Então, o que é?

– Não te vou dizer – respondeu Gloria, sorrindo-lhe.

– E porque não tive direito a pequeno-almoço na cama? – perguntou George, observando uma madeixa do seu cabelo.

– Porque não te vais casar. Por isso, parabéns, Chatinho. Agora, por favor, porta-te como um adulto. – Ela chamava muitas vezes Chatinho a George, e sorria enquanto o dizia, pois para dizer a verdade ainda gostava que ele se comportasse como uma criança. Fazia-a sentir-se necessária. – Os meus gémeos – sorriu. – Os dois já tão crescidos, mas, lá no fundo, serão sempre os meus bebés.

O final do seu pequeno discurso teve um toque de doce e louca velha admoestação, mas a doçura do sentimento era notória.

George levantou-se de um salto e deu um beijo na cabeça de Harri.

– Muitos parabéns, Harri!

Ela abraçou-o com força.

– Muitos parabéns, George!

Harri idolatrava o irmão gémeo. Ele era tudo o que ela não era. George conseguia ser sempre o centro das atenções em qualquer sala onde estivesse, enquanto Harri só seria encontrada num canto. Era aventureiro, viajara por todo o mundo, passara verões inteiros em sítios com neve e invernos ao sol. Fazia *surf*, mergulho e esquiava muito bem. Gostava imenso de praticar parapente e andava a pensar tirar o brevê de piloto de helicóptero. Harri não tinha uma natureza aventureira. Não conseguira afastar-se mais longe do que vinte minutos da casa dos pais. O sol quente causava-lhe insolações e, na única vez em que esquiara, acabara por partir um pulso. Ele era do tipo atlético, ela gostava de livros. Ele era barulhento, ela muito sossegada. Ele era um *playboy*, ela muito trabalhadora. Ele era *gay*, ela era heterossexual. Nem sequer eram parecidos, com exceção de terem ambos basta cabeleira castanha e ondulada. Ele era alto, ela de estatura mediana. George era corpulento, ela pequenina. Ele possuía um rosto quadrado e Harri um rosto ovalado. Eram tão diferentes em tantos aspetos, e, no entanto, não precisavam de usar as palavras como os outros. Compreendiam-se. Conheciam-se. George saltaria de qualquer ponte pela irmã. Os gémeos Ryan haviam sido sempre extremamente próximos.

– Vá lá, mana, larga-me – pediu George, afastando-se do abraço apertado da irmã.

– Sou mais velha – Harri sorriu.

– És mais pequena! – Ele sorriu.

Assim, entre a manhã soalheira, a joia nova, o lauto pequeno-almoço, a decoração de bom gosto de Gloria, a sua ternura e bondade, a noiva ansiosa que era Harri e a necessidade de George de atenção, aquele momento poderia ser captado num quadro que representasse a imagem sentimental da vida de uma família perfeita. A única coisa que estragava a atmosfera no espírito de Harri eram as núpcias iminentes.

Mantém-te calma, Harri. Não estragues isto.

Mas, sem que ela soubesse, havia uma ameaça muito maior a pairar sobre aquela família ideal naquele dia ideal.

* * *

O vestido estava ligeiramente apertado e o estilo de penteado rebuscado que Mona lhe fizera dava-lhe alguma dor de cabeça, mas até Harri foi obrigada a admitir que ela conseguira um trabalho fantástico, apesar do dedo partido.

– O que aconteceu?

– Aconteceu o Desmond.

– Preciso de mais informação.

– Tive um filho que se transformou num adolescente que se tornou num verdadeiro idiota, que não se importa nada de deixar um *skate* no cimo da escadaria.

– Tiveste muita sorte em não teres partido o pescoço.

– Ele é que teve muita sorte em eu não ter partido o *dele*! A sério, Harri, pensa bem antes de copulares.

Harri apreciava Mona. Gostava de se queixar da vida, mas fazia-o com verve agradável. George chamava-lhe a sua Lamúrias e ela parecia nunca se importar com isso.

– Uau, Lamúrias, falas do acasalamento de forma tão romântica! – disse ele, brincalhão, à porta.

– Diz-me que me vais deixar fazer qualquer coisa a esse cabelo – pediu Mona, bem versada em ignorar as gracinhas dele.

– Que mal tem ele?

– Nada, se tentas imitar um dândi.

– Bem, eu ia pelo visual do Hugh Grant, em *Quatro Casamentos e Um Funeral*. – Estava atrás dela, olhando-se ao espelho.

– Bem, então, querido, o visual foi perfeitamente conseguido.

– Lamúrias, és uma cabrinha, mas eu amo-te.

George soltou um suspiro e sentou-se a um canto da sala, a mesma onde Harri se encontrava no seu vestido de noiva, ligeiramente apertado, e com um penteado bonito mas que lhe provocava dor de cabeça.

Lá fora, Duncan tossiu, bateu à porta e entrou na sala com uma câmara.

– Oh, agora. O quê? – Duncan dizia frequentemente «o quê» fora de qualquer contexto, como se algum ser invisível lhe tivesse murmurado a observação ou pergunta ao ouvido. Na maioria das vezes fazia isso quando estava contente. – Fantástico. Fantástico! – Também se repetia muitas vezes, num tom que indicava um encanto infantil. – Céus, estás arrasadora. Ela não está arrasadora?

Duncan olhou em volta para George e para Mona, que sorriram e assentiram com a cabeça. Parecia que o vestido compensava no fator espanto o que lhe faltava em conforto, o seu esplendor conseguindo levar-lhe uma lágrima aos olhos por norma teimosamente secos. A fim de evitar uma emoção embaraçosa, George contou uma piada sugerindo que as lágrimas do pai tinham mais que ver com o custo do vestido do que com o aspeto visual. Afastado o momento embaraçoso, Duncan sorriu e, apesar da zombaria do comentário, o encontrão bem-humorado do gémeo de Harri demonstrava que o aspeto da irmã satisfazia as suas mais altas aspirações de dândi.

Melissa ligou. Mona passou o telefone a Harri avisando-a:

- Dois minutos.
- Olá, Melissa.
- Ainda connosco?
- Sim.
- Ótimo.
- Onde estás? – perguntou, confusa, ao ouvir o som de trânsito.
- Estou no parque de estacionamento da igreja, a mudar uma fralda.
- Já estás na igreja?

Conseguia ouvir o pânico no tom de voz de Harri.

- Para. Respira fundo. Estou só a ver se está tudo bem com as flores. Ainda tens uma hora.
- Está bem – respirou tão fundo quanto o vestido lho permitia.
- Jacob, entra no carro. Jacob, entra no carro. Jacob...
- Melissa?
- Desculpa. Entra na treta do carro!

Algum barulho e ela conseguiu ouvir Jacob a queixar-se de qualquer coisa sobre querer uma sandes do porta-bagagens.

- Tu guardas sandes no porta-bagagens?
- Sandes, iogurtes, fraldas, toalhas, triângulos de queijo, leite em pó, uma embalagem de seis *Caprisun*, plasticina, cuequinhas. Diz o que queres, que eu tenho de certeza.
- Sai do telefone! – pediu Mona.
- Tenho de sair do telefone.
- Está bem. Tudo irá correr bem.
- Eu sei.
- Oh, o James está cá.

O estômago de Harri deu uma reviravolta. James encontrava-se na igreja. Desligou.

Mona arrastou-a até à mesa de jantar junto à janela grande que dava para o banco da avó e deixava entrar bastante luz. Retirou um lápis dos olhos da bolsa abarrotada de segredos cosméticos.

- Estás bem? – perguntou.
- Estou – concordou Harri.

Mona empurrou-a para a cadeira.

– Olha para cima! – ordenou. Harri olhou para cima. – Tens a certeza de que estás bem? De repente empalideceste.

Harri mostrou-lhe o polegar dando sinal de aprovação, com medo de vomitar se falasse.

Duncan saíra para ir buscar Gloria ao Shoe World, em Sandycove, onde ela insistira em ir meia hora antes, quando a tira das sandálias novinhas em folha se partira.

– Raios, não acredito nisto! – gritara. – Estas sandálias custaram-me quinhentos euros!

– O quê? – rugira Duncan. – Quinhentos euros? Mas tu perdeste a cabeça, mulher?

Gloria não se apercebera de que ele se encontrava perto e não estava com disposição para uma guerra sobre preços.

– Querido, ambos sabemos que não devias ter ouvido isto, portanto, vamos fingir que nada ouviste.

Duncan resmungou qualquer coisa sobre os malditos quinhentos euros, mas conseguiu ver que o argumento dela era razoável e deixou passar. Sandycove era uma pequena cidade e eles viviam a dois passos, por isso foi levá-la lá e voltou a casa com tempo apenas para tirar algumas fotografias antes do telefonema para a ir buscar. Dirigiu-se ao carro resmungando com o custo de tudo e interrogando-se sobre quanto teriam custado aquelas novas malditas tiras de sandália.

Harri não estava com vontade de se mexer nem sentar nem beber nada, nem sequer de tomar o *Valium* que Mona lhe oferecera, explicando-lhe que operara maravilhas em Cliona, a filha da vizinha. Pelos vistos, Cliona sofria muitas vezes dos nervos, mas, segundo Mona, isso devia-se a ser uma menina mimada e ingrata que não dava nem metade do valor à mãe, nem mesmo ao pai, que muitas vezes cheirava a batata frita, um homem que construía um império de batatas fritas e um cavalheiro por alinhar com aquilo. George riu-se, apreciando a conversa de Mona. Harri fingiu estar interessada, mas, no seu íntimo, sentia-se entorpecida.

– Sentes-te mal? – perguntou George, do canto da sala onde se instalara confortavelmente na cadeira de baloiço antiga preferida da mãe.

– Um pouco – admitiu ela, visto não valer a pena mentir ao irmão.

– Vais ficar bem – disse Mona, aplicando uma segunda camada de batom vermelho-rubi. – Agora estala os lábios.

– E respira fundo! – instruiu George antes de voltar a ler um artigo sobre uma espécie nova de sapo do Sri Lanka. – Olha só para estes olhos vermelhos tão estranhos. Se os sapos matassem...

* * *

James, o noivo de Harri, gostava de sapos, achava-os necessários para um ecossistema equilibrado. Tinha uma estranha fixação por todos os anfíbios e répteis; onde a maior parte das pessoas via algo nojento, ele só encontrava deslumbramento.

– Sabias que quando as cobras atacam têm quase cem por cento de êxito? – mencionara ele, por acaso, no primeiro encontro.

– Não sabia – respondera ela, enquanto pensava que ele era doido e resolvera não pedir sobremesa.

Ele acreditava sobretudo que os répteis eram marginalizados.

– Quer dizer, que mal fizeram os lagartos a alguém?

Harri não respondeu, esperando que ele mudasse de assunto. Não mudou. Em vez disso, contou-lhe tudo sobre a sua cobra de estimação, *Ronnie*, que tivera durante quase três anos, quando o bicho morreu após os seus órgãos começaram a falhar. Culpara-se por não ter notado os sinais.

– Mas não parecia mesmo nada doente – dissera, abanando a cabeça, deixando Harri momentaneamente a pensar qual seria o aspeto de uma cobra doente. – Adorava aquela cobra.

Ele tinha uma rugazita amorosa mesmo acima do olho, que ela mais tarde percebeu que surgia quando estava preocupado ou sofria. James era arquiteto. Demonstrava um grande amor por tudo o que estivesse relacionado com construção. James não era apenas um empreiteiro – era um artista no

que dizia respeito à paixão com que se entregava aos projetos e na sua busca pela perfeição. Controlava todas as fases de uma obra, desde as fundações até aos telhados, e, para ele, andar em redor da obra acabada dava-lhe uma sensação de júbilo semelhante à de uma estrela de *rock* a entrar no Estádio de Wembley para tocar para uma casa cheia. James era um construtor de uma geração diferente e, contudo, um acérrimo defensor do ambiente, insistindo em trabalhar apenas em estruturas amigas do ambiente.

Haviam-se conhecido seis anos antes, devido a assuntos de trabalho. Ele construía uma casa e Harri e Susan Shannon, a sócia dela, decoravam-na. Nesse mesmo dia, Susan dissera que esperava que ele não fosse estúpido porque, se tivesse um QI decente, Harri deveria casar-se com ele. Harri rira-se, e não voltara a pensar no assunto. Susan tivera sempre um interesse entusiasta em ser casamenteira e fazia isso com qualquer pessoa que lho permitisse. Dizia que era uma substituição do sexo. Achava que existia química entre Harri e James e ficou muito contente quando, passadas semanas desse encontro, lhe deram provas de que tinha razão.

Susan acabara de fazer quarenta e seis anos e para presente de aniversário o marido comprara-lhe uma mangueira de jardim. Fora cara, com muitas aplicações que davam jeito, e suficientemente poderosa tanto para lavar um pátio empedrado como para borrifar as plantas, mas, mesmo assim, só lhe apetecera empurrá-la pela garganta do marido abaixo.

– O James nunca te compraria uma mangueira – disse Harri, e tinha razão, ele não o faria. Contudo, mencionou que ele lhe comprara um cortador de madeira, depois de ter visto uma notícia sobre uma fraude de identidade.

Susan abanou a cabeça e suspirou.

– O que terá acontecido ao romance?

– Acho que foi vítima do feminismo.

– A pergunta foi de mera retórica e tu pensas demasiado.

Tinha razão. De facto, Harri pensava de mais. Refletir demasiado era provavelmente o seu maior problema.

De qualquer modo, dois dias depois de Susan ter feito a sua pequena observação sobre James ser um bom partido, ele pedira a Harri que saísse com ele.

Apesar de o primeiro encontro ter começado de forma algo estranha, no final da noite, sentados no exterior do apartamento da cidade portuária de Dun Laoghaire, que ela partilhava com uma bailarina de dança contemporânea de olhos azuis chamada Tina Tingle, a noite melhorou consideravelmente.

O carro parou. Ela levou de imediato a mão ao puxador indicando que ia sair sem mais demoras.

– Desculpa – dissera ele –, estou um pouco com falta de prática.

– Não faz mal. – Harri corou, embaraçada com a franqueza dele.

– Onde é que te desconcertei? – perguntou ele, sorrindo ligeiramente.

– Com a tua descrição aprofundada da textura das escamas da *Ronnie*.

Ele desatou a rir e acenou, concordando.

– Estava nervoso. Só digo disparates quando estou nervoso.

Harri sorriu.

– O meu irmão faz o mesmo. Depois do funeral da minha avó, falou sobre a sujidade do umbigo uma hora inteira.

Durante um momento fez-se silêncio e James reparou que Harri já não agarrava no puxador da porta.

– Então, estás com falta de prática? – indagou Harri, coçando a parte de trás do pescoço e olhando para o para-brisas, mas, pelo canto do olho, conseguia vê-lo a franzir a testa, e as rugazinhas em redor dos olhos denotavam um sorriso.

– Já faz algum tempo.

– Oh! – exclamou ela, acenando com a cabeça. – E algum tempo é quanto? – Tentou dar um tom despreocupado à voz.

Ele riu-se.

– Não estás atrás da porta, pois não?

– Normalmente estou – admitiu ela. – Normalmente estou atrás da porta, ao fundo do corredor e na despensa à esquerda.

James riu-se. Tinha um riso maroto.

– Então? – provocou ela. *Nem consigo acreditar que estou a ser tão insistente.*

– Dois anos.

– Posso perguntar?

– Ficámos juntos durante quatro anos e depois ela adoeceu.

– Oh, meu Deus! Perdoa-me. Fui demasiado intrometida.

– Não, não faz mal. Levou algum tempo, mas ela melhorou. – Ele riu-se, um riso curto, com um tom de amargura. – Ela melhorou e decidiu que preferia um género de vida diferente, por isso destroçou-me o coração e foi viver para a Austrália, onde acredito que se casou com um surfista seis meses depois.

– Pois.

Harri estava arrependidíssima por ter começado a fazer perguntas. Normalmente não se interessava pela vida de estranhos.

– Sinto-me tão mal...

– Porquê? – Ele voltara a sorrir.

– Sinto-me, pronto. – Suspirou, encolhendo os ombros.

Harri não se metia na vida dos que não lhe eram próximos porque as histórias tristes a afetavam imenso. Levava-as consigo e revivia-as quando se encontrava sozinha. A tristeza apavora-a e não precisava de ser a dela.

– Então e tu? – perguntou James, aligeirando o tom e reparando que Harri não só retirara a mão do puxador como virara os joelhos para os dele.

– Andei com um carpinteiro chamado Simon quase um ano. Separámo-nos há cerca de seis meses. Não foi por nada em especial, simplesmente não nos demos bem.

– E antes do Simon?

– Uma coisa na universidade. Ian Grace. Era estudante de engenharia. Namorámos mais de três anos.

– No Trinity College?

– Na Universidade de Dublin.

– O que vos aconteceu?

– Ele aceitou um emprego na Arábia Saudita. Eu não gosto lá muito de sol.

– Harri?

– Sim.

– Se eu prometer não dizer disparates, aceitas encontrar-te comigo novamente?

- Sim.
- Ainda bem – respondeu ele, acenando com a cabeça para si próprio. – Harri?
- Sim?
- Importar-te-ias muito se te beijasse? Não me importo se disseses que não.
- Não.
- Oh, bolas!
- Só estava a brincar! – Ela riu-se, e foi tudo.

Encaixaram um no outro.

Eram ambos grandes trabalhadores, gostavam de ler, nenhum se interessava em especial por música nem televisão, preferindo uma sala silenciosa como sítio para conversar. Gostavam de conversar, de cozinhar e de rir. James tinha piada, não num sentido convencional de comediante nato, mas acabava sempre por fazer Harri rir.

- Truz, truz?
- Não.
- Ah, vá lá. Truz, truz?
- James.
- Truz, truz?
- Valha-me Deus, quem é?
- Gorila.
- Gorila quê?
- Gorila-me uma sandes de queijo.

Sabem quando alguém nos diz uma piada tão profundamente estúpida e sem graça e tudo o que podemos fazer é rir do ridículo disso? Bem, Harri ria-se e ele batia palmas, encantado com a sua hilaridade.

- Há qualquer coisa de errado contigo.
- Sim, há! Estou com fome, por isso gorila-me uma sandes de queijo.
- Oh, meu Deus, não arrastes a coisa!
- Tu adoras as minhas piadas.

No fundo, ela não adorava, mas amava-o.

* * *

Encontrava-se perdida em si mesma, a olhar para lá do banco da avó, para uma rua ladeada de árvores floridas de branco anunciando a primavera e a mudança de estação. Foi algures num lugar para lá das flores brancas que o terrível sentimento surgiu como uma grande onda que tudo varre. O terror ergueu-se dentro de si e ameaçou engolir não só Harri mas o quarto inteiro. Tinha a cabeça num rodopio estonteante. Subitamente, tudo lhe parecia errado. Sentia-se como que a afogar-se no quarto, agora desfocado. Tudo em si lhe gritava que algo estava fora do lugar. *Oh, não, outra vez, não!* Uma ideia insana e asfixiante passou-lhe pelo espírito enlouquecido, dizendo-lhe que não pertencia ali. Já estivera assim antes. Sentia as mãos a ficar pegajosas e, dentro de segundos o palpitar do coração aumentou, mais um pouco e pareceu saltar no fundo no peito. *Respira fundo, Harri. Tal como disse o George.* As mãos pegajosas quase tremiam, apesar de a sua temperatura aumentar a um ritmo alarmante. *Acalma-te, Harri. Não sejas parva, por favor.* Sabia que a qualquer momento poderia começar a sentir-se tonta e então ficaria completamente desligada do mundo. *A mãe*

vai dar cabo de mim. Na altura em que ia chamar alguém, já com a respiração entrecortada, levou as mãos pegajosas à garganta assinalando que estava com falta de ar.

Mona foi a primeira a aperceber-se.

– Oh, céus, de novo naquele estado! George, chama uma ambulância antes que ela fique azul à nossa frente.

1 de maio de 1975 — quinta-feira

A minha mãe esteve outra vez a chorar na noite passada. Ouvi-o entrar. Chamou-a aos gritos: «Deirdre, Deirdre, Deirdre!» Um dia ainda lhe gasta o nome. Ouvi-o bater à porta do quarto dela. Ela deve tê-la fechado. «Deirdre, abre a porta, minha grande cabra!» «Não abro!», respondeu a minha mãe. Acreditam que ela lhe respondeu quando ele lhe chamou grande cabra? Mas o que se passa com a minha mãe? Pelo menos fechou a porta. Eu também tranquei a minha. Ele é um monstro. Odeio-o. Saiu furioso, aos berros, gritando que voltaria, e desceu a rua a praguejar tão alto que a Abelhuda da Crowley, do número 7, ouviu. Vi a cortina dela estremecer enquanto ele passou pela casa, insultando tudo e todos. Bem se percebia que estava encantada, isso dar-lhe-ia que tagarelar, à velha abelhuda.

Às vezes fico acordada e pergunto-me por que razão se terá ela casado com ele? Amá-lo-ia mesmo, ou ter-se-á sentido apenas sozinha depois da morte do meu pai? Pensei que éramos felizes. De facto, sei que éramos felizes, isto é, até ele ter chegado. Ela apressou-o, pelo menos foi o que ouvi a Abelhuda Crowley dizer na farmácia, quando estava escondida atrás das estantes e ela falava com Mrs. Stephens sobre a última vez que ele saíra da nossa casa a praguejar. A Abelhuda chamou-lhe estúpida e, para ser justa para com a Abelhuda, não está enganada. A minha mãe é uma mulher estúpida. Eu nunca serei tão estúpida que me apaixone por um homem horrível como ele e nunca me hei de casar.

A escola é um pesadelo, mal consigo esperar pelas férias. Não sei o que irei fazer, ele diz que terei de arranjar um trabalho. Talvez arranje, mas não por causa dele. Dentro de duas semanas farei quinze anos. A mãe disse que poderia ter um frasco de *Charlie* e uma cassette dos Bay City Rollers. Espero que sim. Espero que ele não derreta o dinheiro todo em bebida. Adoro o cheiro de *Charlie*.

Daqui a um ano vou-me embora daqui. Mal posso esperar. Cada dia parece um ano e alguns dias parecem ter dez anos. A Sheila diz que vai para um banco. Na semana passada queria ser cabeleireira e há um mês professora. Não sei o que quero ser. Só sei que quero estar em qualquer outro sítio menos em Wicklow.

Vi novamente aquele médico — ele estava a pescar nas rochas. Parece da minha idade, talvez um ano ou dois mais velho. Com esforço, dou-lhe dezanove anos. A Sheila diz que ele deve ter pelo menos vinte e cinco. Não parece. Tem sempre um ar triste mesmo quando sorri. Também é tímido. Deve ser difícil para ele estar numa cidade nova. Eu detestaria ser médica, as pessoas são nojentas. De onde será ele?

Na noite passada tive um sonho. Sonhei que me encontrava num barco que estava sempre a voltar à costa. Quando se fazia ao mar era puxado de volta. Isso assustava-me. Estou obcecada. A Sheila diz que me obceco com as coisas. Ela acha que me deveria desconstrair e gozar a vida. Para ela é fácil dizer isso — não vive com um bêbedo —, de facto, o pai dela até enriquece servindo bebida a todos os bêbedos da cidade. Ela nunca teve de se esconder no quarto. Senta-se ao pé do pai, a ver a série cómica *Morecambe & Wise* num televisor a cores, por isso, para ela é fácil desconstrair-se e gozar a vida. Tenho saudades da Sheila. Quem me dera que não andasse com aquele Dave. Mas o que tem o Dave de especial? Tem uma treta de permanente à Kevin Keegan. A Sheila acha que ele é fixe, mas não é, não é mesmo. Cheira à loção de barba *Brut* do pai e está sempre a meter as mãos no corpo dela. Ontem não parava de a deitar abaixo a tentar ser engraçado, o que não é. Apeteceu-me dar-lhe um soco a valer. A mãe diz que às vezes fico cá com um olhar ameaçador, e isso assusta-a.

Já passa das dez e estou cansada. Ele ainda está no *pub*. Se adormecer já, talvez não o ouça. Primeiro tenho de fechar a porta à chave. O pai da Sheila diz que nunca se deve fechar à chave a porta de um quarto, não vá haver algum incêndio. Não é de um incêndio que tenho medo. Antes preferia arder.

Acabei de decidir que amanhã irei procurar um emprego para o verão, qualquer coisa que me tire desta casa. Dá-me vontade de rir. Ele diz que tenho de arranjar emprego, ao passo que ele fica sentado no *pub* ou encostado à parede do banco com os amigalhões, o dia inteiro, todos os dias. A mãe vai dando desculpas, diz que os estivadores só podem trabalhar quando

os navios chegam ao porto, mas o pai da Anita Shea é estivador e pinta casas ou põe papel de parede também e o pai do Tim Healy faz turnos no bar Pole, em vez de se sentar à frente deste a beber todo o dinheiro que ganha por dois dias de trabalho em duas horas. De qualquer maneira, não me importo com isso. Ele pode fazer o que lhe apetecer. Vou-me embora daqui. Um ano pode parecer que dura sempre ou que dura um dia. O meu pai costumava dizer isso. Acho que amanhã me vou sentar junto dele um bocadinho. Talvez limpe a lápide. Os pássaros parecem achar que aquilo é uma casa de banho, e é engraçado porque a Rita Heneghan está mesmo atrás dele e a lápide dela está sempre imaculada e nunca vi ninguém a visitá-la. Uma vez, um pássaro até fez a porcária quando eu lá estava sentada! Penso que o meu pai acharia isso engraçado. Costumava rir-se muito. Tenho tantas saudades do riso dele! Quem me dera que estivesse aqui, mas não está, por isso de que me serve desejar isso? Ele partiu. Que vá para o raio que o parta por isso.

Oh, e já agora, para que nunca me esqueça, hoje, na floresta, ouvi a primavera. Ouvi-a mesmo, nas árvores e na brisa que soprava e nos cães a ladrar, e o céu estava tão azul, tão azul e a erva de um verde tão viçoso. Encostei-me a uma árvore e inspirei fundo o ar fresco. Um dia, ainda vou sentir saudade deste bosque.



Nas urgências

Harri acordou deitada numa maca nas urgências do hospital. Os pais ladeavam-na. Não havia sinal do noivo. George encontrava-se à janela, a olhar lá para fora e a comentar qualquer coisa sobre uma mulher que claramente fazia má figura ao tentar estacionar o carro.

– Meu Deus, mulher, eras capaz de enfiar aí um camião!

Harri acordou muito antes de conseguir abrir os olhos. *Não acredito que voltei a fazer isto!* Os pais estavam calados. Por fim, não conseguiu fingir mais que dormia.

– Olha, aqui está ela – proferiu o pai, sorrindo com ternura –, aqui está a nossa menina.

– Desculpa, pai.

– Não te preocupes. – O pai sorriu.

– Desculpa, mãe.

– Chiu, sossega, querida, agora está tudo bem.

George foi ter com eles e estendeu-se na cama da irmã apoiando a cabeça dela no seu cotovelo.

– Se te servir de algum consolo, és a doente mais bonita que aqui está.

Harri apercebeu-se de que ainda tinha o vestido de noiva. Lutou contra as lágrimas.

– Onde está o James?

O irmão de Duncan, o padre Ryan, entrou no quarto com quatro cafês. Os pais de Harri pegaram nos deles e a mãe passou um a George.

– Queres um café, minha querida?

– Não, mãe, obrigada.

– Ela já acordou – disse Gloria ao cunhado.

O padre Ryan debruçou-se sobre a cama.

– Olá, então – disse. – Ainda um dia nos matas de susto, Harriet Ryan.

– Desculpe, tio Thomas.

O padre Ryan permitia que apenas os gémeos o tratassem por tio Thomas. Para todos os outros, incluindo o irmão e a cunhada, era o padre Ryan.

– Bem, dizem que três é a conta que Deus fez. – Referia-se ao facto de aquele último ataque de pânico ser o segundo de Harri, tendo o primeiro ocorrido na véspera do primeiro casamento que ela não conseguira levar avante, seis meses antes.

– Onde está o James?

Gloria começou a levar as mãos ao pescoço como sempre fazia quando se sentia ansiosa. Duncan permaneceu em silêncio e o padre Ryan estava ocupado a bebericar o café. Foi George quem falou.

– Ele esteve aqui, Harri. Certificou-se de que ficavas bem e depois foi-se embora.

– Ele odeia-me – proferiu Harri antes de enterrar a cabeça na almofada.

– Ele não te odeia – replicou George. – Só está perturbado.
– Já o deixei no altar duas vezes.
– Não fizeste de propósito.
– Há qualquer coisa mal. É óbvio que tenho problemas mentais.
– Não, claro que não! – replicou Gloria, tentando sorrir. – Todas as noivas ficam nervosas.
– Mas não acabam nas urgências do hospital! – retorquiu Harri, num tom de voz que sugeria fúria.
– Harri, vê lá esse tom! – admoestou-a o pai.
– Desculpa, pai.
– Não faz mal, querida, estamos todos um pouco nervosos – esclareceu ele em tom leve.
– Onde está a Melissa?
– A tomar conta das crianças. Vai deixá-las com o Gerry e depois irá ter connosco a minha casa – retorquiu George antes de provar o café. – Que horror, que porcaria! – Referia-se ao café, mas resumia perfeitamente o dia.

Harri permaneceu na maca no dia da sua segunda tentativa para se casar com o homem que amava, rodeada pela família e, contudo, sentindo-se completamente sozinha. O terror que sentira acalmara para dar lugar ao horror e a um sentimento depressivo que lhe transformava o cérebro em cola. *Ele nunca me há de perdoar. Não posso acreditar que fiz isto outra vez. O que se passa comigo?*

* * *

O apartamento de George ficava numa cobertura no bairro de Temple Bar. Ele gostava de viver no coração da cidade. Comprara-o quatro anos antes, depois de a avó morrer, deixando aos gémeos o que ela descrevera como um rico cestinho de ovos. Era espaçoso, com três grandes quartos; tinha dois andares e tetos altos. Estava todo pintado de branco e com as paredes cobertas de arte africana e europeia, que ele colecionara ao longo de muitas viagens. À noite tinha uma vista espetacular para as luzes da cidade, mas, naquela noite, ele manteve as persianas fechadas e apenas um único candeeiro aceso rompia a escuridão.

– A doente pode beber vinho? – perguntou Melissa a George, enquanto lhe servia um copo e ele aconchegava uma manta nas pernas da irmã, depois de ter insistido que se estendesse no sofá.

– O médico dela diria que não, mas eu digo que sim – sorriu e deu uma palmadinha no cabelo achatado da irmã. – Precisas mesmo de lavar isso antes que alguma coisa decida aterrar aí.

Melissa deu a Harri um copo antes de se enroscar confortavelmente na poltrona preferida de George.

– Preciso mesmo da manta? – perguntou Harri enquanto a afastava de si.

– Sim – respondeu o irmão.

– Estou tão cansada – admitiu ela.

Melissa suspirou profunda e ruidosamente e, passado algum tempo, disse:

– Não compreendo. Quer dizer, todos sabemos o quanto detestas ser o centro das atenções, mas isto é ridículo. Não compreendo.

– Eu também não – repetiu Harri, reprimindo as lágrimas.

Depois de George ter pedido aos pais que saíssem do hospital e enquanto ela aguardava alta, Harri fora-se abaixo, lamentando-se e vociferando, só parando quando o médico ponderou em voz alta sobre se ela precisaria ou não de intervenção cirúrgica. Então, a partir daí, prometeu que não choraria mais e estava determinada a cumprir a promessa.

– Eu compreendo – proferiu George, antes de agitar o vinho vigorosamente dentro do copo, apreciando a cor e a clareza.

– E? – perguntou Melissa, quase enfadada por servir de testemunha ao que muitas vezes descrevia como a treta das técnicas de prova de vinhos, que ele aprendera naquela treta do curso.

– Ela não está preparada para o casamento, é só isso.

– O que queres dizer com o não estar preparada? A Harri tem trinta anos. Há seis que andam juntos. Têm um apartamento, uma *cottage* arruinada em Wexford e um aquário cheio de peixes exóticos.

– E então? – inquiriu George, mais uma vez agitando vigorosamente o copo ao ponto de entornar um pouco.

– Então é que ela já se comprometeu há três anos, no dia em que assinou a compra do apartamento, comprometeu-se uma vez mais quando, contra o meu conselho, compraram aquele ninho de ratos em Wexford e, mais uma vez, quando herdaram o peixe mostrengo da tia-avó e, por favor, para de agitar o vinho e bebe lá essa treta de uma vez!

– Isso trata-se apenas de propriedade. A propriedade e o compromisso são duas coisas totalmente diferentes e estamos no meu apartamento, por isso, agito tudo, se me apetecer agitar.

– *Gay!!*

– Cabra!

– Podem calar-se os dois? – pediu Harri antes de esvaziar o seu copo.

– Desculpa – pediu George.

– Desculpa-me também – repetiu Melissa.

Melissa era a melhor amiga de Harri desde que tinham ambas cinco anos. Aos dezasseis, fora a primeira e única namorada de George. Ele rompera com ela exatamente passadas duas semanas e um beijo depois do início do seu namoro de curta duração. Seis meses mais tarde, ele abrira-se com a mãe, enquanto ela estendia a roupa. A mãe fingira-se surda e passariam mais quatro anos até a sexualidade de George voltar a ser mencionada em casa.

Passara uma hora e Harri sentiu vontade de vomitar. Melissa agarrou-lhe no cabelo acachapado, afastando-o do rosto, enquanto a amiga vomitava vinho tinto e a metade de *croissant* que comera. Depois Melissa levou-a para o quarto de hóspedes de George e meteu-a na cama.

– Melissa, alguma vez pensaste na razão por que as coisas acontecem? – perguntou Harri.

– Estou sempre a pensar nisso – respondeu Melissa.

– Achas que o George tem razão?

– Bem, nunca a teve. – Melissa riu-se um pouco.

– Não sei o que se passa.

– Eu sei, mas deixa passar algum tempo.

– O James não fala comigo.

– Dá-lhe um pouco de espaço.

– Quanto espaço? Um dia, uma semana, um ano?

– Harri, na igreja... bem, ele também ficou destroçado.

– Não o quis magoar.

– Bem sei. Vamos ao fundo da questão, Harri. Prometo-te.

Harri anuiu e Melissa apagou a luz e fechou a porta.

– Tarde de mais – murmurou Harri. – Perdi-o. – Permaneceu estendida, na escuridão, deixando que

esta a envolvesse a pouco e pouco.

Melissa sentou-se do outro lado da porta e ouviu a melhor amiga a soluçar. Também Melissa chorou. Não conseguiu evitá-lo. Vira-o no rosto de James. Vira qualquer coisa partir-se. Não havia como voltar atrás. Harri tinha razão, perdera-o, e devia fazer o luto.

George tinha outro copo de vinho à espera de Melissa quando por fim ela voltou. Sentaram-se frente a frente, como se fossem família.

– Ela está bem? – perguntou ele.

Melissa abanou a cabeça. George ficou invulgarmente calado.

– Então? – inquiriu Melissa passado um bocado.

– O James pensa que isto tem que ver com ele.

– Bem, não andará muito longe da verdade. Duas tentativas de casamento, dois ataques de pânico graves.

– Não foram as únicas vezes – retorquiu George, esfregando o queixo com a mão, numa demonstração de ponderação cuidadosa.

– Não compreendo o que queres dizer.

– Quando éramos miúdos acontecia muitas vezes, talvez até a Harri ter cinco ou seis anos. Não me recordo bem.

– Mas ela disse...

– Ela não se lembra.

– Mas os teus pais, eles disseram ao médico...

– Mentiram.

– Porquê? Porque haveriam de fazer isso? – perguntou Melissa, inclinando-se para a frente, num murmúrio, apesar de a amiga se encontrar a um andar de distância.

– Não sei.

– E porque não disseste tu qualquer coisa?

– Não sei.

– Tudo o que disseste antes sobre a Harri não estar preparada para um compromisso...

– Isso poderia ainda ser o caso. Só não compreendo a razão de os meus pais estarem a mentir.

– Ela precisa de saber disso.

– Concordo.

– Então? – instigou-o ela.

– Então, falarei com eles. Verei o que dizem. A Harri já está bastante perturbada... preciso de compreender o que se passa antes de a incomodar com isto.

– E o James?

– O James precisa de espaço. Quer dizer, tu não precisarias?

Melissa anuiu com a cabeça.

– Não percebo isto.

– Nem eu. – George encolheu os ombros. – Mas há qualquer coisa de errado.

* * *

Gloria debicava o jantar. Fizera um prato de massa com restos da noite anterior. O padre Ryan estava esfomeado, tendo partido de Galway nessa manhã muito cedo e sem almoçar, mal conseguindo chegar à igreja a horas para ouvir que a sobrinha não se juntaria à congregação. Fora James quem o levara

de carro da igreja até ao hospital. *Pobre rapaz*. Tentara consolá-lo, mas James mantivera-se em silêncio e ausente, demasiado longe para que conseguisse comunicar com ele. A viagem até St Vincent parecera uma eternidade, especialmente por James estar com tendência para manobras bruscas e agressivas. O padre Ryan preferia andar de bicicleta. A sua paróquia era pequena, nos arredores de Galway. Só usava o carro quando tinha de se deslocar entre paróquias para dizer a missa, à exceção disso, preferia a bicicleta. «Não há nada como apanhar um pouco de ar fresco», costumava dizer. O padre Ryan não tinha medo do frio, de facto até lhe agradava. Não suportava o aquecimento central na casa do irmão, causava-lhe irritação, mas claro que nunca o diria, indo ao ponto de agradecer a Gloria por se lembrar de pôr o cobertor elétrico. *Estamos em maio! Mas que raios pensará esta mulher?* Estava ansioso por voltar para casa de comboio, no dia seguinte. Sentar-se-ia enquanto comia qualquer coisa, a ver a paisagem passar por ele, e tentaria acalmar quaisquer receios e qualquer sentimento de culpa associado. *Fiz isto por ti, Harri. Principalmente fiz isto por ti*.

Duncan olhou para a mulher, que ia debicando a comida. Observou-a cuidadosamente, receando que ela pudesse ir-se abaixo. Duncan tinha sempre presente que a qualquer momento a poderia ver entrar numa depressão profunda, que já uma vez a atingira. Dias como aquele eram uma espécie de prova. Estava determinado a protegê-la, apenas não sabia como.

– Estás aqui, Glory? – Chamava sempre Glory à mulher.

Ela olhou para ele com ar ausente.

– Estou com frio – respondeu ela.

Que diabos, pensou o padre Ryan.

– Se calhar queres ir para a cama? – propôs Duncan. – Foi um longo dia.

– Não – respondeu ela –, não conseguiria dormir.

– Vou aumentar a temperatura. – Duncan levantou-se, deixando a mulher e o irmão sozinhos.

– Isto será culpa nossa? – murmurou Gloria ao padre Ryan.

– Não penses isso – retorquiu ele, encolhendo os ombros. – Como poderia ser?

– Estou com medo – desabafou ela –, não a posso perder novamente. – As lágrimas vieram-lhe aos olhos escuros.

– Nunca a perdeste – lembrou ele a cunhada, apertando-lhe a mão.

– Percebes o que quero dizer – retorquiu Gloria, deixando que as lágrimas corressem. – Não posso perder de novo a minha menina.

Duncan voltou a tempo de ver a mulher limpar uma segunda lágrima.

– Glory?

– Estou bem – mentiu Gloria. Levantou-se enquanto ele se sentava e deu-lhe um beijo no alto da cabeça. – Talvez me vá deitar cedo.

Duncan pôs-se em pé.

– Não – afirmou, perentória. – Estou bem. Fica aqui com o padre Ryan. Acaba de jantar.

– Boa noite, meu amor – disse ele, sentando-se.

– Boa noite, meu querido – respondeu ela, da porta.

O padre Ryan sentou-se em silêncio junto à lareira, felizmente apagada, a olhar para o copo. Duncan sentou-se na cadeira em frente. Ambos tinham o espírito algures. Passado um bocado, o padre Ryan abordou os receios de Gloria com o irmão mais novo.

– A Harri tem medo de qualquer coisa invisível, de algo desconhecido – disse ele.

– Não devia ter.

– Tens ainda a certeza de que ela não deveria saber a verdade? Estás ainda tão certo de que não existe uma parte dela que já o sabe? – perguntou, sem medo da cólera do irmão.

– Não há nada a saber! – respondeu Duncan, batendo com o copo na mesa que segurava o candeeiro atrás dele.

– Hoje...

– Hoje nada tem que ver com nada!

– Duncan...

– Thomas.

O padre Ryan sabia que quando o irmão o chamava pelo nome falava muito a sério.

– Se calhar os ataques de pânico dela nada têm que ver com nada ou talvez tenham... só sei que, no fim, a verdade virá ao de cima – avisou. – Haja o que houver, a verdade virá ao de cima.

Começou a subir as escadas a caminho da cama desconfortavelmente quente, deixando o irmão sozinho, imerso em profunda contemplação.

Duncan bebeu mais dois copos de uísque antes de ir até ao escritório no sótão, à gaveta onde guardava a cópia do ficheiro para o qual não tivera razões para olhar durante muitos anos.

Abriu-o e caiu uma fotografia. Apanhou-a do chão e ligou a luz da secretária. A jovem tinha cabelo escuro e comprido, olhos de um verde profundo, era muito pálida e os seus lábios estavam em parte vermelhos em parte azulados. Tinha dezassete anos e morrera.

10 de maio de 1975 — sábado

Já estamos a dez de maio. Hoje faço dezasseis anos! Acreditam? Eu não consigo acreditar! Há dezasseis anos a minha mãe dava-me à luz. Foi numa tarde quente de primavera, em 1959. Ela disse que o meu pai quase teve um acidente com o carro ao levá-la para o hospital. Disse que fora um milagre termos sobrevivido àquela viagem. Ele quase embatera numa árvore, num muro e num velho que seguia numa carroça. Pedira emprestado o *Ford Fairlane* ao patrão e a minha mãe disse nessa altura que ele não tinha prática de conduzir, e ela só conseguia pensar como haveriam de pagar um arranjo de um carro tão bom se sobrevivessem ao acidente. Pensar nele a guiar como um doido, por ali afora, com a minha mãe a resmungar, dá-me vontade de rir. Consigo ouvi-lo. «Aguenta-te, Deirdre! Estamos quase a chegar, mulherzinha!» Ele chamava-lhe sempre mulherzinha. Consigo ouvi-la também. «Aguentar-me? Tenho-me aguentado toda a vida! Abranda, seu doido!» Ela costumava ser tão forte. Nunca deixava o meu pai ficar sem resposta. O que lhe aconteceu depois?

Tenho dezasseis anos. É tão esquisito. Costumava pensar que nunca chegaria aos dezasseis. Quando tinha dez anos, ter dezasseis parecia-me algo de tão distante e, depois de o pai ter morrido, fiquei convencida de que morreria também. Não sei porquê, mas há muito tempo que tinha a sensação de que morreria jovem. Ainda tenho, mas só às vezes, e, agora, de qualquer forma, tenho dezasseis anos e já não sou tão jovem como isso. Por esta altura, no próximo ano, terei dezassete e, bem vistas as coisas, ter dezassete anos é quase ser velha.

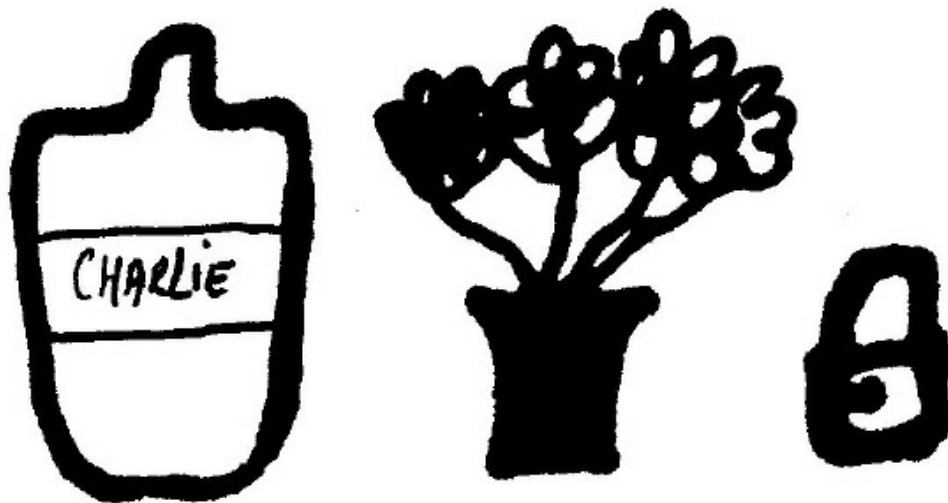
A minha mãe manteve a sua promessa. Tinha dito que me daria um frasco de *Charlie* e uma cassete dos Bay City Rollers, e assim fez. Nunca me deixo de espantar. Agora que penso nisso, ela costumava cumprir sempre as promessas que fazia antes de ele aparecer e, agora, bem, sei que não é mesmo culpa dela. Faz o melhor que pode. Tive um dia bom. Ao lanche, comemos bolo. A Sheila veio cá a casa e foi bom, apesar de ela ter trazido o estúpido do Dave. Ele ofereceu-me um ramo de flores. Foi ele próprio quem as apanhou e estavam sujas, mas, mesmo assim, eram bonitas. Não precisava de fazer aquilo. Até a Sheila ficou surpreendida. Fez-me sentir mazinha por pensar que ele é um grosseirão, apesar de ainda pensar isso.

Ele não apareceu, graças a Deus. A minha mãe diz que ele não bebe há mais de uma semana. Tem andado calmo, nada de bater com portas, nada de gritarias, nada. Ainda não me consegue olhar nos olhos, mas estou contente. Que ande de olhos no chão. Que apodreça.

Hoje, depois da escola, fui sentar-me ao pé da pintura do *Eliana*, no cais. Gosto muito de olhar para a água, para a distância. Num dia limpo, pode ver-se Gales. Bem, não muito bem, mas mais ou menos. Lá estava o médico novamente à pesca. Havia alguns dias que ele não ia lá. Tropecei e aleijei o tornozelo. Ele veio ter comigo para me ajudar, por isso fingi que era pior do que na realidade era. Não sei porquê, só queria falar com ele. A Sheila acha que gosto dele. Está enganada. Não é nada disso. Quer dizer, gosto dele, mas não da maneira como ela gosta do Dave. Ele ajudou-me a levantar e sentou-me numa das rochas planas. Disse-lhe que estava bem e perguntei-lhe o nome. Disse-me que se chamava Brendan. É de Cork. Gosto do sotaque dele — é cantante. Está na cidade só até o Dr. Anderson ficar melhor. O Dr. Anderson tem cerca de cento e sete anos e já teve quatro ataques de coração. Disse-lhe que o velho devia era ficar em casa e deixar que ele ficasse com o posto. Ele riu-se, mas diz que pertence a outro sítio. Conheço esse sentimento.

O Henry da escola de equitação Delamere telefonou e disse à minha mãe que tinham lá um emprego de verão, se eu quisesse. Não sei bem. Limpar estábulos é bastante baixo — excrementos de cavalo de manhã, à tarde e à noite. Que NOJO! Ainda assim, não há mais nada. Tentei todos os cafés na cidade, os restaurantes e as lojas. Henry é o gerente, parece simpático, e o dono quase nunca lá está. É treinador de cavalos e passa muito tempo fora. Bom, ouvi a Jessica Harney dizer que ele é um sacana, o irmão dela é *jockey*. Tem vinte e cinco anos e metade da minha altura, por isso suponho que é uma coisa boa ele saber montar. É um sítio bonito. Nunca lá tinha estado antes da entrevista. A casa é enorme! Não entrei, contudo. Henry levou-me a dar a volta aos estábulos e aos picadeiros, enquanto conversávamos. Os cavalos eram lindos. Um deles, uma égua castanha chamada *Betsy* cativou-me mesmo — bem, ela fez uma data de barulho, tentou dar-me uma cabeçada e babou-se sobre o meu ombro, mas o Henry disse que era bom sinal. ESTRANHO. Se calhar, vou mesmo aceitar o trabalho e depois, se alguma coisa surgir, posso sempre sair. ELE está a trabalhar desde ontem e o trabalho durará até amanhã. A carga do navio são bebidas alcoólicas, por isso ele irá surripiar algumas para vender ou beber, e de ambas as formas vai ficar encantado consigo próprio, isto é, até ficar tão bêbedo que não quererá fazer mais nada a não ser magoar alguém. Primeiro virá a casa com flores e uma caixa de *Milk Tray* e a minha mãe porá o melhor vestido, e ela bem precisa de um vestido novo melhor, e hão de dançar na sala de estar, e ele vai segredar-lhe e beijá-la no pescoço, mesmo se eu estiver na sala. E, quando eu sair, ouvi-la-ei rir e, apesar de estar a rir, sei que ela sabe bem que nas próximas horas é provável que comece a chorar, e eu, pura e simplesmente, não percebo.

Posso andar enterrada até aos joelhos em bosta de cavalo, mas darei o meu melhor no emprego em Delamere. As férias de verão estão quase a chegar e farei os possíveis para que sejam boas. Estou sentada no meu quarto, a ouvir os Bay City Rollers e tenho um ótimo cheiro a perfume. As minhas flores estão numa das jarras da mãe. Feliz aniversário para mim!



Coração destroçado

Já passava das duas quando Harri abriu a porta do apartamento onde vivia com James. Antes de decidirem comprá-lo, ela insistira em que qualquer propriedade que adquirissem seria virada a sul e perto do mar. Não queria viver longe dos pais. Porém, apesar de James ter ficado de início relutante, quando descobriram um apartamento em Monkstown, foi ele o primeiro a apaixonar-se. O apartamento encontrava-se vazio como ela suspeitara. A entrada estava na mesma, com o correio espalhado pelo chão. A planta sobre a mesa do outro lado da porta precisava, como sempre, desesperadamente de água. O espelho de corpo inteiro e de moldura dourada refletiu uma Harri que era uma sombra da rapariga que saíra daquele apartamento três dias antes. Havia duas noites que não pregava olho. James continuava a não lhe falar. Tinha o telefone sempre desligado. George insistira em que, se ela quisesse ir ao apartamento, pelo menos o deixasse acompanhá-la.

– Não – retorquira ela com firmeza.

– Mas...

– Mas não. – Harri precisava de ir a casa. Precisava de ir a casa para esperar lá pelo regresso de James. Tinha de o ver, de lhe explicar, talvez até de implorar. – Tenho de o ver... de lhe explicar...

– Explicar o quê?

– Não sei – admitiu.

– Fica mais um dia.

Ela abanou a cabeça.

– Obrigada por me lembrares, George, mas está na hora de me ir embora.

Ele afastou-se para a deixar sair.

– Estarei sempre aqui.

– Eu sei. – Sorriu ao irmão. *Eu sei.*

Pendurou o casaco no cabide e abriu a porta da cozinha. No parapeito da janela sobre o lava-louça havia plantas com bom aspeto. Abriu a janela, deixando entrar ar. Pôs a chaleira ao lume e aventurou-se a ir da cozinha à sala de estar. Foi ali que sofreu o choque. Havia caixas no meio do chão. As caixas tinham pertences, em especial coisas de James. Compreendeu o que aquilo significava e sentiu-se atingida com a força de um autocarro. As pernas fraquejaram-lhe, por isso sentou-se rapidamente, com um ruído surdo, no sofá atrás dela. Ficou a contemplar os caixotes durante imenso tempo, assimilando o que significava. *Ele vai deixar-me.* No aquário grande, o peixe exótico da tia Edna de James nadava, imperturbável, sem se importar com os caixotes nem com a mulher que chorava no sofá que ficava a alguma distância atrás do vidro grosso do aquário.

Eram seis horas quando ouviu a chave rodar na fechadura. Não se movia há algumas horas e receou mexer-se, com medo de que o corpo a afligisse com pontadas de agulhas e alfinetes. Ele levou alguns

minutos a aparecer. Ela fitava a porta, aguardando que esta se abrisse. O rosto de James traiu um ligeiro choque, demonstrando que não reparara no casaco dela no átrio de entrada.

– Harri – proferiu James calmamente.

– James – retorquiu ela.

– Como te sentes? – perguntou ele de forma educada.

– Bem. Melhor. Não, no fundo, estou pior. A cada momento que passa, sinto-me um pouco pior.

– Desculpa – disse ele, ainda junto à porta, com os braços descaídos ao longo do corpo, frouxos.

– Porque pedes desculpa? Fui eu quem fez isto – disse ela, o olhar a vaguear entre ele e os caixotes.

– Não é culpa tua – retorquiu James, olhando para o seu peixe exótico, que nadava, despreocupado.

– Então, perdoa-me.

James abanou a cabeça.

– Nada há a perdoar.

– Não te vás embora.

– Tenho de ir.

– Porquê?

– Não consigo voltar a passar por isto.

– Bem, então não nos casamos, pronto... ficamos como estamos. Adoro a nossa vida.

– Não posso – murmurou ele, e os seus grandes olhos cinzentos ficaram rasos de lágrimas. Abanou a cabeça. – Não posso.

– Não tem que ver contigo! – gritou Harri.

– Como é que não? – perguntou ele.

Harri baixou a cabeça. Estava um caco e James lutou contra a vontade de a abraçar. Fez menção de sair.

– James.

– Sim.

– Sou eu que devo ir. Ficas tu.

– Não, não quero isso. Fico em casa do Malcolm até encontrar um lugar.

– E o apartamento? – perguntou ela debilmente.

– Dentro de alguns meses, quando tivermos assentado, poderemos pensar em vender este andar e a casa de Wexford.

– Está bem. – Ela abanou a cabeça. – E os peixes?

– Virei buscá-los assim que tiver arranjado outra casa.

– Está bem. – Harri abanou de novo a cabeça, com os olhos marejados. – Detesto mesmo estes peixes... dão-me cabo dos nervos.

– Bem sei. Virei buscá-los assim que...

– Desculpa... não sou pessoa que goste lá muito de peixes – interrompeu-o.

– Eu sei. Não faz mal.

– Tomarei conta deles. Não te deixarei ficar mal. Quer dizer, não novamente.

– Obrigado. Tenho de ir – explicou James, recuando.

– Por favor, não vás – implorou Harri, com as mãos apertadas.

– Tenho de o fazer.

Receoso de se ir abaixo, quase fugiu da casa, esquecendo-se dos caixotes. Bateu com a porta e Harri voltou a ficar sozinha, de coração a sangrar e o último resto de dignidade a derramar-se pelo chão. A indiferença dos peixes atormentou-a. *Estupores*. Em breve ela estaria tão vazia que deixaria de se importar. *Será assim que nos sentimos quando desejamos morrer?*

* * *

Um dia depois, George passara grande parte da manhã ao telefone a falar com produtores de vinho italianos. O seu último negócio era uma loja de vinhos, em Clontarf, e estava determinado a ter apenas os melhores vinhos, sem intermediários, por isso se dedicava a trabalhar numa ofensiva de charme. Nas diversas viagens que fizera, de país em país, tornara-se fluente em várias línguas, incluindo o francês e o italiano. Tivera sempre facilidade em aprender línguas. Ria-se, dizendo a Harri que conversar era barato em qualquer dialeto. Possuía também muito jeito para imitar sotaques. Tinha bom ouvido. Podia gracejar como um texano ou um italiano, como um mexicano, inglês, alemão ou um francês. Conseguia falar com todos os sotaques de Dublin, de Cork, Galway, Kerry, Belfast, e por aí fora. Compreendia as *nuances* da pronúncia. Ouvia-as e guardava-as facilmente na memória. A mãe dizia que ele poderia ter sido ator, ao que ele retorquira um dia que era *gay*, sim, mas não esse género de *gay*. Deveria ir a França na semana seguinte e pensava atravessar a fronteira até Itália e matar dois coelhos de uma cajadada. Pensara em levar Harri. Calculava que lhe faria bem afastar-se de casa, mas, primeiramente, teria de ir a um jantar.

* * *

Gloria passara grande parte do dia com a filha. Chegara à casa de Harri cedo, com um cesto repleto de comida. Harri lá a deixara entrar, após alguns minutos a ouvir a mãe bater furiosamente à porta. A filha estava com um aspeto horrível. Era notório que não comera; tinha olheiras e parecia alheada.

– Ele vai voltar – disse Gloria.

– Não, não vai – retorquiu Harri, pestanejando para tentar aliviar os olhos cansados e doridos.

– Vai, sim – repetiu Gloria –, ele vai voltar.

Harri ignorou a mãe.

– O George vem jantar, não queres vir? – perguntou a mãe.

– Não.

– Por favor.

– Estou exausta.

– Está bem – respondeu a mãe.

Harri calou-se. Doía-lhe a cabeça, ainda não conseguira dormir. Sentia-se tão perdida e sozinha e, contudo, estava desejosa de que a mãe se fosse embora. *Não me podes ajudar, mãe. Quem me dera saber o que se passa.*

– Na noite passada sonhei que o teu pai era o Mel Gibson... no *Mad Max*. – Gloria riu-se de mansinho. – Guiava um *Ford Capri* e queixava-se dos travões.

– Esta noite dormi talvez uma hora – replicou Harri – e durante essa hora sonhei que estava deitada num chão frio, a morrer.

– Oh, tenho a certeza de que isso é só exaustão, minha querida – acalmou-a a mãe, um pouco mais pálida do que alguns segundos atrás.

Pouco depois, Gloria foi-se embora e dirigiu o carro para o parque de estacionamento do supermercado Superquinn. Aí, estacionou e desatou a chorar. Cinco minutos depois saiu do carro, de maquilhagem impecável e a tempo de se ir encontrar com Mona, e dirigiram-se ao talho.

– Tens tempo para tomar um café? – perguntou Gloria.

– Claro. – Mona sorriu.

Sentadas no café, Gloria falou à amiga sobre a filha tão magoada.

– Claro que ela está perturbada. Poderia estar agora na lua de mel; em vez disso, encontra-se em casa, sozinha, com aqueles peixes barbudos por companhia.

– Mona!

– Bem, podem ser exóticos, mas são muito feios.

– Há um em particular que me dá a volta ao estômago – admitiu Gloria.

– Ela ultrapassa isto – proferiu Mona, após um instante ou dois de contemplação.

– Não sei, não – suspirou Gloria. – Ela ama-o. Se eu tivesse perdido o Duncan, morreria.

– Ela é ela, não és tu – retorquiu Mona, amavelmente, sorrindo.

– Não – admitiu Gloria. *Decididamente, ela não é como eu.*

– Gloria, acontecem coisas piores. Não quero parecer fria ao dizer isto, mas é verdade. Deus bem sabe que o teu Duncan bem o sabe.

– Nunca a vi tão em baixo.

– É natural que esteja.

– Acho que há mais qualquer coisa.

– Mais do que o segundo casamento que não se realizou? – A voz de Mona soou com um laivo de sarcasmo.

Gloria decidiu mudar de tática.

– Se calhar, tens razão.

– Claro que tenho. Tenho sempre razão no que respeita às outras pessoas.

Gloria conseguiu sorrir.

Separaram-se.

Gloria procurou os produtos que pretendia para o jantar com o filho. Ele já estava em casa e Duncan chegou pouco depois. George ajudou a mãe a preparar o jantar, enquanto o pai lia o jornal. Ele fora ver a filha uma hora depois de a mãe ter saído. Encontrou-a com ar apático. Tomara qualquer coisa para dormir. Levou-a para a cama e aconchegou-a, da maneira como fazia quando ela era criança.

– Pai...

– Sim, querida.

– Alguma vez sentiste que eras uma peça de um outro quebra-cabeças?

– Tudo vai correr bem – retorquiu Duncan, mas, no íntimo, o coração batia-lhe mais descompassado do que nunca.

– Tenho esta sensação assustadora.

– Dorme – aconselhou ele, receando ouvir mais. – Dorme agora.

Fechou a porta e encostou-se pesadamente contra esta. Ressoavam-lhe ainda ao ouvido as palavras do irmão. *A verdade virá ao de cima. Aconteça o que acontecer, a verdade virá ao de cima.*

Duncan manteve-se calado ao jantar. Gloria falou sobre o seu sonho com Mel Gibson em *Mad Max*, fazendo rir o filho.

– Acho difícil ver o Mel Gibson queixar-se de travões...

– E eu acho difícil ver o teu pai em camisola interior e a guiar um *Ford Capri*. Isso, meu filho, é a beleza do sono profundo. – Gloria sorriu ao filho. Estava desejosa de pôr a imagem da filha triste atrás dela, no parque de estacionamento de Superquinn.

Foi só à sobremesa que George encontrou a coragem necessária para abordar com os pais o assunto que sabia que ambos queriam evitar ao máximo.

– Lembram-se de quando a Harri e eu éramos miúdos?

– Claro – respondeu a mãe. – Parece que foi ontem.

– Lembram-se dos ataques de pânico da Harri? – Achou melhor não estar com rodeios.

– Desculpa? – proferiu Duncan severamente.

– Vocês levaram-na ao médico por epilepsia. Lembro-me disso. Lembro-me de que ela levava sempre as mãos à garganta como se estivesse a asfixiar, da mesma maneira que a mãe faz quando está nervosa.

Por coincidência, enquanto ele falava, Gloria levava as mãos à garganta.

– Não sabes do que estás a falar – afirmou Duncan, perentório.

– Então explica-mo – desafiou-o George.

– Não tenho de te explicar nada – declarou Duncan, levantando-se.

– Senta-te, Duncan. – Gloria estava alarmada pelo tom de voz dele e pela estatura imponente do marido ao levantar-se.

Ele sentou-se como ela pediu, enquanto fitava o filho com olhar ameaçador.

George não se deixou demover.

– Porque mentiram ao médico?

– Não mentimos – respondeu Duncan, com a voz rouca.

– Porque me estão a mentir?

De súbito Gloria irrompeu em choro.

– Não queríamos.

George olhou para a mãe. Duncan assentou a cabeça nas mãos.

– Que diabo? – perguntou George.

– Simplesmente não queríamos abrir a caixa de Pandora – disse Gloria. – Eles fazem tantas perguntas... perguntas atrás de perguntas... torna-se tão difícil contar tudo como deve ser.

O olhar de Duncan vagueava entre a mulher chorosa e o filho desapontado, recordando-se da anterior pergunta inquietante da filha, e, lá no fundo, soube que acabara o tempo de evitar o confronto. *A verdade virá ao de cima.*

– Pai?

– Gostamos tanto de vocês dois – disse Duncan, com todos os vestígios da irritação anterior desaparecidos.

– Eu sei – respondeu George, sentindo de súbito as entranhas revolverem-se.

– Vocês são os meus gémeos – proferiu Gloria, pálida e tremendo –, são os meus bebés.

Duncan virou a atenção para a mulher, que tremia.

– Glory?

– Não a quero perder novamente – respondeu a mulher, respirando fundo.

– Eu sei. Eu sei, meu amor. Agora tens de te acalmar. Está bem?

– Não a posso voltar a perder, Duncan. Oh, que Deus nos ajude!

George ficou alarmado com o estado da mãe. Crescera a ser cuidadoso com ela, consciente da sua fragilidade, mas, devido a todas as atenções e cuidados com o equilíbrio mental de Gloria, nunca a vira ir-se abaixo, em trinta anos.

A conversa foi abandonada. Duncan levou a mulher para o andar de cima, para a cama, e passou uma hora junto dela. Quando voltou, George ia no terceiro copo de vinho.

– Ela não ficava assim desde...

– Desde quando, pai?

– Bem, desde há muito tempo.

George nunca vira o pai tão aturdido. Era profundamente inquietante. Duncan serviu-se de um uísque e sentou-se no seu cadeirão preferido, junto à lareira apagada.

– A mãe sofre de algum tipo de doença mental? Isso passou para a Harri?

– Não. – Duncan abanou a cabeça. – Bem, sim. A tua mãe sofreu bastante dos nervos, no passado, mas foi em resultado de uma coisa terrível. Tem andado bem todos estes anos. E a Harri, bem, não, a tua mãe não lhe passou nada disso.

– Algo de terrível? – insistiu George.

– Não posso dizer.

– Não podes *não* me dizer.

– Tens razão, mas não esta noite. A tua irmã tem o direito de saber, por isso te peço que aguardes. Dá-me uma semana. Dá à tua mãe e à tua irmã uma semana.

– Na segunda-feira vou para França.

– Cancela a viagem.

George não discutiu.

– Muito bem – respondeu, abanando a cabeça –, uma semana.

– Obrigado, filho.

Duncan acabou a bebida e subiu as escadas, passando pelo quarto da mulher e seguindo até ao seu escritório no sótão. George esvaziou o copo e deixou a casa da sua infância. Parou na rua ladeada de árvores floridas de branco à espera de um táxi. Olhou para trás, para a casa, e sentiu-se como um estranho em relação às pessoas que se encontravam lá dentro. *Que diabo se passará?*

* * *

Susan deixou a sua quarta mensagem naquele dia.

– Harri, sou eu outra vez. Estou desejosa de falar contigo. Só quero saber se estás bem. Por favor, liga-me. Juro que não vou dizer nada. Não direi palavra. Mas telefona-me, fala comigo, sim? Amo-te. Já agora, é a Susan.

Susan identificava-se sempre. Era como se existisse uma parte dela que se sentia invisível para os que a rodeavam, tornando assim necessário lembrar quem era às pessoas de quem gostava. Desligou o telefone e beberricou o café, sentada ao balcão da cozinha. Estava a ouvir o álbum de Moby *Play*.

Beth, a filha de dezasseis anos, sorriu para si própria. *Maldito Play! Há outros álbuns no mundo, mãe!* Subitamente sentou-se em frente de Susan, estalando os dedos.

– Onde estás?

Susan suspirou e sorriu.

– Longe daqui.

– Já tiveste notícias da Harri?

- Não.
- Estás bem?
- Quem me dera que ela ligasse.
- Ela há de ligar, mãe.
- Estás com fome?
- Não.
- Tens a certeza?
- Tenho a certeza.
- Sinto vontade de chorar – admitiu Susan.
- Então chora.
- Não posso. Sou crescida de mais para chorar.
- Não, não és.
- Como é que te tornaste tão sensata?
- Tive bons pais.
- Que meiguinha que estás. Vais pedir-me dinheiro nos próximos cinco minutos, não vais?
- Não, mas talvez te peça de manhã.
- Beth?
- O que é?
- Somos amigas?

Beth corou ligeiramente.

- Claro.

Susan fingiu não reparar no rubor da filha.

- Ainda bem.
- Mãe, às vezes fico preocupada contigo.
- Não sejas tonta.
- Não estou a ser tonta. Às vezes gostava que fosses mais feliz.
- Sou feliz.
- Agora és tu a ser tonta. Se achas que não noto, noto.

Susan sorriu, de olhos marejados e a acenar com a cabeça.

- Está bem. Não criei uma pateta.
- Então deixa-o.

Susan riu-se.

- Não é assim tão fácil.
- É sim.
- Não, Beth, não é mesmo.
- Amo o meu pai, mas ele é um imbecil contigo isso faz-me não gostar dele.
- Ele faz o seu melhor.
- Não, mãe, tu é que fazes o teu melhor... ele tem sexo com o resto do mundo.
- Beth! – O choque trouxe-lhe lágrimas aos olhos.

– Desculpa, mãe, não devia ter dito isto. – Deu um beijo na testa da mãe. – Amo-te, mãezinha. Boa noite. – Depois foi-se embora.

- Boa noite, querida.

Susan estava sozinha e acordada na grande e vazia cama marital.

Já passava da meia-noite quando Harri telefonou.

– Desculpa. Estive a dormir grande parte da tarde. Acabei de ouvir as tuas mensagens.

– Não faz mal. Estou contente por ouvir a tua voz.

– Está tudo bem no trabalho?

– Nem perguntes isso. Está tudo a correr bem.

– Comigo também. Estou bem.

– Mentirosa.

Harri riu-se um pouco.

– Tens razão. Estou a mentir.

– Diz-me o que andas a pensar.

– Não consigo, estou demasiado confusa.

– Tenta lá.

– Tenho a certeza de que disseste que não irias falar e falar inclui fazer perguntas.

– Então, somos ambas mentirosas. – Susan riu-se, depois ficou calada, aguardando que Harri falasse. Após um momento ou dois, Harri condescendeu.

– Acho que estou a perder a cabeça. Penso que ando a lutar contra este colapso há muito, muito tempo. Dói-me a cabeça, o corpo, estou constantemente assustada. Estou à beira do abismo, Susan, e a qualquer instante, se me deixar ir ou se desistir de tudo e permitir que a gravidade tome conta de mim, acho que desaparecerei.

Susan suspirou e fechou os olhos durante um segundo, antes de os voltar a abrir e concentrar-se.

– Bem, as boas notícias são que não és uma pessoa depressiva.

– Desculpa...

– A depressão existe na minha família. Tu, minha amiga, tens demasiada consciência de ti para estares clinicamente deprimida. Isso são boas notícias, confia em mim, são mesmo boas.

– E então? – perguntou Harri, da cama, com as lágrimas vindo-lhe aos olhos mais uma vez.

– E então, tens de controlar o que estiver a acontecer contigo. Podes controlar isso.

– Não sei.

– Sabes sim.

– Susan.

– Sim.

– Ainda estou mesmo muito cansada.

– Então, dorme.

– Está bem.

– Ligo-te amanhã e tu irás atender! – ordenou Susan.

– Está bem.

– Está bem. – Susan desligou o telefone.

Eram quase vinte para a meia-noite e o marido ainda não regressara do trabalho – nenhum telefonema, nenhuma explicação, nada de nada. Beth tinha razão, era simples, mas estava também enganada. Afinal de contas, o que sabe uma adolescente de dezasseis anos sobre o mundo?

Hoje foi o último dia de aulas por oito semanas inteiras. Uau! Não sei como escrever bem uau como deve ser, mas é como me sinto. O professor Murphy deixou-nos sair mais cedo. A Sheila, o Dave e eu fomos passear para a floresta. Ele não é assim tão chato, o Dave. Quer dizer, continua a ser um parvo, mas gosto dele um bocadinho mais de cada vez que o vejo. É simpático, enfadonho, mas simpático. Tenta ser um homenzinho, mas, quando não dá resultado, volta a ser um rapazinho — na maioria das vezes é um rapazinho. A Sheila não vê isso. Ela vê qualquer outra coisa. As pessoas têm piada. A vida tem piada. O Dave fuma, por isso, agora, a Sheila fuma. Tristeza! Ela cheira mal e tosse imenso, mas diz que é fixe e gosta disso. O Dave diz que quando fuma se sente como o Steve McQueen. Talvez sinta, mas de certeza absoluta que não se parece com ele. A Sheila perguntou-me se eu queria dar uma passa, mas a vida já é bastante dura sem tossir e cheirar mal, e o meu *Charlie* está quase a acabar. Preciso de ganhar dinheiro para cheirar bem.

Começo a trabalhar na segunda-feira. Ainda bem. Estou ansiosa por isso. O Henry diz que estive perfeitamente à vontade com os cavalos no sábado passado, quando tive formação. Não sei bem o que isso quer dizer, mas gosto deles. Gosto dos olhos deles, especialmente dos da *Betsy* — é como se ela visse a minha alma. Parece estranho e, se calhar, é, mas ela vê. Gosto mesmo dela. É velhinha. Quem vem aprender a montar anda na *Betsy*; ela é lenta, cuidadosa e suficientemente sensata para saber que, no fundo, quem controla as coisas é ela. A *Betsy* é bondosa. Faz-me sentir sem medo. Dá-me vontade de montar. O Henry diz que posso, se quiser. É uma vantagem do trabalho. Há algumas semanas, não ligaria nenhuma a isso, mas agora gostaria de o fazer. Gostaria de andar a meio galope com a *Betsy*.

Vi o médico hoje. Passou na cidade com o padre Ryan. Iam entretidos a conversar. Não me quis intrometer. O padre Ryan é muito rígido e não apreciaria a intromissão de uma adolescente. De que falariam? Que terão a dizer um ao outro? Talvez tenha morrido alguém, ou estivesse a morrer, ou qualquer outra coisa, qualquer coisa terrível. O Dr. Brendan sorriu-me, com aquele sorriso dele, triste. Quem me dera saber o que se passa de mal. Sinto como se o conhecesse, mas não conheço. A Sheila ainda me provoca, dizendo que gosto dele, mas ela não faz a mínima ideia. O médico está destroçado. Sei bem o que isso é. O meu pai andava destroçado antes de morrer. A minha mãe está destroçada e eu, bem, eu estou a caminho. Contudo, ainda não estou nesse estado.

A minha mãe chorou outra vez, na noite passada, não por ele cá estar, mas sim por não estar. Não a compreendo. Ele andou calmo por uns tempos e depois desapareceu. Eu acho que isso é bom. Adoro que se tenha ido embora, mas ela não para de chorar. Ele andava a trabalhar, e vinha a casa e agia normalmente, bem, tão normal como ele consegue ser. Não andava a beber. Não causava alvoroço nem se fazia de Senhor Engraçadinho ou mau ou maldisposto. Não fazia grande coisa. Na maior parte das vezes, sentava-se com um olhar triste. Na outra noite, tentou pedir-me desculpas quando a mãe dormia. Disse-lhe que não fazia mal. Ele sabia que eu mentia. Pôs a mão no meu ombro e eu encolhi-me. Apeteceu-me dar-lhe um murro na cara. Ele percebeu. Não parava de pedir desculpas. Desculpa não significa nada. Não me tira o medo. Ele bem pode estar arrependido, mas eu estou vigilante. A minha mãe está triste. Ela não vê ou se calhar não quer ver. Casou-se com um falhado. Casou-se com uma aberração. Ele bem pode estar arrependido. Podemos todos estar arrependidos. Perguntou-me se o odiava. Não lhe disse nada, mas acho que lhe lancei um daqueles olhares tipo «eu matava-te» de que fala a minha mãe. Foi-se embora no dia seguinte. Há dez dias que não vem a casa. Espero que nunca mais volte.



Coisas chatas

Passara uma semana inteira desde que Harri faltara ao seu casamento. Havia quatro dias que não se aventurava além do quarto e dois desde que se dignara a tomar duche. Gloria chegou cedo. Tinha tão mau aspeto como Harri se sentia mal.

– Mãe, estás com um ar horrível.

Gloria observou a filha, vestida com um pijama de calça e camisola, cada um de sua nação; tinha o cabelo desalinhado e as olheiras tão fundas que ameaçavam espalhar-se por todo o rosto.

– Já somos duas, querida.

Harri olhou-se de relance ao espelho de moldura dourada no corredor. *Preciso mesmo de deitar fora este espelho.* Seguiu a mãe até à cozinha.

– Eu vou cozinhar – avisou a mãe – e tu vais comer.

– Estou com fome.

– Estás? – perguntou num tom esperançoso.

– Sim.

– Sentes-te melhor?

– Bem, não me sinto pior.

– Ainda bem – encorajou-a Gloria –, ainda bem.

Harri sentou-se à bancada com uma chávena de chá entre as mãos enquanto a mãe lhe preparava o seu prato de *risotto* preferido. Gloria estava mais calma do que o habitual. Conversaram um pouco e depois calaram-se.

Harri, apesar de feliz com aquele silêncio, também ficou perturbada por ele.

– O que se passa contigo, mãe? – proferiu por fim.

– Oh, nada, nada mesmo!

A mãe abanou a cabeça demasiado depressa e era notório que estava frustrada, pois levou as mãos imediatamente ao pescoço. Claro que Gloria mentia. Quando Duncan tornara claro que não tinham outra escolha a não ser contar a Harri a verdade, ela recusara a ideia.

– Dizemos ao George, mas não podemos contar à Harri.

– Oh, Glory – dissera ele, abanando a cabeça –, não podemos fazer isso, amor.

– É que o George irá atormentar-nos, mas acabará por nos perdoar.

– E a Harri, não?

– Se calhar, não.

– Não acredito nisso. – Estava perfeitamente resoluto.

Gloria chorara mais nos dias anteriores do que num ano, apenas fazendo um esforço para se recompor quando se tornou evidente que o seu estado delicado destroçava tanto o marido como o

filho. *Anima-te, Gloria. Ela irá entender. É tua filha. Ama-te.*

– Bem, acho que estou a chocar alguma coisa – proferiu Gloria passados instantes. – Contudo, duvido que seja contagioso.

– Pois. – Harri assentiu, insegura.

– Podias lavar-te um pouco, mas pareces um pouco melhor – observou Gloria, sorrindo.

– Prometi à Susan ir jantar a casa dela amanhã – disse Harri.

– Isso é bom para ti.

– A Melissa vai.

– Uma noitada só de mulheres?

– Não, o Aidan também irá, mas o George não pode. Tens falado com ele ultimamente?

– Não, querida. – *Ele telefona-me de cinco em cinco minutos.*

– Pois, ele tem andado meio estranho.

– A sério?

– Não, talvez seja impressão minha.

– Mas mesmo assim vens jantar connosco na segunda-feira?

– Sim.

– O George vai.

Harri voltou-se no banco.

– Ele enviou-me uma mensagem, apelando para que eu fosse.

– Não andes às voltas no banco, Harri.

– Desculpa.

Gloria colocou um prato com *risotto* em frente da filha.

– Querida, sabes que eu morreria por ti, não sabes?

Harri parou o garfo a meio de o levar à boca.

– Desculpa?

– Morreria, sabes. Morreria de bom grado por vocês dois. Tu, o George e, claro, o vosso pai são o meu mundo.

Será que os esgotamentos nervosos são contagiosos? Será que infetei a minha família?

– Na realidade nunca pensei sobre ti a morreres por alguém e espero sinceramente que isso nunca venha a ser preciso... mas obrigada. Amo-te também.

A mãe sorriu.

– Linda menina. – Parecia aliviada. – Agora tenho de ir.

Harri acompanhou a mãe até à porta da frente. Abraçaram-se e a mãe manteve o abraço o mais tempo que pôde.

– Conto contigo na segunda-feira? – perguntou Gloria.

– Prometo.

– Linda menina.

Gloria foi-se embora, deixando a filha intrigada. *Isto não é só eu estar a perder o juízo – passa-se qualquer coisa.* Assim, visto que o irmão estava decidido a evitá-la, sabia quem poderia pressionar para obter informação.

* * *

Susan foi ver o borrego – estava a cozinhar bem. Beth abandonara o barco, subindo lá para cima

assim que a mãe virou costas, apesar de ter prometido preparar a sobremesa. *A Beth está nervosa esta noite.*

Melissa foi a primeira a chegar, encantada por ter desculpa para sair de casa, afastando-se do marido e dos dois filhos.

– Não consigo imaginar que a tenhas conseguido convencer a isto – disse Melissa, referindo-se a Harri, enquanto servia dois grandes copos de vinho.

– Também fiquei bastante admirada.

– O George vem?

– Acho que anda ocupado com qualquer coisa. Parecia estranho.

– Ele e o Aidan não se separaram outra vez, não?

– Não – respondeu ela, passando uma faca a Melissa. – Começa a cortar.

– É para já, chefe.

Aidan foi o próximo a chegar. Mal acabara de entrar já se servia de vinho.

– Beijinhos – disse, antes de beber um grande gole. O termo «beijinhos» nunca tinha a intenção de um pedido – de facto era a substituição de um beijo real.

– O que se passa com o George? – perguntou Susan.

– Não posso dizer.

– Então passa-se mesmo qualquer coisa com o George – replicou Melissa.

– Não posso dizer.

– Então o que é?

– Permite-me que te recorde do que acabei de dizer.

– Não sejas ridículo, Aidan, nunca guardaste um segredo na vida – respondeu Susan, enquanto tapava uma terrina de salada com demasiada película aderente.

– Não é um segredo meu.

– Então, *existe* um segredo! – exclamou Melissa, acenando com a cabeça para si própria de um modo não muito diferente do bom amigo de Sherlock Holmes, Watson.

– Não posso dizer.

– Claro que podes – disse Susan –, isto é, claro que podes, se é que queres conselhos mais alguma vez.

– Isso é um golpe baixo, Susan, e, não, não posso. O George não sabe o que se passa. Haverá um jantar na casa dos Ryan, na segunda-feira, e tudo será então revelado.

– Isso terá que ver com os ataques de pânico da Harri? – perguntou Melissa, recordando-se da conversa que tivera com George.

– Talvez sim, e daí talvez não.

As duas mulheres olharam uma para a outra e depois para Aidan. Era tudo terrivelmente dramático. Aidan adorava dramas, por isso acalentava as coisas o mais possível. A campainha da porta tocou.

– É a Harri – disse Susan num murmúrio.

– Não digas nada – avisou Aidan.

– Não há nada a dizer. Nem sequer sabemos nada – recordou Melissa.

– Uma boa razão para nada dizer – proferiu Aidan, com um gesto de assentimento.

A campainha voltou a tocar.

– Oh, por amor de Deus, vai abrir a porta, Susan!

Harri tomara banho e vestira algo respeitável.

Susan recebeu-a afetuosamente.

– Que bom ver-te! Estás mais magra. Sacana! – riu-se, com visível nervosismo.

– Obrigada. – Harri sentiu-se incomodada. Chegara a pensar não ir, mas, pensando bem, cedera, receando a fúria dos seus bem-intencionados amigos.

Melissa saudou-a com uma bebida acabada de servir.

– Vou conduzir.

– Muito bem, mais fica para mim! – Melissa parecia um pouco demasiado jovial, mas, enfim, não saía muitas vezes.

Aidan não via Harri desde que ela não comparecera no seu próprio casamento.

– Lamento imenso, Harrizinha.

– Obrigada. Então o que se passa com o George?

Aidan empalideceu um pouco. Melissa e Susan ficaram algo estupefactas, permitindo a Harri perceber a situação. *Todos sabem o que se passa. Sacanas.*

– Então?

– Não faço ideia – respondeu Aidan, de modo pouco convincente.

– Susan?

– Como haveria eu de saber?

Susan mentia quase tão mal quanto Aidan.

– Melissa?

– Não posso dizer – respondeu esta, titubeante.

Harri assentiu com a cabeça.

– Muito bem. Começava a pensar que estava a enlouquecer, quer dizer, enlouquecer mesmo, mas não estou, pois não? Algo se passa? O que é, Aidan?

– Está bem, tens razão. – O jovem pareceu aliviado por ser forçado a capitular. – Os teus pais irão fazer qualquer tipo de anúncio na segunda-feira.

– Que género de anúncio?

– Juro que não sei. Eles não dizem.

– Tenta outra vez.

– É sobre ti.

Harri ficou sem respiração. Os joelhos tremeram-lhe ligeiramente.

Susan ajudou-a a chegar a uma cadeira.

– Tenho a certeza de que não será nada de mais.

– O George não sabe do que se trata?

– Eles querem dizer-te juntos. Se ele soubesse que eu te dizia alguma coisa, matava-me. Ele não te quis inquietar.

– Não direi palavra – prometeu Harri.

Durante o jantar, manteve-se calada e os amigos deixaram-na estar em silêncio. *O que poderá ser? O que poderá ser?*

Aidan, Melissa e Susan conseguiram beber três garrafas de vinho e estavam noutra planeta. Harri calculou que ficara o tempo suficiente que a boa educação exigia. Foi à casa de banho antes de lhes dizer adeus.

Porém, ao sair da casa de banho, esbarrou em Beth.

– Beth, assustaste-me!

- Desculpa, Harri.
- Não faz mal. Estava a sonhar. – Afastou-se para deixar passar a filha da amiga.
- Harri?
- Sim.
- Lamento imenso que o casamento não se tenha realizado.

Harri riu-se um pouco. Beth era a primeira pessoa com coragem para chamar as coisas pelos nomes.

- Obrigada.
- Harri?
- Sim?
- Posso falar contigo no meu quarto?
- Oh. Está bem – respondeu, olhando em volta e sentindo-se subitamente envergonhada.

Sentaram-se no quarto de Beth. O quarto era acolhedor e estava limpo, com uma secretária, computador, televisão, DVD e aparelhagem com as colunas montadas nas paredes.

- Céus, parece uma loja! – exclamou Harri.

– Pois. Ouve, estou metida em sarilhos. – Beth estava sentada de modo estranho e parecia algo apreensiva.

- Não devias falar antes com a tua mãe? – Harri começava a entrar em pânico.

- Não, não quero mesmo.

- Então, porquê eu?

– Bem, és sócia de minha mãe e amiga, conheço-te da maior parte da minha vida, e acho que fiz asneira e, bem, tu tens tendência a lixar tudo, por isso, pensei que poderias compreender.

Bom argumento.

- Sem ofensa.

- Não estou ofendida.

Permaneceram em silêncio durante alguns instantes.

- Então, qual é o problema? – *Por favor, não me digas que estás grávida.*

Beth riu-se.

- Não estou grávida.

Obrigada, meu Deus!

- Nunca disse que estavas.

- Pensavas nisso.

- Sim.

Beth riu-se novamente. Gostava de Harri.

- Tenho chatos.

- Oh! – Harri levantou-se.

- Levas-me a uma clínica na cidade? Não conseguiria dizer ao meu médico de família.

- Tens a certeza?

- Absoluta. Tenho andado a coçar-me o dia todo e veem-se mesmo.

- Oh, meu Deus.

- Pois é. Já alguma vez tiveste?

- Não.

- Tens sorte.

Harri sentou-se na cadeira dura junto ao computador. Pensou em limpá-la primeiro, mas depois receou que fosse má educação.

– Posso perguntar como apanhaste chatos?

– Não sou uma puta.

– Não disse que eras.

– Mas pensas nisso.

– Não, não senhora.

– Está bem. – Beth sorriu. Acreditava em Harri.

– Então?

– Então, andei com um tipo durante seis meses. Tivemos relações, mas com cuidado. Os pais levaram-no a esquiar no mês passado. Ele conheceu uma puta, andou a fazer porcarias com ela e, resumindo e concluindo, apanhei chatos.

– Lamento imenso.

– Não me importo, ele é um porco.

– Tem cuidado.

– Pois, eu tenho, mas já não tenho mais lágrimas para chorar.

– Conheço a sensação. – Harri levantou-se. – Marcarei uma consulta amanhã.

Beth estendeu-lhe o seu cartão.

– Liga diretamente para mim, está bem?

– Tu tens um cartão? As miúdas de dezasseis anos têm cartões?

Beth encolheu os ombros.

– É fácil, toda a gente os pode fazer com um computador e uma impressora a cores.

– Quando tinha a tua idade nós nem fazíamos ideia disso.

– Pois é, bem, pensa na minha pobre mãe... ela tem dezasseis anos de diferença de ti. Consegues imaginar como era verdinha?

– Verdinha mas muito provavelmente sem chatos. – Harri sorriu e Beth riu-se um pouco.

– Não vais dizer nada? – perguntou, e Harri prometeu manter-se calada pela segunda vez naquela noite.

* * *

Mais tarde, sozinha na cama, Harri manteve-se acordada. Tinha a cabeça repleta de ideias e, ao mesmo tempo, como que vazia, tantas perguntas e nada de respostas.

O que se passará? Não sei. O que poderá ser? Não faço ideia. Será apenas sobre mim, ou sobre o George e eu? Devia ter insistido mais com o Aidan. Terá que ver com a minha saúde? Tenho trinta anos – de certeza que sei mais sobre o meu estado de saúde do que os meus pais. Ou não saberei? Porque terá a mãe dito que morreria por mim? Porque anda o George a evitar-me? O que poderá ser tão mau assim? Até que ponto achará ele que ficarei perturbada? De certeza que esta semana não podia ser pior. Pelo amor de Deus, eu devia estar em lua de mel. Céus, dói-me corpo e alma com saudades do James. Por favor, volta para casa! Suplico-te que me perdoes. Sinto-me perdida sem ti. E que raio de coisa, a Beth com chatos. Não esperava. Devo contar à Susan? Não, não devo quebrar a confiança da Beth. Foi bom que ela tivesse vindo ter comigo. Sou adulta. Ela demonstrou responsabilidade. Por que razão não contou à Susan? Elas são muito chegadas – talvez por isso. Oh, céus, devo contar à Susan? Definitivamente, não. Bem gostaria de deitar as

mãos àquele sacaninha porco. Quem me dera poder contar ao James. Ele acharia graça a isto – aos chatos, não ao segredo. O segredo assustá-lo-ia. Apetece-me chá, mas é melhor não – acabaria por o entornar todo por cima de mim. Por que motivo hei de eu ficar desajeitada e propensa a acidentes quando estou perturbada? Que raios, a filha da Susan com chatos! Bem, e agora, que penso realmente sobre aquele...

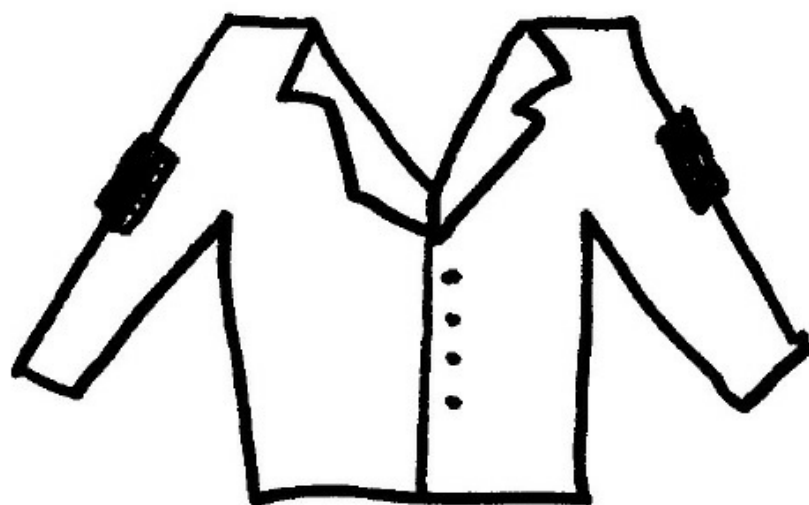
Já passava das três quando Harri finalmente adormeceu. Beth podia bem ser uma adolescente com uma doença venérea, mas ajudara a ocupar a mente de Harri e afastá-la do segredo dos pais, permitindo-lhe mergulhar num estado sonhador, e por isso lhe estava grata.

2 de junho de 1975 — segunda-feira

ELE veio a casa na noite passada. Sabia que não poderia durar. Estava fora de si. Bateu na minha mãe imensas vezes. Corri para casa da Abelhuda Crowley, mas ela estava ao telefone com a polícia antes de eu bater à porta. Que bom para ela. Estava sozinha e com demasiado medo dele para nos ajudar. Eu tinha demasiado medo para voltar. Sinto-me muito mal, mas a polícia e a Abelhuda Crowley dizem que fiz bem em ficar fora de sarilhos. Para eles é fácil dizer, não andaram a levar socos na cara. Prenderam-no e eu fui com a minha mãe na ambulância. Ela não parava de dizer que estava bem e não parecia tão mal como eu pensara. Já ficara pior outras vezes. No entanto, tem o lábio desfeito. Vai ficar no hospital outra vez esta noite. Claro que ele foi libertado esta manhã. Típico. Ela disse que agora era o fim de tudo. Que não seria bem recebido em casa de novo. Acredito quando vir. Porque será ela tão fraca?

Dr. B. É assim que chamo ao Brendan agora, Dr. B. soa bem. De qualquer maneira, o Dr. B estava no hospital a noite passada. Visitava uma das suas doentes. Ela tem oitenta e oito anos e está a morrer. Ele é tão simpático. Vi-a, está malquinha e ele podia perfeitamente ter passado sem a visitar, mas fê-lo, mesmo assim. Perguntou-me pela minha mãe. Disse-lhe tudo, ele ficou chocado. Tentou falar com ela, mas ela não quis. Mais tarde, depois de ela nos ter expulsado do quarto, ofereceu-me um café. Disse-me que eu era forte. Não sou forte. Se fosse forte, ELE haveria era de estar já com sete palmos de terra em cima. No entanto foi bom ouvir aquilo, naquele tom de voz cantante. Disse que não estava habituado a que as pessoas fossem tão abertas. Disse que era bom, para variar. Não sei o que ele quis dizer com isso. Dificilmente estou numa posição em que possa fingir. A cidade inteira sabe como ele é. Bem, a maior parte sabe. Que hei de fazer? Enterrar a cabeça na areia com a minha mãe? Não, obrigada.

Comecei a trabalhar hoje. A minha mãe insistiu. Estou contente. Detesto ficar sentada em hospitais. Aliás, já tinha começado a ficar com vontade de limpar bosta de cavalo. Então, até que ponto tenho uma rica vida? O Henry foi simpático. Mostrou-me o lugar novamente e apresentou-me às pessoas. Matthew, o filho de Delamere, vai estar em casa todo o verão. Também trabalha nos estábulos. É da minha idade, mas não o conheço bem, só de vista. Anda num colégio interno em Dublin. É muito alto e fofinho, mesmo fofo, mas acho que é um pouco nariz no ar ou, se calhar, é tímido. Ainda não percebi bem. Esteve a limpar o estábulo ao lado do meu e não proferiu palavra — bem, pelo menos não comigo — no entanto, fartou-se de falar com o cavalo. Que coisa mais estranha. No fundo, não foi um dia mau. Até consegui montar a *Betsy*. Estava quase a fazer chichi nas cuecas, de medo, mas pensei, e porque não? Foi assustador. Senti-me tão alta, mas foi divertido. O Matthew andava por ali às voltas no seu cavalo, o *Nero* — saltava cercas e tudo. O Henry orientava-o. Senti-me um pouco parva, mas o Henry diz que conseguirei andar a galope num instante. Não sei se gosto da ideia. Vamos ver. É esquisito ficar em casa sozinha. O padre Ryan passou por cá para saber como eu estava. Disse-me que o Dr. B. lhe contara o que acontecera e perguntou-me se eu me encontrava bem. O que se passa entre o Dr. B. e o padre? Disse-lhe que estava bem, mas ofereci-lhe chá. Não tínhamos muito para falar, mas senti-me melhor. Disse-me que podia passar pela casa paroquial sempre que quisesse. Porque haveria eu de fazer isso??? Disse-me que fora ao hospital ver a minha mãe, mas que ela estava sedada. Sedada uma ova, fingia. Oh, vou acabar por agora, e faço apenas um aparte — o Matthew Delamere parece mesmo MESMO o Starsky do *Starsky & Hutch* ou, se calhar, parece-se com o Hutch, confundo-os sempre. Parece-se com o louro, só que tem cabelo castanho. Tem um blusão de bombazina preto com cotoveleiras nas mangas e sei que parece estranho, mas fica-lhe mesmo bem. Acho que amanhã vou falar com ele.



Senhora sabichona

Na manhã seguinte, com uma ressaca horrível, Melissa acordou a ouvir chorar. Gerry virou-se para o outro lado, ressonando de propósito. *Sei que estás acordado, estupor.* Pouco passava das cinco e era a quinta vez que Carrie, o bebé, acordara por razão aparentemente nenhuma. Melissa lá se arrastou até à posição sentada, e obrigou-se a levantar. *Já vou. Já vou.* Carrie parou de chorar assim que lhe pegaram ao colo. Na semana que passara, Carrie resolvera que lhe calhava bem acordar entre as cinco e as sete. Assim que Jacob, o filho de quatro anos de Melissa, e o marido acordavam para se prepararem para a escola e para o trabalho, Carrie estava prontinha para uma soneca.

Na noite anterior, Gerry prometera que se levantaria, pois Melissa estava tão cansada que ameaçara faltar ao jantar na casa de Susan, apesar de desesperada por uma noite fora, sem mencionar ser ela o ombro obrigatório para a melhor amiga recém-separada chorar. Ele olhara-a bem nos olhos e dissera-lhe enfaticamente que faria a sua vez sem dizer palavra nem resmungos. Mentira. Carrie começara a chorar e ele ignorara-a. Melissa abanou gentilmente o marido e ele virou-se, rigidamente. Tocou-lhe com força mais uma vez e ele moveu-se mais agressivo, soltando um resmungo de enfado. A criança estava quase histérica na altura em que, por fim, foi ter com ela. Poderia ter gritado, mas de que serviria? Gerry era um pesadelo de manhã.

Com o bebé aconchegado num braço, foi procurar os comprimidos para a dor de cabeça e algo para os empurrar. Depois de tomar o medicamento, e enquanto este se espalhava pelo seu sistema, sentou-se na casa de banho com a filha ao colo, a balbuciar, a olhar para o teto com uma intensidade que fez Melissa pensar se a criança poderia ver qualquer coisa que ela não conseguia. Carrie não gostava que a mãe se sentasse muito tempo entre as cinco e as sete, por isso o que havia a fazer ali foi concluído rapidamente e, antes de Carrie se aperceber, a mulher que a dera à luz e aos seus bramidos estava de pé, andando de um lado para o outro e balançando-se de uma maneira a que alguns pareceria maníaca. Melissa sentia-se enjoada e pediu a Deus que o seu sistema nervoso não lhe exigisse um vómito. *Como posso andar, pegar na criança e vomitar? Não consigo agarrar na menina e na sanita ao mesmo tempo. Deus Todo-Poderoso, por favor, deixa-me passar bem esta manhã.* Claro que não houve descanso para Melissa quando os homens da casa se levantaram do seu sono descansado e sem interrupções. Havia que fazer o pequeno-almoço e os almoços, além das coisas que era preciso encontrar sempre.

– Mãe, onde está a minha *T-shirt* do Bart?

– Melissa, viste o meu telemóvel?

– Mãe, onde estão os meus ténis?

– Quase jurava que pus a minha pasta ao pé do sofá na sala de estar. Viste-a?

- Mãe, onde está a minha lancheira?
- As minhas chaves. As minhas chaves. Viste a porcaria das minhas chaves?
- Mãe, onde está o meu lápis com a imagem do Capitão Jack Sparrow e a borracha na ponta?

Ela teria de tomar duche, passar a ferro, fazer o almoço da filha, aquecer biberões, beber café, arranjar o cabelo e aplicar maquilhagem suficiente para esconder o facto de estar extenuada e quase a desistir de tudo. *Se calhar preciso de patins.*

Gerry estava fresco que nem uma alface e fingia que a não tinha desapontado.

- Bom dia, minha linda.
- Não me venhas com isso!

Depois de pegar na pasta e nas chaves deu-lhe um beijo na testa e ela pensou por instantes em dar-lhe um murro na cabeça. Não o fez por medo de assustar o filho mais velho, por isso saiu à pressa da sala, batendo com a porta de propósito.

– Jacob, a mamã está de mau humor? – perguntou Gerry, despenteando o cabelo do filho.

– Ela disse-me que metesse o meu lápis do Capitão Sparrow com a borracha num sítio onde o sol não brilhe – disse ele com a boca cheia de flocos de cereal.

– Bem, tenho a certeza de que o Capitão Jack Sparrow nada tem a fazer aí – respondeu antes de beber o sumo de laranja de pacote.

- Pai?
- Hum?
- Onde é que o sol não brilha?
- À sombra, filho.
- Oh. Não acho que ele se importe com isso.

Melissa enfiou o almoço do filho na mala da escola antes de tirar o lápis do Capitão Sparrow do bolso dela e lho dar.

- Onde o encontraste?
- No meio do tesouro que está de baixo da tua cama.
- Obrigado, mãe – respondeu o menino, dirigindo-se para o carro.

Gerry fingiu não perceber que ela estava irritada.

- Onde está o meu beijinho?
- Vai-te lixar, Gerry!
- Que simpática.
- Não é tão simpático como ser-se um progenitor sozinho.
- Oh, por amor de Deus! – exclamou ele, suspirando dramaticamente.
- Vai-te embora! Vai-te embora antes que te espete uma faca!

Ocorreu-lhe que ela falava a sério.

– Melissa, precisas seriamente de ajuda – retorquiu, abanando a cabeça como se a explosão dela tivesse sido de algum modo irracional.

– Sim, Gerry, preciso. Preciso da tua ajuda, mas, pelos vistos, não a vou ter, por isso desaparece antes de eu rebentar, está bem?

Gerry apressou-se a sair. A ama chegou mesmo a tempo de dar a Melissa meia hora para ir a um encontro sobre orçamentos, que começaria dali a dez minutos e que duraria as quatro horas seguintes. Comería uma sandes à secretária antes de aguentar a reunião de vendas seguinte que duraria, sem dúvida, mais quatro horas, forçando-a a levar a papelada para casa. Daria de comer ao bebé,

trabalharia nos números de vendas, faria a menina arrotar, trabalharia nos gráficos, embalaria a menina até dormir enquanto imprimia as propostas de venda. O bebé adormeceria, Jacob precisaria de jantar, de ajuda com os trabalhos de casa, depois discutiriam sobre a televisão e o que ele queria ver, contrariando o que estava autorizado a ver, ela gritaria, ele ficaria amuado. Teria de o forçar a comer ao jantar, e as negociações chegariam logo ao fim. «Come, Jacob, come a maldita comida!» Gerry chegaria a casa pouco depois das sete e meia. Tiraria o seu prato do forno, levá-lo-ia para a sala de estar e sentar-se-ia com uma bandeja e o filho de quatro anos, agora estafado da sua campanha para deitar abaixo a sobrecarregada mãe, e juntos vegetariam em frente do canal desportivo. *Odeio a minha vida. Não consigo aguentar mais isto.* Melissa não conseguira tirar mais do que seis semanas de licença de parto devido ao seu cargo como diretora da equipa numa conta importante que exigia a sua supervisão constante.

– Se tivesse sido no ano passado, ou se fosse no próximo ano, Melissa, podíamos dar-te uma folga, mas este ano está muito difícil.

Claro que ela fizera o sacrifício pelo bem da equipa porque respeitava o trabalho em equipa. Sofria, na altura, de uma depressão pós-parto ligeira, quando voltou ao trabalho e, apesar de ter passado, parecia-lhe que transcorreria uma eternidade desde que conseguira respirar. Abordara o assunto de deixar o trabalho com Gerry várias ocasiões, mas o marido fora perentório em que não conseguiriam dar-se a esse luxo. Abordara a questão de trabalhar em *part-time* com o patrão, mas ele fora perentório em como precisavam dela a tempo inteiro e trabalhar mais horas em vez de menos. Passara o tempo em malabarismos com o trabalho e a vida doméstica, e tudo o que parecia fazer era pedir sempre desculpas a todos pela sua incapacidade de se dividir ao meio enquanto combatia a exaustão. Sentia-se numa correria, mas sem ir a lado nenhum. *Estou tão, tão cansada.*

Pouco passava das nove, e os dois miúdos já estavam na cama, quando ela, por fim, teve tempo para parar, sentar-se e ligar a Harri.

– Olá – encetou a conversa num tom cansado.

– Olá, amiga.

– Estás bem? – perguntou Melissa num tom que sugeria que ela não estava.

– Mal posso esperar por segunda-feira! – exclamou Harri despreocupadamente, como se fosse uma piada. Não enganava ninguém.

– Não sei que te dizer exceto que peço desculpa por ter bebido tanto ontem à noite.

– Precisas de aliviar um pouco a pressão em que andas – replicou Harri, em tom cúmplice.

– Assim fiz.

– Como te sentes?

– À beira do choro. – Melissa riu-se um pouco, mas também ela não conseguia enganar ninguém.

– Fazemos um lindo par.

– Sem dúvida.

– Melissa?

– Sim.

– Vamos ultrapassar isto, está bem?

– Pois, vamos.

– Promete.

– Prometo.

Depois desta troca de palavras, conversaram sobre um livro que Harri tentara ler e, a seguir, de um

espetáculo que Melissa vira e de uma canção que uma rapariga no escritório de Melissa andava a cantarolar. Harri disse que a cançoneta lhe soava familiar, mas não a conseguia identificar, e Melissa replicou que tinha o nome na ponta da língua e que a fazia dar em doida e não conseguia deixar de a cantarolar a toda a hora.

– Pergunta-lhe que canção é – sugeriu Harri.

– Ela vai pensar que sou doida.

– Ela é que é a cantora,

– Pois é.

– As pessoas que cantarolam são notoriamente instáveis – declarou Harri, sem ter no fundo factos que comprovassem a afirmação, mas tinha confiança em que a amiga estava demasiado cansada para aprofundar o seu raciocínio.

– Tens razão. Vou perguntar-lhe.

– Terás de esperar até segunda-feira.

– Oh, mãe de Deus! – bradou Melissa, constatando que iria passar o fim de semana inteiro a matutar na cançoneta.

* * *

Pouco passava das onze. A clínica encontrava-se com bastante movimento. Harri tirou uma senha e apontou a Beth uma cadeira a um canto e afastada de um homem que parecia um engatado. Beth estava sossegada e mantinha determinadamente a cabeça baixa. Durante algum tempo não falou – em vez disso enfiou a cabeça na revista *In Style*. Harri pegou numa *Time*. Ao lado de Beth estava uma mulher com um fato bonito. Beth fez uma careta a Harri. Harri fingiu não reparar. Voltaram à leitura. A mulher levantou-se e caminhou pelo corredor, talvez na direção de uma cafetaria ou outro lugar qualquer invisível e desconhecido aos que se encontravam sentados nas cadeiras.

– Que raio de doença terá ela? – segredou Beth por detrás da revista.

– Não faço ideia – replicou Harri num sussurro parecido.

– Espero que não se pegue – disse Beth, fazendo novamente uma careta.

– Queres dizer, como os chatos?

– Ups!

– É só para te lembrar que não te encontras em posição de julgar ninguém.

– É justo. Gosto do fato dela.

Passaram alguns minutos. Harri lia um artigo sobre o ambiente e como as águas tóxicas eram prejudiciais. Beth entretinha-se a ver sapatos bonitos. A rapariga levantou a revista até à altura dos olhos.

– Harri?

– Hum?

– Achas que me vai calhar uma médica?

– Não sei.

– Não quero um médico.

– Vai tudo correr bem.

– Achas que terei de me despir?

– Não tenho a certeza, mas, provavelmente, sim.

As lágrimas vieram aos olhos de Beth.

– Não quero despir nada.

Harri sorriu-lhe. Era fácil esquecer que ela só tinha dezasseis anos. Parecia e agia de modo tão adulto, mas quando chorava era, como Bob Dylan dissera de forma tão bela, como uma menina.

– Eles veem casos destes todos os dias – respondeu, dando a Beth uma cotovelada como George lhe fazia tantas vezes.

– Não me veem todos os dias – retorquiu Beth, com as lágrimas a correrem-lhe de súbito pelo queixo abaixo.

– Sei que é embaraçoso – concordou Harri. – Espera até chegares à minha idade e teres de fazer uma citologia todos os anos! – Ergueu os olhos ao céu.

As lágrimas de Beth secaram ligeiramente.

– Isso dói?

– É só embaraçoso.

– Tu ficas embaraçada?

– Perco a capacidade de falar.

Beth riu-se um bocadinho.

– Antes vivia com uma rapariga chamada Tina Tingle – disse Harri.

– Tina Tingle? – perguntou Beth num tom incrédulo.

– Tina Tingle – confirmou Harri. – Na primeira citologia, a Tina deu um pum. – Sorriu a Beth. – Alto. Não foi uma grande surpresa, visto a mulher viver de comida indiana.

Beth baixou a revista até abaixo do nariz e riu-se.

– Vai correr tudo bem contigo.

Beth fez um sorrisinho.

– Acho que se tenho idade suficiente para fazer amor, devo ter idade para aguentar com as consequências.

Harri encostou-se na cadeira, suspirando.

– Como conseguiste tu ser tão emocionalmente inteligente aos dezasseis anos? Comparada contigo, eu era uma patetinha.

– Todas as grandes questões da vida são colocadas e respondidas nos dramas de adolescentes – Beth sorriu –, especialmente em *Dawson's Creek*. É um cliché clássico. Tenho as temporadas um a três em DVD, se estiveres interessada.

Harri riu-se para a jovem amiga e abanou a cabeça.

– Acho que já ultrapassei os dramas da adolescência, mas obrigada na mesma.

Pouco depois, chamavam Beth à consulta. Harri levantou os polegares, ela empalideceu outra vez, mas, mesmo assim, lá foi. *Ainda bem que és assim. Eu teria andado anos a coçar-me.*

Mais tarde, depois de Harri ter pagado a consulta e comprado os medicamentos receitados, e de Beth passar imenso tempo na casa de banho das senhoras do restaurante The Elephant & Castle, no bairro de Temple Bar, perto do apartamento de George, almoçaram numa mesa junto de uma grande janela.

– Estás a olhar lá para fora – notou Beth.

– Pois estou.

– Então procuras o George.

– Ele vem aqui muitas vezes – disse Harri como que para si própria.

– Ouvi os bêbedos falarem ontem à noite depois de te teres ido embora. Estão preocupados contigo

e com o segredo.

– Tu sabes do segredo? – perguntou Harri, traindo um ligeiro alarme na voz.

– Sei que existe um segredo.

Harri voltou a olhar pela janela.

– Ele anda a evitar-me.

– Ele acha que te está a proteger.

Harri soltou uma gargalhada.

– É isso que pensas?

– Não, foi o que disse o Aidan depois de teres saído.

– Oh. Então que pensas tu disto tudo? A *Daniel's Peak* lança alguma luz sobre o assunto? – Estava divertida pela alegada perspicácia da sua nova amiga de dezasseis anos.

– A série chama-se *Dawson's Creek* e este segredo, bem, se calhar não é nada. – Beth assentiu com a cabeça. – Os adultos tendem a complicar demasiado as coisas.

Harri sorriu.

– Hei de ter isso presente.

Acabaram as asas de frango picantes e Beth esperava pelo gelado.

– Harri?

– Sim.

– O que pensas do meu pai?

Harri não sabia que dizer. Abanou a cabeça.

– Não sei o que dizer sobre isso. – Harri tinha o hábito de dizer sempre o que lhe ia na cabeça, razão pela qual provavelmente a adolescente a apreciava tanto.

– Ele é um pulha – afirmou Beth, categórica.

– Beth!

– Não o defendas! Anda feito parvo há mais de seis meses. Trata mal a minha mãe. Bem vejo o que ela sofre.

– A vida não é assim tão simples.

– Isso é o que ela diz, mas são tretas, porque sou eu quem a ouve chorar.

– Estão a passar um mau bocado, mas podem vir a recuperar – disse Harri com cautela, sabendo que pisava terreno perigoso.

– Obviamente que ele anda a ter um caso. Céus, pelo que sabemos, bem pode ter uma outra família!

– Acho que vês demasiada televisão.

– Pois, e eu acho que tu vês de menos.

Harri aceitou a declaração com um sorriso. *Talvez ela tenha razão.*

– Beth, por vezes o que vemos não é o que parece. Sei que amas a tua mãe e és ferozmente protetora, e isso é ótimo... mas sabes que ela é capaz de superar as coisas, não é?

– Costumava pensar assim.

– É, sim, por isso te peço que te afastes um pouco e lhes dês uma oportunidade. De qualquer modo, eles precisam de resolver o assunto por si próprios.

Beth ponderou uns instantes. Trouxeram-lhe o gelado, ela atacou-o com vontade e manteve-se em silêncio durante três ou quatro minutos.

– Harri?

– Sim.

– Sentes saudades do James?

– Sim.

– Queres que ele volte?

As lágrimas vieram, dolorosas, aos olhos de Harri.

– Sim.

– Ele quer-te?

– Não sei. Se calhar não.

– Tenho imensa pena. A sério que tenho.

– Obrigada.

Harri pressionou os olhos antes de as lágrimas ganharem volume suficiente para caírem.

– E tu?

– E eu? – perguntou Beth, encolhendo os ombros, entre colheradas de gelado.

– Tens saudades do teu namorado? Como se chama?

– Mark.

– Tens saudades do Mark?

– O Mark é um filho da mãe porco e cabrão.

– Não foi isso que perguntei.

Beth parou, soltou um suspiro e deixou passar um momento.

– Tenho.

– Gostavas mesmo dele.

– Pensei que o amava. – Beth tinha agora os olhos cravados nos pés. – Se calhar ainda amo.

– Compreendo.

– Eu não. Chorei mais do que alguma vez chorei e isso inclui quando o *Mr. Bo Jangles* morreu tinha eu nove anos – admitiu Beth, suspirando. – Aquele cão era a minha vida, e eu derramei mais lágrimas por um rapaz que me pegou chatos. Sinto vontade de vomitar só de pensar nisso.

– Aguenta-te, rapariga!

– Tu também.

Harri deixou Beth na estação. Beth abraçou-a e agradeceu-lhe, e Harri disse à filha da amiga que o dia que haviam passado numa clínica de doenças venéreas fora um prazer.

9 de junho de 1975 — segunda-feira

Está bem, passou uma semana inteira, mas, por fim, hoje falei com o Matthew. Eu encontrava-me a limpar a porta de um dos estábulos, suja sabe de Deus do quê, mas, fosse lá o que fosse, era difícil de sair. Ele ia a passar, levando a *Lovely Lucinda* para um passeio a trote quando o pai, o Terrível Delamere, o chamou com um grito. Ele viera da zona fina dos terrenos onde treinam os melhores cavalos e onde os ricos aterram de helicóptero. Não estou autorizada a ir ali — fica para lá de um campo e de um pátio. Tem até entrada própria. Ele usava botas de borracha. Não o conheço, mas tinha um ar esquisito com as botas, como se não fossem o número dele. Matthew estacou. Bem via as costas dele a contraírem-se da forma como as minhas fazem quando O ouço aproximar-se. De qualquer modo, o Terrível Delamere começou aos gritos por causa do *Nero*, o cavalo que Matthew treina. Disse que coxeava e que era culpa do Matthew. O Matthew nada disse, não se defendeu. Quis dizer que não era culpa dele e como se atrevia, mas não sei mesmo se será e não quero ser despedida. Gosto deste emprego. O Terrível Delamere foi-se embora, furioso, deixando o Matthew à minha frente com ar preocupado e embaraçado. Disse-lhe que os pais são uns pulhas. Ele concordou. Disse-lhe que o meu morreria, e ele respondeu que lamentava, o que achei simpático. Disse-lhe que tinha um padrasto que fazia o pai dele parecer um santo. Ele discordou. Disse que o meu padrasto teria de percorrer um

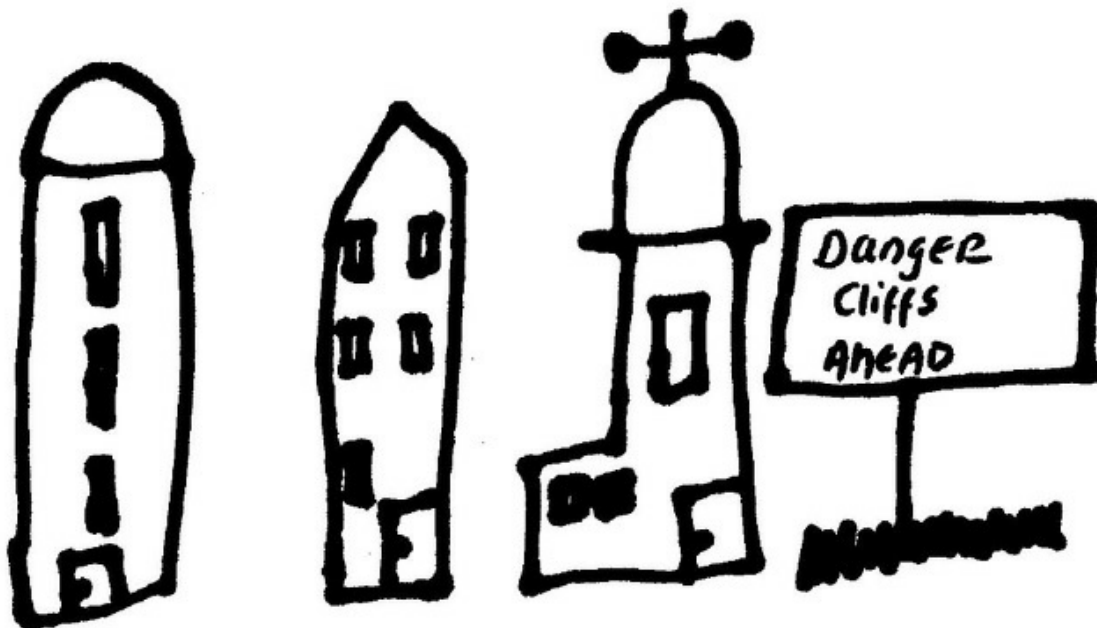
longo caminho para bater o pai. Sei que o homem só gritou com ele e que não o conheço nem ao pai, mas acho que, lá no fundo, ele tem razão. Não confio no Terrível Delamere. Faz-me sentir esquisita. Estou-me nas tintas para que seja muito rico.

A Sheila teve uma discussão com o Dave. Disse-me que ele não a compreende, seja lá o que isso quer dizer. A Sheila está a ficar doidinha. Acho que é por causa de o Dave estar sempre a meter a mão nela; contou-me, na outra noite, que na semana passada ele enfiou os dedos nas suas partes íntimas. Pelos vistos não é nada confortável.

As nódoas negras da minha mãe estão a desaparecer, ainda tem o lábio cortado, mas já não está tão inchado. ELE foi-se embora. Ela deixou as suas coisas no jardim e ele foi buscá-las com um amigo das docas. Talvez desta feita seja de vez. Espero mesmo que sim. O padre Ryan voltou a aparecer. Ele e a mãe sentaram-se sozinhos na sala de estar por mais de uma hora. Tentei escutar à porta, mas o padre Ryan fala muito baixinho. O Dr. B. também passou por cá. Veio ver a minha mãe. Não sabia que ela tinha uma costela partida. Quis ter a certeza de que ela estava a recuperar bem. Disse que estava. Fiz-lhe um chá e ofereci-lhe um prato com bolachas, mas não me apercebi de que já estavam demasiado moles. PESADELO. A mãe foi muito mais amável com ele do que no hospital — até pediu desculpas. Ele disse que não era necessário. É mesmo dele. Saímos juntos. Perguntou-me sobre o meu novo emprego e eu contei-lhe do Matthew. Brincou comigo sobre eu gostar dele e eu corei!! Que parva! Mais tarde disse-lhe que ele tinha olhos tristes e juro que vi uma lágrima, apesar de ter desaparecido rapidamente, mas sei bem o que vi.

Numa tarde destas, quando saí do Delamere e seguia para casa, passando pela floresta de Devil's Glen, vi-me rodeada por altas árvores frondosas, a cascata, o ribeiro serpenteante, os trilhos desgastados e senti uma espécie de plenitude. Era como se o meu coração rebentasse, e não sei porquê, mas senti calor. Em Devil's Glen consigo respirar, lenta e pesadamente, mas de coração e cabeça cheios do mundo inteiro e, durante esse curto espaço de tempo, senti-me apaixonada por esta vida, por mais horrível que possa ser.

Na noite passada tive um sonho. Sonhei que cavalgava a *Betsy* e ela galopava cada vez mais depressa, através da floresta, e de vez em quando eu tinha de me baixar para evitar que um tronco me batesse na cabeça, e o meu coração batia descontroladamente e sentia a sela sob mim enquanto puxava as rédeas com muita força. Saímos da floresta e de súbito estávamos no Cabeço, dirigindo-nos a grande velocidade para os dois faróis, e, depois, atrás deles, pelo caminho que descia íngreme e ziguezagueante na direção dos rochedos e para o terceiro farol branco, que parecia pertencer a outro país que nunca está sem sol. Mesmo ao passarmos por lá e antes de chegarmos ao precipício, vi o Matthew, ele acenou-me e eu afrouxei as rédeas, para lhe poder acenar também, e depois caímos no vazio, a *Betsy* e eu, e não me importei nada. Estava feliz por cair. Havia silêncio, nada de gritos nem de relinchos. Acordei antes de embatermos na água e, apesar de suar em bica, não sentia medo. Parece estranho, mas foi um sonho bom.



Não estou com medo

James chegou um pouco depois das dez, na segunda-feira de manhã. Levou Malcolm com ele. O seu antigo padrinho de casamento estava agora limitado a ser a um mero carregador e ombro amigo.

– Café? – perguntou Harri o mais despreocupadamente possível perante as circunstâncias. James estava muito evasivo, mas Malcolm arquejava.

– Pensei que ias esperar até encontrares casa para vires buscar os peixes – comentou Harri, apesar de, na verdade, quanto mais depressa se fossem, melhor.

– Sei que os detestas. – Ele tentou sorrir.

És um cavalheiro e bom de mais para mim.

– Não me teria importado, aliás só há três. Os outros não incomodam.

Malcolm olhou para o aquário.

– É aquele, aquele e aquele, não é? – inquiriu, apontando.

Ela assentiu.

– Se fossem pessoas, seriam senhores da guerra – concluiu.

Harri não compreendia bem de onde viria aquela ideia, mas fez imediatamente sentido. Assentiu com ar pensativo.

– Acho que tens razão.

James abanou a cabeça e suspirou para si próprio. Obviamente não concordava. Deitou mãos à obra com o aquário. Malcolm seguiu Harri até à cozinha. Ela estava a fazer café.

– Então? – perguntou Malcolm com ar agressivo.

– Então?

– Quantas vezes pensas destroçar o coração do meu melhor amigo?

– Acho que acabei com isso – respondeu Harri, servindo o café.

– Espero que sim – retorquiu ele, aceitando a chávena. – Então e agora?

– Não faço ideia.

– Ele há de amar-te sempre.

– Pareces a Whitney Houston.

– Não brincas, ele está destroçado.

– Desculpa.

De súbito, Harri irrompeu em choro. *Para de chorar, sua tonta!*

O momentâneo acesso de fúria de Malcolm desapareceu e deram por eles num abraço.

– Vou ter saudades tuas, Harri Ryan.

Harri não conseguiu responder, perdida em soluços sobre o ombro do melhor amigo do ex-noivo. Quando por fim conseguiu estancar um pouco a torrente, separaram-se, e Malcolm felizmente saiu da

cozinha, levando o seu café e o do amigo, igualmente destruído, que estava decidido a desmontar o melhor possível um aquário enorme sem pôr em risco a vida dos seus habitantes.

Vai ser um longo dia...

Passadas três horas foram-se embora.

Harri procurou por todo o apartamento, mas qualquer vestígio de James havia desaparecido, por isso, sentou-se no sofá, enroscou-se e não se mexeu durante horas.

Pouco depois das seis, George tocou à campainha. Ela dirigiu-se para a porta da frente da casa, onde ele estacionara. Aninhou-se no lugar do passageiro.

– O Aidan admitiu que deixou escapar coisas sem pensar – proferiu George, suspirando.

– O Aidan espalha-se tão facilmente como a manteiga. – Harri tentou rir. Detestava a tensão.

– De muitas maneiras – gracejou ele, antes de voltar a ficar sério. – Desculpa este silêncio.

– Não peças desculpas.

– Vi a mãe a passar-se e não consegui lidar com isso.

George não estava habituado a assistir às explosões da mãe. Ela parecera tão instável que ele ficara horrorizado.

– A mãe ficou perturbada? – perguntou Harri, quase sem fôlego.

– Não fiques tu perturbada, está bem, Harri?

– Está bem – prometeu ela, abrandando a respiração.

– Não sei o que se passa – disse ele.

– Está bem – respondeu a irmã, praticando a respiração lenta sem perceber porquê.

– Mas sei de uma coisa... seja o que for, haveremos de ultrapassar isso.

– Haveremos.

– Combinado – confirmou ele. – E talvez não seja nada.

– Combinado – repetiu Harri. – Mas, George?

– Sim?

– Tudo em mim grita que a vida nunca mais voltará a ser a mesma.

– Rainha dos dramas! – gracejou ele e riu-se para a irmã gémea, mas, lá no fundo, sabia que ela tinha razão. Seguiram o resto do caminho em silêncio.

* * *

O padre Ryan acabara de sair da missa dois dias antes quando recebera a chamada.

– Precisamos que venhas a Dublin.

– Dizes-me porquê?

– Vamos contar-lhes.

– Estão a fazer o correto.

– Não temos escolha.

– Estão a fazer o correto.

– Quem me dera ter a tua confiança.

– Ela tem de saber.

– Poderá haver repercussões para nós.

– Duncan, eram tempos diferentes. A Igreja e o Estado tinham nessa altura muito mais poder. Além disso, a Harri é tua filha.

– Ela irá odiar-nos.

- Talvez durante algum tempo, mas, afinal de contas, ela é uma Ryan.
- Não a podemos perder.
- Não a perderão.
- Então virás de certeza.
- Claro.
- Obrigado, padre Ryan.
- De nada, irmão.

* * *

George usou a sua chave. Harri seguiu o irmão, agarrando-se à aba do casaco dele como uma camponesa de outro tempo. *Posso comer mais queijo, senhor?*

Sentaram-se à mesa para jantar. Duncan estava atarefado a abrir o vinho. Gloria não se via em lado nenhum. A presença do padre Ryan foi uma surpresa. Estava a fumar, no pátio das traseiras.

George olhou ansioso pela janela que dava para o pátio.

- Importas-te que vá ter com ele? – perguntou a Harri.
- Está bem. – Ela sorriu.
- Volto num instante.
- Está bem – repetiu Harri. *Para de dizer «está bem», Harri.*

Lá fora, o padre Ryan cumprimentou o sobrinho.

- George.
- Tio Thomas.
- Estás com bom aspeto.
- Sinto-me bem.
- Ainda bem.

– Então o tio também está ao corrente do que se passa. – George nunca fora pessoa de perder tempo.

– Não me cabe falar nesta ocasião – respondeu o padre Ryan, antes de dar uma longa passa. George prosseguiu.

- E no entanto está aqui.

Permaneceram um momento calados.

- George?
- Tio Thomas?

– Aconteça o que acontecer aqui, esta noite, os teus pais... o meu irmão e a mulher... e eu... bem, todos fizemos o que achámos ser o melhor. Sei que sabes disto.

Antes de George ter tempo de responder, o padre Ryan apagou o cigarro e foi para dentro.

A refeição decorreu em silêncio. Gloria foi a última a ir para a mesa. Estava pálida e, apesar do sorriso e da amabilidade, passou o tempo a levar as mãos ao pescoço. Debicaram a comida. Ninguém fingia estar com disposição para conversas fiadas. Harri e George continuavam calados, apesar de terem o espírito a rodopiar com um turbilhão de perguntas. Aguardavam. Todos pareciam à espera de alguma coisa.

Por fim, foi Duncan quem falou. Levantou-se como se estivesse prestes a fazer um discurso.

– Não sei bem o que dizer – começou. – Harri, não tenho bem a certeza do que dizer – repetiu, olhando diretamente para a filha.

Os olhos de Harri ficaram rasos de lágrimas. George apertou-lhe a mão, interrogando-se sobre o que se passaria. Gloria chorava, embora ainda fingisse um sorriso e isto era assustador.

– Precisas de compreender que és... – hesitou – és o nosso milagre.

De súbito, Harri voltou ao tempo em que tinha quase dez anos e se encontrava sentada no mesmo banco que a avó.

– Harri – dissera a avó –, já alguma vez te disse que és o nosso pequeno milagre?

– Porquê, avó?

– Porque nos foste enviada dos céus quando mais precisávamos.

Harri controlou a respiração. *Não vou entrar em pânico. Estou bem. Estou perfeitamente bem.*

Duncan prosseguiu.

– Há trinta anos, a tua mãe e eu íamos ter gémeos. – Sorriu a Gloria, e ela baixou a cabeça, indicando-lhe que poderia continuar. – Foi uma dessas alturas – sorriu ao recordar-se –, uma época gloriosa.

O padre Ryan coçou a mão ruidosamente, distraído por momento todos os presentes.

– Desculpem – pediu, embaraçado. *Este maldito aquecimento central ainda me mata.*

Duncan prosseguiu, a seguir a um curto silêncio.

– A gravidez corria na perfeição. Sem problemas. – Assentiu com a cabeça para si próprio. – Foi mesmo perfeita.

Harri sentia o estômago às reviravoltas. George também. *Vá, desembucha de uma vez.*

– A Glory entrou em trabalho de parto por volta das três horas do dia trinta de abril. Era uma sexta-feira. Eu trabalhava num homicídio. Na altura, eram casos raros. Faltavam ainda sete semanas para o parto normal e eu encontrava-me em Kildare. Foi a avó quem a levou para o hospital. – Sorriu à mulher, recordando momentaneamente a avó com ternura. – Não se esqueçam de que isto foi antes dos telemóveis. Só soube que a Glory fora para o hospital às nove da noite, quando liguei para casa e a avó estava à espera. Demorou mais uma hora até eu conseguir chegar ao hospital. A Harri já nascera e o George vinha a caminho. A Glory estava às portas da morte. – Ficou com os olhos rasos de lágrimas e Gloria fechou os dela e baixou a cabeça. – Gritava e sangrava muito. – Interrompeu-se. – Gritava que se tinha ido embora. Pensei que me dizia que se sentia cansada e a desistir. Os médicos e as enfermeiras não diziam nada... muito ocupados a tentar salvar o George. E então tu nasceste – virou-se para George –, peguei em ti ao colo e já não sei se passaram instantes ou minutos antes de perguntar pela Harri. – Olhou para a filha com os olhos cheios de lágrimas. – A vossa mãe tinha o útero tão danificado que foi um milagre o George sobreviver. Tiveram de operar, de o remover. – Olhou novamente para a mulher e de novo ela suspirou e baixou a cabeça. Ele deixou de falar. Interrompeu-se. Passaram momentos que pareceram horas.

O padre Ryan olhou então para ele.

– Duncan.

– Sim – retorquiu este, assentindo com a cabeça. Pela primeira vez na vida tinha um ar frágil. A sua estatura parecia diminuir perante eles. As mãos poderosas que a mulher um dia descrevera como pás traíam o medo ao tremerem ligeiramente. Apertou as mãos com força, tanta força que os dedos da mão esquerda embranqueceram.

– Diz-lhes.

– Direi – respondeu, vacilando à beira de uma nova realidade. *Agora não há como voltar atrás.*

O coração de Harri batia tão depressa que o peito quase rebentava.

– Pai? – incentivou-o George, sentindo a mesma dor.

– A Harri morrera – proferiu Duncan. – Morrera cinco minutos depois do parto.

Harri sentiu-se desfalecer, entorpecida, como se tivesse sido desligada da vida.

George olhou da irmã, que fitava a parede oposta, para a mãe, que tinha os olhos cravados no chão, para o pai, que fitava a filha, e para o tio Thomas, que o fixava e que parecia rezar em silêncio.

– A Harri está aqui, pai – ouviu-se George dizer.

– A Harri morreu pouco depois de nascer. Enterrámo-la, filho, e a tua mãe, bem...

– Deixaram-me pegar nela – proferiu Gloria, com ar ausente. – Só peguei nela dessa vez.

– Ela está aqui, agora – afirmou, suplicante, George.

Porém, Harri percebera já que todas as sensações de se sentir deslocada no mundo que tivera faziam sentido. *Não pertença aqui.*

– Harri? – suplicou o pai. – Harri?

– Continua a falar – ouviu-se a si própria dizer.

– Não conseguia viver com isto – disse Gloria.

– Mãe! – gritou George.

– Queria desaparecer de vez. Queria desesperadamente morrer. Não consigo descrever o que sentia. Estava perdida, George. Amava-te, mas fiquei tão perdida sem a minha menina.

Parou de falar e toda a gente à mesa olhou para Harri, mas ela como que desaparecera, encontrava-se, intocável, num outro lugar.

George tentava ainda perceber esta nova realidade.

– Mãe?

– Tive de ficar hospitalizada algum tempo, algumas semanas, e depois voltei para casa, para ti, George, mas ainda não me encontrava bem.

– Seis semanas depois de nasceres e a tua irmã morrer investiguei uma morte em Wicklow – continuou Duncan. Olhou para o padre Ryan, que lhe fez um gesto de assentimento. – O teu tio Thomas chamara-me, foi ele quem me falou do assunto. Era uma jovem. Tinha dezassete anos. Dera à luz na floresta. Morreu, mas por mais estranho que pareça, a filha sobrevivera. A filha és tu, Harri.

Harri levantou-se e, sem pensar e quase tão subitamente quanto um pensamento, desmaiou.

George ficou imóvel. A irmã gémea estava caída no chão e mesmo assim ele não se conseguia mover. *A minha irmã gémea caiu no chão. Levanta-te, George. Mexe-te.* Porém, não conseguia porque, de súbito, ela não era a irmã gémea e tudo era demasiado inacreditável para que os pés e as pernas funcionassem com normalidade. Gloria foi-se abaixo. Duncan foi ter com Harri rapidamente, mas estava mais longe do que o padre Ryan, que entretanto se agachara e segurava Harri nos braços, murmurando-lhe ao ouvido palavras inaudíveis para os restantes. *Raios o partam mais os seus murmúrios.*

Harri veio a si poucos segundos depois, talvez um minuto; para os que a tinham visto desmaiar o tempo continuava parado.

– Tio Thomas?

– Sim, Harri.

– Eu sabia. Parece coisa de loucos, mas lá no fundo sempre soube. – Chorava.

– Sossega agora, meu anjo. Sabes que és amada. Foste sempre muito amada. – Apertou-a contra si e, lá ao fundo da sala, as figuras de Duncan, Gloria e George como que desapareceram por instantes.

Dizem que sexta-feira treze dá azar, e talvez seja assim, mas não o foi para mim. Hoje foi um dia espantoso. Em primeiro lugar, ELE foi-se embora da cidade com o amigalhaço, aquele que o ajudara a ir buscar as coisas. A minha mãe continua determinada a não o deixar entrar em casa, por mais que o padre Ryan fale sobre a santidade do matrimónio. Ela arranhou um trabalho de limpeza, no Crow's Nest, e eu disse-lhe que poderia ajudar a pagar as contas da casa, agora que estou a trabalhar. Ela está triste, mas já a vi muito mais triste. Principalmente, acho que tem saudades do meu pai. Eu sei que tenho. Ele esteve doente durante tanto tempo que por vezes me esqueço de como era quando era um pai normal, mas depois, de vez em quando, sem mais nem menos, vejo-o, e ele está saudável e viril e sorri, grande, e abraça-me, protetor. Acho que ele gostava mesmo muito de mim e creio que amava a minha mãe. É bom saber isso. É bom para continuar em frente. O Matthew levou-me hoje a andar a cavalo. Foi esquisito, sem o Henri estar presente para me orientar, mas ele prometeu que correria bem. A *Betsy* sabia que eu era uma naba a montar e tomou conta de mim. Fomos para bastante longe do campo e dos trilhos habituais. Eu não fazia ideia do tamanho da propriedade Delamere. É enorme, assim como a casa de pedra que têm, que parece um castelo sem os torreões. Acho que deve ser muito fria no inverno. Cavalgámos durante imenso tempo e depois parámos, prendemos os cavalos e sentámo-nos debaixo de uma árvore. O Matthew falou-me sobre o colégio interno. Ele não gosta lá muito daquilo, mas não é assim tão mau, é melhor do que ser ignorado em casa. A mãe dele morreu. Morreu quando ele tinha dois anos. Caiu de um cavalo e partiu o pescoço, o que não me encorajou lá muito quando tive de montar novamente a *Betsy* e levá-la para o pátio. Ele é amoroso e não é nada snobe. Simplesmente não está habituado a que lhe deem atenção. Frequenta um colégio só para rapazes. Diz que está bem e tem alguns amigos, mas não é jogador de rãguebi e, a não ser que se seja jogador de rãguebi, não se é ninguém. Não o consegui imaginar a ser ninguém. É impossível.

A Sheila e o Dave voltaram a andar, depois de se terem separado quase uma semana inteira. Ele prometeu não meter os dedos nas partes íntimas dela e ela prometeu que o deixaria deitar-se com ela sob o edredão. Ainda não se encontraram, mas assim que o fizerem, ela vai passar por cá para me contar as novidades.

Encontrei o Dr. B. no cais esta tarde. Estava sentada ao pé da imagem do *Eliana* e ele sentou-se ao meu lado. Estava calado, muito mais silencioso do que o habitual. Perguntei-lhe o que se passava e ele respondeu que não era nada. Mentia, por isso perguntei-lhe novamente. Ele gritou-me que me fosse embora, o que foi engraçado porque eu chegara ali primeiro. Fiz-lhe ver isso e voltei a perguntar o que corria mal. Ele disse que eu era uma miúda e que não entenderia e levantou-se para se ir embora. Disse-lhe que eu me iria embora. Ele imobilizou-se e olhou para mim como se eu fosse algum extraterrestre. Fi-lo lembrar-se que a honestidade faz bem. Voltou a sentar-se e chorou. Mantive-me sentada ao pé dele, em silêncio, durante imenso tempo, olhando o mar na direção onde deveria ficar Gales. Quando ele parou de chorar, perguntei-lhe outra vez o que se passava. Respondeu-me que eu era nova de mais. Disse-lhe que se calhar não era assim tão nova. Contou-me que saíra de Cork porque se apaixonara. E então?, perguntei eu. Disse-me que fora por um homem!!!! Não estava preparada para aquilo. Quase caí do banco. Não sei muito dessas coisas, mas sei que é boa pessoa, e eu não gosto de muita gente, mas gostei dele. Disse-lhe isso. Ele agradeceu-me, mas sei que as minhas palavras pouco significaram. O Dr. B. odeia-se. Acha que há qualquer coisa de errado com ele. Eu não acho. Acho que é amoroso. Quem me dera que ele percebesse isso. Não me importa quem ama e prometi-lhe que nunca contaria a ninguém. Guardarei segredo. Oh, acabei de pensar numa coisa – será que o padre Ryan lhe diz que é errado amar um homem, tal como diz à minha mãe que é errado deixar o meu padrasto? PADRE RYAN, POR FAVOR, CALE-SE!



Desaparecida

Harri estava deitada com a cara na almofada, o telemóvel ao pé dela. *Vai-te embora. Vai-te embora. Vai-te embora.* Pegou nele com a intenção de o atirar à parede do quarto de hotel, com risco de estragar o dispendioso papel. Precisava de boa pontaria de modo a causar o mínimo dano possível porque, mesmo no meio do maior turbilhão emocional, Harri apreciava uma boa decoração. Costumava pensar que era como a mãe, nesse sentido. Antes de fazer pontaria, percebeu que era George quem lhe ligava.

– Harri?

– George.

– Desculpa ter fugido a correr.

– Não faz mal.

– Tu estavas no chão. Primeiro não me consegui mover e depois só consegui fugir.

– Deixaste o teu carro no caminho de acesso – disse ela como se fosse algo de importante.

– Não sei que dizer – admitiu ele.

– Eu também não.

– Não sei o que hei de fazer.

– Eu também não. Precisamos de algum tempo afastados, George – proferiu ela, sabendo que tinham ambos os mesmos sentimentos agora.

– Vou a Itália. – Ele voltara a marcar o voo uma hora antes.

– Boa ideia.

– Pareces tão distante.

Era estranho que ele dissesse aquilo, Harri hospedara-se no Hotel Clarence, que ficava mesmo ali a três passos do apartamento do irmão. Estava mais perto do que nunca, pelo menos geograficamente, mas, enfim, estar próximo nada tinha que ver com geografia, a proximidade é um estado de alma e, por isso, sim, Harri encontrava-se distante e cada vez mais longe a cada instante que passava.

– George? – Parecia confusa, como se estivesse sob o efeito de narcóticos, mas não era o caso; sentia-se apenas profundamente entorpecida.

– Sim?

– Agora és tu o mais velho.

– Acho que sim – respondeu ele, levando de novo o telefone ao ouvido.

– Cerca de seis semanas – murmurou ela –, és mais velho cerca de seis semanas e uma vida.

George deixou que as lágrimas lhe caíssem pelo rosto. Estava sozinho e fazia bem chorar porque o mundo deles, como o conheciam, acabara, e a sua irmã gémea morrera.

– Não falemos por algum tempo.

- Não, Harri.
- Não me chames isso.
- É o teu nome.
- É o nome de outra pessoa.
- Por favor.
- George, não consigo respirar. Deixa-me estar, imploro-te.
- Como quiseses.

Ela desligou. Desligou o telemóvel, deitou-se de cara enterrada na almofada e desapareceu do mundo.

* * *

George acordou com uma luz ofuscante. Colocou a persiana branca por onde entrava a luz do sol de novo no lugar enquanto protegia os olhos cansados. Exausto, voltou a afundar-se na cama. Na almofada ao lado estava o telemóvel. Sete chamadas não atendidas. *Vai-te embora, pai.* A persiana de pouca confiança tentava uma vez mais afastar-se lentamente da janela. Atirou-a com força para o lugar. *Não me faças partir-te.* Olhou para o relógio em cima do bonito armário pintado de branco a imitar o antigo. Passava das duas. Faltara a uma reunião com um vinhateiro local, uma reunião que tentava marcar havia semanas, e, no entanto, não se importava com isso. Na noite anterior sentara-se no bar da aldeia, sozinho, enquanto os clientes habituais falavam sobre ele, matutando em voz alta sobre o irlandês bêbedo e debatendo a razão por que teria aquele rapaz um ar tão abalado. Presumiram que ele não falava a língua deles e assim ouviu-os comentar sobre a sua tristeza, o cabelo desalinhado e o fato que usava, de aspeto caro, e até conseguiu divertir-se um pouco por causa de duas mulheres a discutir sobre quem teria mais hipóteses com ele. Sorriu-lhes, com ar de encorajamento, deixando-as acreditar que talvez ambas tivessem sorte com ele. Gostava quando as mulheres se sentiam atraídas por ele – apelava à sua masculinidade e vaidade. Posto isto, continuou no bar e sempre a beber. Bebeu até já não sentir as pernas. Um estranho que não gostara do cabelo dele, mas que lhe cobiçara o fato, levou-o até à entrada do hotel. Teve a tentação de dar uma gorjeta ao fulano, mas o homem era educado e recusou, apesar de anteriormente ter afirmado que o irlandês era um gastador.

Agora, à fria luz do dia, a cabeça dóia-lhe e não se encontrava com disposição para falar de negócios. Levantou-se e vomitou. *Oh, lindo, George, que lindo!* Limpou o chão e depois, exausto, voltou para a cama. Afundou-se no mais profundo sono. Nem sequer ouviu Aidan chegar; nem sequer ouviu quando o amigo chocou com a mala na ombreira da porta, batendo com um dos cantos no joelho doente.

– Oh que porra, isto dói! – Não ouviu sequer a chaleira a ferver para um café muito precisado. – Maldita Ryanair! Como consegues ficar sem café? – Nem ouviu o chuveiro, nem Aidan a dançar lá dentro. – Ui, que está quente, quente, quente!

Quando George acordou por fim, deparou-se-lhe a parte de trás de uma cabeça. *Mas que raio?* Estava quase a entrar em pânico quando reparou numa tatuagem familiar.

- Aidan?
- Mais cinco minutos – balbuciou o amigo, sonolento.
- Aidan! – gritou, rugindo ao ouvido dele.

Aidan ergueu-se na cama. Levou um segundo ou dois a perceber onde estava.

- O quê?
- O que fazes aqui?
- Sou teu namorado. Tiveste más notícias. Estou aqui para o que precisares.
- Chamas ao que aconteceu «más notícias»? – perguntou George, algo incrédulo.
- Bem, querido, não são boas notícias.
- Não devias ter vindo.
- Claro que devia.
- Não te quero cá.
- Claro que não queres.

George sentou-se à beira da cama com a cabeça nas mãos.

- Aidan, hoje não consigo ter conversas com piadinhas.

- Não te estou a pedir que o faças, principalmente porque não és lá muito bom nisso. – Sorriu a

George, que deixou escapar um ligeiro sorriso. – Bom! Vamos dar um passeio.

- Não me apetece passear.
- Muito bem. Vou alugar-te uma cadeira de rodas.

A tarde já ia avançada e o sol continuava quente. As pequenas ruas empedradas estavam cheias de gente a passear cães, casais a deambular, alguns com bebés em carrinhos. Os velhos andavam de mãos dadas, devagar, a respirar o ar fresco.

George e Aidan sentaram-se num café vazio, a ver o mundo passar. George estava calado e Aidan deixou-o estar assim.

- Viste a Harri? – perguntou George, depois de ponderar cuidadosamente.

– Não – respondeu Aidan, abanando a cabeça. – Ela esteve no Clarence dois dias, depois saiu e não voltou a casa.

- E quanto à Melissa ou a Susan?

- Nada. Ela não consegue falar. Não consegue pensar. Precisa de se afastar durante algum tempo.

- Como tu?

- Mas ela não é como eu, pois não?

- George...

– Soube sempre que éramos diferentes, mas que mesmo assim éramos do mesmo sangue. – Interrompeu-se para pôr em ordem os pensamentos. – Creio que acabei de perder a parte de mim de que mais gostava.

- Não a perdeste.

George abanou a cabeça.

– Conte-te o que ela disse que sabia? Ela disse ao tio Thomas que lá no fundo sempre soubera. – Mordeu o lábio inferior, recordando-se de que fora nesse instante que recobrou a força nas pernas e fugira. – Sabes o que eu sabia? Eu sabia que tinha uma irmã gémea. – Encolheu os ombros. – O que não sabia era que ela tinha morrido.

- A Harri não é...

- A Harri está morta, Aidan. Nem sequer lhe substituíram o nome. Que raio de treta é essa?

- É uma enorme treta. – Aidan foi forçado a concordar.

– Não paro de tentar perceber isto, mas não consigo. Toda a minha vida não passou de uma maldita mentira gigantesca.

- Muito bem, eu sou a rainha dos dramas nesta relação e isso não funciona com dois.

– Achas que estou a dramatizar?

– Acho que tu e a Harri talvez não tenham partilhado o mesmo útero, mas partilharam a vida, cada momento e cada marco importante. Cresceram um ao lado do outro, acabavam as frases um do outro; vocês falam em código, por amor de Deus! Ninguém te entende como ela, nem sequer eu, e ninguém a compreende como tu. Por isso, a história foi reescrita, mas a história é apenas uma lista de factos. Tu e a Harri são reais e o que vocês são juntos não mudou.

– Que lindo discurso – proferiu George.

– Obrigado, pratiquei durante o voo.

– Não é assim tão simples.

– Bem sei. Levará algum tempo até teres a cabeça em ordem em relação a isso, mas, depois, tudo depende mesmo de ti, de vocês dois – disse Aidan, tomando a cabeça do amante nas mãos e beijando-a.

Não deu importância ao facto de George se afastar rapidamente. George detestava demonstrações públicas de afeto. Fazia-o sentir-se embaraçado. Aidan era sensível a isso, mas, apesar de a maioria das vezes guardar as demonstrações de afeto, por vezes esquecia-se. Grande parte das vezes, uma situação do género acabaria com uma discussão, mas, naquela noite, George estava demasiado cansado para discutir e, em vez disso, retirou a mão lentamente e olhou para os transeuntes sem dizer mais nada. Mais tarde, regressaram a pé pela velha aldeia de pedra ao hotel, onde pediram serviço de quarto e jantaram na cama antes de fazerem amor, afastando-se depois, felizes, um para cada lado da cama. Aidan caiu no sono imediatamente. George permaneceu acordado, pois passara grande parte do dia a dormir.

Não posso falar com ela. Ela não quer que o faça. O que poderemos dizer um ao outro? Se nada mudou, no fundo, por que razão nada parece o mesmo?

* * *

Gloria foi uma surpresa. Conseguira aguentar tudo extremamente bem e além de todas as expectativas possíveis do marido. Chorou, claro, mas a profunda e sombria depressão que antes a consumira parecia não se manifestar. Andava preocupada, mas clinicamente não estava afetada. Duncan sentia-se grato por isso. Os filhos viviam um caos emocional e tinham razões para se sentirem confusos. Compreendia. Sabia que era algo por que teriam de os deixar passar. Só desejava poder apressar o tempo para que eles compreendessem e vissem que tudo estava bem e que eram amados e, depois de tudo passado, os Ryan poderiam voltar a ser uma família feliz.

Para Duncan parecia estranho que Harri não tivesse feito nenhuma pergunta depois de reanimada. Sentara-se em silêncio nos momentos a seguir à fuga veloz do irmão.

* * *

Harri desaparecera dentro de si própria. Após uma hora em silêncio, pedira um táxi, seguira-se mais silêncio, o táxi chegara, a mãe beijara-a, chorosa. Duncan dera-lhe um abraço tão apertado que ela pensara que os braços estalariam, o padre Ryan dissera que lamentava toda a dor que ela estava a sofrer. Recordara-lhe que a viam como um milagre e que sempre a amariam. Harri não parou para fazer perguntas. Tinha o espírito demasiado repleto para aceitar respostas. Só queria sair dali. O taxista falara do preço de bilhetes de concerto: «Dar cem euros para um concerto do George

Michael, uma ova, percebe o que lhe digo, querida? Não me interprete mal, ele é muito bom, mas não é assim tão fantástico. Pagaria uma felação por metade do preço, sem ofensa, amor. Quero dizer, bilhetes para um espetáculo ou uma mamada? Claro que o George Michael sabe tudo sobre o assunto. Está a perceber-me?» Rira-se para si próprio e nem sequer reparara que a rapariga que seguia no bando detrás chorava.

Harri caiu na cama e dormiu profundamente nessa noite. A sua vida era uma farsa com conotações incomensuráveis e, contudo, deitara-se insensível a tudo e exausta. Fechou os olhos, felizmente o sono chegou depressa e mergulhou nele.

* * *

Na noite em que tudo fora revelado, George desatara a correr até casa e contara a verdade, aos gritos, a Aidan. Aidan aguardara até o namorado se acalmar, antes de ligar a Susan, que, depois de passar uma hora aos «oh» e aos «ah» e aos «ai, meu Deus», telefonara a Melissa, que se sentou em silêncio.

– Conheço-os desde miúdos – proferiu por fim.

– Sei que conheces.

– Não – respondera Melissa. – Nem pensar. Estamos em Dublin, não estamos em Hollywood.

– É verdade.

– A Harri não é a Harri?

– A Harri é a Harri, só que é a *Harri 2, O Regresso*. – Noutras circunstâncias, o comentário de Susan teria graça, mas nenhuma das mulheres se riu daquilo.

– Não é possível! – suspirou Melissa.

– É sim.

– É impossível.

– Talvez hoje em dia, mas na Irlanda de mil novecentos e setenta... – disse Susan, recordando-se bem desses tempos.

– É tão macabro.

– Sabes o que é realmente esquisito? – perguntou Susan.

– O quê?

– Eu poderia ser a mãe da minha sócia.

– Desculpa?

– Acabei de fazer quarenta e seis anos, a Harri tem trinta, a rapariga que morreu na floresta tinha dezassete.

– Oh, isso é tão... pobre rapariga.

Acabaram de falar ao telefone pouco depois desta troca de palavras. Nenhuma delas dormiu bem nessa noite, perturbadas pela tragédia que atingira a amiga.

* * *

Harri não atendeu o telefone à exceção de uma vez, a George. Saíra do Hotel Clarence quando Aidan a conseguira descobrir e, logo que a costa ficou livre, voltou ao apartamento, fez as malas, fechou tudo e foi de carro até à *cottage* em Wexford, que comprara com James, a casa arruinada que Melissa dizia ser um sorvedouro de dinheiro. Melissa tinha razão, mas não fazia mal porque, pela primeira

vez em setenta e duas horas, Harri conseguia respirar. Tinha frio e sentia-se desconfortável, mas conseguia respirar com facilidade e, numa altura daquelas, isso já era bastante bom.

21 de junho de 1975 — sábado

O Dr. B. anda a evitar-me. Não posso acreditar. Não tem ido à pesca no pontão e ontem na cidade atravessou a rua para o outro lado quando me viu. Não compreendo. Se ele continuar assim, não sei o que farei, mas qualquer coisa hei de fazer, porque ele precisa de ganhar juízo — dito isto, não faço ideia, no entanto, sobre o que fazer. Vou pensar nisso.

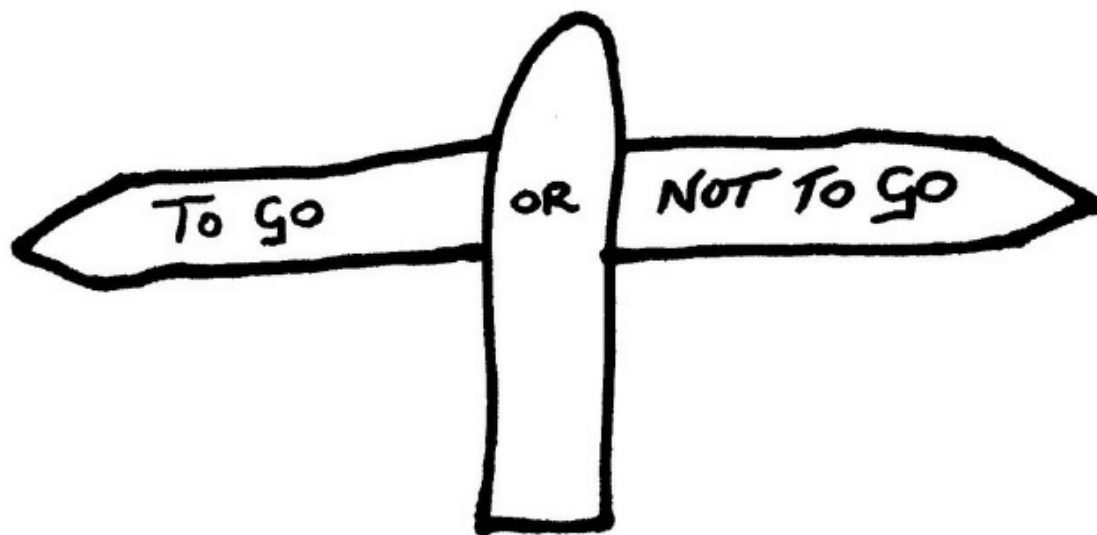
ELE continua a viver algures. Não sei exatamente onde e não me importa. A minha mãe parece estar a recuperar. A cara curou bem e gosta de trabalhar no Crow's Nest. Diz que o pessoal é muito divertido. Fico contente, fazer limpezas é um trabalho idiota, e juro que detestaria, mas, se ela está contente, eu também estou. Mas, por favor, meu Deus, faz com que ela não ceda e o deixe voltar para casa.

A Sheila anda a discutir comigo. Não posso acreditar. Diz que andei a namoriscar o Dave. É óbvio que ela anda um pouco sensível — por outras palavras, anda doida. Eu não namorisco com o Dave — ajo com ele de modo mais simpático do que antes porque tenho pena dele. Tenho mesmo. O pobre Dave não é o meu homem ideal. Mas a Sheila está a enlouquecer. Não entendo. Diz que me inclino muito para ele quando estou ao pé dele. O que quer isso dizer? Talvez me incline porque sou mais alta? A Sheila anda cada vez mais estranha e mais irritante.

Tenho passado mais tempo com o Matthew. Andamos sempre a falar e ele não para de descobrir razões para me tocar — na mão, no cotovelo, no ombro, na cara. Sempre que ele faz isso, tenho vontade de vomitar, mas no bom sentido. É estúpido, bem sei, mas é verdade. Ontem, depois de termos acabado o trabalho, ele levou-me a casa e atravessámos Devil's Glen. Conversámos sobre as coisas que amamos. Contei-lhe sobre o meu desejo inexplicável de sair daqui, mesmo apesar de, quando penso bem nisso, gostar de cá estar. Ele disse que gostaria de ser ouvido. Perguntei-lhe o que queria dizer com aquilo, mas ele respondeu que não sabia, mas que estava farto de viver na sombra. As crianças são vistas, não ouvidas! É o que o pai dele diz sempre. Pobre Matthew, andou calado durante tanto tempo. Na escola, diz que muito do que se passa é silêncio. Ele faz-me sentir fraca. Quando falamos, sinto-me fraca. O que será isso? Quando estou com ele, o incidente mais banal parece quase mágico e, quando ele não está, o que eu antes teria achado interessante torna-se agora enfadonho. Anseio por ele. E então o que é isso? Talvez esteja a ficar doida. Ele fala e eu escuto como nunca antes escutei ninguém. Ele sorri e eu ilumino-me. VÓMITO. Eu sei e posso parecer uma parva, mas é verdade. Não consigo evitar. Às vezes sinto nojo de mim e quero fugir, mas então não o veria, e isso seria mau, muito mau mesmo. Olho para ele e o meu estômago dá reviravoltas. Às vezes isso é desconfortável, dependendo do que tiver comido.

O Matthew pediu-me que me encontrasse com ele em Devil's Glen depois das nove, esta noite. Estou com medo. Quero ir, mas estou amedrontada. Sinto-me tão estúpida como uma criancinha. Quero ir, mas o que irá acontecer? Gosto mesmo, MESMO dele. Não consigo deixar de pensar nele. Aquilo de que ele gosta, o que diz, o que come, até o que bebe e, claro, o que ouve. Há que dizer que detesta os Bay City Rollers. Gosta é do David Bowie. Eu ainda gosto dos Bay City Rollers, mas já não tanto como antes, e isso incomoda-me. Serei uma daquelas raparigas???? Quero ir, mas ao mesmo tempo não quero. Quando estou com ele, não me sinto eu, e isso é bom, mas também não é bom. Gosto de estar sozinha, tal como sou quando estou só, e não tenho a certeza se gosto de mim quando estou com ele. A mãe disse uma vez que o amor não se escolhe, é o amor que nos escolhe. Eu achei que ela dizia uma grande mentira. Se calhar estava enganada.

O Dave encontrou-me hoje sentada ao pé do *Eliana*. Disse que vinha pedir desculpas por a Sheila ter discutido comigo. Foi simpático da parte dele. Disse-lhe que não tinha importância e que ela iria ultrapassar isso. A Sheila foi sempre temperamental. Eu lia e ele perguntou-me se não me importava que ele se sentasse um pouco ao pé de mim. O pontão é um lugar público e vivemos num mundo livre, por isso eu disse que estava bem. Continuei a ler e ele ficou sentado durante imenso tempo. Antes de se ir embora, disse-me que gostava mesmo da Sheila, mas que, por vezes, as coisas que ela dizia e fazia levavam-no a sentir-se muito mal. Disse-lhe que achava que era isso que acontecia quando se amava alguém — afinal de contas, foi o que sucedeu à minha mãe quando O conheceu. Fez-me sentir um pouco triste e agora não tenho a certeza se vou ter com o Matthew. Quero mesmo muito ir, mas e se qualquer coisa corre mal? Bem, eu não sou cobarde. Mas também não sou doida. Oh, não sei.



Tudo para esquecer

Normalmente, Susan gostava de passar a hora do almoço de sábado no centro comercial Avoca, em Ashford. Ficava a um pulo de carro, a comida era ótima e também era fantástico para compras. Podia ir abastecer-se ao supermercado de especialidades, dar uma vista de olhos a livros de culinária, à roupa, às novidades mas, principalmente, podia deliciar-se com os utensílios de cozinha. Susan gostava imenso de utensílios – abre-latas, escumadeiras, coadores, raladores, termómetros, varas de arame e espátulas. Tinha múltiplos exemplares de cada um, mas o mais curioso na sua psicologia era a sua propensão para comprar utensílios de pastelaria e para decorações de bolos apesar de ter uma aversão enorme a fazer bolos. Susan tinha mais utensílios do que espaço no armário da cozinha, e muitos dos duplicados ficavam em gavetas, invisíveis e esquecidos, estando o espaço a tornar-se limitado.

Hoje é o dia, pensou, enquanto silenciava o despertador. *É altura de fazer limpezas*. Susan ocupou-se a esvaziar gavetas. Gostava de arrumar armários, limpar casas de banho, lavar roupa à mão, rebocar azulejos ou aparar cantos quando estava sobrecarregada de pensamentos indesejados. Não conseguia ter uma conversa de jeito com o marido, Andrew, havia uma semana. Na maioria das vezes, ele já saía quando ela se levantava e não voltava a casa até ter a certeza de que ela dormia. Susan precisava de dormir as suas oito horas, não conseguia funcionar bem sem elas. Normalmente, caía de sono pelas onze e meia da noite, em frente do televisor aos berros ou com os óculos a meio do nariz e um livro sobre o peito.

Graças aos céus pelas pequenas benesses, pensaria ele, passando pelo quarto deles e indo dormir para o quarto de hóspedes. Estava cansado e o jogo de a evitar começava a tornar-se mais desgastante. Talvez fosse por isso que ele adormecera. *Bolas*. Ouviu as gavetas da cozinha a serem mexidas ruidosamente, do alto das escadas, apesar de a escadaria e do vasto átrio de entrada o separarem da mulher. Ela fazia barulho de propósito, fazia questão disso, ou talvez apenas a tentasse lembrá-lo de que ainda estava viva. Cheio de sede, Andrew entrou na cozinha com toda a calma. Susan encontrava-se sentada no meio do chão, rodeada de utensílios. Nenhum deles pronunciou palavra. Andrew serviu-se de um café. Susan continuou a separar varas de arames de espátulas e escumadeiras de coadores. Pelas janelas da cozinha entravam raios de sol e fazia suficiente calor para abrir as portas envidraçadas que davam para um jardim cuidadosamente tratado. Andrew pegou no café e num jornal e foi para o pátio. O rádio que se encontrava numa prateleira com plantas sobre a janela acima do lava-louça tocava baixinho, os apresentadores a discutir sobre a sua versão preferida do *Halleluja*, de Leonard Cohen. Venceu a de Jeff Buckley. Falaram do jovem em termos elogiosos, declarando-o um músico notável, e, depois, da voz dele, que todos concordaram ser pungente. Uma das raparigas usou a palavra evocativo, os outros nada disseram, mas Susan

imaginou-os a concordar uns com os outros no estúdio. Depois disso falaram sobre a sua morte prematura, da grande perda que o mundo da música sofrera e, de súbito, Susan deu por si de pernas cruzadas e a chorar pela estrela de *rock* que morrera e de quem nunca antes ouvira falar. *Tenho de ir ver no Google.*

* * *

Passara uma semana desde a grande revelação e, apesar de Harri ter fugido para a sua modesta *cottage* em ruínas, em Wexford, era impossível evadir-se daquela nova realidade da sua vida, por mais que tentasse. A ansiedade voltara e tornara-se a base da sua existência. Não surgiu logo, vinda de lado nenhum, deixando-a incapaz de respirar e atormentada pelo medo real de morte iminente. Em vez disso, sofreu o embate de um terror profundo, que a atingiu até aos ossos, traiçoeiramente, de modo que, apesar de não se encontrar nem cega nem tonta, era palpável e constante. A concentração transformava-se de forma rápida em inimiga de Harri. *Onde deixei as chaves? Na minha mala, então, onde estará a minha mala? Tenho a certeza de ter deixado a mala ao pé da porta. Céus, mas onde estará? Ao meu ombro. Pois. Agora, aonde ia eu?* Saíra e enchera um cesto de livros numa loja para que, lendo, se pudesse evadir de pensamentos irracionais e do seu refúgio detestavelmente decorado. *Não existo. Não só não existo como não existo numa espelunca imunda em Wexford.* Ler fora muitas vezes um escape para Harri. O plano era simples. Lia, lia, lia até se sentir entorpecida e longe de si própria. *Genial.* Porém, ler exigia concentração. *Ora que porra.* A falta de concentração aliada a uma inquietação terrível fazia com que a fuga que procurava num livro se tornasse impossível. A recém-encontrada disposição para sobressaltos manifestava-se tanto emocional como fisicamente sob a forma de ligeiros tremores e nervosismo. Uma vez, ao tentar pôr batom, reparou que o lábio lhe tremia. *Um tique, dois tiques e aí vem o terceiro. Oh, meu Deus, estou à distância de uma garrafa de vodka de me metamorfosear na Sue Ellen Ewing.* A fisicalidade do seu novo medo não se contentava em manter-se no domínio muscular. Harri sentia-se exausta, total e profundamente abalada, estava sempre indisposta e, quando conseguia comer, nas raras ocasiões em que o seu esófago se abria o suficiente para permitir que a comida passasse à laringe, sofria de dores terríveis no estômago antes de ir a correr para a casa de banho e evacuar tudo rápida, urgente e agressivamente. O odor das suas entranhas não era deste mundo e parecia que apodrecia de dentro para fora. *Meu Deus, que cheiro! Até me traz lágrimas aos olhos.* Se Harri pudesse fugir de si própria, tê-lo-ia feito. Apesar do mau estado em que se encontrava, da confusão galopante e da irritação, e de se sentir sem forças para qualquer tipo de comunicação verbal, não queria que as pessoas que amava se preocupassem. Enviava todos os dias à mulher e ao homem que haviam fingido ser seus pais e aos seus amigos a mesma mensagem.

«Estou bem. Preciso de mais tempo.»

Todos os dias o homem e a mulher que haviam fingido ser seus pais e os seus amigos lhe respondiam com mensagens variadas.

Mãe: «Estamos tão tristes, querida. Amamos-te.»

Pai: «É o pai. Precisamos de falar. Por favor, liga em breve.»

Melissa: «Céus, Harri, onde estás tu? Quem me dera saber o que dizer.»

Susan: «Por favor, volta para casa. Tenho saudades tuas.»

Aidan: «Em Itália com o George. O que não mata, engorda.»

Aidan: «Sou eu outra vez. Não lighes à mensagem anterior. Só disse disparates. Desculpa.»

Harri tentou arrumar a casa para manter o espírito afastado de preocupações, mas estava demasiado cansada. Tentou dormir, mas a mente andava inquieta de mais. Tentou comer, mas não em demasia, pois receava evacuar nas calças. *Isso seria realmente a cereja no topo do bolo.* Sentia o estômago como que rasgado e ferido. Os olhos ardiam-lhe, a pele estava desidratada, seca e irritada, e a cada momento que passava sentia-se cada vez mais no limite da razão. *A Harri morreu e eu sou uma convidada do programa do Jerry Springer. Força, Jerry, força, Jerry!* Sentia-se tão cansada e incapaz de pensar racionalmente que a familiar falta de jeito prosseguiu. Ao tentar fazer uma chávena de chá, um espasmo, tique ou um tremor súbito e a água a ferver não entrou na chávena e caiu da mão para o braço antes de ser ensopada por uma manga justa. *Tu estás bem. Não deixes que isso te deite abaixo. És melhor do que isso.* Abriu a torneira e pôs a mão na água a correr. Infelizmente, era a torneira da água quente e não a da fria. *Que merd... respira fundo, fecha a torneira de água quente e abre a da fria. Respira fundo outra vez.* Pegou num pano para o encharcar em água fria e a chávena que estava à beira da bancada caiu ruidosamente sobre os seus pés antes de oscilar e se partir contra o chão de ladrilhos. *Muito bem, dá um pulo lá acima, abre a janela do quarto e atira-te.* Poderia ter gritado alto, mas não o fez. Poderia ter resmungado obscenidades, mas exigia capacidade de pensar e forças, e ambos lhe faltavam, por isso sentou-se, sossegada, sobre os ladrilhos duros e frios e foi tratando da mão queimada e do pé magoado e não chorou. Não chorara uma única vez durante toda a semana.

James estacionou à entrada da casa pouco depois das sete. Harri continuava sentada nos ladrilhos frios e duros desde as quatro. Não o ouviu aproximar-se. A porta das traseiras estava aberta e de súbito viu-o à frente dela.

Harri pestanejou.

– James? – perguntou, como se não tivesse a certeza de ele ser uma visão ou alguém de carne e osso.

– Sou eu – respondeu James e sentou-se em frente dela nos ladrilhos frios. Pegou-lhe na mão e desenrolou a toalha molhada.

– O que se passou?

– Queimei-me.

– Não parece ter mau aspeto. – Ele sorriu.

– Não, acho que não – concordou ela.

– E que tal se te levantasses? – sugeriu, com tom bondoso. Percebeu que ela devia estar ali sentada havia um bom bocado. Harri estava com um ar horrível, magra, pálida, o rosto marcado, e era óbvio que se encontrava tão cansada que o olhar tinha dificuldade em focar-se.

– Tenho as pernas dormentes – desabafou ela.

– Não faz mal. Eu levanto-te.

– Posso cair – disse ela, constatando meramente um facto e sem demonstrar preocupação alguma. *Se cair, espero bater com a cabeça no chão.*

– Prometo que te não deixo cair.

– Não tem importância – balbuciou Harri.

Depois de ter entalado o dedo grande, batido com a cara contra uma porta, e agora aquela última da mão queimada e de se magoar várias vezes, as pequenas e agudas dores físicas eram algo a que começava a habituar-se.

Ele levantou-a nos braços e levou-a da cozinha para a pequena sala de estar que dava para o

jardim maltratado das traseiras. Colocou-a no sofá e fechou as cortinas, como que para se proteger do mau estado do jardim.

– Vou fazer-te o jantar – disse ele, e entrou na cozinha, deixando a porta da sala aberta para poderem conversar.

– Não consigo comer – disse ela.

– Vou fazer qualquer coisa leve.

Deverá ser o raio de alguma coisa leve, mesmo. Duas pessoas, uma casa de banho, vai ser uma longa noite.

– Por favor, não te incomodes – pediu ela.

Ele voltou à sala.

– Nenhum de nós o fará. Está bem?

Ela sorriu, anuindo.

– A Susan ligou-te?

– A Susan, o George, o Aidan, a Melissa e o teu pai. Na verdade, o teu pai ligou para aí umas nove vezes.

– Como soubeste que eu estava aqui?

– Fui ao apartamento. O teu passaporte continuava na gaveta da cozinha, por isso tentei a sorte.

– A Melissa tem razão... este sítio é uma boa treta – proferiu ela, olhando para a argamassa das paredes a esboroar-se.

– Sim, mas tinha potencial...

Harri estava cansada, mas não tão exausta que não reparasse que ele usara o pretérito do verbo.

– Acho que tinha. – *Tal como um dia nós tivemos.*

Mais tarde, ele insistiu que Harri comesse qualquer coisa recostada no sofá. Ela lá conseguiu engolir algumas colheradas, pareceu grata e depois foi à casa de banho, de onde se recusou a sair, mesmo muito depois de o cólon ter evacuado bem.

– Harri, deixa-me entrar.

– Não.

– Por favor.

Tu não vais mesmo querer estar aqui.

– Não.

– Estás a assustar-me.

Oh, meu Deus, ele acha que vou tentar matar-me.

– Achas que me vou tentar matar?

– Não.

Silêncio.

– Sim.

Silêncio.

– Não. Bem, talvez. Céus, Harri, não sei. Vais?

Ela suspirou, sentada, de calças para baixo, com a cabeça nas mãos.

– Estou com diarreia.

– Oh.

– Então ainda queres entrar?

– Não.

– Não. Não, não. Estou bem. Estarei na sala. – James tinha o estômago fraco e cheiros fortes de qualquer género não lhe faziam bem.

Vinte minutos depois, Harri voltou e afundou-se no sofá.

– Desculpa – pediu James.

– Pensas mesmo que eu faria mal a mim própria?

– Não sei – respondeu ele com sinceridade. – Serias capaz?

– Não sei – respondeu ela com sinceridade. – Há pouco pensei momentaneamente em atirar-me pela janela. – Encolheu os ombros.

James sorriu-lhe.

– Então, porque não o fizeste?

– Estava demasiado cansada – suspirou.

– Lamento tanto toda esta treta – proferiu ele.

Harri anuiu.

– Eu também.

Mesmo a seguir à palavra «eu» e exatamente na palavra «também» o dique cuidadosamente construído de Harri rebentou e desatou a chorar alto e bom som, fazendo ruídos com o nariz e a boca, que de modo nada atraente pareciam uma torrente, jorrando onda após onda de dor, confusão e raiva. Porém, chorava sobretudo de dor. Sofria pela rapariga morta que a dera à luz. Sofria pela mãe que sempre conhecera e pela menina da mulher que morrera. Sofria pelo pai, o estranho, aquele que ela pensara conhecer e arquiteto daquele tão terrível engano que sentia de algum modo perdido para ela. Sofria pelo irmão gémeo, que agora não tinha relação com ela. Sofria pelo homem que amara e perdera, apesar de estar ali ao pé dela, embalando-a. Chorava por tudo o que costumava ser e por tudo o que nunca fora. Harri Ryan chorou nos braços do seu ex-noivo durante horas, nessa noite e, quando ficou esgotada, completa e profundamente exaurida, adormeceu de forma tão profunda que não acordou quando ele a ergueu desajeitado, quase a deixando cair, tal o seu peso morto, nem acordou quando bateu com o braço dela na estreita entrada da porta nem quando a colocou na cama, movendo-a com alguma rudeza, de modo a poder retirar o edredão de baixo dela. Não acordou durante mais catorze horas, mas, quando acordou, o homem que perdera esperava por ela.

* * *

Melissa não tivera na realidade tempo de falar com Gerry até ele a surpreender com uma ama e uma refeição fora. A ama era uma vizinha de quinze anos que, quatro semanas antes, fora apanhada a dormir com o namorado pela mãe, com quem Melissa fizera amizade quando estava de licença de parto. Melissa não se preocupou com o que aconteceria ao sair de casa. *Olá miúda, usa a nossa cama. Não me importa nada. Vou sair.* Vestiu-se rapidamente, deixou a ama impudente sozinha com um sortido de bolachas e alguns DVD e saiu o mais depressa possível porta fora, dirigindo-se para o restaurante onde o marido a esperava. Uma vez sentados e enquanto ele lhe servia o vinho, não conseguiu resistir a perguntar-lhe qual era a intenção dele com tudo aquilo.

– Gerry?

– O que é?

– O que se passa?

Ele sorriu.

– Nada.

- Não acredito em ti.
- Só estou arrependido da outra noite – admitiu ele.
- Dizes isso como se fosse uma exceção – lembrou-o ela.
- Não quero discutir.
- Eu também não.
- Então, não vamos discutir.
- Está bem, não vamos.
- Mas?
- Mas preciso mesmo de ajuda com os miúdos.
- Muito bem, agora, acabaste?

Ela sorriu.

- Acabei.

Fizeram um brinde e beberam. Já tinham feito o pedido e aguardavam as entradas quando ela abordou o assunto de Harri e da sua implausível situação.

– Uau! – exclamou ele, de mãos erguidas. Gerry gesticulava muito. – Sei que tinhas dito que eles a haviam adotado, mas...

- Não disse que eles a tinham adotado... disse que a substituíram.
- Desculpa?
- Baixa as mãos, Gerry, parece que tentas fazer a onda mexicana.
- O que estás a dizer?
- Estou a explicar-te. Tiveram uma filha que nasceu viva.
- Está bem.
- Por isso houve uma certidão de nascimento.
- Pois.
- Ela morreu poucos minutos depois.
- Então, houve uma certidão de óbito?
- Nunca preenchida.
- Desculpa?

– Gerry, não sejas tão burro. Seis semanas depois de a criança ter nascido e morrido, a Harri, a nossa Harri, nascia algures, no meio dos campos ou num celeiro, à beira de um canal, num sítio qualquer em Wicklow. De algum modo, o Duncan conseguiu ficar com ela e depois é que foi buscar as certidões de nascimento dos seus gémeos.

- Então e a certidão de óbito?
- Não sei.

– Então a certidão de nascimento passou a ser da Harri... da nossa Harri? Isso é mesmo possível?

– Bem, aconteceu, por isso deve ser, sim – respondeu ela, acenando com ar sabedor.

– É verdade, têm acontecido coisas mais estranhas ainda. Afinal de contas, quem teria alguma vez pensado que o Exterminador se tornaria governador ou que o Homem Crocodilo seria morto por um peixe? O mundo está louco. – Gerry riu-se antes de meter um grande pedaço de pão na boca.

O empregado colocou um prato à frente de Gerry, que lhe sorriu, apesar de ter a boca cheia, e fez um gesto de assentimento para si próprio. Quando o empregado acabou de o servir, Gerry olhou para a mulher.

- O Duncan e a Gloria Ryan são uns bons hipócritas, de qualquer forma – disse ele.

Melissa pensou naquilo um momento ou dois.

– Sim, suponho que sejam.

– Então, que hipóteses temos de ter um pouco de animação mais tarde?

– Muito poucas.

– Parece-me justo, vou pedir sobremesa.

– Bem, talvez – proferiu ela, pensando em voz alta.

– Olha, ou temos ou não temos. Sabes que detesto fazer amor de barriga cheia.

– Estou cansada.

– Tudo bem, vou comer a *banoffi*!

– Mas também já faz algum tempo.

– O empregado está a chegar – pressionou ele.

– Muito bem, come a *banoffi*! – Ela detestava que a pressionassem.

– Ótimo – respondeu o marido, sorrindo para o empregado.

– Não precisas de ficar tão contente – bufou ela.

Ele não lhe deu importância. Gerry gostava imenso de uma boa *banoffi*.

22 de junho — domingo

Durante toda a missa só consegui pensar no Matthew. Matthew. Matthew! Parecia que o padre Ryan nunca mais acabava. Não faço ideia do que ele disse, mas não duvido de que estava sentado em cima de um cavalo alto e invisível. Vi o Dr. B. em pé, ao fundo da igreja. Tinha um ar embaraçado, como se estivesse a vagabundear e não pertencesse ali. Se calhar sente que não, mas tem o direito de se aborrecer de morte tanto quanto qualquer pessoa. Quando sair de casa, nunca mais vou à missa. Nunca mais irei à missa e hei de comer bolo ao pequeno-almoço. Mal posso esperar.

Vi-O ao lado esquerdo do Dr. B. Nem acredito que teve o desprazer de vir à igreja. Apertava o chapéu nas mãos. Que patife. Odeio-o. Odeio-o. Odeio-o. Comungou, mas o Dr. B. não. Isso diz tudo. Este mundo é um lugar triste, muito triste. Obviamente, como poderão as boas pessoas sentir-se anormais e aos que estão cheios de mal se lhes permite sentirem-se como se se encaixassem? Será normal ser-se torcido? Será normal causar sofrimento? Se calhar, não consigo ver onde estará Deus.

O padre Ryan quase habita lá em casa agora. Voltou novamente esta tarde. A mãe concordou em ir a reuniões de oração. Sente-se mal por o seu casamento se ter desfeito. Sente-se mal por ter deixado Deus ao proteger-se e a mim de um patife dos infernos. Foi isso que o Matthew lhe chamou quando lhe contei o que ele fez à minha mãe. Nunca disse o que ele me tentou fazer. Não importa. Impedi-o. Não importa mesmo. O padre Ryan falou com ELE e ele disse ao padre Ryan que nunca mais a magoaria. O padre Ryan acredita nele. O padre Ryan é tonto. Até agora ela reza por perdão, mas não o deixou voltar. Só posso esperar. Detesto isso. Detesto. Detesto.

A noite passada, em Devil's Glen com o Matthew, tudo pareceu tão distante. Ele levou um cobertor dos estábulos que tinha um cheiro esquisito e roubou três latas de cerveja do frigorífico do pai. Eu bebi uma, ele, duas. Detesto o sabor da cerveja, mas depois soube bem o efeito, quando já não conseguia sentir mais o sabor. Sentámo-nos ao pé da cascata, mas não tão perto que caíssemos como aquele estúpido casal seis meses atrás. Ela quase ia morrendo — agora estão os dois bem, mas separaram-se pouco depois. O céu estava negro, não se via uma estrela, e a Lua grande e brilhante. O Matthew olhou para o céu e com voz profunda disse «a colónia do Homem na Lua — toda uma nova geração nasceu e vive a um quarto de milhão de milhas da Terra». Disse isso imensas vezes. Parece treta, agora, mas foi engraçado quando o disse. Ele é um grande fã do filme *2001: Odisseia no Espaço*. Disse que as pessoas ou amam ou odeiam esse filme. Tem razão. Eu acho que é uma boa merda. Ele levou uma lanterna, para não tropeçarmos em raízes enquanto voltávamos para casa. Ficámos sentados a conversar e eu falei-lhe da minha mãe e da escola, sobre a minha professora dizer que eu tinha grande domínio da língua inglesa mas que não tinha disciplina. Não me aplicava e ela desejava que eu me calasse nas aulas. Ele falou-me sobre a mãe dele e a morte dela, e do pai e das namoradas do pai e do colégio interno e do seu cubículo de madeira e da tarefa que levou uma vez com uma bengala.

Mostrou-me a cicatriz na mão. Era pequena, mas talvez fosse por ter acontecido há tanto tempo. Na maioria das vezes ele mantém-se submisso. Só tenta aguentar até sair da escola e de casa. Vai para a América. Porque há de ir toda a gente para a América? Diz que o pai nunca o deixará montar como ele gostaria. É alto de mais para ser *jockey*, tem pelo menos um metro e oitenta ou oitenta e dois. Diz que não quer ser *jockey*, mas que o pai nem sequer o deixa aproximar-se dos cavalos de criação. Ele gostava de os domar como o pai faz e como a mãe fazia. Diz que há de arranjar maneira de o fazer na América. Não sei por que razão o pai não o deixa — ele tem muito jeito com os cavalos. Até o Henry diz isso. O Matthew tem um talento natural, não é como eu. Eu ainda tenho um pouco de medo, mas, a cada dia que passa, gosto mais deles. Beijou-me com a língua e sabia a cerveja, mas foi muito melhor do que bebê-la. Foi bestial. Beijámo-nos e beijámo-nos e beijámo-nos até estarmos cansados e doridos. Mesmo assim ainda o teria beijado mais. Estou outra vez a ficar sem espaço no diário.

Só para dizer que os cavalos têm a sua própria personalidade. É estranho. A *Betsy* é velhinha e sábia, calma e forte. O *Nero* é jovem e estouvado e excitável. A *Lovely Lucinda* é uma senhora, gosta que lhe façam festinhas e faz muitas vénias com a cabeça. O *Paddyman* olha com ar brincalhão para nós pelo canto do olho e gosta que lhe coccem as orelhas, mas só por um ou dois minutos. É despudorado também. Gosta de senhoras! Pelo menos é o que diz o Matthew. Gosto mesmo muito do meu trabalho. Mal posso esperar por amanhã.

Sempre que dizemos adeus

James levantou-se às sete. Nunca conseguia dormir depois disso e a ideia de se deixar ficar na cama a olhar para o teto jamais o entusiasmara, em especial quando era bem visível que aquele teto em particular estava à beira de desabar. Tomou um duche, usando o antigo chuveiro, em que a água corria com pouca força, tão pouca, aliás, que foi necessário abanar a cabeça do chuveiro violentamente para que a água caísse. Acabou a higiene no lavatório. Soltou um suspiro, olhando em volta do velho sítio, com a argamassa a desmoronar-se e manchas de humidade do tamanho das cuecas de um homem gordo. Viu as frinchas negras abertas na porcelana do lavatório. A janela de guilhotina de sacada teria sido bonita em tempos, mas entretanto a madeira apodrecera e a vidraça fina estava quase a cair. Num minuto, as imagens desvaneceram-se e quando olhou em volta viu um futuro perdido e tudo o que aquela casa de banho poderia ter sido. Vislumbrou a janela de guilhotina em arco restaurada na sua antiga glória, o lavatório de madeira tratada e em vez das rachas negras vislumbrou o grão da madeira. Viu uma grande banheira de madeira no meio da casa de banho, suficientemente grande para caberem duas pessoas. A cabeça do chuveiro *Raindance Rainmaker* pendurado em cima com as suas luzes, o suave cair da água como se fosse uma chuva fina, com a opção de jatos para uma intensa experiência de massagem. Ficaria tão bem ali. *Céus, como eu queria aquele chuveiro Raindance Rainmaker*. Poucas casas de banho tinham espaço para o albergar, mas aquela tinha. *Uma num milhão*. Quando acabou de se barbear e voltou ao presente, lamentou o *Raindance Rainmaker* mais alguns minutos. *Um metro de diâmetro, pressão assistida, criando literalmente chuva. Ah, bem*. Chorar um chuveiro era melhor do que chorar a sua alma gémea. Pelo menos acreditara que Harri era a sua alma gémea. Depois dos dois casamentos que não se haviam realizado estava certo de que o espírito e o corpo de Harri tinham sabotado o acontecimento por uma razão e, além da recente revelação, era ainda possível que tivesse sido por ela não o amar o suficiente. Mais uma vez, a mulher que amara o abandonara e, agora, não para viajar para longe e casar-se com um surfista, mas, apesar de tudo, duas vezes, em frente de toda a família e amigos. Não conseguiria passar por aquilo de novo, disso tinha a certeza. Não a poderia deixar roubar os seus últimos vestígios de dignidade, e o que sobrara era insignificante – de facto, seria mais justo dizer que era o vestígio de um vestígio. Malcolm fora simpático em deixá-lo ficar lá em casa. Felizmente o amigo era resolutamente solteiro, o que queria dizer que não fazia um grande favor. Contudo, sentado quieto, sozinho, no apartamento do amigo, sofrera por ela todos os momentos desde que fora buscar o peixe da tia de que fingia gostar e, porque a mulher, tendo observado o seu amor por tudo o que era aquático, anfíbio e reptiliano, lhos legara em testamento. Por conseguinte, sendo o género de pessoa que era, não tinha coragem para os abandonar. Não voltara ao trabalho, tendo marcado férias devido à lua de mel. Em vez disso dormiu, passeou sem destino e visitou *stands*, onde fez *testdrives* de

carros que nunca teria sonhado comprar.

– É lindo. – Apontou para um *Mini Cooper*. – Vou experimentar este.

O vendedor olhara para ele com estranheza, de cima a baixo, avaliando-lhe a altura. Depois olharia para o pequeno carro à frente deles.

– Tem a certeza, senhor, de que não gostaria de experimentar algo um pouco maior?

– Não, contento-me com o *Mini* – dissera James firmemente antes de entrar, puxando o assento para trás o máximo possível, arrancando com os joelhos na boca e um aceno entusiasmado do vendedor.

Isso manteve-o algo bem-disposto durante alguns dias, mas não lhe aliviou a dor. Não se atrevia a beber porque sabia que, se o fizesse, choraria como o pai todos os natais quando falava sobre como era um idiota beberrão quando conhecera a mãe de James, antes de contar como ela ajudara a salvá-lo e fizera qualquer coisa dele. Tinha um orgulho em si próprio que ele dizia dever-se a ela. James sentia o mesmo em relação a Harri, não que ela o tivesse mudado, mas porque o aceitara como era, o que o levava a sentir o mesmo imenso e impetuoso orgulho que o seu pai chorava todos os anos. Porém, isso passara. Achava-se magoado, ferido e desesperadamente vazio, tão vazio que pensou ser possível nunca mais vir a sentir o que era a plenitude.

Porém, de súbito, o telefone começou a tocar.

Primeiro fora Susan.

– Tinha de te dizer...

Depois fora Aidan.

– Precisas de saber...

Depois telefonara Duncan.

– Por favor, James. Ela ama-te. Precisa de ti...

Melissa fora a última.

– Sei que os outros te ligaram e sei que é pedir muito...

Depois Duncan telefonara novamente.

– James, se lhe telefonasses... – e de novo Duncan, uma e outra vez, até ser forçado a desligar o telemóvel. De início sentira-se entorpecido. Como haveria de responder? O que estariam aquelas pessoas a tentar dizer-lhe? Que o seu casamento fora abortado por uma outra razão que não a falta de amor? Estariam a tentar ligar o pânico da sua noiva em casar-se com ele a uma rapariga que morrera, na floresta de Wicklow, e a uma vida que nascera de uma mentira? Os seus argumentos teriam alguma consistência? E a pobre, pobre Harri, como deveria estar a sofrer e em que pesadelo se vira envolvida! Vários incidentes lhe ocorreram, em clarões. Os pesadelos dela, que antes não faziam sentido, continuavam a ter pouco sentido e, contudo, tinham agora mais importância. Aquela estranheza, aquele sentimento de estar deslocada, o mesmo que a obrigara a refugiar-se em qualquer canto, mas que, apesar de tudo, fazia com que ela sobressaísse, faziam agora sentido. A sua encantadora incapacidade de mentir, apesar de ter vindo de uma casa construída com base na ofuscação. No espírito de James, ela estivera sempre afastada da família. Do irmão, que, apesar de ter a força moral de ser quem era, apesar da homofobia circundante, era também um homem desesperado em esconder a parte mais ínfima de si mesmo que concordava com os seus detratores, sufocando o ódio a si mesmo que criara no seu íntimo. De uma mãe que se permitia ser tratada como uma rapariguinha frágil de uma outra era, embora tendo claramente uma força inflexível, dominando os que estavam à sua volta de uma forma quase passiva mas ao mesmo tempo agressiva. De um pai

que havia muito se dividira entre o detetive que lidava com o ódio, a intolerância, a raiva, a violência, as vítimas, a morte e o desmembramento quase todos os dias e o marido que deixava o dia no tapete à porta da casa para fazer de rei afável do castelo da sua mulher. Para James, Harri destacara-se da família porque fora sempre franca. Discutiui isso com um Malcolm fascinado. Seria isto por ela não ser uma Ryan incondicional? Seria o seu ADN tão poderoso que a natureza vencera a educação? Existira sempre uma parte nela que soubera a verdade? Seria o casar-se e ser entregue pelo pai ao noivo o catalisador? Estaria ele a dizer disparates? Seria tudo uma coincidência? Teria isso realmente alguma coisa que ver com ele?

A última pergunta foi a única em que ele e o sempre paciente Malcolm concordaram enquanto comiam uma piza gigante. Tinha qualquer coisa que ver com ele porque a amava e, portanto, iria procurá-la até a encontrar e ver que ela se erguera, assente nos dois pés antes de ele partir. Talvez o medo dela do casamento estivesse ligado a uma grande mentira vivida, e talvez não, mas, fosse como fosse, não era altura para ela lidar com o relacionamento que tinham. Harri teria de se encontrar a si própria novamente antes de ir ao encontro dele, e ele tinha esperança e rezava por isso. James esperaria por ela, pelo menos foi o que disse a si próprio, sendo que seria a única forma de poder dizer adeus à devastada, vulnerável, atormentada, inocente e linda Harri.

James nunca comia fritos em Dublin. O pai fora um *junkie* de *bacon*, ovos e batatas fritas e tinha o colesterol alto, dois ataques de coração e um *bypass* por causa disso. Porém, quando estava em Wexford, gostava de cozinhar um pequeno-almoço com fritos. O talho da zona tinha salsichas de ervas de boa qualidade, uma morcela deliciosa e um *bacon* magro, com um cheiro a noqueira, que o fazia babar-se. Abdicara do seu pequeno-almoço de luxo nas três manhãs desde que chegara. Harri estivera demasiado doente para aguentar o cheiro a sangue de porco frito, mas na véspera ele sentira que houvera um avanço, conseguira que ela saísse da cama, de casa e que apanhasse o ar fresco e morno do dia. Passearam pela colina verdejante que levava às dunas de areia e à praia. A maré estava vazia, por isso, puderam caminhar em direção ao mar, em vez de ao longo das ondas. O ar fresco fustigou-lhes o rosto, fazendo-os corar, e entrou-lhes nos pulmões, ativando a respiração. Quando a maré começou a encher, apressaram-se na direção da colina coberta de ervas, onde se sentaram, contemplando o mar da Irlanda, olhando na direção de Gales.

– Desculpa – disse Harri. – Ando a dormir desde que chegaste.

– Isso é bom. Precisas de dormir. Parecias uma morta-viva.

– Era assim que me sentia.

– E agora?

– Agora estou melhor. Acho que voltei a ganhar capacidade cognitiva.

– Ótimo! – Ele riu-se. – Capacidade cognitiva é bastante importante.

– Pois é. – Ela sorriu e até se riu um bocadinho.

– Vais ficar bem – disse ele –, melhor do que bem.

– No instante em que te vi, senti-me logo melhor. Sei que não pareceu isso, mas senti-me.

Ele detetou uma vaga melancolia que o enervou um pouco. Não queria que a sua determinação ajudasse a mulher que amara a confundir isso com uma tentativa de reconciliação. Também desesperava por a não desiludir. Sabia demasiado bem o que era isso e ela já tinha sofrimento que bastasse. Precisava de esclarecer as suas intenções.

– Sabes, tu és provavelmente a mulher mais amável e melhor que conheci. Tens o hábito de pôr os outros à tua frente, por vezes em detrimento de ti própria. Sabes ouvir os outros e poucas pessoas o

sabem fazer. Dizes o que pensas e preocupas-te com os outros à tua volta mesmo quando te desiludem. Tens muita força. Não sabes isso sobre ti. Pensas que o George é o mais forte, mas não é... ele apoia-se em ti.

O sorriso de Harri desvaneceu-se e a luz fresca no olhar tornou-se algo mais sombria. Todos aqueles elogios só poderiam significar uma coisa – adeus. *Bolas*. Preparou-se, aguardando que ele acabasse.

– E desde que te conheci senti sempre que uma parte de ti estava um pouco perdida.

Ela ergueu a cabeça e olhou-o com curiosidade, diretamente nos olhos.

– E sabes o que quero dizer. Não me interpretes mal. Gostei sempre que estivesses como que à parte. Gostava da tua presença desajeitada, como se fosses uma convidada na tua própria vida, mas agora compreendo porquê. Compreendo porque nunca parecias à vontade na tua pele, porque não te encaixavas. Compreendo porque não conseguias casar-te comigo. Precisas de descobrir quem és, Harriet Ryan. Precisas de o fazer sozinha, e tudo irá correr bem.

Harri nada disse, mas sorriu e deu um beijo na testa da James antes de se levantarem e voltarem para casa.

Não chorou nesse dia nem nessa noite, quando depois de comerem a maior parte da refeição jogaram ao *scrabble* de palavras feias até de madrugada.

– Brecha não é um palavrão – argumentou James.

– Não é à primeira vista, mas tem potencial – replicou Harri.

– Potencial? – James não estava convencido.

– Está bem. – Ela suspirou e depois sorriu, fazendo-o também sorrir. Afastou o cabelo e piscou o olho, aguentando valentemente o sorriso. – Porque não vens cá e jogas ao «descobre a brecha»...

James atirou a cabeça para trás e desatou a rir. Corou também. Corou por causa do calor e não por qualquer embaraço e, se ela tivesse coragem ou presença de espírito, teria reparado que as calças dele ficaram um pouco mais apertadas. Mas não o fez. Em vez disso, mordeu o lábio e acenou concordando. *Um ponto*.

– Ganhaste! «Brecha» é uma palavra muito, muito obscena! – Ele riu-se, virando-se para a encarar e por um momento partilharam o olhar e depois tudo desapareceu.

Apesar de Harri se sentir à beira do choro, não cedeu às lágrimas porque não era justo para James, que a viera salvar depois de tudo.

Amo-te. Amo-te. Amo-te. Não te vás embora.

Não voltaram a falar no assunto. Em vez disso, ela concordou que estava na altura de voltarem à vida que cada um tinha. Afinal de contas, era apropriado, sendo que no dia seguinte seria o dia do fim da lua de mel que nunca haviam tido.

* * *

James chamou Harri das escadas, dizendo-lhe que o pequeno-almoço frito estava na mesa. Ela foi lá ter momentos depois. Tinha o cabelo molhado de ter estado mergulhado no estúpido lavatório, por o estúpido duche não ter força suficiente para retirar o champô.

– Só te pus um pouco no prato, mas há muito mais no fogão.

– Obrigada.

– Será talvez melhor partir cedinho – disse ele.

– Deves fazer isso. Eu vou mais tarde.

– Tens a certeza?

– Sim.

– Está bem.

James sorriu e começou a mastigar deliciado a deliciosamente pecaminosa morcela. Harri bebeu o seu café enquanto via que mensagens tinha.

Pai: «Quando te poderemos ver? Sabes alguma coisa do George?»

«Em breve. Ele está bem, pai, dá-nos tempo, sim?»

James gemeu um pouco ao introduzir o *bacon* estaladiço na boca. Abanou a cabeça.

– *Tens* de provar este *bacon*.

Ela sorriu-lhe, já que a alegria pura que ele retirava de um simples pequeno-almoço sempre a divertira.

Encontrava-se ainda muito zangada com os pais, mas não conseguia magoá-los. George ignorava-os, por isso ela podia fazer o mesmo. Estavam tão perdidos quanto ela. Sentia que conseguiria lidar com o relacionamento que tinha com o pai melhor por mensagem, pois receava que, perto dele, pudesse ceder ao impulso de lhe dar um murro. Ou isso ou cair aos pés dele e chorar até não ser nada mais do que um charco. Não preferia nem uma coisa nem outra. Precisaria ainda de mais tempo.

O telemóvel apitou.

Pai: «Obrigado por falares comigo. Temos saudades tuas.»

Agora apetecia-lhe abraçá-lo com força e dizer-lhe que tudo correria bem, mas não tinha a certeza de isso ser verdade e os sentimentos em relação a ele mudavam a cada instante, por isso não respondeu à mensagem. Não sabia o que dizer. Com George era mais fácil. Inicialmente não houvera contacto, mas nos últimos quatro dias sempre que acordava de manhã enviava uma mensagem.

«Amo-te.»

Era simples e direta e todas as manhãs, segundos depois, o telemóvel soava. George: «Também te amo.»

Era só isso, nada mais, nada menos, mas bastava por enquanto.

– Vais comer isso? – perguntou James, apontando para a morcela dela.

– Não – respondeu Harri, colocando o pedaço no prato dele.

– Vou sentir mesmo falta disto – disse-lhe James e ela notou que o lábio lhe tremeu, apesar de muito ligeiramente. Queria suplicar-lhe que ficasse com ela e ignorar o seu lindo discurso. Precisava dele. Não conseguia fazer aquilo sozinha. Funcionava agora apenas por ele estar ao pé dela. Se a deixasse, ficaria de novo em desespero.

– Por favor, não me deixes – proferiu ela.

James baixou o garfo.

– Harri – disse, abanando, triste, a cabeça.

– Por favor, não me deixes – repetiu Harri, as lágrimas prestes a irromper.

– Não – avisou ele.

– Amo-te. Tu amas-me – implorou ela.

– Não posso – respondeu James.

– Porque não? – perguntou alto, e o tom sugeria uma raiva a fogo lento que ela já não conseguia suster.

– Tu sabes a razão. – Ele tentou acalmá-la.

– Tretas! – ouviu-se ela gritar. *Ups! Perdi completamente a razão. Que se lixe, estou inspirada.* –

Se me amasses mesmo, ficarias comigo!

– Já fiz isso – disse ele antes de pigarrear. – Esqueces-te de que já fiz isso.

– Não compreendo.

– Não posso ser tua ama. Não posso ser aquele em quem te apoias enquanto tentas encontrar o que buscas. Já lá estive, já fiz isso, e foi um surfista qualquer na Austrália que teve os benefícios.

– Eu não sou essa mulher – declarou Harri.

– Eu sei. Significas mais para mim do que ela algum dia significou, por isso, mais uma desilusão vinda de ti matar-me-ia. – Riu-se um pouco, mas tinha os olhos húmidos. – Talvez um dia quando estiveres refeita nos encontremos e depois, quem sabe?

– Não te posso ligar depois de hoje, posso? – perguntou Harri, por fim resignada ao desgosto.

– Não – respondeu ele. – Não, durante algum tempo.

– Está bem – concordou Harri, com lágrimas escaldantes correndo-lhe pelas faces. *Durante quanto tempo? Uma semana? Uma semana? Um mês? Um ano? Deverei procurar um período de tempo específico? Não. Maldição. Diz qualquer coisa. Impede-o.*

– Tenho de ir – disse ele, levantando-se e deixando o resto do pequeno-almoço.

– Está bem – respondeu ela. *Oh, meu Deus.*

A mala dele estava na entrada da casa. Harri acompanhou-o até à porta. Via bem que ele estava quase a ir-se abaixo, mas não podia, não à frente dela. Agarrou-o e abraçou-o muito e as lágrimas que chorou molharam o ombro dele. *Vai-te abaixo. Por favor, vai-te abaixo. Vai-te abaixo e fica.* Ele apertou-a muito e a cabeça de Harri desapareceu no seu peito, molhando de lágrimas a parte da frente da camisa. *Ele não se vai abaixo.* Permaneceram em silêncio até ele a soltar. *Ele não vai ficar.*

James abriu a porta e saiu no seu fato molhado, deixando a mulher por quem suspirava destroçada, e percorreu em passo determinado o jardim de erva demasiado crescida até ao carro. Entrou e partiu.

Harri sentou-se no degrau da casa de férias que ambos tinham comprado em Wexford, derramando lágrimas até não ter mais. Horas depois, quando o céu da noite surgiu, dentro de casa, Harri Ryan fazia uma coisa que era o contrário do que qualquer pessoa esperaria dela. Destruía tudo, partindo tudo o que via à frente, usando o taco de golfe do ex-noivo. *Forte, um raio. Bondosa, uma ova. Boa ouvinte, uma merda. Perdida, uma porra. Sozinha, um raio. Merda de James. Merda de meu pai. Que se lixe a minha mãe. Que se lixe o padre Ryan. Que se lixe tudo e todos!* Parou ao puxar o lavatório da parede. *Merda para mim, perdi de novo o juízo.*

Deixou a *cottage* antes arruinada e agora completamente vandalizada pouco depois da uma hora, de mala na mão, e nem sequer lhe ocorreu olhar para trás. *Não vou chorar mais.*

* * *

George dormia no banco do passageiro de um carro descapotável alugado e sob um belo céu de veludo azul. Aidan concordara amavelmente em conduzir a maior parte do caminho através do Noroeste de Itália, poupando assim o companheiro, que estava exausto devido a tanta negociação. George incutia sempre algum pavoneio ao seu comportamento em situações de negócios. Achava que era uma função importante no jogo das vendas. Talvez tivesse razão, talvez não, mas, fosse como fosse, não havia ninguém tão arrogante no gingar como George Ryan. Aidan dizia muitas vezes que era uma das coisas que primeiro o haviam atraído, porque quando George o fazia parecia o James Dean. Infelizmente para Aidan, quando tentava imitar o amante, parecia apenas precisar de um

substituição de anca.

– Sou demasiado leve nos pés – queixava-se. – Não tenho peso ao andar.

George sorria, concordando, mas fora rápido a salientar que isso fazia dele melhor dançarino. Aidan concordou que era sem dúvida melhor dançarino, e devia ser mesmo, depois de trabalhar muitos milhares de horas na adolescência a ver o Footlose e a ensaiar os movimentos. Até ao presente, as suas interpretações de «Footlose» e «Lets Hear It For the Boy» eram perfeitas. George não dançava. George não fazia nada em que não fosse bom.

Em breve saíram da área de Piemonte, depois de fecharem um negócio para vender *Barolo*, o que, de acordo com George, era o melhor vinho italiano. Aidan não sabia nem se interessava muito por uma coisa ou outra, apenas estava contente por ver um sorriso nos lábios do companheiro. O mapa nos joelhos de George revelava que o destino deles não ficava assim tão longe, o que era bom, porque o encontro do *Barolo* levava tempo e tinham menos de uma hora para chegar a tempo à segunda e muito importante reunião sobre o *Barbaresco*, para garantir a comercialização do vinho de qualidade, mas mais acessível. Aidan estava satisfeito ao ver George naquele novo trabalho, pois afastava-lhe o espírito das preocupações familiares. Contudo, a cada dia que passava, ficava mais preocupado com a determinação de George em ignorar os pais e os problemas que os atingiam a todos. George podia ser muito frio. Não respondia às súplicas dos pais. «Merecem-no», declarara ao jantar na noite anterior. Aidan discordou. George recusou-se a falar. Aidan mudou de assunto a fim de não aguentar o silêncio insuportável e mal-humorado de George. Ficou aliviado por George não descarregar a sua irritação sobre Harri. Pelo menos mandava-lhe mensagens. *Pobre Harri*. Aidan gostava muito da irmã do amigo e em tempos de crise na relação apoiava-se muitas vezes nela, para o ajudar a encontrar o caminho de volta para o difícil homem que amava. Podiam não ser do mesmo sangue, mas Harri conhecia o irmão melhor do que ninguém. Isso não mudaria, Aidan tinha a certeza, mas tudo o resto estava instável. Queria ver Harri, para perceber o que iria na sua cabeça. Queria ouvir a voz dela, para saber que ela se encontrava bem, mas não lhe telefonaria até chegar a casa, no dia seguinte. George não suportaria falar com a irmã até pensar no que lhe diria, por isso não seria justo para ele ouvir um telefonema entre Harri e Aidan. Pelo menos foi o que Aidan disse a si próprio. Talvez, lá no fundo, embora sentisse a falta da amiga, estivesse inseguro a respeito do que lhe dizer como seu irmão. Afinal de contas, apesar de George ter sido enganado, ele ainda era um Ryan. Quem seria Harri então?

Aidan bebeu um copo de vinho ao sol, contemplando a vista do pátio de pedra da *villa* para o caminho ladeado de árvores que levava à vinha. A folhagem colorida ondeava à brisa ligeira, captando-lhe o olhar, e o tempo passou rapidamente. Estava tão quente que Aidan receou queimar o nariz enquanto desfrutava do calor que passava pelas sandálias da pedra quente para os seus pés. George saiu da cave, triunfante. Dirigiu-se para Aidan, desapertando a gravata e balançando a mala de um modo que fazia lembrar um rapazito de escola no último dia de aulas.

Mais tarde, sentados no comboio que os levaria do Noroeste de Itália para o Nordeste até Verona, iam sentados frente a frente, virados para a janela, apreciando a paisagem e descansando. Passariam a noite num pequeno e pitoresco hotel antes de George falar com um homem sobre vinho espumante e depois a seguir a um almoço sem pressas iriam para o aeroporto e para casa. Pelo menos, era esse o plano.

Jantavam, mais tarde ao ar livre, sob um céu alaranjado quando George admitiu a sua intenção de ficar em Itália.

– Não compreendo – respondeu Aidan, algo alarmado. – O plano é...

– O plano era. Decidi ir para a Toscana e ir buscar uns *Chiantis* decentes, depois continuar até ao Sul de Itália.

– Espera aí! Tinhas dito que o Sul de Itália nada tinha para oferecer a não ser maus vinhos borbulhantes.

– Não, o que eu disse foi que pouco mais tinha que maus vinhos borbulhantes. É desse «pouco» que vou à procura.

– Estás apenas a evitar confrontos.

– Não comeces.

– Então vem para casa. Está na altura.

– Estou a tentar tratar de negócios aqui, caso não te tenhas apercebido.

– Podes arranjar meia dúzia de *Chiantis* pelo telefone.

– Aidan, aprecio imenso que tenhas feito esta viagem, mas também apreciaria se me deixasses viver a minha vida.

– És tão egoísta. Os teus pais estão a passar por um inferno e a tua irmã precisa de ti.

– Os meus pais merecem passar por esse inferno e a Harri, bem, ela compreende-me e não vai tentar mudar-me.

– Não como eu – proferiu Aidan, fazendo um gesto de assentimento. – Voltamos sempre ao mesmo, não é?

– Sim, suponho que sim – retorquiu George antes de beber do copo.

– Por vezes odeio-te.

– Então volta para casa! – atirou-lhe George e desapareceu rua abaixo. Nessa noite, não voltou ao quarto, preferiu reservar um quarto individual.

Aidan passou uma noite inquieta sozinho antes de se pôr a caminho do aeroporto e voltar a casa. *És mesmo um sacana, George, e já não sei se conseguirei aguentar mais isto.*

* * *

Harri acordou com a campainha da porta a tocar. Levantou-se, sabendo instintivamente que seria a mãe ou pelo menos a mulher que fingira ser sua mãe. Abriu a porta e viu Gloria, pálida, magra e frágil.

– Olá, minha querida – disse Gloria.

– Olá m... ãe. – Harri hesitou na palavra mãe.

A mãe retraiu-se.

– Será que me ofereces um café? – perguntou, fingindo um sorriso enquanto tentava conscientemente manter as mãos afastadas do pescoço.

Gloria foi atrás da filha até à cozinha e sentou-se à bancada enquanto Harri preparava o café.

– Como foram as coisas em Wexford? – perguntou então.

– Um inferno.

– Pois. Achei que fosse assim.

Harri parecia não conseguir sentar-se quieta. Em vez disso, pôs-se a regar as plantas na janela, a limpar o balcão ou a arranjar o banco.

Após um longo silêncio, Gloria disse:

– Deves ter perguntas a fazer.

– Milhões delas – admitiu Harri –, mas não sei se estarei preparada para as respostas.

Deu à mãe uma caneca e serviu-lhe o café, que não estava ainda pronto para ser servido. Gloria não se queixou.

– Deixas-me explicar a minha parte nisto tudo?

Harri fez um gesto de assentimento. A mãe parecia tão vulnerável e assustada e ela sabia que a mulher tinha o coração mergulhado em sofrimento.

Gloria respirou fundo. Fechou os olhos durante um instante ou dois e quando os abriu começou a falar.

– Eu estava louca de dor. Tive uma menopausa súbita. Na década de setenta, não existia a mesma compreensão que há agora, não havia as mesmas terapias e não podíamos falar dos nossos sentimentos ou sequer dizer que não estávamos bem. – Respirou fundo outra vez e sorveu mais um gole do horrível café. – As primeiras semanas, quando estive internada em psiquiatria, fizeram-me sentir que era um risco para mim própria e talvez para o George. Talvez fosse. Não me recordo muito do que se passou. Contudo, lembro-me das salas do hospital. Estavam cheias de mulheres. Algumas mais velhas, outras da minha idade, na casa dos trinta, e havia uma adolescente... chamava-se Sheena. Recordo-me de pensar na altura que era um nome bastante exótico. – Respirou fundo novamente antes de arranjar a saia e limpar a boca.

Harri estava em pé junto ao balcão, silenciosa.

– A coitada da Sheena tinha tentado suicidar-se nove vezes. Só tinha dezoito anos. Era um amorzinho, mas consumida por uma terrível escuridão que é preciso viver-se para se conseguir explicar, por isso nem sequer tento. A Sheena e eu dávamos passeios juntas em volta do corredor, em círculos. Por vezes conversávamos e outras andávamos em silêncio. Eu conhecia-a havia três semanas quando a mãe dela lhe trouxe algumas coisas da loja perto dali: chocolate, pasta de dentes, uma revista. Uma hora depois de a mãe se ter ido embora encontraram a Sheena morta na casa de banho... asfixiou-se no saco de plástico.

– Meu Deus! – exclamou Harri, perdida na terrível tragédia da pobre rapariga.

– Eu saí do hospital no dia seguinte – continuou Gloria. – Não consegui ficar lá depois daquilo, de modo nenhum. O Duncan levou-me para casa, para junto do George e da avó, mas eu não estava bem. Vivía encharcada em comprimidos enquanto a avó fazia de mãe para o George e o Duncan ficava até tarde a trabalhar. Então, um dia, veio aquele telefonema e pouco depois o Duncan trouxe-te para casa e pôs-te no meu colo. Não me lembro do que disse. Recordo-me de que não queria olhar para ti nem tocar-te. Estava horrorizada que ele tentasse substituir a minha menina, mas depois tu sorriste para mim e ergueste a mãozinha para a minha e agarraste no meu dedo e tinhas tanta força! Amei-te nesse instante. Sabia que me tinhas sido enviada. Levei algum tempo a recuperar, mas esse foi o primeiro dia em que soube que recuperaria.

Gloria sorriu à filha tristemente.

– Deveríamos ter-te dito e íamos dizer-te quando fosses mais velha, mas o tempo passou e tornou-se mais difícil, até que nos convencemos de que não era realmente importante. Estávamos enganados. Sabemos que nos enganámos e lamentamos muito, muito.

– Mãe – disse Harri, e a mãe suspirou e sorriu.

– Sim, minha querida.

– Fico contente por achares que te salvei. Só gostaria que tivesses pensado em fazer o mesmo por mim.

O sorriso de Gloria esmoreceu.

– Não compreendo.

Harri abanou tristemente a cabeça.

– Sabias que eu sentia que não me ajustava todos estes anos. Sabias disso e no entanto deixaste-me pensar que havia alguma coisa de mal comigo.

– Não, querida, juro que não.

– Pois, mãe, mas fizeste. Eu merecia a verdade, deverias ter sido honesta. Talvez, se o tivesses sido, eu tivesse casado ou talvez não, mas pelo menos saberia quem sou e a razão do meu estado mental.

– Tu és a Harriet Ryan. Não tens nenhum problema mental e és minha filha.

– E no entanto pareces-me uma estranha.

– Oh, Harri! – exclamou a mãe, chorando.

– Lamento, mãe, preciso de ficar sozinha agora.

A mãe levantou-se da cadeira.

– Compreendo – disse e, sem mais palavra, saiu.

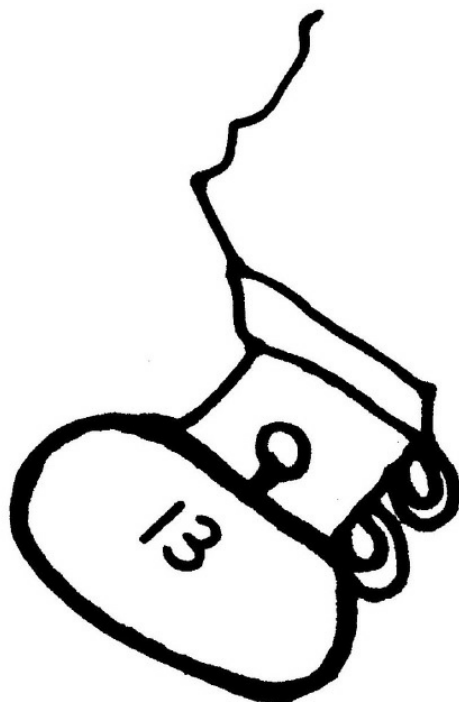
Depois disso, Harri ligou a lareira elétrica porque, apesar da noite amena, estava gelada até aos ossos. Abriu uma garrafa de vinho tinto, um que George provavelmente descreveria como uma zurrapa, ligou o televisor e ali ficou a ver programa após programa. *Adeus antiga vida, olá, vegetal no sofá.*

26 de junho de 1975 — quinta-feira

Foi uma longa semana. A *Betsy* adoeceu com cólicas e juro que pensei que ela iria morrer. O Matthew e eu ficámos com ela. Mas devo começar pela segunda-feira. O Matthew vestia um blusão de cabedal novo que o pai lhe comprara em Monte Carlo. É mesmo giro — parece o Fonzie, da série *Happy Days*, mas muito mais giro. De qualquer maneira, com o blusão veio uma loura, Giselle qualquer coisa. (Acho que é francesa ou se calhar alemã ou holandesa.) Parece da nossa idade, mas o Matthew diz que tem vinte e seis anos. O pai dele levou-a a viver lá para casa. Fazem um par estranho. O Matthew não está muito interessado em falar disso, diz que é mais uma numa longa lista e que em breve ir-se-rá embora. Contudo, ela é mesmo muito bonita. Quem me dera ter o aspeto dela. Assim chegou a terça-feira e depois do trabalho fui ver a Sheila, que não estava em casa, e a mãe dela teve vergonha de me dizer onde se encontrava e até ficou corada, e o pai dela disse-me que fosse para casa, o que foi estranho porque normalmente é uma pessoa amorosa. Ia a caminho de casa quando encontrei o Dave, que me disse que ela estava no hospital, a levar soro... eu não sabia o que aquilo queria dizer, por isso ele contou-me que a Sheila roubara vodka do bar e que ela e o Dave tinham ido para o castelo beber. Obviamente, a Sheila bebeu mais do que o Dave, e assim ficou muito mal, e ele acabou por ter de a levar ao hospital!!!! Ele diz que está metido em grandes sarilhos em casa e que os pais da Sheila não o deixam voltar a vê-la. Senti pena dele. Quer dizer, ela roubou a bebida, bebeu a maior parte e ele levou-a ao hospital — deviam era estar-lhe gratos. Os adultos são uns idiotas. O Matthew veio ter comigo mais tarde (fico sempre envergonhada quando ele vê a minha casa — sou mesmo uma campónia comparada com ele) e fomos visitá-la quando a costa ficou livre. Teve piada esgueirarmo-nos lá para dentro e, sejamos sinceros, conheço o sítio suficientemente bem para o conseguir. Quando a mãe da Sheila se foi embora, o Matthew e eu entrámos e a Sheila começou a chorar. Tive mesmo pena dela. Tinha uma coisa preta na cara e disse que a mãe não a deixava lavar aquilo e que dissera às enfermeiras que deixassem aquilo assim. Estava na cama com uma agulha enfiada na mão. Disse-lhe que a levaria à casa de banho e que a ajudaria a lavar a cara. Não me importa o que diz a mãe dela. Ela não queria — disse que sentia demasiado enjoada. Tinha tremuras como o velho Jeffers, só que minha a mãe diz que ele tem Parkinson e que deve morrer em breve. Triste. Gosto dele. A Sheila teve alta do hospital na quarta-feira, mas não é a mesma desde então. Fui à cabina telefónica na cidade algumas vezes para lhe ligar, mas a mãe diz que ela não está autorizada a falar ao telefone. Deve parecer a prisão estar de castigo fechada em casa no

verão. Quem me dera que tivéssemos telefone em casa, porque subir a cidade de cada vez que quero ligar a alguém é um pesadelo.

De qualquer maneira, voltemos à *Betsy*. Na noite passada o Matthew apareceu para me dizer que ela estava com cólicas e bastante mal. Voltei aos estábulos com ele imediatamente. Pobre *Betsy*, estava mesmo doente. Henry disse que ela tinha o bater do coração acelerado, o que era mau. Via-se bem que estava cheinha de dores, suave e rebolava. Apeteceu-me chorar, mas não o fiz porque não queria ser uma idiota por causa disso. Henry deu-lhe parafina em óleo que disse que atuaria como laxante, o que no fundo queria dizer que ela iria fazer cocó em todo o lado. Deu-lhe um chá calmante, mas não pareceu que lhe aliviasse as dores. O Matthew e eu ficámos com ela, apesar de já passar das onze da noite e a mãe me ter avisado que estivesse em casa por essa hora. Não me importei. Não ia abandonar a *Betsy*. Logo a seguir à meia-noite a merda começou a sair dela como nunca visto. O Matthew e eu saímos do estábulo mesmo a tempo. Ela continuou a evacuar durante uma hora e depois pareceu melhorar. Cheguei a casa depois da uma da manhã e pensei que a mãe me mataria, mas ela nem reparou!!!! Deve ter ido para a cama cedo. Obrigada, meu Deus. O Matthew e eu não nos beijámos enquanto a *Betsy* esteve mal, mas beijámo-nos ao longo de todo o caminho até casa. Acho que me poderia apaixonar por ele. Acho que talvez já esteja. Amanhã à noite vamos à feira. Gosto imenso da feira, especialmente dos carrinhos de choque. Às vezes, quando estou ao volante de um carrinho desses, sinto-me como se guiasse um carro verdadeiro e sou uma adulta e que parto na direção do pôr do Sol, livre para encontrar o meu caminho no mundo. Mal posso esperar por poder mesmo conduzir. Mal posso esperar por viver mesmo. Vamos tentar ajudar o Dave a soltar a Sheila. O Matthew vai levar o escadote! Mal consigo esperar!



Torres de alta tensão

A sala de espera estava vazia, com exceção de Susan e o seu decididamente distante marido, Andrew. Ele preferiu sentar-se do outro lado da sala, ao lado de uma mesa repleta de revistas que fingia ler interessado. *Céus, Andrew, não sou contagiosa.* Havia sido necessárias várias semanas de persuasão e toda a sua astúcia para o convencer a acompanhá-la. Apesar de ele ter permanecido teimoso e firmemente silencioso na presença dela durante seis meses, tirando a ocasional resposta monossilábica, e de ser óbvio que só dera o seu consentimento ao aconselhamento por dar, ou talvez para a fazer calar, e não por ter um verdadeiro interesse em salvar a sua relação, ela estava profundamente aliviada por ele ter por fim aquiescido. Dito isto, ela não tinha já muita esperança. Susan estava cansada de falar para uma parede e desesperada por uma conclusão do seu sofrimento de uma forma ou de outra. Gostaria que ele se sentasse ao pé dela, mas não pensou muito nisso. Em vez disso, concentrou-se na pintura grande na parede acima da cabeça desafiadora do marido. Naquela, um homem e uma mulher encontravam-se sentados em pontas opostas de um banco, ambos a olhar em frente, tristes. À primeira vista pareciam completamente à parte, estranhos até, mas observando melhor via-se que, embora a mão do homem estivesse junto ao seu corpo, o dedo indicador estava erguido e suspenso no ar, como se prestes a ir na direção da mulher, cuja mão jazia aberta e a aguardar. Susan olhou do quadro para o rosto de poucos amigos do marido. *Se eu tivesse a minha mão aberta, ele bater-lhe-ia.* Ele detestava tanto estar na presença dela, que parecia distraído, irritado, picado até. Perguntou-se por que razão não a abandonara. *Porque não te limitas a ir-te embora?* Porque a obrigara a guardar segredo? Ele não queria que Beth soubesse o que se passava. Essa era uma das coisas que ela esperava que a consulta no psicólogo lhe respondesse. *Ela vai odiar-me, não a ti.* Ele fora perentório. Fora tudo o que dissera nessa noite, seis meses e quatro dias antes.

– Não te atrevas a envolver a nossa filha nisto!

– Mas consegues perdoar-me? – implorara ela.

Fora nesse momento que ele deixara de lhe falar e o momento em que a relação acabara de vez. Só restava uma ilusão. Encontravam-se presos numa espécie de limbo atormentado. *Não me consegues perdoar?*

A porta abriu-se após alguns minutos e saiu outro casal, o homem dirigindo a mulher, ambos olhando inexpressivamente em frente, sem nada revelarem na atitude ou no rosto. Passaram mais alguns minutos. A porta abriu-se. Um homem no início da casa dos cinquenta anos com o cabelo grisalho sorriu a Susan e a Andrew.

Eles levantaram-se.

– Mister e Mistress Shannon? – inquiriu o homem em tom amável.

– Sim – respondeu Susan.

– Muito bem, entrem.

Seguiram-no para o interior do gabinete. A sala era maior do que se esperaria, mas Susan comentava muitas vezes que as salas nas casas jorgianas eram quase sempre maiores do que se esperava. Ocorreu-lhe momentaneamente que os jorgianos podiam não ser conhecidos pela sua propensão para a higiene pessoal, mas tinham o luxo dos espaços. Sorriu para si própria. Andrew lançou-lhe um olhar furioso a sugerir que não toleraria nada que se aproximasse do otimismo. Ela deixou de sorrir. Não havia sinal de um sofá. Em seu lugar, duas confortáveis cadeiras em frente de uma secretária antiga de mogno a condizer com um cadeirão de mogno forrado a pele. *Pelo menos, ele tem bom gosto.*

Andrew reparou que as cadeiras estavam suficientemente afastadas de modo a negar a necessidade de contacto físico. *Ótimo.*

O homem sentou-se e sorriu-lhes.

Susan tentou fazer o mesmo, mas por alguma razão o lábio ficou preso nos dentes da frente, dando-lhe, tinha a certeza, um aspeto bastante assustador.

– Então, primeiro, permitam-me que me apresente. Sou Vincent Mayers.

– Olá, Vincent – disse Susan, enquanto tentava mentalmente injetar saliva na boca seca como um deserto.

Andrew nada disse, concentrando-se no documento emoldurado que indicava que o homem à sua frente tinha um doutoramento. *Será necessário mais do que isso.*

– Então, vamos lá diretos ao assunto... porque vieram aqui? – perguntou Vincent em tom amável.

Silêncio.

Vincent fez um gesto de assentimento.

– Que tal começarmos por si, Susan? Por que razão veio cá?

Susan esbugalhou os olhos, em choque, pois não esperara que fosse de imediato posta na ribalta. Pensara que ele começaria devagar, talvez para os conhecer um pouco com uma pequena conversa. Perguntaria como se tinham conhecido. Essa era uma grande história. Ou perguntaria se teriam filhos ou não, e poderiam falar sobre Beth e como ela ia bem na escola e que linda voz tinha, ou há quanto tempo estavam juntos. Acontecia muita coisa em vinte e seis anos – podiam ter conversado um bocado sobre a passagem do tempo. Ou até um assunto ainda mais básico como o tempo, especialmente por fazer tanto calor no meio de maio, ou o facto de o Ballet Kirov ter um espetáculo no The Point nessa mesma noite, mas nunca decerto nada tão direto como perguntar-lhe a razão de ali estar.

Porque estou eu aqui? Oh, meu Deus, sinto-me mal. Tinha o estômago seco, talvez de forma terminal, e a pergunta do psicólogo teve o efeito de lhe varrer a mente antes ocupada. Outro silêncio.

– Andrew?

Andrew nem sequer fingiu dar importância, continuou a olhar inexpressivamente em frente.

Vincent fez um gesto de assentimento para si próprio e recostou-se. O silêncio pairou na sala. Andrew olhava para a janela, agindo como se estivesse calmo, mas as mãos apertadas sobre o colo indicavam que não se sentia tão à vontade quanto fingia. A mulher estava agitada, movendo demasiado as mãos, como se procurasse um lugar onde as pousar. Suava, a julgar pelo lábio arrebitado de forma involuntária, tinha a boca seca. Vincent ofereceu-lhe água, depois recostou-se e recomeçou a observá-los.

Susan queria desesperadamente chorar.

Depois de ter passado o trigésimo terceiro minuto, Andrew olhou na direção dela, mas ligeiramente para a esquerda e para lá dela.

– Estás pronta para ir para casa agora? – perguntou.

Ela assentiu, triste, e saíram sem dizer mais palavra. *Acho que não há qualquer hipótese de um reembolso.* Seguiram em carros separados. Susan não se sentia preparada para voltar para casa em silêncio, em vez disso andou a conduzir às voltas pela cidade, sem rumo, apenas orientada pelos sistemas de sentido único que as pessoas à sua volta achavam exasperantes. O rádio tocava, mas ela não ouvia nada. Recordava-se do passado recente e na sua mente regressava ao Hotel Shelbourne e ao quarto de casal no segundo andar.

A tarde ia a meio, estava-se no pico do inverno e ela tremia, sentindo uma carga erótica que esquecera que era capaz de ter. Um construtor chamado Keith aproximou-se dela, oferecendo-lhe um copo de vodca que fora desencantar a um bem servido minibar. Ela bebera tudo de uma vez e ele rira-se para ela e ela rira-se com ele, embaraçada por tremer tão visivelmente.

– Estou nervosíssima e não me digas que não tenho razão para estar nervosa – admitiu, enquanto se ria do seu próprio embaraço. *Sou pior do que uma estúpida rapariguinha de escola.*

– Prometo. Amendoim? – perguntou ele, dando-lhe uma lata de amendoins, fazendo-a rir-se de novo.

Não é bem champanhe e morangos, mas, meu Deus, estou desesperada por ti.

– Obrigada, dispenso.

Ele esvaziou o copo, que ficou igual ao dela. Colocou-o no toucador e depois tirou-lhe o copo da mão. O coração dela palpitava tanto que fazia reverberar as suas entranhas.

– Já te disse como és espantosa? – perguntou ele.

Sacana mentiroso. Adoro isso.

– Lembro-me de o teres dito uma ou duas vezes.

– Já te disse como me fazes sentir?

Por favor, para de falar.

– Não tens de o fazer.

– És a melhor parte do meu dia.

Está bem, a sério, para de falar.

– Obrigada.

Ele tocou-lhe na mão e puxou-a para ele. Inclinou-se para um beijo elétrico e ela agradeceu momentaneamente a Deus ter no bolso secreto da mala um outro par de cuecas.

Por ironia alguém buzinou nesse momento, trazendo-a de volta ao presente e afastando-a da realidade erótica.

– Vê lá por onde vais, cegueta! – gritou um homem sem rosto ao passar por ela.

– Desculpe – balbuciou para si própria.

Encontrava-se em Baggot St., por isso estacionou o carro e dirigiu-se ao Bar Searson, que era o local da última ligação perigosa com o seu corpulento admirador. Não era para ser. Ela não queria que fosse, nem ele. Apenas se tornaram preguiçosos, ou talvez calculassem mal, ou o destino tivesse intervindo, ou poderia ter sido um simples azar – de qualquer das maneiras, fora um fim devastador, violento e abrupto. Estavam a beijar-se por cima da mesa, num canto sedutoramente sombrio, quando ela ouvira a voz de Andrew. Deixara escapar um pouco de chichi e afastara-se do beijo na direção

da voz que ela silenciosamente rezava para que fosse uma manifestação de culpa em vez de o seu marido da vida real. *Por favor, meu Deus, faz com que esteja a ouvir coisas.*

Ele ali estava à frente dela, no fato de trabalho, de pasta na mão, e havia um homem ao lado dele, um colega ou parceiro de negócios ou alguém que ela não conhecia.

– Susan?

Cada centímetro dela gelou. Andrew olhou da mulher para o colega; Tony era o nome de que ela se lembrava que ele lhe chamara.

– Tony, é a minha mulher, Susan.

Tony não proferiu palavra, mas o seu olhar chocado tudo dizia.

– E não sei bem quem este é – disse Andrew, olhando explicitamente para Keith.

Keith levantou-se. Com mais de um metro e oitenta e dois e robusto, tinha uma presença esmagadora, mas Andrew, mais baixo e magro do que o rival, deu-lhe um murro em cheio na cara. Keith não reagiu. Levava o soco com a elegância de um homem culpado. Andrew não esperou por discussão, lágrimas nem sequer desculpas. Virou-se e foi-se embora com o colega dois passos atrás. Keith sentara-se e esvaziara o copo enquanto esfregava delicadamente o olho.

Susan ficara em choque. Mantinha a boca aberta e estava muito quieta.

– Susan?

Ela acenou com a cabeça.

– Susan?

– Swords – balbuciou ela após uns momentos.

– Desculpa?

– Swords, ele disse que iria a Swords.

Ele suspirou, fazendo sinal ao empregado do bar que queria outra bebida. O homem acatou a ordem e Susan pensou que era simpático da parte dele não os mandar dali embora, baseado no facto de serem uns vis adúlteros, estúpidos ao ponto de serem apanhados e socados. Claro que no caso de Keith fora físico, mas mentalmente Susan sentia-se como se tivesse recebido um golpe do qual talvez não houvesse recuperação.

O empregado trouxe a bebida de Keith.

– Obrigado – agradeceu Keith.

– Lamento – disse Susan ao estranho. Ele sorriu-lhe e afastou-se. *Pelo menos terá uma boa história para os clientes habituais.*

Keith bebeu profundamente, quase inalando o copo.

– E agora?

– Agora, vou para casa e enfrento o meu marido – respondera ela.

– E eu?

– Tu vais para casa, satisfeito por ter sido o meu marido a apanhar-nos e não a tua mulher.

– Acabou tudo, não é?

– Oh, sim – ela quase se rira –, acabou mesmo.

– Lamento.

– Já somos dois. – Ela levantou-se.

– Acompanho-te ao carro – ofereceu-se ele.

– Não. – Ela abanou a cabeça.

O entusiasmo desaparecera, tudo o que sentira por ele minutos antes desaparecera num instante,

para ser rápida e nauseantemente substituído por um misto de receio, ódio por si própria e terror. *O que fiz eu?* Pegou na mala e foi-se embora. À porta do bar, voltou-se para olhar pela última vez para o construtor chamado Keith, que não olhava para ela. Estava perdido a olhar para o fundo do copo vazio e mais do que provável a contemplar a sua sorte.

Isso acontecera havia seis meses e quatro dias. Ela voltara para uma casa vazia, pois o marido fizera as malas com as coisas essenciais e partira sem uma palavra ou mensagem, só para voltar uma semana mais tarde e um dia antes de a filha regressar de uma viagem de esqui da escola. Dissera-lhe que voltara por amor à filha, e apesar de ela lhe suplicar e implorar, ele permaneceu frio, desinteressado, estoico. Não queria razões, explicações ou desculpas, não queria tempo, datas ou pormenores. De facto ele nada mais queria a não ser o silêncio, um silêncio torturante que durara dias, semanas, agora meses.

O Searson estava sossegado e ela sentiu-se grata pelo facto de o empregado e testemunha do escândalo em que se envolvera parecer não estar a trabalhar. Foi antes uma mulher que lhe serviu uma muito precisada vodca tónica. Foi sentar-se num recanto, passando deliberadamente pelo que fora cenário do princípio do fim do seu casamento. Sentou-se e pôs a mala junto aos pés. Afagou o copo antes de beber. Ia na segunda bebida quando ligou a Melissa, pedindo-lhe que fosse ter com ela. Ouviu a amiga hesitar, mas ela soava tão desesperada e chorosa que Melissa lhe disse que iria dali a uma hora. Assim, para não fazer má figura e embebedar-se, pediu comida. Quando estava a terminar, Melissa sentou-se à sua frente.

– Desculpa incomodar-te.

– O que se passa?

– Acho que o meu casamento está mesmo acabado – admitiu Susan pela primeira vez.

Melissa fez um gesto de assentimento.

– Então a consulta não correu como esperavas.

– Não se passou mesmo nada – disse Susan, suspirando. – Não consegui falar. Não consegui admitir o que fiz.

– E o Andrew?

– Ele não queria ir lá, de qualquer forma. Nunca me há de perdoar.

– E agora tens a certeza? – perguntou Melissa, com ar cansado. Não conseguia compreender como a amiga permitira que o marido a castigasse durante tanto tempo. *Ou ultrapassas isto ou sais disto.*

– Conheço-o. Estamos casados há vinte e seis anos. – Abanou a cabeça e suspirou. – Vinte e seis anos e agora quando olho para ele só vejo raiva e ódio. Ele nunca me deu a possibilidade de explicar. Por vezes acho que não será feliz até que não me veja completamente despedaçada. Não quer que as coisas melhorem. Só quero que tudo isto acabe.

Melissa afagou-lhe o cabelo.

– Não sei o que dizer.

Agradava-lhe que a amiga tentasse salvar-se mas fosse cuidadosa, para não exagerar. Ao fim e ao cabo, Susan falara muitas vezes sobre estar cansada de tudo aquilo. *Quem me dera poder acreditar em ti.*

– Nada a dizer. – Susan sorriu com amargura. – Quis aventura e drama na minha vida e, bem, tive as duas coisas, de certeza. – Bebeu outra vodca antes de levantar o copo para a empregada do bar. – O meu marido está determinado a que eu sofra. E sofro, mas, pelos vistos, não basta. – Depois de uma última bebida, aceitou que Melissa a levasse a casa. Quando chegaram, Melissa entrou com ela.

Pobre Susan, envelheceu seis anos em seis meses! Já sofreu bastante. Andrew, seu idiota!

Beth fora ao cinema com uma amiga. Andrew encontrava-se sentado à mesa da cozinha a ler o jornal.

Melissa foi a primeira a entrar. Andrew levantou-se.

– Melissa.

– Andrew.

– Não te esperava.

– A Sue precisou que eu a trouxesse a casa. Está na casa de banho.

– Oh. – Ele assentiu com um gesto de cabeça.

Ficaram ambos calados, embaraçados com a presença de Melissa numa altura tão delicada.

– Queres café? – perguntou ele após uns instantes.

– Não, obrigada.

– Chá?

– Não, obrigada.

– Água? – Ele sorriu-lhe.

– Não quero nada – retorquiu Melissa, irritada por ele conseguir sorrir-lhe enquanto era tão frio para a mulher, que lhe dera vinte e seis anos da vida dela. *Todos nós cometemos erros, Andrew. Tenho a certeza de que também não és nenhum anjo.*

– Senta-te – pediu ele.

Ela sentou-se, mais por hábito do que por desejar agradar-lhe.

– Andrew – proferiu passado um minuto.

– Sim. – Ele sorriu de novo.

Para de sorrir ou mato-te.

– Não acredito em intromissões no casamento dos outros. Deus sabe que tenho bastante com que lidar com o meu, mas o que estás a fazer com a Susan é deliberadamente cruel.

– O que sugeres? – perguntou ele com toda a calma.

– Sugiro que tentes remediar o assunto ou então que te vás embora.

Ele riu-se um pouco.

– É tudo tão fácil! – disse, com desdém, mas ela não lhe deu importância.

– Fala com ela.

– E que queres que eu diga? – Ele ria-se de novo e isso estava na realidade a aborrecê-la.

– Está bem, pronto. Porta-te como uma criancinha, mas porque não o fazes noutro lado?

– Esta casa é minha – observou ele calmamente e com um sorrisinho que indicava que pensava que o argumento dela nada mais era do que murmúrios sem sentido.

Nem te atrevas a sorrir.

– Então, deixa-a ir-se embora. Faz qualquer coisa, Andrew, porque o teu silêncio está a destruí-la! – Elevara a voz, demonstrando a fúria que sentia.

– Obrigado pela sugestão, Melissa, vou mesmo tê-la em conta – replicou, com um sorriso estúpido e firme plantado no rosto.

Provavelmente ligou o botão que dizia «lunática» na nuca de Melissa, porque ela perdeu a cabeça, – Sabes, Andrew, não admira que a Susan tenha tido um caso porque tu és um dos sacanas mais egoístas, egocêntricos e irritantes que conheço. És um gajo frio, virado para o dinheiro, que nunca teve tempo para a mulher. Então continua a castigá-la até decidires pôr fim a isto, mas, quando o

fizeres, espero sinceramente que ela te odeie o suficiente para te enfrentar. E se pensas que tudo isto é culpa dela, és mais estúpido do que alguma vez pensei!

Andrew parara de sorrir.

O coração de Melissa batia aceleradamente. *Oh, que treta, acho que falei de mais.*

Na casa de banho ouviu-se o autoclismo e Susan dirigiu-se para a cozinha.

– Chá? – perguntou ela a Melissa, ignorando o marido e a atmosfera densa que encontrou.

– Não, obrigada, Sue, vou-me embora.

– Oh. Está bem. – Susan assentiu com um gesto, triste por ter de passar mais uma noite sozinha.

– Obrigado por apareceres – disse Andrew num tom ligeiro e cantante, tentando recuperar da tirada de Melissa.

Sacana presunçoso.

– Vai-te foder, Andrew! – retorquiu ela, para choque de Susan, mas também para seu divertimento.

Susan riu-se durante o trajeto até à porta.

– Desculpa – pediu a amiga, envergonhada.

– Não sei o que se passou lá dentro, mas fico contente por teres dito aquilo. Vou viver com essa ajuda quatro semanas.

– É como se ele soubesse exatamente que botão ligar.

– É o dom dele. – Susan sorriu.

– Espero bem que te tenhas fartado.

– Eu também.

As duas amigas abraçaram-se e Susan depois fechou a porta.

Susan não falou com o marido e ainda se ria do que Melissa dissera enquanto enchia a banheira.

Muito bem, Andrew, faz como quiseses. Eu desisto.

29 de junho de 1975 — domingo

ELE voltou para casa. Na sexta-feira de manhã, quando acordei, estava lá. Ouvi-o lá em baixo a preparar o pequeno-almoço. Estavam os dois a rir. Senti vontade de vomitar. Não me apetecia sair do quarto. A mãe não parava de me chamar, mas só me apetecia chorar. Não fui trabalhar. Fechei a porta à chave e escondi-me debaixo dos cobertores. Ele voltou. Não consigo acreditar que ela o tenha deixado voltar. Odeio-a por isso. Quem me dera que o paizinho estivesse aqui. Preferia que tivesse morrido ela e me deixasse o meu pai. ELE não veio ter comigo. Bem sabe. A mãe disse-lhe que me desse tempo. Ouvia-a falar com ele sobre mim como se eu fosse uma causadora de sarilhos. Disse qualquer coisa que não consegui ouvir e ele riu-se. Odeio-os.

Não tinha vontade nenhuma de ir à feira, mas o Matthew trouxera o escadote para a Sheila, portanto, usou-o para subir até ao meu quarto. Deixei-o entrar porque não sei dizer-lhe que não. Só queria ficar sozinha, aliás, ainda nem sequer me tinha lavado, tenho a certeza de que cheirava mal. Ele percebeu que havia qualquer coisa errada. Não gosto de lhe mentir, por isso limitei-me a dizer «ELE voltou». Bastou isso. Ele abraçou-me durante imenso tempo. Desejei que pudéssemos fugir dali os dois. Disse-lhe isso também. Ele respondeu que talvez um dia o fizéssemos. Espero que sim. Espero que seja em breve.

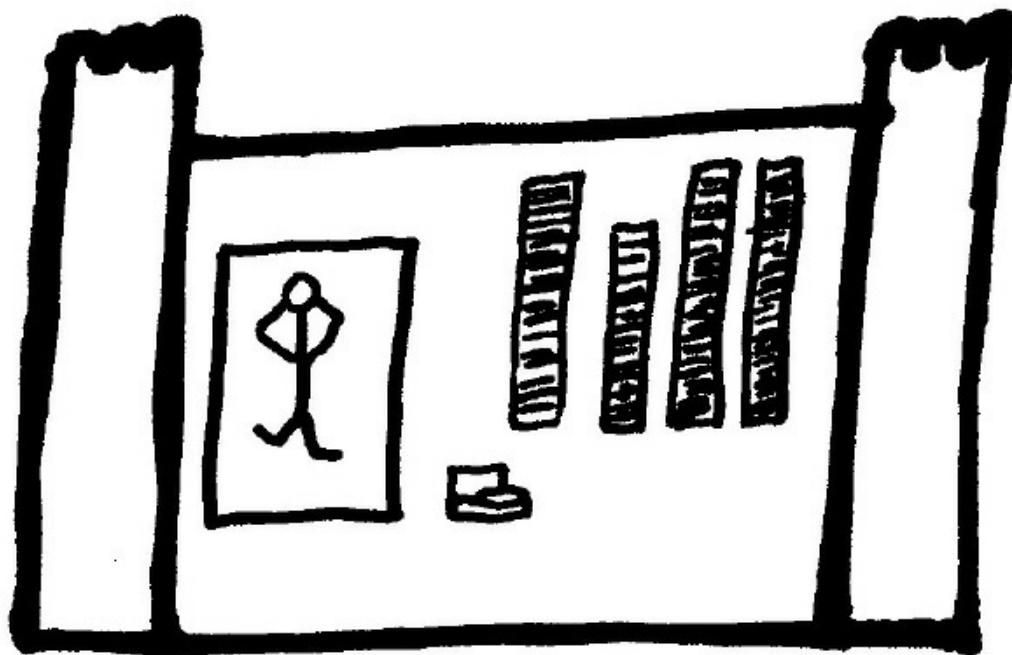
Convenceu-me a irmos à feira. Ainda bem que o fez. Foi estupendo. Encontrámos o Dave e quando a Sheila desceu pelo escadote todos lhe vimos as cuecas. Dave e Matthew riram-se dela porque tinham um coelhinho. Eu não disse nada porque as minhas tinham um sapo. Ela parecia um passarinho liberto da gaiola. Foi a dançar caminho fora até à cidade. Dave seguia-a, correndo, tentando agarrar-lhe na mão, mas depois de ter estado presa no quarto quase uma semana, ela precisava de liberdade. Já passava das nove quando por fim chegámos à zona da feira. É normalmente um descampado lamacento, vazio e deprimente, mas quando virámos a esquina ali estava, cheio de gente e de luzes vermelhas, verdes, amarelas e azuis, todas a

piscar ao ritmo de música alta e ritmada. Para toda a parte para onde olhássemos, havia carrinhos de choque, balouços, carrosséis, aviões, bancas de tirinhos, para atirar anéis, *roulottes* de batata frita, carrinhas de gelados — até havia um carrossel *Wurlitzer*! O cheiro a algodão-doce pairava por toda a parte, o que fez com que a Sheila ficasse um pouco maldisposta. Acho que ela ainda sofre de ter bebido aquilo tudo. O Dave ganhou um Scooby de pelúcia para a Sheila. O Matthew ganhou e deu-me um peixe, mas morreu no banco de passageiro de um carrinho de choque dez minutos mais tarde. Que descanse em paz. Contudo, o Matthew era um condutor ótimo de carrinhos de choque — mal conseguiam acertar em nós, apesar de o Dave quase se ter matado e à Sheila ao tentar apanhar-nos. O Matthew conduzia com uma mão e com a outra abraçava-me. A fila para a *roulotte* de batata frita era enorme, por isso optámos por um gelado, depois fomos até ao *Wurlitzer*. Ia morrendo, tão rápido era. Pensei que iríamos voar do campo. A Sheila vomitou. Não caiu nada para cima de mim nem do Matthew, mas vomitou a maior parte sobre o colo do Dave. Ele ficou mesmo muito irritado e limpou as calças com o Scooby de pelúcia, por isso, a Sheila também não ficou lá muito contente. O Dave levou-a a casa antes das onze porque ela estava com medo de ser apanhada se chegasse mais tarde. Eu não queria ir para casa; por isso, o Matthew e eu fomos sentar-nos ao pé do castelo a olhar para as águas escuras. Havia um carro estacionado bastante longe de nós com os faróis acesos, iluminando a água só num sítio. Ficámos ali sentados durante imenso tempo a conversar sobre os sítios onde gostaríamos de ir e o que queríamos ser. Perguntei-lhe se poderia ir para a América com ele se estivéssemos ainda juntos dali a um ano. Ele ficou muito contente e começou a fazer planos. Até vai telefonar para a embaixada americana! Então contou-me histórias sobre lugares onde estivera, descrevendo Nova Iorque como um sítio agitado, cheio de gente, fervilhante e elétrico, recordou-se do *campus* de Harvard, em Boston, as casas de tijolo vermelho e os pores do Sol alaranjados e sorriu ao falar de São Francisco, as colinas, os elétricos, o famoso Fisherman's Wharf e, ao longe, a imponente Alcatraz. Parece tudo tão espantoso. O Matthew já esteve na América muitas vezes e diz que lá é muito melhor do que cá. Disse que lá posso ser o que quiser, o que é ótimo, visto eu não saber bem o que quero ser, mas ele diz que hei de saber quando vir o que é. Já passava da meia-noite e eu ainda não queria ir para casa. O Matthew estava com receio de que a minha mãe desse cabo de mim, mas eu não me importava, por isso fui para casa com ele. O pai está fora com a «gaja dele»! Passámos por Devil's Glen e estava escuro como breu debaixo das árvores, apenas iluminado por uma perfeita meia lua nas raras clareiras. É estranho, mas antes não tinha reparado na Lua sobre a água, junto ao castelo!! De qualquer modo, não foi nada assustador, apesar de ouvirmos pequenos animais a rastejar pela vegetação rasteira. Nem sequer quero pensar no que poderiam ser. No fundo, além de ter tropeçado numa raiz e quase ter partido o joelho, foi romântico.

A casa do Matthew é incrível. A minha casa cabia só na sala de estar. O quarto dele está pintado de azul-escuro com o teto branco e uma porta de madeira branca, tal como as ombreiras das janelas. Tem quatro grandes pilhas de álbuns, tão altas que é difícil chegar ao cimo de uma delas, e um gira-discos mesmo muito bom no chão. A lâmpada na mesa de cabeceira tem uma luz vermelha! Como na feira. A cama é enorme, maior até do que a da minha mãe, e a minha é de certeza metade do tamanho. Contudo, foi bom — assim tínhamos os dois montes de espaço para nos estendermos. Falámos durante imenso tempo, com a luz vermelha acesa, e ele pôs uma banda que eu não conhecia a tocar no gira-discos. O disco estava riscado, por isso ele estava sempre a levantar-se, mas era uma banda mesmo muito boa. Beijámo-nos durante um bocado e abraçámo-nos e depois adormecemos. Foi mesmo muito bom. Sinto-me segura com ele. Espero que consigamos ir até à América. Deus abençoe a América!

Muito bem, agora no meu diário já estou na quarta-feira da semana seguinte. Tenho de arranjar um maior, mas isto é importante. Esqueci-me de dizer que na sexta-feira à noite a Sheila e o Dave fizeram amor atrás dos arbustos onde tínhamos escondido o escadote! Ela disse que não foi planeado, o que era bastante óbvio, vendo que foi num arbusto. Ela disse que não sabe o que lhes deu. Numa altura discutiam por ela ter vomitado no Dave e o Dave a limpar o vómito com o Scooby, depois estavam aos beijos, o que era habitual, e depois, ela não sabe, sentiu uma coisa, uma coisa nova. Pedi-lhe que explicasse, mas ela ficou corada e disse que não conseguia e que um dia eu iria perceber, o que era bastante condescendente para alguém que veste cuecas com coelhinhos. De qualquer maneira, ela disse que depois disso não conseguiu conter-se, e isso vindo de uma rapariga que jurou que nunca o faria até sair de casa, porque, se ficasse grávida, a mãe já a avisara que seria posta na rua. Falou a sério. A mãe da Sheila é muito religiosa e afirmou sempre que não viveria sob o mesmo teto de uma pecadora, o que tem a sua piada, porque não se importa nada de lhes servir bebida no *pub*. Agora a Sheila está cheia de medo de poder estar grávida, apesar de ter dado muitos saltos depois daquilo e achar que a maior parte do esperma dele saiu. Não é lá uma ideia muito agradável e algo que eu dispensava ter ouvido. Não sei se conseguirei olhar para o Dave da mesma maneira. Verei. De qualquer modo, ela também conseguiu ferir-se no joelho numa rocha afiada e rasgou as cuecas com o coelho. Conseguiu

chegar a casa pelas onze horas porque aquilo levou apenas cinco minutos. Ela acha que não voltará a fazer isso a não ser que esteja grávida — nesse caso pode fazê-lo o dia todo, todos os dias, à beira da estrada onde estará a viver! Mesmo que volte a fazer aquilo, duvido que seja ao ar livre. Tem estado enfiada na cama nos últimos dois dias com uma constipação terrível.



Eu sou eu e tu és tu

Ador de cabeça de Harri começou com a viagem de táxi até ao aeroporto de Dublin. A viagem que tivera de preparar apressadamente foi seguida de uma corrida louca pela alfândega e por alguns milhares de quilómetros de salas de embarque em aeroportos.

No caso de Harri, qualquer exercício, muito especialmente correr, fazia-a sempre suar imenso e ofegar. A sua entrada no avião, arquejante e ansiosa, causou vários olhares malévolos por parte de passageiros agitados que haviam tido a decência de embarcar a horas. A dor tão conhecida no lóbulo frontal devido à falta de oxigenação foi aumentada ao bater com a cabeça na tampa de um compartimento das malas que se abriu de forma misteriosa quando ela passou. Ao dirigir-se ao seu lugar, percebeu que estava prestes a ficar com uma dor de cabeça dos diabos. *Idiota*. Um homem com uma barriga de cerveja quase do tamanho de um monte encontrava-se entre ela e o seu assento. O homem resmungou, dando estalos com a língua, demonstrando a sua indignação com a ideia de por momentos ter de se levantar, sem falar em mover-se para o lado a fim de permitir à visivelmente tremente Harri, que ia pedindo imensas desculpas, ter acesso ao seu lugar estreito. Por vezes, as dores de cabeça de Harri davam-lhe vontade de vomitar e, ao encolher-se passando por ele, pensou que, se tivesse de vomitar, vomitaria mesmo para cima do homem. Uma vez sentada, com a cabeça enterrada no escuro refúgio do colo, congratulou-se. *Que raios, consegui. Nem acredito que consegui*. Tinham passado apenas três horas desde que recebera o SOS de George e o voo da Ryanair para Bérgamo era o único que lhe permitiria chegar a Sirmione nesse mesmo dia.

O voo foi desconfortável, sobretudo por causa de dor de cabeça terrível, mas também devido ao facto de ter tido tempo apenas para atirar algumas coisas para dentro de uma mala, agarrar no passaporte e partir com a roupa que tinha vestida. Infelizmente, como estivera antes numa reunião de negócios com Susan, calçava sapatos de salto alto e, depois de correr quilómetros que serviriam para se qualificar para as Olimpíadas, estavam tão colados aos seus pés que talvez tivessem de ser cirurgicamente removidos. O gosto desagradável da sandes e do café pelos quais recebera pouco troco de vinte euros forçou-a a incomodar de novo o homem da barriga de cerveja para poder passar algum tempo na casa de banho a bochechar elixir. Arranjou-se o melhor que pôde antes de voltar ao seu lugar e ao seu corpulento némesis. Ele corou um pouco quando a viu e ao levantar-se bufou. *Vai-te lixar, gordalhufó!*, pensou Harri, e não era normal ela ser tão desagradável, mas vivera algumas semanas difíceis e o homem que se encontrava no assento 13D era claramente um idiota.

Três horas mais tarde, armada com um mapa do aeroporto e os horários dos transportes, abriu caminho para a saída mais próxima, de rosto virado para o chão e como que com duas palas nos olhos, evitando todos os funcionários que pudessem procurar alguém para ajudar, *vai-te embora, vai-te embora*, até chegar ao local desejado. O autocarro dizia Sirmione na frente. Deu ao condutor do

autocarro o dinheiro exato da viagem como vira online. *Obrigada, meu Deus, pelo euro!* Seguiu no autocarro a caminho do lago Garda e da minúscula ilha de Sirmione sem ter de interagir com um único italiano. Suspirou. *Muito bem, estou bem. Está tudo bem.* Uma mulher ao lado dela sorriu e fez um ligeiro movimento com a boca indicando que estaria prestes a entabular conversa com Harri. *Oh, meu bom Deus, uma estrangeira conversadora! Vai-te embora. Não compreendo.* A mulher ou tinha um tique ou então decidiu não falar com a lunática que agora olhava fixamente para o chão com a cabeça quase no colo. O autocarro era pequeno e tinha ar condicionado e, apesar de custar mais do que o voo, Harri estava contente por pagar qualquer preço de modo a evitar o cenário de aviões, comboios e automóveis. Harri não gostava de viajar. De facto, nas poucas vezes em que saía do país, para viajar para o abismo que achava que o estrangeiro era, fora para se ir encontrar ou para salvar o homem que até recentemente pensara ser seu irmão.

George insistira em que celebrassem juntos o aniversário dos vinte e um anos, apesar de se recusar a sair de Cape Cod, por isso, Harri e os pais tinham viajado até onde ele estava. Antes, com dezoito anos, apanhara um avião para Biarritz, onde ele se encontrava a participar num concurso de surfe apesar de ter sido proibido de ir pelos pais, visto ter exames à vista na altura. George partira um tornozelo e precisara de pedir as poupanças da irmã para pagar a conta do hospital, além de necessitar do ombro dela para se encostar enquanto entrava e saía de aviões. Os pais estavam fora, numa segunda e prolongada lua de mel de seis semanas na Austrália, e na altura em que regressaram à Irlanda já tudo se passara, e eles nunca souberam da desobediência do filho nem do tornozelo partido. Uma vez tivera de ir a Veneza a pedido dele. George rompera com o primeiro amor, um homem chamado Jeffrey Moon. Sentia-se desesperado. Mr. Moon estava-se nas tintas para George, mas antes de perceber esse triste facto, George apaixonara-se por ele. Jeffrey era dez anos mais velho do que George e viu-o como um romance passageiro. Rompeu com George lenta e dolorosamente abrandando as coisas e só dormindo com ele quando estava excitado ou aborrecido. George tentou agradar e apaziguar o homem, acreditando que, se se comportasse de certo modo, usasse determinado perfume ou se vestisse de certa maneira, o teria de volta. Por fim, quando Jeffrey encontrou outra pessoa da sua idade, e mais a seu gosto, cortou as amarras e, ao fazê-lo, partiu uma pequenina coisa no coração de George que ainda não sarara. Harri acompanhou o irmão a Veneza e abraçou-o como a uma criança durante quatro dias, enquanto ele chorava ininterruptamente. Chorou no Museu Ca Rezzonico. Chorou na Praça de São Marcos e na Ponte dos Suspiros. Harri dava-lhe a mão. Chorou em frente da Basílica de Santa Maria, quando um velho e distinto cavalheiro italiano se aproximou deles, manifestamente cativado pelo jovem sem medo de revelar o seu coração destroçado a estranhos. Parou e fitou George com os seus olhos castanhos e pegou-lhe na mão livre.

– *Perché piangi in una giornata così bella?* – perguntara o velho.

– *Il mio cuore è spezzato* – respondera George.

– *Guarda verso il cielo* – pediu o velho. George olhou para os céus.

Harri olhou também. *Para que raio estará ele a olhar?*

– *Ora chiudi gli occhi e senti il suo calore* – disse o italiano, e curiosamente George fechara os olhos e pareceu deleitar-se com a luz do dia, enquanto a sua mão descansava na do italiano e o velho cavalheiro falava com voz rouca.

Harri ficou a olhar em volta, perguntando-se o que estaria a acontecer. *Isto não passa de uma grande má educação.*

– *Oggi puoi pure piangere, ma domani starai meglio* – disse o italiano, sorrindo.

– *Sei sicuro?* – perguntou George.

– *Così sicuro come che io sia il cielo ed il sole.* – O homem deu uma palmadinha no ombro do irmão de Harri e foi-se embora.

Depois deste incidente, George parou de facto de chorar, até conseguindo subir a escada de ouro e visitar o palácio do Doge sem uma lágrima. A sua resolução falhou-lhe mais uma vez, nessa noite, ao comer uma piza particularmente saborosa que o fez recordar-se da altura em que apanhara uma alergia parecida com urticária e Jeffrey Moon tratara dele com as suas loções e poções ao longo de um fim de semana inteiro.

Harri preferira não perguntar o que o velho senhor italiano dissera ao irmão e, anos mais tarde, haveria muitas vezes de refletir se as palavras dele teriam sido tão espirituais como o tom indicava ou se ela ficaria desapontada pela possibilidade de uma resposta mundana, especialmente por ter sido claro, pelo modo de andar e conduta, que o velho cavalheiro bebera um copo de vinho a mais ao almoço – bem, ou isso ou então sofria de alguma doença degenerativa. Houve mais algumas viagens depois dessa, mas graças a Deus a países onde se falava inglês e, por isso, não tão cansativas para a rapariga, que tinha um medo patológico de qualquer coisa ou qualquer pessoa que não conhecesse.

Agora, mais uma vez, Harri fazia uma viagem para ir ter com George. Ele telefonara-lhe, algo em pânico, ao ter acordado com o que supunha ser o nariz partido. Notava-se que estava ainda bêbedo, pois começou a conversa num italiano macarrónico. Ela teve de lhe lembrar que não falava italiano e pedir-lhe que tentasse falar em inglês. Aquilo fê-lo pensar antes de conceder que era possível falar em inglês. Estava encharcado em álcool e um destroço e era evidente que bebera durante três dias e que a coisa culminara com um murro no rosto.

Passava das dez horas quando ela chegou ao hotel onde George se encontrava hospedado. Ele dormia profundamente quando ela bateu à porta.

– *Chi c'è?* – Foi a resposta embriagada.

– George?

– *Chi c'è?* – repetiu ele.

– George, sou eu, a Harri. – *Detesto mesmo isso.*

– *Harri, sei tu?* – Era evidente que George ainda não acordara completamente.

– É a Harri. A tua... – A palavra irmã ficou-lhe embargada na garganta. – Deixa-me entrar, pelo amor de Deus.

A súplica pareceu surtir efeito. George abriu a porta, afastando uma franja que precisava de ser cortada, revelando dois olhos negros e um nariz inchado.

– O que estás a fazer aqui? – perguntou ele num tom que indicava não se recordar da conversa que haviam tido, mas feliz por a ver. Sorria.

– Meu Deus, George. Olha para o estado em que estás! – Harri entrou atrás dele.

Ele olhou-se ao espelho.

– Oh, é por isso que me dói a cara – exclamou, com um gesto de assentimento. – Liguei-te, não liguei? – perguntou timidamente.

Ela assentiu.

– Os velhos hábitos custam a morrer – proferiu ele, sentando-se na cama. Olhou para o relógio. – Mesmo assim, deves ter feito tudo em tempo recorde.

– Nem fazes ideia. – Ela sorriu-lhe. A familiaridade da situação em que se encontravam era reconfortante. Sentou-se na cama individual ao lado da dele. – Precisas de ser visto por um médico.

- Não, estou bem – protestou George.
- Não, não estás – discordou ela.
- Lamento ter ligado. Estava bêbedo.
- Não lamentos e eu sei.
- Tenho tido mesmo saudades tuas, mana.
- Também tive tuas, muitas.

– Continuas a ser a pessoa a quem eu ligo – disse George, sorrindo para si próprio. – Quando estou em baixo, continuas a ser a pessoa a quem ligo. – Ao dizer e compreender aquilo sentiu um enorme peso a desaparecer.

Ela sorriu.

– Que sorte a minha. – Mas também ela compreendeu e pela primeira vez. *Não o perdi. Ele não me perdeu. Ele é uma grande dor de cabeça, mas continua a ser a minha dor de cabeça.*

– Em que estás a pensar? – perguntou George, desconfiado.

– Que és uma grande dor de cabeça e que estou muito contente por me teres telefonado.

– Tirando a bebedeira, a rixa na rua, o nariz partido e os olhos negros, também estou contente – riu-se, o que lhe causou dor e por isso deixou de sorrir.

– Vou chamar o médico do hotel – disse Harri pegando no telefone.

Atendeu uma mulher da receção a falar italiano e Harri retraiu-se, com um terrível ataque de xenofobia. *Não faço ideia do que ela diz. O que raio diz ela?* George agarrou no auscultador e após um exame médico, luz verde do médico, dois duches e vários analgésicos, George e Harri estavam sentados num restaurante simpático bastante perto do imponente castelo de Rocca Scalgera e longe o suficiente do local onde ocorrera a malfadada rixa da noite anterior. O castelo estava iluminado em toda a sua glória gótica.

Harri observou a ementa.

– Queres que escolha por ti? – perguntou o irmão.

– Ótimo. – Harri fechou a ementa.

O empregado aproximou-se. Harri baixou os olhos para o chão. George pediu várias coisas que eram desconhecidas de Harri. Ele sorriu afetuosamente ao empregado e este retribuiu o sorriso, apesar do aspeto aterrador de George. Este virou a cara inchada para Harri. Fitou-a, mas ela nada disse.

– O que é?

– Tens mesmo de te livrar desse teu medo de estrangeiros – aconselhou ele com autoridade.

– Porquê? – inquiriu ela.

– Porque é estranho, para não dizer falta de educação – respondeu ele, brandindo o dedo.

– Vou dizer-te o que é estranho. Estranho é quando enrolas uma *T-shirt* em volta dos pés e andas aos saltos pelo quarto em vez de andares descalço nos ladrilhos. – Ela riu-se da audácia dele.

– Os ladrilhos são duros e frios – protestou o irmão. – Tenho pés sensíveis.

– E quanto à má educação... se a má educação participasse nos Jogos Olímpicos tu ganharias a medalha de ouro. – Ela riu-se.

– Tretas!

– E o que me dizes daquela altura em que a Tina se tentou aproximar de ti e a informaste de que, mesmo que não fosses *gay*, não enfiarias o pénis de ninguém nela?

George recostou-se na cadeira e ficou pensativo.

– A Tina Tingle, a tua antiga companheira de casa?

– A quantas Tinas já disseste isso? – Harri fez um sorriso escarninho.

Rindo, George ergueu as mãos, dando-se por vencido.

– Isso já foi há uns anos e espero sinceramente que o meu comportamento tenha entretanto mudado, para melhor.

– Bem, o que acho é que na noite passada não levaste um murro na cara por dá cá aquela palha.

– Ora aí está – retorquiu ele, sorrindo. – Quem me dera saber o que foi, de modo a poder evitar futuros espancamentos.

A comida chegou entretanto, e, ambos esfomeados, os irmãos Ryan atiraram-se aos pratos.

Acabaram de comer e foram passear de braço dado até à margem do lago. George gostava de ter os braços em volta de uma mulher em público. Fazia-o sentir-se masculino e viril, e especialmente com a sua irmã pequenina, que, quando se encontrava no estrangeiro, se agarrava a ele como uma criança com medo de se perder. Sentaram-se num banco a contemplar o pôr do Sol, ambos calados e cansados dos incidentes das últimas semanas.

– Como está a Susan?

– O Aidan está bem.

– Não perguntei pelo Aidan.

Ela afastou o olhar da linda vista e fitou o irmão.

– *Okay* – concordou ele, votando a olhar para o Sol, que desaparecia no horizonte. – Como está o Aidan?

– Anda aborrecido, frustrado, mas está bem.

– Ele não atende as minhas chamadas.

– Está a castigar-te.

– Fazes ideia por quanto tempo?

– Até voltares para casa.

– Oh.

– Voltas comigo? – perguntou Harri. Conhecia George demasiado bem para saber que ele nunca faria nada a não ser por sua vontade.

George amou.

– Só passaram alguns dias.

– Já passaram mais do que alguns dias. Tens um novo negócio a gerir, um namorado que te espera e toda a tua vida em casa.

– Não mencionaste os pais.

Ela encolheu os ombros.

– Viste-os? – perguntou o irmão.

– Vi a mãe.

– Como está ela?

– Contrita. – Harri fungou um bocadinho.

– E o pai?

– Trocámos mensagens, mas ainda não consigo encará-lo.

– Porquê?

– Que lata tens para fazer perguntas – riu-se Harri.

– Oh, eu sei porque não consigo encará-lo, mas diz-me lá tu porque não consegues?

A resposta talvez parecesse óbvia, mas George precisava de saber exatamente o que pensava Harri. Precisava de saber que a conhecia tão bem agora na costa de Sirmione como um mês antes, deitado na cama dela, na manhã em que pensara que ambos faziam anos.

– Porque ele há de levar-me ao escritório dele, far-me-á sentar e pegará num dossiê, irá abri-lo e contar-me e mostrar-me coisas para as quais não estou ainda preparada. Não te esqueças de que, um dia, fui um dos casos dele.

George permaneceu calado durante alguns minutos, meditando nas palavras da irmã. Ao sentir-se ofendido e cheio de desprezo pela mentira dos pais, e ao pensar no modo como isso o afetara, esquecera algo importante. Esquecera-se de que Harri, uma vez perdida, poderia ser encontrada em breve com todas as conotações assustadoras que isso implicava. *Ela tem outra família algures. Isso já me devia ter ocorrido. Meu Deus, que egoísta sou!*

– Em que estás a pensar? – perguntou ela após um ou dois minutos.

– Que sou um idiota.

– Oh – respondeu ela, fazendo um gesto de assentimento com a cabeça e rindo-se.

– Harri? – disse George um minuto ou dois depois.

– Sim.

– Estás com medo?

– Agora já não. – Sorriu ao irmão. – Talvez um pouco nervosa, mas de certeza que já não estou com medo.

– Tens curiosidade?

– Sim – admitiu ela –, tenho.

– Continuas a ser a minha irmã gémea?

Ela assentiu.

– Sim – admitiu.

– Mas?

– Mas – suspirou – sou também uma outra pessoa.

Ele sorriu-lhe.

– Consigo perdoar-lhes, mas só se tu conseguires.

– Aos pais?

– Pois.

– Então, vamos perdoar-lhes.

Ele levantou-se e pegou na mão dela e juntos afastaram-se da margem e dirigiram-se ao quarto de hotel onde, vinte minutos depois, George diria uma piadinha maliciosa, afirmando que, visto que agora não eram tecnicamente parentes, seria melhor ela dormir de costas voltadas para ele de modo a não ficar excitada na presença do seu corpo tão másculo. Não se esquivou a tempo. A almofada que Harri lhe atirou atingiu-o em cheio na cara e, devido às feridas da noite anterior, pareceu-lhe um tijolo. *Tenho mesmo de aprender a estar calado.*

5 de julho de 1975 — sábado

Não consigo acreditar nisto. O Dr. B. mudou-se para a casa do guarda do Matthew! Henry pediu-nos que ajudássemos a descarregar os caixotes do carro. Eu levei os mais leves e ele exigiu que dobrássemos os joelhos antes de pegarmos em

qualquer peso. Quando o Matthew saiu para ir buscar coisas para fazermos sandes, o Dr. B. disse que nos vira na feira. Perguntei-lhe porque não nos fora cumprimentar, mas ele disse que parecíamos estar numa gigantesca batalha de carrinhos de choque quando nos viu, Matthew contra Dave, que levava aquilo demasiado a sério para o meu gosto. De qualquer modo, ele disse-me que sem o uniforme da escola e com maquilhagem eu parecia muito mais velha. O Dave tinha dito que eu passaria bem por vinte e três anos! Acho que olhar para a minha cara velha no espelho o tempo todo faz-me pensar que os outros, como o Dr. B., são realmente muito jovens, quando na verdade não são. Ele terá provavelmente vinte e seis anos, mas parece só ter vinte. É estranho. Espero não parecer sempre mais velha. Seria terrível — pareceria a minha avó aos vinte e cinco anos! O Dr. B. disse que ao ver-me com maquilhagem quase não me reconhecia. Disse-lhe que conseguia comprar cerveja desde os treze anos. Ao ouvir isto, ele fez um ar carrancudo, mas, se ele me consegue dizer que gosta de homens, eu posso dizer-lhe que compro cerveja. Não lhe disse que não gosto do sabor. Ele lá concedeu que eu lhe dera um bom argumento depois de ter ficado corado, movendo-se desajeitadamente. Lamenta ter deixado escapar o seu segredo e acho que não sabe bem como é que isso aconteceu e porquê. Acho que ele se sentia como uma bolha prestes a rebentar e calhou eu estar ao pé dele quando isso aconteceu.

Tive a terça-feira de folga, por isso fui a Bray, dirigi-me a uma livraria e passei o resto do dia à procura de um presente para o Dr. B. No fim dei com aquilo por acaso. Estava a olhar para os livros em segunda mão a um canto e deparou-se-me *Passagem para a Índia*, que tinha recebido da minha avó há dois anos. Tive quase um ataque. Pensei que era um livro de viagens, mas acho que não gostaria de lá ir. Quer dizer, nem sequer perceberia o que eles dizem, e isso é estranho. De qualquer maneira, estava enganada, era uma história fantástica sobre um pobre médico indiano que vive sob o domínio britânico, o que significa que provavelmente falam inglês ou que pelo menos falavam. Não sei. Meu Deus, sou tão ignorante! De qualquer modo, ele é falsamente acusado de ter apalpado uma inglesa estúpida numa gruta, e o caos instala-se. É mesmo bom. Fiquei agarrada ao livro. Bem, mas andava eu a ver os nomes de escritores e outras coisas — *A Mansão* (parece meio chato) e *Um Quarto com Vista*, que me pareceu ter um pouco a ver com sexo. Depois apanhei um livro com o título *Maurice* e é uma história sobre homossexualidade que é um homem amar outro homem! Por isso comprei *Um Quarto com Vista* e *Maurice* e o homem atrás do balcão olhou-me com ar lascivo quando viu o que eu comprava, mas não perguntou a minha idade porque eu não tinha o uniforme da escola e estava com maquilhagem. Por isso, na noite passada, comecei a ler o *Maurice* (o Dr. B. não saberá que se trata de um livro em segunda mão). Santa Mãe de Deus, acho que haverá partes que terei de ler com uma mão sobre os olhos! De qualquer modo, estou só no princípio, mas já sinto pena do Maurice e do Clive. Darei o livro ao Dr. B. quando tiver acabado de o ler. Espero que ele goste. Espero que tenha um final feliz. Se não tiver, se calhar não lho dou. Não sei. Terei de pensar nisso.

ELE anda de cabeça baixa. Não me dirigiu palavra e eu não lhe disse nada. A mãe finge que não repara. O padre Ryan visitou-os duas vezes e no outro dia os três ajoelharam-se na sala de estar e rezaram o terço antes de tomarem chá e bolachas na cozinha. Dá-me vômitos tudo isto. O padre Ryan perguntou se eu queria rezar com eles, mas eu respondi que nem pensar, e a mãe disse-me mais tarde que eu lhe lancei um daqueles meus olhares, dos que assustariam o Diabo em pessoa. Azar! Se o padre Ryan pensa que um terço ou dois, algumas chávenas de chá e bolachas farão alguma diferença, está doido. Se acha que ao convencer a minha mãe a deixá-LO vir para casa novamente fez uma coisa boa, está enganado.

Não vejo o Matthew há três dias. O pai voltou a casa sem a amiga e levou o Matthew a qualquer lado em Espanha. Não disse por que razão queria que o Matthew fosse com ele, mas, enfim, ele não fala muito com o filho, limita-se a dar-lhe ordens. De qualquer maneira só voltarão lá para meio da próxima semana. Tenho mesmo saudades dele. Quem me dera que estivesse cá. Também não tenho visto a Sheila, ainda está trancada no quarto. O Dave tem andado a subir e a descer pelo escadote do pai do Matthew como se ninguém tivesse nada com isso. Os pais dela andam demasiado ocupados no *pub* para tomarem conta dela; por isso, ela e o Dave têm o quarto só para eles à vontade. Mal sabem que ela anda a divertir-se à grande mesmo por cima deles! Dizendo isto, assim que descobriu que não estava grávida disse ao Dave que não poderiam fazer amor à vontade durante um bom bocado porque ela não se quer arriscar; por isso, andam a fazer outras coisas que ela diz serem privadas. Já ouvi tudo.

O Henry diz que estou a ficar muito melhor cavaleira. Não tenho um talento natural como o Matthew. A Betsy é boazinha para mim. Teria de ser depois de me ter sujado quase toda de bosta. Isso será difícil de esquecer. Bem, mas apesar de os dias serem um pouco mais longos sem o Matthew, ainda adoro trabalhar com os cavalos. Talvez vá ter formação nessa área. Talvez deva ser mais simpática para com o pai do Matthew. Vou pensar nisso. A porta está fechada à chave. Estou cansada. Agora vou dormir.



O limbo é só um recurso provisório

Nas semanas que antecederam a subida de Harri ao sótão do pai e excluindo as viagens que fizera a Wexford e a Itália, ela deixou que a desilusão a consumisse e atormentasse. Como dissera Aidan uma tarde, se ela fosse um sabor, seria algo de azedo com um laivo de amargo. Ele aparecera-lhe à porta no dia em que regressara de Itália. Harry abrira ao ouvir o bater irritante. Ele entrou apressado, bronzeado, vestido de branco e cheirando a um misto de *Paco Rabanne* e *Lynx* que insistia em espalhar pelas calças de um modo que o irmão um dia descrevera como comportamento obsessivo-compulsivo.

– É o televisor que estou a ouvir? – perguntara ele, entrando na sala para verificar. – Uau, não pensei que aquela coisa funcionasse mesmo!

Desde que regressara de Wexford, e depois de o prego final ter sido bem martelado no caixão que antes fora a sua relação com James, Harri pouco fizera além de ir trabalhar e ver televisão. A televisão era o maior antídoto imaginável. Podia permanecer acordada e livre de pensamentos, considerações ou deliberações durante horas e horas. Assim era livre de viver a felicidade, os medos, a força de vontade ou o sofrimento de outros. Ficava a olhar inexpressivamente para o ecrã e envolvia-se nos pesadelos dos outros sem ter de pensar ou ponderar sobre o seu próprio pesadelo. Descobriu que preferia programas sobre crimes. A série *CSI* era particularmente fascinante e parecia dar a qualquer altura em que ligasse o televisor. De facto, teve tal impacte que, quando o pai lhe falou sobre as suas origens no sótão duas semanas mais tarde, um dos poucos pensamentos que lhe passaram pelo espírito paralisado foi *Seria impossível terem-se safado com isso no Nevada*, para não falar em *Bolas*, isto dava um ótimo argumento para um episódio do *CSI*!

Aidan preparou um chá enquanto ia insultando o irmão de Harri.

– Ele é um porco! Estou farto dele! Egoísta, egoísta, egoísta! Onde estão as saquetas de chá? Cheguei aos meus limites, cheguei mesmo. E tu, vais dizer alguma coisa?

– Ele quer uns dias para estar sozinho, é só isso – explicou ela, enquanto espremia a sua saqueta de chá, visto Aidan ter fobia em espremer as saquetas de chá de outras pessoas. «Parece tão mal», explicara ele um dia. Saqueta espremida, ela estendeu a chávena para que ele lhe pudesse juntar o leite antes de lha devolver e se sentar a um canto.

– Desculpa, Harri, mas este pesadelo é teu, não dele. Quer dizer, tudo bem, os vossos pais mentiram-vos, e a verdadeira irmã gémea dele morreu, mas ultrapássemos isto já. Tu és a forasteira na tua própria família. Tu é que não sabes quem és ou onde pertences. Tu, minha amiga, é que és o peixe fora de água.

– Obrigada por mo lembrares e colocares as coisas de forma tão bela. – Harri riu-se.

Aidan conseguia sempre fazê-la rir, especialmente quando se encontrava no seu melhor estado de

desconsideração.

– Só estou a dizer que as coisas são assim – explicou ele antes de beber o chá. – Céus, o leite está azedo! – Emitiu um som como se estivesse engasgado e verteu as duas chávenas para o lava-louça, depois abriu o frigorífico e tirou duas latas de cerveja. – Como vai o trabalho?

– Tenho tido bastante. Temos alguns projetos, a Susan está em Howth, a trabalhar numa *penthouse*, e eu em Dalkey, num cafezinho muito bonito de um casal de Cork. Espero que lhes corra bem.

– Há algum trabalho para mim? – perguntou Aidan depois de retirar o sabor a leite azedo gorgolejando a cerveja.

– A Susan precisa de ti em Howth na semana que vem. Acho que o cliente quer aquilo pintado de alto a baixo. Ainda estão a decidir, mas liga-lhe.

– Ligarei – respondeu ele. – E tu? Continuas a evitar os teus pais?

– O mais possível. Vi a minha mãe, mas prefiro estar afastada do meu pai por enquanto.

– Porquê?

– Não estou preparada.

– Estás zangada?

– Sim.

– Queres castigá-lo?

– Não. Sim, se calhar. Não sei, principalmente quero que me deixem em paz.

– E porque não o farias? As pessoas são umas sacanas.

Recostaram-se ambos e ponderaram nesse facto por um minuto.

– Mesmo assim, que choque. É tudo tão chocante, que raio – proferiu Aidan passado um minuto.

Harri bebeu um grande gole de cerveja e assentiu com um gesto.

– Se me tivesse crescido um pequeno pirilau, teria ficado menos chocada – proferiu ela, contemplativamente, fazendo rir o amigo.

– Interessante – refletiu, sentindo-se aliviado por a Harri antes do casamento estar a fazer um breve regresso. O choque e a dor tinham-na quase feito desaparecer, e passado um mês de tudo aquilo ele começava a ter grandes saudades da sua amiga. Harri estava em queda livre e era difícil fazer qualquer coisa além de estender as mãos, gritar e esperar o melhor enquanto a queda durava. Cair no chão magoaria, mas ele contava que ela o fizesse a correr. *Volte, Miss Harri, sentimos a sua falta aqui em baixo.*

– Aidan?

– O que é?

– Acho que quero que ele sofra.

– O teu pai?

– Sim, e a minha mãe também.

– Está bem.

– Sinto-me mal com isso.

– Não sintas. Podes comprazer-te ainda um bocado, mas em breve, minha amiguinha, terás de mudar esse tom sombrio e voltar para nós como a efervescente fada benfazeja que és.

Uma cerveja depois ele estava de saída para ir tomar outra com um amigo.

– Qual o interesse de estarmos bronzeados se não podemos sair e chatear um irlandês branco e com sardas ou dois? – disse ele antes de lhe dar um beijo na face e dirigir-se à porta. – Vais ficar bem. Toda a gente pensa que o George é o mais forte, mas está enganada.

Ele tinha razão porque, no dia seguinte, ela estava a caminho de Itália num avião para ir buscar o magoado irmão.

Susan tentava falar com ela no escritório sempre que podia.

– Queres falar sobre isso?

– Não.

– Tens a certeza?

– Sim.

– Às vezes é melhor deitarmos tudo cá para fora.

– Às vezes é melhor não.

– Estás a passar por uma altura péssima, terrível. Primeiro, acabaste tudo com o James e, agora, esta inacreditável revelação.

– Eu estou bem.

– Claro que não estás bem. Diz-me só se há alguma coisa que eu possa fazer.

– Podes calar-te.

– Não precisas de dizer mais – respondeu Susan fazendo o gesto de fechar a boca.

Melissa telefonava cinco vezes por dia.

– O que estás a fazer?

– A trabalhar.

– Ouço barulho.

– Estou numa loja de antiguidades.

– Há alguma coisa gira?

– Estou bem.

– Não perguntei nada, espertinha!

– Estou bem.

– Há notícias?

– Não.

– Vai jantar com os teus pais em breve?

– Não.

– Terás de ir algum dia.

– Já o disseste.

– Bem, tenho razão.

– É só isso? Já posso ir?

– Muito bem, vai lá.

Passavam duas ou três horas.

Era Melissa novamente.

– O Jacob foi expulso da creche por ter mordido num miúdo de orelhas grandes.

– Oh, meu Deus, o que vais fazer?

– Sentá-lo, ameaçar-lhe a vida e depois arranjar outra creche.

– Porque é que ele mordeu o miúdo?

– Pelos vistos estava com pena dele. Achou que se mordesse cada uma das orelhas do puto este ficaria com orelhas de tamanho normal.

Harri desatou a rir.

– Não tem piada.

– Bem sei, desculpa. – *Tem imensa piada.*

– Eu estava numa reunião com um cliente novo e agora vou a caminho da creche para o ir buscar porque o estupor do Gerry está demasiado ocupado. E não sabes que o emprego dele é muito mais importante do que o meu?

– Quem me dera poder ajudar-te, mas estou num engarrafamento.

– Não faz mal. Não te preocupes. Então, falaste com os teus pais?

– Não.

– Vais falar?

– Hoje não.

– Muito bem. Ligo-te mais tarde.

Passavam então mais algumas horas.

– O Jacob e o Gerry fizeram um concurso de gritos. Juro que o homem é tão mau quanto o miúdo. O Jacob levou a birra até ao fim e acabou por berrar até adormecer. O Gerry está no banho, amuado. Acordaram a Carrie, que agora pensa que é manhã e quer brincar. Não comas isso, querida. Não, querida. Por favor, não ponhas isso na boca. Só um segundo. Carrie! Pronto, onde ia eu?

– Que o Jacob adormecera a fazer birra. O Gerry estava no banho e a Carrie pensa que é de manhã – resumiu Harri.

– Detesto a minha vida! – Melissa suspirou.

Harri desatou a rir.

– Eu estou a ver o terceiro episódio consecutivo do *CSI* e vi este episódio ontem e se calhar também no dia anterior.

– Oh!

– Pois...

– Falaste com os teus pais?

– És implacável.

Portanto, quando Harri regressou de Itália com George e reuniu coragem e vontade para encarar os pais, foi um alívio para todos.

6 de julho de 1975 — domingo

Estava sentada junto ao *Eliana* a olhar o mar, sem pensar em nada. Não reparei que ELE se sentou ao meu lado. Acho que estava distraída, a sonhar. Era cedo. Eram nove, talvez nove e meia. Senti o braço dele nos meus ombros. Mexi-me, mas devagar. Ele puxou-me para o lugar onde estava. Deve ter andado fora a noite toda, a beber. Senti o cheiro a álcool no seu hálito e quando ele se inclinou para me beijar pisei-lhe o pé. Ele gritou e soltou-me um pouco e eu fugi. Ouvi-o gritar que eu estava à espera dele e que o queria.

Não sei como não o vi, não sei como deixei que se aproximasse tanto, não sei se ele teria razão. Estava tão embriagado que não podia não ter feito barulho ao aproximar-se, deve ter cambaleado, e só o cheiro dele! Onde teria eu a cabeça para não o ver nem ouvir? O que se passa comigo? Não posso contar ao Matthew, porque ele faria alguma coisa e depois acabaríamos por ter sarilhos e não faz sentido que ele saia livre disto, mas sai. Ele pode fazer o que quer porque tem uma certidão de casamento e isso é uma certidão para fazer tudo. Não me apeteceu ir para casa, por isso andei às voltas, passei pelo castelo e pelos faróis, desci pelos rochedos. Sentei-me à beirinha da água e não digo que um dia me matarei, mas, pela primeira vez na vida, pensei como seria fácil. Foi uma coisa fugaz e eu nunca conseguiria deixar o Matthew, mas foi isso. Compreendi que ele é a única pessoa por quem devo ficar. Voltar aqui foi difícil. Meter a chave na fechadura e rodá-la foi ainda mais difícil. Dantes amava esta pequena casinha em Castle Street. Gostava que estivéssemos na cidade e ao mesmo tempo ao lado do

embarcadouro. Adorava o meu quartinho, que dava para o jardim bem cuidado da mãe, e da forma como os raios de luz entravam na sala de estar num dia de sol. Gostava do cheiro dos cozinhados assim que abria a porta. A minha mãe costumava estar sempre a cozinhar. Começava a fazer o jantar à uma hora para o servir às seis. Ela gosta imenso de fazer tartes de maçã, de ruibarbo, bolinhos variados. Agora já não faz isso. A casa já não cheira a cozinhados. A sala de estar parece mais sombria, mais velha, reles até. No jardim a erva cresceu de mais e o meu quarto já não é o meu quarto. Ele levou tudo e a cada dia que passa mete-me mais medo, e estou mesmo assustada.

Passou um mês, mas parece que foi um ano

A subida das escadas pareceu demorar mais do que antes. Três andares, mais o sótão transformado, davam quatro patamares, e o misto de expectativa, medo, silêncio e um conhecido terror davam a Harri razão para acreditar que nunca mais chegaria ao destino. *Posso ter um ataque de coração. Podia facilmente ter um. Bate, bate, bate, bate, bate. Está a bater depressa de mais. Não entres em pânico, Harri. Não me deixes ficar mal e, por favor, não morras a meio das escadas.* Chegados lá acima junto à porta do santuário do pai, ele voltou-se para ela, sorrindo antes de rodar a chave na fechadura.

* * *

Duncan envelhecera dez anos num mês. Quando Harri estacionou o carro frente à casa dos pais, encontrou o pai sentado no banco onde a avó se costumava sentar e, quando o seu olhar encontrou o dele, todo o medo que antes sentira desapareceu. Ele estava envelhecido, o rosto marcado pelas rugas, de sobrolho franzido e, ao levantar-se, inseguro e de olhos rasos de lágrimas, pareceu-lhe inexplicavelmente mais baixo. O herói alto e possante de voz profunda da sua juventude, que um mês antes se tornara de um momento para o outro um estranho que lhe mentira, a roubara e traíra, era agora um velho solitário, amedrontado e a navegar em águas desconhecidas. *Sei bem o que é sentir isso.* O ressentimento que a atormentava desapareceu para dar lugar à piedade. Ele parecia inseguro pela primeira e única vez na vida. Tinha a cabeça baixa e embora a fitasse nos olhos o homem que conhecera já não a olhava. Harri não conseguia suportar a dor dele, a sua era demasiado grande, por isso sorriu-lhe, foi ter com ele e abraçou-o com força.

– Só precisei de tempo, pai.

Ele envolveu-a nos braços e, ali mesmo, no banco da avó, o pai, o grande guerreiro da sua vida, chorou pelo amor da filha, Harri.

Gloria aguardava-os junto ao fogão, tendo acabado de ver se o empadão de borrego cozinhava bem. Retorcia as mãos uma na outra para que a não traíssem.

– Ora cá estás, querida – proferiu, feliz por ver a filha de braço dado com o marido, destroçado.

Parecia agora algo estranho e distante que, na casa dos Ryan, tivesse sido antes o estado mental de Gloria o grande motivo de preocupação. Gloria estivera sem dúvida perturbada com tudo aquilo, com os acontecimentos que os tinham levado até àquelas circunstâncias tão estranhas e estarrecedoras. Preocupara-se com a filha e com o filho e como a terrível verdade os afetara e afetaria ainda no futuro. Preocupava-se com a possibilidade de vir a perdê-los, especialmente Harri.

Será que ela vai desaparecer agora? Encontrará uma família noutra lugar? Será que não precisará mais de nós, que deixará de nos querer bem? Porém, lá no fundo existia uma calma que ela não conseguia explicar. *Vamos ficar bem. Temo-nos uns aos outros e tudo vai correr bem.* Sentira uma enorme tristeza e chorara pelas recordações tão profundamente enterradas e que haviam sido exumadas trinta dias e trinta noites antes. Vira mais uma vez o rostinho da filha que perdera com tanta nitidez como se estivesse gravado na parede à sua frente. Recordou os contornos do narizinho e dos lábios sem cor. Tinha muito cabelo, escuro e macio como o do irmão. Tinha as unhas tão grandes que precisariam de ser cortadas e o polegar da mãozinha esquerda virado para a palma da mão, enquanto os outros nove dedinhos estavam esticados como se estivesse prestes a bocejar. Era comprida e teria sido alta. Quando Gloria pegara nela naquela única vez trinta anos antes, pensara que a filha haveria de ser pianista, visto ter longos dedos, bons para tocar piano. Soube nessa noite que se tivesse oportunidade viria a ser atlética como o irmão se revelara. Porém não imaginara que a menina andaria a saltar de aviões ou a esquiar, causando sustos de morte à mãe. Viu-a antes como jogadora de ténis, ou de golfe, talvez, qualquer coisa que exigisse capacidade física mas que não pusesse em risco a sua vida. Na noite em que o médico e as enfermeiras lhe retiraram a menina dos braços algo nela se quebrou, mas isso sarara havia muito e, embora as cicatrizes permanecessem, soubera sempre que nunca mais haveria de ir tão abaixo.

Foi assim que Gloria se tornou forte agora e Duncan quem se deixara destroçar completamente.

Sentia que os filhos o detestavam. Ele estava cheio de arrependimento e pela primeira vez duvidava de si próprio, ameaçando invadir a fissura invisível que o começara a atormentar no dia em que nascera a filha morta. Trinta anos antes, a mulher apoiara-se nele e agora, trinta anos depois, era ele quem precisava do apoio da mulher.

– Vês, ela manda mensagens – dissera ela quando a filha não conseguia ainda falar com ele, mas mesmo assim não conseguia ser antipática o suficiente para o ignorar. – Não te preocupes com o George... ambos sabemos que é um grande egoísta. – Sorrira, apertando-lhe a mão, puxando-o depois da cama e fazendo-o levantar-se. – Tivemos trinta anos para nos prepararmos para isto; de certeza que lhes podes dar trinta dias.

– As coisas nunca mais irão ser o mesmo – murmurara ele com a cabeça entre as mãos.

– Não, meu querido, não serão – disse ela, afagando-lhe o cabelo. – Mas isso não faz mal.

Gloria sorriu e deu-lhe um beijo na mão.

– O que faria eu sem ti, Gloria?

– Bem, meu querido, neste momento bem terias perdido uns quilos e cheirarias mal.

Ele riu-se.

– Agora, vai tomar um duche que eu vou preparar-te um pequeno-almoço de lorde!

Deixara-o sentado à beira da cama, mas ele tinha o espírito ausente, algures na época em que fora à floresta de Wicklow e afastara o casaco do irmão do rosto de uma adolescente morta.

O irmão estava de pé, ao lado dele.

– Eu conhecia-a – dissera. – Conheço a mãe dela.

– Onde está o bebé? – perguntara Duncan.

– Está com o médico local – respondera o padre Ryan, olhando ainda para a adolescente morta.

– Ela tem um olho negro – dissera Duncan.

– Não está relacionado com isto.

– Contactaste a família?

– Não. – Abanou a cabeça.

– Porque não?

– Quero que venhas comigo à casa do médico – retorquira. – Agora, depois será demasiado tarde.

Teremos feito o que estava certo? O que fizemos nós?

Durante aquele mês, Duncan dependera da mulher mais do que alguma vez achara possível e, nesse mês, ocorreu uma mudança no equilíbrio da casa dos Ryan.

* * *

A chave rodou na fechadura e a porta abriu-se, revelando o escritório do pai de Harri. Parecia sempre na mesma, escuro e poeirento, apesar de Mrs. Gallo o limpar como ao resto da casa uma vez por semana, às terças-feiras. As prateleiras do chão ao teto, que estavam cheias de livros e papéis, conferiam ao gabinete a sensação de pó, e as estantes e o soalho, assim como o mobiliário, escuros, tinham um ar sombrio, apesar de uma grande janela triangular no telhado que parecia talhada para espalhar luz apenas num único sítio a um canto do escritório. Era nesse lugar que por coincidência se encontrava o armário trancado que guardava as cópias dos ficheiros de todos os casos de polícia do pai. Era um lugar intocável, o Santo Graal da casa dos Ryan, e, iluminado, tinha um aspeto imponente e perigoso.

Duncan acendeu o candeeiro da secretária que espalhou uma luz alaranjada de brilho misterioso. Duncan afundou-se na cadeira, o que lhe provocou uma ferroadada de dor no cóccix.

Harri sentou-se em frente dele.

O pai não precisou de ir ao armário. O dossiê encontrava-se na gaveta ao lado dele. Ele abriu-a e Harri sentiu a respiração faltar-lhe. Duncan retirou de lá uma pasta grossa e creme e colocou-a sobre a secretária. As margens estavam puídas e amarelecidas. Olhou para ela.

– Vem cá – pediu ele num tom agradável, como se ela fosse mais uma vez criança e ele estivesse prestes a ler-lhe um livro de histórias.

Ela puxou a cadeira para junto dele e sentou-se. Passaram alguns momentos até estarem os dois instalados.

– Estás preparada? – perguntou Duncan.

Harri abanou a cabeça.

– Não sei.

Ele assentiu e colocou um braço em volta dos ombros dela.

– Pai?

– Sim, amor.

– Porque não me contas, simplesmente?

Duncan fez um gesto de assentimento, fá-lo-ia.

Contou-lhe então o que acontecera na manhã do dia 11 de julho de 1976. Acabara de ser expulso da ala de psiquiatria do hospital onde a mulher se encontrava internada. Ela estava apática, medicada e muito distante dele. Tentara falar sobre a depressão da mulher com um médico que não parecia conhecer bem o caso dela. Irrompera uma discussão e infelizmente ele ameaçara partir o nariz ao médico.

– Foram tempos muito conturbados – recordou, com tristeza.

A avó fora encarregada de tomar conta de George, que tinha na altura seis semanas, sofria de cólicas e sem dúvida de ansiedade da separação.

– Pobre avó! Sobrecarregámo-la muito. O George perdera a irmã gémea e a mãe ao mesmo tempo.
– Duncan suspirou. – Para ser sincero, também a mim ele perdeu na altura.

Duncan voltara de imediato ao trabalho, só tirara dois dias para ir à missa pela filha que morrera e para a cremar.

Uma semana depois tirou outro dia para ir visitar a mulher, mas, além desses poucos dias, trabalhou arduamente e mais horas do que jamais trabalhara.

– Ajudava-me a ir em frente – suspirou.

Nesse dia, mais tarde, regressou ao escritório – trabalhava num caso de fogo posto na zona ocidental de Dublin. Falou da tragédia. Um camponês incendiara um celeiro que não podia reparar na esperança de receber o prémio do seguro. Não imaginava que um bêbedo se refugiara lá e se encontrava profundamente adormecido.

– O tipo cumpriu cinco anos por isso – explicou. – Nunca conseguimos identificar o corpo e nunca ninguém apareceu a reclamá-lo.

Harri sentiu pena do pobre homem que morrera queimado e do incendiário que se transformara num assassino sem querer.

– Que coisa tremenda – disse Harri, horrorizada, e o pai não conseguiu evitar um sorriso.

– Que isto não ocupe a tua cabecinha, Harri Ryan – retorquiu o pai, tocando-lhe no alto da cabeça.

– Foi apenas um aparte e não quis perturbar-te.

– Acho que não tenho espaço para mais nada, pai – admitiu ela.

– Lembro-me de quando tinhas doze anos e encontraste aquele passarinho, quase morto, e o trouxeste para casa. – Riu-se. – Cantaste para ele e morreu nas tuas mãos.

– O George diz que foi a minha canção que o matou. – Ela sorriu um pouco.

– Choraste por esse passarinho, lamentaste a sua morte. Que grande coração para uma menina tão pequena.

– Estás a mudar de assunto.

– Pois estou.

Duncan suspirou fundo e prosseguiu a partir do momento em que interrompera o relato.

Voltou a julho de 1976, já a noite ia adiantada, quando comia à secretária, coisa que nessa altura fazia muitas vezes. A esquadra estava calma e por isso tinha os pés sobre a secretária, e, exausto, adormeceu.

O telefone acordou-o.

– Pai?

– O que é?

– Quando disse para me contares não te pedi todos os pormenores.

– Bem, estou a contar-te como foi... devo relatar como quiser.

– Está bem, então. Lamento não ter trazido nada para beber. – Suspirou, e o pai sorriu para si próprio. *Continua a ser a minha menina.*

Referiu depois que o relógio na parede indicava que já passava da uma da manhã, o homem ao telefone era o irmão, à beira da histeria, o que era desconcertante e muito invulgar.

– Preciso de ti – dissera o padre Ryan. – Preciso que venhas a Wicklow esta noite.

Duncan perguntara-lhe por que razão e foi nessa altura que ficou a saber da rapariga que dera à luz na floresta e morrera.

– E ainda há mais – avisara o padre Ryan. – Não digas a ninguém e vem sozinho.

Duncan não perdera tempo a discutir. Conhecia suficientemente bem o irmão para saber que uma discussão não os levaria a lado algum, por isso, meteu-se no carro e cerca de uma hora mais tarde estava em Wicklow, na floresta, ao lado do irmão, debruçados sobre uma rapariga morta coberta com o casaco preto do padre. Permaneceu ali em silêncio o que lhe pareceu imenso tempo enquanto o irmão acabava de dizer uma oração pela rapariga.

– Pai? – interrompeu-o Harri.

– Sim, querida – respondeu ele, voltando ao presente.

– Como se chamava ela?

– Olivia – disse o pai –, mas era conhecida por Liv.

– Liv? – repetiu Harri.

Duncan voltou ao relato.

– Deixámo-la lá – disse.

O padre Ryan insistira em levá-lo a casa do médico local onde este aguardava com a recém-nascida.

– Eu – esclareceu Harri, como se houvesse necessidade disso.

– Tu – confirmou Duncan.

Recordou-se da consternação do médico e de que se chamava Brendan qualquer coisa, mas claro que toda a informação se encontrava no dossiê. Os três homens sentaram-se à mesa na cozinha do médico, e este referiu as razões pelas quais queria que a criança não fosse para casa da mãe da rapariga e que ficasse fora do sistema. O padre Ryan concordara que seria o melhor para a criança desaparecer dali; disse que falaria depois com a mãe da rapariga, com o padrasto e com o rapaz.

– O irmão dela?

– Não. O pai da... criança.

Harri ficou calada.

– O médico conhecia-o bem – prosseguiu Duncan. – De facto até vivia nas terras do pai do rapaz. Ela estava a tentar chegar à casa do médico quando morreu, pelo menos foi o que pensámos.

– E o rapaz? – O coração de Harri começou a bater mais depressa, imparável... a qualquer momento uma veia rebentaria no seu pescoço.

– Estava com os avós em Meath.

– Como se chamava ele? – perguntou Harri, agarrando o pescoço como que para sossegar o pulsar das veias.

– Matthew Delamere.

Silêncio.

– Não passavam de dois miúdos.

Silêncio.

– Porém, quando o conheci vi que a amava verdadeiramente. Ficou destroçado. Acredita, nessa altura eu sabia bem o que era ficar destroçado.

Silêncio.

– Harri?

– Ele sabia? – perguntou ela, e por alguma razão desconhecida sentia-se irritada por um miúdo que não conhecia a ter subitamente traído a ela e à mãe, que não chegara a passar da adolescência. – Ele deixou-te levar-me?

Duncan assentiu.

– Deixou, querida.

Então, enquanto a rapariga arrefecia e o rapaz dormia descansado em casa da avó a menos de duas horas de distância, o padre, o jovem médico e o detetive estavam sentados na cozinha do médico a beber café e a fumar e, a altas horas da madrugada, delinearam um plano. Duncan e o padre Ryan regressariam ao local onde a rapariga estava e removeriam quaisquer provas de que fora encontrada. Duncan então levaria o bebé para casa. De manhã, o jovem médico vestiria a roupa de corrida e iria correr, antes de telefonar para a polícia a dizer que encontrara uma rapariga morta na floresta. Chamariam então o padre Ryan e ele insistiria em que o irmão, um detetive respeitado, fosse envolvido no caso. Conseguiria isso porque o sargento local não só lhe devia um favor como tinha medo dele e o caso estava para além das suas capacidades. Duncan voltaria e tomaria conta das investigações. O jovem médico passaria a certidão de óbito e o padre daria a notícia à mãe da rapariga.

– Mas como? – perguntou Harri, murmurando um suspiro estrangulado. – Como funcionou esse plano sem o bebé?

– Havia um bebé – disse Duncan.

Se Harri não teve um ataque de coração nesse instante, nunca iria ter. *Que diabos!*

– O George não era o único gémeo.

– Desculpa?

– Tu mal respiravas na barriga da tua mãe. A tua irmã morreu no chão.

Harri levou as mãos à boca, certa de que iria vomitar. Não vomitou.

– Respira fundo – ordenou o pai.

– Estou bem – retorquiu ela, de olhos rasos de lágrimas.

– Estás com aquele olhar – disse ele –, aquele que assusta as pessoas.

– Estou bem, pai.

– Harri, estás muito pálida.

– Não estarias também?

– Acho que sim.

Instalou-se novamente o silêncio.

– Mas porquê? – perguntou Harri após dez longos minutos.

– Porquê o quê?

– Por que razão estavam o tio Thomas e o médico tão desesperados para que eu não fosse para a minha avó?

– Havia problemas. O teu verdadeiro avô tinha morrido e ela casara-se novamente. Ele era um bêbedo, violento, e a tua mãe andava desesperada por se afastar dele. Ela tinha uma relação qualquer com o jovem médico... não era apenas uma paciente. Creio que, de alguma forma, ele a amava.

– O quê? – Harri proferiu a pergunta num tom que indicava repugnância.

– Não dessa maneira, Harri, e, além disso, ele pouco mais era do que um miúdo também... teria vinte e seis anos, talvez. De qualquer modo, nessa altura, o rapaz, o Matthew, não teria podido fazer nada, mesmo que tentasse. A família nunca o apoiaria, por medo de que o escândalo lhes arruinasse a reputação. O avô dele era um homem com quem ninguém se metia, a morte esteve nas páginas de todos os jornais e, embora toda a gente soubesse que o rapaz andava com a rapariga, o seu nome nunca apareceu. Além disso, apaixonei-me por ti no primeiro minuto em que te vi. Eras tão pequenina, tão frágil e, mesmo assim, uma lutadora. Olhaste para mim ferozmente, de tal maneira que

me fizeste rir. Era a primeira vez que ria em seis semanas. Soube no fundo do coração que eras para mim e que eu te pertencia, por isso te levei para casa. Nunca foste uma substituta, nunca, no nosso coração.

Harri chorava, o nariz pingava como uma torneira e o lenço que encontrara na manga estava encharcado.

– Então o que aconteceu ao rapaz? – perguntou, soluçante.

– Pobre miúdo. – O pai suspirou antes de contar que ouvira o depoimento de Matthew na casa do jovem médico. Contara-lhes que haviam planeado fugir e que ele poupava dinheiro e comprara bilhetes e que faltavam só duas semanas para o fazerem. Duncan recordou-se de que o rapaz parecia fixado no facto «só faltavam duas semanas». Matthew repetira aquilo, vezes sem conta, para si próprio, enquanto mordida os nós dos dedos. Tinham planeado apanhar o barco devido à gravidez e desembarcariam em Gales e, a seguir, prosseguiriam caminho ou ficariam lá até o bebé nascer e poderem partir para os Estados Unidos. Era esse o plano. «Só faltavam duas semanas.» Estava confuso, porque o bebé só deveria nascer dali a um mês pelo menos. Recusava-se a aceitar a ideia de que, por vezes, os bebés nascem mais cedo. Olhava constantemente para o médico, como se por palavras este a conseguisse trazer de volta à vida. «Foi ELE!», não parava de repetir. «ELE fez qualquer coisa.» O rapaz tinha razão. O padrasto fizera qualquer coisa duas noites antes. Atacara-a mesmo na altura em que o padre Ryan chegava. Este interpôs-se, mas não antes de ela ficar com um olho negro. Foi então que o jovem médico falou com o rapaz sobre o bebé que estava vivo e lhe explicou que ele e o padre Ryan e o senhor bondoso em frente deles queriam ajudar. A princípio, Matthew ficou sem palavras, mas o médico falou, falou, falou e, por fim, o rapaz acabou por só pedir uma coisa.

– O quê? – perguntou Harri, tão ofegante como uma asmática depois de uma corrida de dez quilómetros.

– Só te queria ver uma vez e tirar uma fotografia. Foi o que ele fez. Uma semana mais tarde, pouco passava da meia-noite, levei-te ao embarcadouro de Wicklow e sentámo-nos no banco junto ao muro onde se encontra a pintura de um barco grego chamado *Elia* e ele pegou em ti, beijou-te e segredou-te histórias sobre a tua mãe, enquanto tu dormias o tempo todo. Duas semanas depois ele desapareceu. A morte foi dada como accidental e, graças ao poderoso pai do rapaz, a sua identidade nunca foi revelada.

– Caso encerrado – proferiu Harri.

– Caso encerrado – replicou Duncan.

Permaneceram ambos sentados em silêncio, Duncan recobrando forças do peso de todo aquele relato e Harri meditando ainda naquela nova e perturbante realidade.

– Não precisavas de lhe dizer – proferiu Harri passado um bocado.

– Eu sei – retorquiu o pai.

– Foste mesmo muito corajoso – disse ela.

– Obrigado.

– E muito parvo. Tudo poderia ter rebentado na tua cara.

– Bem sei.

– Mas tiveste razão.

– Acho que sim.

– E ele nunca apareceu ou escreveu nem nada?

- Não.
- Pai.
- Sim, querida.
- Tens algumas fotografias da Liv quando era viva?
- Tenho.
- Talvez me pudesses dar uma ou duas. Não quero ver mais nada.
- Boa ideia – respondeu Duncan. – Fazemos assim: tu vais lá abaixo ter com a tua mãe e com o George enquanto eu procuro uma.

– Está bem – respondeu Harri, levantando-se. Beijou o velho pai na fronte. Ele nada disse, mas ela sentiu o alívio dele por ela também estar aliviada.

George estava embriagado com vinho italiano e valsava com a mãe pela cozinha como se as últimas três semanas não tivessem passado da imaginação coletiva da família Ryan. Gloria alinhava, feliz por ter os dois filhos em casa. George era muito bom a fingir. Escolhera perdoar e assim nada mais havia a dizer. Não queria pormenores sobre a gémea que morrera, não queria razões para os atos dos pais a seguir a essa morte. Harri era a sua gémea, tinha pais, um namorado e um novo negócio e estava pronto para seguir em frente. Estava na altura de ultrapassar tudo aquilo e esquecer.

Gloria, tal como o filho, estava contente por pôr de lado tudo o que fosse perturbador e incómodo a bem do equilíbrio.

Assim, a mãe de Harri e o irmão a dançar na cozinha indicaram a Harri, sem margem para dúvidas, que os tempos de tristeza, reflexão e introspeção tinham verdadeiramente acabado.

Segundo as palavras de um homossexual bêbedo e muito amado: constrói uma ponte e atravessa-a.

7 de julho de 1975 — segunda-feira

Ontem, nos rochedos, pensei na morte, mas apenas por um milésimo de segundo. Saí dali e fui para casa, tranquei a porta do meu quarto e, enquanto estive estendida na cama a escrever o meu diário, um rapaz, dois anos mais novo que eu, da minha escola, caiu desses mesmos rochedos. Não posso acreditar. É tão estranho e tão horrível e ele não queria morrer. Estava com amigos, a tentar roubar ovos dos ninhos das gaivotas, mesmo à beirinha de uma saliência das rochas. Estão sempre a fazer isso, é uma loucura. Acho que não o voltarão a fazer. Ele chamava-se Shane McCafferty e tinha catorze anos. Jogava futebol e tinha uma namorada chamada Jackie. Não a conheço, ela é de Rathnew. Os rapazes que estavam com ele foram levados para a esquadra para prestarem declarações. A Sheila contou-me que o pai dela disse que estavam todos a choramingar. A mãe do Shane foi levada para o hospital porque entrou em choque e tem a tensão alta. A guarda costeira foi procurá-lo na esperança de o encontrar, mas o pai da Sheila disse que, se não morreu ao cair do rochedo, terá morrido contra as rochas lá em baixo ou afogou-se. O pai da Sheila pode ser muito negativo. No entanto desta vez talvez tenha razão. Ainda não encontraram o corpo e já passaram mais de vinte e quatro horas; por isso, nesta altura já se sabe que morreu. É tão triste que não consigo deixar de pensar nisso. Não o conhecia bem, e contudo só consigo pensar nele. Pobre miúdo, onde estará ele agora? Estará feliz? Estará contente por ter morrido ou irritado consigo próprio por ter sido tão estúpido e arriscar a vida e o futuro por uma estúpida gaivota? O Matthew e eu fomos ao Dr. B. Ele fez chá e contou-nos que as buscas continuavam e mencionou qualquer coisa sobre o corpo vir à tona de água em nove dias. Não percebi do que ele falava, qualquer coisa a respeito de o corpo expulsar gases, e eu desliguei-me daquilo, é tão repugnante. A mãe do Shane está num estado tremendo. Fez-me sentir mal por não ter pensado na minha mãe quando estava sentada naqueles rochedos, mas ela não merece isso. O Dr. B. perguntou por ela. Eu respondi que estava bem, mas menti. Ela anda outra vez estranha. Esteve bem durante algum tempo e agora só faz é sentar-se à mesa da cozinha e olhar para a parede. Continua a ir à missa, e a ver *Coronation Street*, por isso já é alguma coisa. Não sei o que se passa com ela. Talvez tenha medo. Se calhar é isso que o medo nos faz. ELE não veio para casa. Acho que ela nem

sequer repara nisso. Não podem fazer o funeral do miúdo até o encontrarem. É tão triste. Quem me dera poder ajudar. Se calhar, quando o encontrarem e o enterrarem talvez possa pedir à minha mãe que faça uma tarte de maçã para eu levar à mãe do Shane. Acho que a tarte não faz mal à tensão arterial. Vou perguntar ao Dr. B.



Chamo-me Melissa e uso o Google

Nos dias que se seguiram à conversa entre Harri e o pai, no sótão, ela fez um verdadeiro esforço por se manter serena. Recontarem a história a George durante o jantar do empadão de borrego deixara as suas marcas, e ela precisava de alguns dias para refletir calmamente. Claro que isso nunca iria acontecer. Todos os amigos lhe ligaram a querer saber dela até que acabou por concordar com uma refeição em que contaria a história uma e única vez. O pesadelo seria depois deitado para trás das costas, e ela poderia voltar à vida normal ou pelo menos o mais normal possível, visto agora estar solteira, vazia e a viver sozinha. *Talvez arranje um coelho.*

* * *

– Sacana! – bradou Melissa ao marido antes de bater com a porta atrás dela. Gerry ficou boquiaberto, com a filha Carrie ao colo e o filho Jacob puxando-lhe pela perna das calças.

– O que é um sacana, pai?

Cinco minutos antes, Gerry chegara a casa para dar com a mulher a andar pela casa apenas com um sapato de salto alto, uma boa colherada de comida de bebé a escorrer pela frente do *top* e um olhar que demonstrava que ele era um homem morto. Ele estivera contente até ali, o dia correria-lhe bem no trabalho, seguido de um agradável jogo de *squash* antes de ir beber uma ou duas cervejas cremosas com os amigos. Ou três. O seu bom humor estava destinado a não durar muito.

– Que horas chamas tu a isto? – saudou-o ela, num tom que se aproximava do sinistro.

– Passa um pouco das oito – respondeu Gerry num tom ligeiro, depois de olhar um momento para o relógio.

– Eu devia ter ido encontrar-me com a Susan e a Harri às sete e meia! – berrou Melissa, num tom de frustração que raiava a histeria.

– Ah, não vais chegar muito atrasada – retorquiu Gerry, injetando calma à voz na esperança de que isso serenasse a mulher.

Estava enganado. Ela parou de andar à procura atrás dos móveis e das almofadas e voltou-se para ele, dando dois passos na sua direção. Como tinha uma perna mais curta do que a outra devido à falta do sapato, a situação era surreal.

– Tu prometeste – atirou ela, furibunda. – Prometeste chegar a casa pelas sete, para eu poder jantar com os meus amigos.

– E podes ir – retorquiu Gerry, de mãos no ar. – Só vais chegar uma hora atrasada!

Se Melissa tivesse uma arma naquele momento, tê-la-ia usado.

– Uma hora! – bradou. – Uma hora! – repetiu indignadamente num berro, enquanto ia coxeando até ele e Gerry recuava. – Tenho o *top* estragado, o Jacob esqueceu-se onde escondeu o meu sapato e daqui até ao restaurante são pelo menos quarenta minutos!

– Então, organiza-te, pega no carro e vai! – Ele ria-se do comportamento enlouquecido dela, que passara de surreal a cómico, especialmente quando bateu com o dedo do pé na porta da sala e se voltara para lhe dar ainda um pontapé, o que só a magoou ainda mais. Talvez fosse por ter bebido três cervejas, embora dissesse ter bebido só uma, ou talvez por ter aliviado as pressões do dia num bom jogo de *squash*, ou se calhar por não ter ideia do quanto tinha ainda as coisas como um dado adquirido, mas o riso de Gerry era genuíno face à emotividade agressiva da mulher.

Carrie estava no chão, a chorar, e Jacob não parava de saltar contando até dez.

Melissa parou para absorver o divertimento nada recomendável do marido. *Nota: comprar uma arma.* Foi dez segundos a seguir a ter pensado isto que ela pegou na filha e a colocou abruptamente nos braços do marido e saiu de casa apenas com um sapato e com metade do jantar da filha derramado no *top*.

* * *

Aidan, Susan e Harri esperavam Melissa pacientemente, enquanto bebiam uma garrafa de vinho acompanhado por grissinos.

– Então, menina, o que se passa? – perguntou Aidan a Harri como se não soubesse.

– Além do fim da relação com o amor da minha vida, de ter descoberto que sou a gémea que sobreviveu ao parto de uma adolescente desconhecida e que fui trocada por uma recém-nascida morta, não muito, obrigada por perguntas.

Aidan sorriu.

– E tu, Sue, consegues ganhar a isto?

– Bem, o meu casamento foi por água abaixo, mas isso não é novidade, a Beth anda no frenesim dos exames e com tão mau génio que é como se estivesse a viver com a Barbra Streisand.

– Adorava viver com a Barbra Streisand – proferiu Aidan, sorrindo e piscando o olho a Harri. *É bom ver-te a sorrir.*

– *Gay!* – suspirou Susan.

– Procriadora! – respondeu Aidan, continuando a sorrir para Harri.

– E há duas noites dei de caras com o Keith – disse Susan, fingindo um ar despreocupado enquanto lia a ementa virada ao contrário.

– Keith, o construtor? – perguntou Harri, afastando o copo da boca.

– Keith, o construtor – confirmou a amiga. – Estava no Tesco com a mulher.

– Oh – disse Harri.

Aidan encontrava-se demasiado enlevado para falar.

– O que fizeste? – inquiriu Harri.

– Sorri ao passar por eles.

– Ainda bem – retorquiu Harri amavelmente.

Aidan continuava enlevado, sabendo lá no fundo que havia mais qualquer coisa. *Vá lá, cabrinha, conta-nos qualquer coisa indecente!*

– Cinco minutos a seguir a isso, ele ligou-me, pediu-me para se encontrar comigo. Assim fiz. Fizemos amor no carro dele. Foi ótimo. Não penso voltar a vê-lo.

Aidan emitiu um som que parecia um ganido. Harri ficou boquiaberta.

– Pensei que me iria sentir terrivelmente, mas, salvo uma ligeira dor nas costas, senti-me muito bem – acrescentou Susan, assentindo para si própria. – O meu marido odeia-me, por isso, porque não?

– Porque não, de facto? – concordou Aidan, erguendo o copo. – Fico tão feliz por não ser o único a ir para o inferno! Vou guardar-te um lugar! – Bateu na cadeira vazia ao lado dele. Harri riu-se e isso fê-lo lembrar-se de que, se ela não cometesse qualquer género de pecado certificado pelo Vaticano em breve, poderia acabar sozinha nas nuvens do céu. – Temos dois homossexuais, uma adúltera e, encaremos os factos, mais tarde ou mais cedo a Melissa será uma assassina. Então e tu, Harri? O que podes fazer para arranjares boleia na autoestrada para o inferno?

– Já vos digo – retorquiu ela, sorrindo, perguntando-se se as doenças graves, o sofrimento e tormentos que recentemente desejara aos pais seriam suficientes.

Harri tentava perdoar os pais, fingia o mais que podia, mas, lá no fundo, o engano em que a haviam enredado consumia-a a pouco e pouco, por isso interrogava-se se, um dia, no futuro, a Harri que estava ali sentada à mesa não teria desaparecido de vez. *Pois boa viagem! Não existias, de qualquer modo!* Sabia que também George fingia. Dançara com a mãe e fizera-se simpático ao jantar. Brindara à família, sorriera, fora encantador, perdoara, enganara. Ela bem o vira no seu olhar, o olhar que se recusava a fitar o olhar dos pais. A família Ryan estava a fazer aquilo que a família Ryan melhor fazia: fingia, escondia e mentia, pondo todas as irritações, as emoções incómodas e os ressentimentos debaixo do tapete; quanto tempo duraria a farsa, ninguém sabia.

Melissa entrou descalça no restaurante a apertar a mala contra o peito. Olhou para o chefe de sala bem no rosto e, com um sorriso radiante, anunciou que já vira onde estava o seu grupo e que não precisava de ajuda para ir ter ao lugar. O chefe de sala pareceu não reparar que ela não trazia sapatos, mas quantas pessoas olham realmente para os pés? Susan foi a primeira a falar.

– Onde estão os teus sapatos? – perguntou, deitando por terra a teoria.

– Nem perguntes – respondeu Melissa, tirando a mala de cima da mancha no *top*.

Harri serviu-lhe um copo de vinho bem cheio.

– Obrigada – agradeceu Melissa, antes de sorver um grande gole.

– Os miúdos dão uma trabalhadeira danada – proferiu Susan, suspirando.

– Os maridos dão mais! – replicou Melissa e bebeu novo gole.

– Ouvi dizer – concordou Susan.

Harri continuava calada, evitando uma súbita vontade de chorar, visto a cena que se desenrolava à sua volta a fazer lembrar que não tinha nem marido nem filhos. James fora-se embora, tinha saudades dele mais do que imaginara possível e os coelhos seriam provavelmente proibidos pela comissão de moradores do prédio onde vivia.

– Sentes-te bem? – perguntou-lhe Melissa.

– Sim – sorriu, tentando convencer.

– Pareces constipada.

– Estou bem.

– Na ementa têm ameixas – interjetou Aidan.

– Não preciso de ameixas.

– Estava só a dizer. É raro haver ameixas numa ementa.

– Onde está o George? – inquiriu Melissa.

– Está muito ocupado com carpinteiros, eletricitas e canalizadores – respondeu Aidan antes de brindar com Melissa, que logo a seguir bebeu o vinho de um trago. – Até parece que anda a transformar o maldito Palácio de Buckingham. Pôs-me a pintar a semana inteira, é um sacaninha de um meticoloso!

* * *

Aidan mentira um pouco. George andava de facto muito ocupado, mas não tanto que não pudesse parar para um jantar. A verdade era que George não apreciava noitadas na cidade com as raparigas e Aidan estava farto de dar desculpas por ele. Haviam discutido sobre isso antes, quando Aidan lhe implorara que fosse, sobretudo tendo em conta a dura prova por que Harri passara recentemente. George fora perentório, não fazia tenções de perder tempo a ouvir um chorrilho de bisbilhotices ociosas, conversas sobre bebés, casamentos, as queixas de Aidan.

– Eu não me queixo.
– Aidan, já te conheceste a ti próprio?
– A tua irmã precisa de ti.
– E eu estou cá para ela, na altura certa.
– Nunca saís connosco.
– Três mulheres e tu não são a minha companhia ideal para um jantar. A Melissa e a Sue são uns amores, a minha irmã é o meu mundo, mas lá porque sou homossexual não quer dizer que goste de noitadas de mulheres.
– Não é curioso que gostes da companhia delas aqui em casa mas não num restaurante?
– Não comeces, Aidan.
– Só estou a dizer.
– Então não digas. Tenho os meus amigos e tu tens os teus. – George sentia-se irritado por estar a ter a mesma discussão pela milionésima vez.

Aidan desistiu; de que valeria? Os alegados amigos de George eram viciados da adrenalina, que, quando não andavam a saltar de aviões ou a fazer *bungee-jumping*, falavam disso, faziam planos para isso ou irritavam-se com isso. Não conheciam George bem, não mais do que ele os conhecia a eles. Só tinham em comum os passatempos. Quando George precisara de ajuda com os negócios, fora Melissa quem passara três noites a delinear-lhe as propostas para o banco, quando precisara de descontos para a decoração, fora Susan quem lhe arranjava o que ele precisava e, para tudo o resto, dependia de Harri. Eram elas as suas verdadeiras amigas e as suas verdadeiras amigas queriam passar uma noite com ele, tendo em conta os terríveis acontecimentos recentes de modo a poderem ultrapassá-los. Porém, de que serviam os argumentos da razão para um homem como George? Já se decidira, por isso, pronto.

Aidan bateu com a porta para assinalar a sua saída.

George sentia-se cansado depois de um longo dia a discutir com um eletricista.

– Acho que os focos não ficam bem aqui – dissera o homem, de braços cruzados.
– Desculpe?
– Acho que não ficam bem.
– Não precisa de achar nada. Eu quero assim – retorquira George abruptamente.
– Pois, bem, pode ser assim, mas sou eu que faço o trabalho e quatro focos tão juntos nesta área não me parece bem.

- Eu é que sou a merda do cliente.
 - Não precisa de insultar.
 - Pois eu acho que sim.
 - A sério, não é preciso.
 - Vai pôr os focos onde eu lhe pedi ou não?
- O homem fungou e passou a manga pelo nariz.
- Vai ser a sua morte.
 - Está a dizer-me que colocá-los tão juntos é perigoso?
 - Não.
 - Oh, pelo amor de Deus!

Dias antes e num momento de fraqueza concordara em ir ao jantar, mas fora só para afastar Aidan. Acabara por se esquecer, por isso fora uma surpresa desagradável ver Aidan à sua espera na sua melhor roupa informal, tresandando a *Paco Rabanne* e de grande sorriso no rosto.

- Tens meia hora para te arranjares.

Bolas.

- Aidan, não vou.

A discussão começara a partir daí.

Depois de Aidan bater com a porta, deixando George sozinho no apartamento, este percebeu que não havia comida em casa e não lhe apetecia pedir novamente que lhe levassem comida a casa. Sabia que Aidan estava furibundo e que a discussão prosseguiria durante dias e dias. Parte dele precisava de uma boa noitada e claro que gostava das raparigas – era de Aidan em volta delas que ele não gostava. Tornava-se histérico, ruidoso e boçal e George achava isso embaraçoso. Claro que, quando referira o facto, Aidan lhe chamara homofóbico, desatando aos gritos e brados de indignação. «És tão mau como eles!» «Eu sou o que sou!» «Como te atreves a julgar-me?» George não tivera resposta, pelo menos nenhuma que ganhasse a simpatia de ninguém. Aidan era efeminado nas melhores alturas e George por vezes sentia dificuldade em lidar com isso, mas amava-o. Quando Aidan bebia transformava-se e quando bebia com as amigas tornava-se o rei da festa. Subitamente, a vida era um palco e Aidan a atração principal; George não conseguia lidar com isso. O amigo dissera-lhe um dia que ele era ciumento, pois era ele quem estava habituado às atenções. Não era verdade. George não sabia porque era uma companhia popular nem perdia demasiado tempo a pensar nisso. Só sabia que, quando tinha atenção, nada tinha que ver com o facto de estar em cima de uma mesa, de malinha na mão, a cantar «I Am Just a Girl Who Can't Say No». Aidan era meigo e terno, divertido e muito bom na cama, mas, por vezes, deixava-o embaraçado. Não era justo que lhe chamassem homofóbico por expressar o que sentia. Por isso, sentou-se sozinho à espera da entrega da terceira espetada de frango dessa semana, meditando e tentando lembrar-se da razão por que ele e Aidan namoravam.

* * *

Harri falara sobre o pai, a mãe, as duas gémeas mortas, a rapariga da floresta, a frágil mãe da adolescente morta, do padrasto violento, do padre Ryan, do jovem médico e do rapaz que perdera o seu grande amor.

- Acho que é tudo muito romântico – declarou Susan após ter bebido um copo a mais.
- Se a tua ideia de romantismo é isto... – comentou Aidan, olhando com ar estranho para ela. – A

miúda morreu debaixo da treta de uma árvore, com um bebé morto entre as pernas. Como pode isso ser romântico?

Harri fez um trejeito de dor e Melissa deu um pontapé em Aidan.

– Falo do amor do rapaz pela miúda. Ela morreu e ele amava-a tanto que se dispôs a abdicar da filha para que ficasse a salvo do padrasto que a rapariga abominava. Juro que é como aqueles romances de cordel.

– És tão lamechas – proferiu Aidan.

– É uma ideia bonita, Susan, mas o Aidan tem razão... és uma lamechas – concluiu Harri.

– Desculpa? – perguntou Susan, abrindo tanto a boca que se viu a comida lá dentro.

– Fecha a boca! – ordenou Melissa como se falasse para o filho de quatro anos.

– Ele era só um miúdo. Não queria um bebé – disse Harri, enquanto fazia girar o vinho no copo com ar pensativo.

– E agora? – perguntou Melissa.

– Agora o quê? – retorquiu Harri.

– Agora ele é um homem feito.

– Da minha idade – lembrou-lhes Susan. *Como será o aspeto dele...*

– E agora, nada – afirmou Harri.

– Não sentes o mínimo de curiosidade? – inquiriu Aidan.

– Não – mentiu Harri.

– A sério – disse Melissa – é pena, porque andei à procura dele no Google a noite passada.

Harri empalideceu ligeiramente.

– Não acredito que fizeste isso – proferiu, num murmúrio.

Os outros dois nada disseram.

– Passei das marcas? – perguntou Melissa, um pouco alarmada pelo silêncio. Quando ninguém falou sentia-se um pouco em pânico. – Muito bem, talvez não o devesse ter feito, mas nem pensei. Tinha o computador ligado e, vocês conhecem-me, não passo sem o Google. – Agora Melissa suave. *Ai, a minha vida.* Aidan e Susan moveram-se incomodados nos assentos.

– Então, o que dizia? – perguntou Harri após um longo e incómodo silêncio.

Melissa aclarou a voz, arrependida da indiscrição, mas forçada a continuar.

– Bem, ele é criador de cavalos. Descobri que é um treinador muito conceituado e com grande nome na área dos cavalos. Vive numa mansão, algures em Wicklow. Não é casado, e além de ti não tem mais filhos. Oh, e é rico.

– Os meus pais têm dinheiro – replicou Harri, ligeiramente ofendida por se falar em dinheiro.

– Sim, têm, mas este tipo faria os Ryan parecerem camponeses.

– E é solteiro? – quis saber Susan.

– Bem, não é casado, talvez tenha namorada.

– Então, é rico? – perguntou Aidan.

Melissa ignorou-o.

– Imprimir uma fotografia. Não está grande coisa, a minha impressora a cores é uma treta, mas, se o quiserem ver...

Susan ouviu uma campainha soar no seu espírito. *Por favor, sê bonito. Oh, meu Deus, que estou eu a fazer? Controla-te, Susan!*

Harri olhou para Melissa e suspirou.

– Mostra-me – pediu.

– Está bem. – Melissa fez um gesto de assentimento e retirou a fotografia da mala. Alisou-a sobre a mesa antes de a abrir.

O homem perante eles estava vestido de *smoking* e segurava um copo de champanhe. A legenda dizia: *Matthew Delamere de novo em forma*. Tinha o cabelo castanho e ondulado, forte, como o de Harri, só que mais curto. Tinha um sorriso aberto e um brilho no olhar.

– Tens os olhos dele – disse Melissa.

– Que borracho – proferiu Aidan.

– É mesmo – concordou Susan. *Meus Deus, apetece-me tanto ligar ao Keith. Não faças isso, Sue. És melhor do que isso.*

– É um borracho rico – acrescentou Aidan antes de beber mais um gole de vinho. – Há males que vêm por bem – murmurou. Harri deu-lhe um encontrão.

– Pois – concordou ele. – Não cantemos de galo antes do tempo.

Harri sentia-se estranha e precisou de ir à casa de banho. Pediu licença e sentou-se na sanita um minuto ou dois para se recompor, mas não conseguiu e começou a chorar.

– Está bem, minha querida? – perguntou uma mulher no gabinete ao lado.

– Sim, obrigada – soluçou Harri.

– Por vezes o melhor mesmo é chorar tudo bem chorado – respondeu a mulher.

– É verdade – soluçou Harri.

– Linda menina – retorquiu a mulher antes de a deixar entregue à dor.

2 de agosto de 1975 — sábado

Passou um mês inteiro sem eu ter escrito no meu diário. Que chatice, aconteceu tanta coisa e, seja como for, não me lembrarei de tudo. Parti dois dedos da mão direita, foi por isso que não pude escrever. Foi mesmo mau. Sofri imenso e ainda me doem muito. Andava a cavalgar com o Matthew e caí da *Betsy*. O Henry diz que foi tal a queda que tive sorte em não partir o pescoço, e a sério que não sei como é que ele inventou isso. Caí sobre as mãos, não bati com a cabeça. O Dr. B. passou-me um papel para ir ao hospital e o Matthew foi comigo. Não me ralei a contar à minha mãe, ela só me iria envergonhar. Anda doida, agora. Num minuto está a rir-se, no seguinte, chora, depois ri-se outra vez, a seguir grita, depois pede desculpas antes de voltar a chorar, ri de novo, e assim sucessivamente. Juro que está a dar tão em doida que até tive pena DELE uma noite destas, na semana passada. Foi só por um momento, depois tive outra vez vontade que ele morresse, por isso não faz mal. Tenho conseguido continuar a trabalhar nos estábulos, embora tenha sido mais no escritório, o que adoro. A rapariga da receção arranjou emprego em Dublin e deixou-os em apuros, por isso os meus dedinhos partidos não poderiam ter surgido em melhor altura. Atendo telefonemas a maior parte do tempo e tomo notas num quadro a giz, porque é mais fácil segurar o giz, é mais grosso e posso agarrá-lo melhor com a mão do que uma caneta. Foi ideia do Matthew, realmente genial. Achei que seria muito chato, mas não foi, de facto até foi muito interessante. Estava na parte mais elegante da propriedade, e aí se era elegante. Ao princípio, o pai do Matthew não me ligava nenhuma, mas um dia foi ao escritório aos gritos por causa de um pedido de almoço que não fora entregue a ele e a um príncipe saudita! De qualquer maneira, a rapariga que foi para Dublin deve ter-se esquecido de pedir aquilo a algum sítio fino, por ironia do destino, em Dublin, por isso, enquanto ele dava em doido com aquilo, liguei ao pai da Sheila e pedi-lhe que mandasse um almoço tradicional do *pub*; ele ficou radiante e o príncipe adorou. Depois disso, ele disse-me que sou ótima a pensar com a minha cabecinha e que daria uma excelente assistente pessoal. Não faço ideia do que será uma assistente pessoal ou o que fará exatamente, mas soa muito bem. Desde então anda sempre à minha volta. Bem, quando digo sempre à minha volta, quer dizer que ele acha que sou brilhante e eu diria que se não me apetecer voltar à escola para concluir o diploma em setembro, ele vai manter-me no escritório. Contudo, acho que o Matthew não iria gostar disso. De qualquer modo, é só uma ideia.

Agora, que mais? A Sheila e o Dave romperam por duas semanas, mas já voltaram a andar e ela diz que de certeza nunca mais irão acabar o namoro. Pois, claro, e a minha mãe NÃO é maluquinha. Bem, o Dave acabou tudo porque achava que ela andava demasiado apegada a ele e não o apoiou quando ele disse que queria ir escalar rochas e fazer disso vida. O Dave é mesmo um grande parvo. Trepas rochas? Quem faz isso? Como se ganha a vida com isso? Porque há de alguém fazer tal coisa? O que interessa isso? Eu não me importaria, mas ele é o rapaz mais preguiçoso que conheço. Não se coçaria se soubesse que alguém o faria por ele e tenho a certeza de que à porta fechada a mãe lhe faz isso. Ela tem um ar esquisito e tem sempre um lenço molhado à mão. O Dave continua a querer ir escalar rochedos e a Sheila finge que está feliz com isso porque a mãe lhe disse que é só uma fase. A Sheila anda agora a pensar muito a sério em ser cabeleireira, já não é como dantes, quando só falava nisto por falar. Até me fez um penteado todo cheio de estilo. Não ficou lá muito bem feito, tinha montes de altos e fazia-me doer a cabeça, mas ela é só uma principiante e nunca teve formação, por isso, enfim.

O Dr. B.! O que poderei dizer sobre o Dr. B.? Ele está numa encruzilhada e de olhos esbugalhados! Aproximámo-nos desde que parti os dedos. Oh, esqueci-me de dizer que ele detestou o *Maurice* que lhe ofereci. Quase perdeu a cabeça quando leu a contracapa e ficámos sem nos falar uma semana inteira; depois, parti os dedos e ele admitiu que o lera e eu não disse nada porque o livro fala muito de sexo e eu não queria corar e ele disse que gostara muito, agradeceu-me e disse-me que o fizera sentir-se normal. Compreendo isso. Disse-lhe que percebia, mas ele riu-se e disse que eu não poderia entender o que era alguém sentir-se um pária, e eu não consegui responder-lhe na altura porque não sabia o que era um pária, nem sequer como se escreveria. Mais tarde fui ver ao dicionário e, agora que sei o que é, ele engana-se. Ele pode gostar de homens, mas ninguém sabe disso, só ele e eu, e toda a gente sabe que vivo numa casa onde há violência, toda a gente sabe que a minha mãe anda estranha e feita um destroço e que o meu padrasto é um bêbedo e toda a gente acha que sabe exatamente o que se passa e não sabe. Ouço-os falar e aos segredinhos, e penso. Observo o mundo a passar e só porque sou uma adolescente não quer dizer que não me afete. Vejo a pessoa que quero ser e o mundo onde quero viver e tudo isso está a quilómetros de distância de mim. Não passo de uma miúda estúpida a que não se dá importância, a quem se pisa no caminho, por isso, se alguém sabe o que é ser um estranho na própria terra, eu sei. Vai bater uma, Dr. B., e vê se atinas! Bem, foi isso que pensei, mas não disse. Em vez disso, na consulta seguinte em que fui mudar o penso, disse-lhe que agora compreendia o termo e expliquei-lhe porque tinha razão e ele não. Primeiro ele riu-se, mas depois ficou triste. Disse que a minha dor e frustração eram um rito de passagem e que o que ele sentia era um fardo que carregaria para toda a eternidade. Isso é o padre Ryan a falar — até estou a ouvir isso a sair da boca dele. Que grande monte de merda! Disse-lhe mesmo assim. Ele pensa que a Igreja sabe do que fala e talvez tenha razão ou talvez esteja enganado. Perguntei-lhe se alguma vez pensara no assunto e ele admitiu que não. Conte-lhe que o irmão do meu pai (um *hippy* de quem a família não fala) uma vez me disse que só existia uma regra a seguir: tratar os outros como gostaríamos que nos tratassem a nós. Era noite de Ano Novo e ele estava bêbedo, mas fez montes de sentido. Disse que tudo o que fosse a mais ou a menos que isso era uma treta. Acho que ele tem razão. Somos quem somos e, desde que se viva uma boa vida e que se trate bem as pessoas, não seremos decentes e bons e dignos de tudo o que o céu tem para nos dar? O Dr. B. não falou muito depois de eu ter ido buscar o meu tio bêbedo na noite de Ano Novo, mas disse que continuava contente por me ter conhecido. Isso foi simpático. Ele parece surpreendido por eu não ter falado a ninguém sobre ele, mas porque o faria? Ele é meu amigo. Além do mais, conseguiu mesmo tratar bem dos meus dedos.

O padre Ryan anda estranho. Está sempre a tentar falar comigo, a perguntar-me como correm as coisas cá em casa. Disse-lhe que correm como a merda. Bem, não disse merda, mas disse-lhe que a minha mãe anda meio doida e que ELE qualquer dia explodiria. Perguntou-me o que queria eu dizer com aquilo, como se estivesse a falar uma língua diferente. O que quer o SENHOR dizer?, perguntei, juro que o fiz, fui mesmo impertinente, mas o que esperaria ele, a meter o nariz na vida das pessoas quando não faz ideia do que se passa? Viverá ele com uma pessoa que o insulta e o brutaliza todos os dias da semana? Já estive no hospital de cara tão inchada que nem conseguia falar? Alguma vez teve de trancar a porta do quarto e rezar para que não fosse atacado? O padre Ryan não faz a mínima ideia e no entanto vem à minha casa pregar a palavra do Senhor, o mesmo Senhor que andava com prostitutas e ladrões e gostava deles porque, afinal, era humano e eles eram provavelmente companhia mais divertida do que parvalhões piedosos que, no fim, acabaram por o matar brutalmente. O padre Ryan não gosta quando eu digo o que penso. Começa a tartamudear e fica com tiques, o pescoço torna-se vermelhusco e depois começa a citar coisas e a raciocinar e a discutir, e eu desligo porque me estou nas tintas. Se nos tivesse deixado em paz, a minha mãe não teria ficado doida, ao ponto de, no outro dia, sair de casa esquecendo-se de vestir a saia, mas isso é outra história.

Aconteceu tanta coisa. O Matthew e eu damo-nos maravilhosamente. Quando estou com ele o mundo torna-se um lugar melhor. Falamos e falamos e nunca deixamos de ter coisas para conversar, nunca nos aborrecemos nem irritamos. Falamos de

tudo. Até lhe contei sobre uma noite, há uns meses, quando a mãe estava fora a passear e ELE estava bêbedo e entrou no meu quarto. Contei tudo ao Matthew e nunca pensei que o conseguisse fazer. Ele ficou tão furioso que queria ir ter com ele e matá-lo, e foi bom vê-lo assim tão furioso, foi bom não ser a única a estar furiosa, e, agora que ele também quer que ele morra, faz-me sentir um pouco melhor em relação às coisas. Começava a pensar que era um pouco maluquinha da cabeça. De qualquer forma, disse-lhe que estava bem e que consigo lutar com ele, mas agora o Matthew anda preocupado. Diz que vai pôr mais uma fechadura na minha porta, com cadeado. Preferia que ele não se preocupasse. Já tem que lhe baste. O pai anda a tratá-lo muito mal. Está sempre a deitá-lo abaixo e cada vez pior. Não sei porquê. Ele vai voltar à escola em setembro e fico aterrorizada com isso. O que será o meu mundo sem ele? Não consigo imaginar. Não quero. Ele é o meu mundo. Não o verei durante semanas porque o pai só o autoriza a vir a casa de férias. Que estupor! O Matthew é o amor da minha vida. Há duas semanas, estávamos deitados sobre a erva alta das dunas (que é tão macia como qualquer edredão — tão macia que oscila sob os nossos pés — estranho) ao pé do castelo, a ouvir o mar e a contemplar as estrelas e pusemos as mãos nas cuecas um do outro e foi mesmo bom e hoje ele segredou-me que me salvaria e apertou-me tanto contra ele que doeu. Salvar-me-ia, disse ele, porque sabe que eu preciso de ser salva. Não tive de lhe pedir. Amá-lo-ei para sempre, por isso. Amá-lo-ei para sempre, por tudo. Amo-o tanto que sinto saudades dele quando estou com ele. Talvez seja doida, como a minha mãe!

Bem, uma última coisa. Estou a ouvir o Elton John e ele é tão fantástico! «Rocket Man» já existe há que tempos, mas foi a primeira vez que gostei mesmo de ouvir. O Matthew tem todos os discos dele e eu adoro o «Candle in the Wind» e «Don't Let the Sun Go Down On Me». Os Bay City Rollers acabaram e ele será eterno, dá para ver.

De qualquer maneira, vou sair agora. Os meus dedos estão libertos e o Matthew vai levar-me a um piquenique à beira do Glen. Amo a água. Talvez um dia venha a trabalhar com água. Sou uma grande nadadora. Esta manhã, ao abrir a janela do meu quarto, lá estava o corvo mais negro e gordo no parapeito e sei que toda a gente o detesta, mas eu, não, é lindo. Estava tão quieto, com o pescoço arqueado e a olhar, orgulhoso, para o mar, depois, virou a cabecita lentamente na minha direção e eu não tive medo nenhum, foi tão bonito. Não me mexi uma única vez, esperei e depois ele olhou-me a direito nos olhos. Juro que olhou para mim imenso tempo e eu a olhar para ele, a seguir desapareceu e precisei de me sentar. Não sei porque tive uma sensação estranha. Seria loucura pensar que o pássaro sabia qualquer coisa que eu não sabia? Acho que sim e, contudo... O Matthew deve estar a chegar. Vamos à cidade ter com a Sheila e o Dave e com um primo inglês dele, o Simon.



Se ao menos

O mês de julho parecia longo e, apesar do bom tempo e de muito trabalho, Susan sentia-se contente por estar a chegar ao fim. Dormira com Keith mais três vezes, uma num hotel, outra sobre um edredão enorme atrás de umas rochas antes do amanhecer, na praia de Killiney, e outra em pleno dia, no seu quarto, mesmo na sua cama de casada. Após esse encontro, em que se sentiu realizada mas também culpada, admitiu que o seu casamento chegara ao fim. Keith fora-se embora pouco depois e, mal a porta se fechou atrás dele, Susan deu por si a fazer uma mala. Não chorou e nem sequer pensou muito, limitando-se a arranjar a mala mecanicamente com tudo o que precisava para sobreviver fora da sua própria casa.

Do carro, ligou a Harri.

– Posso ficar contigo? – perguntou assim que a amiga atendeu.

– Claro – respondeu Harri, sem precisar de perguntar nada. Afinal de contas, o ato desesperado de Sue há muito que se esperava.

– Vou a caminho – disse esta. *Falarei com a Beth quando estiver instalada. Contar-lhe-ei tudo. Por favor, meu Deus, faz com que ela não me fique a odiar.*

Harri aguardava-a com lençóis lavados sobre o sofá-cama, chá, bolachas e um grande abraço.

– Tenho tanta pena, Sue – disse. Esperara que tivesse sido Andrew a expulsar Sue de casa, e ficou chocada ao ouvir que fora ela que decidira sair.

– Já não conseguia aguentar mais aquilo – confessou. – Não suportava o silêncio e as mentiras.

– Então e a Beth? – perguntou Harri, alarmada ao saber que a amiga saíra de casa por impulso, sem plano, impreparada.

– Ela não sabe.

Beth trabalhava numa *boutique* na baixa da cidade e iria para casa mais tarde, embora Susan não tivesse a certeza de quando. Harri aconselhou-a a ligar à filha. Ela precisava de saber e, como recente vítima de mentiras, Harri foi perentória nisso. Assim, Susan deixou uma mensagem no telemóvel da filha pedindo-lhe que viesse a casa de Harri depois do trabalho, realçando que era importante.

Beth chegou um pouco depois das oito. Harri recebeu-a em alvoroço, insistindo que comesse um resto de lasanha que sobrara. Susan permaneceu calada. Beth afirmou que não queria comer, pressentindo imediatamente que algo se passava.

Harri saiu da sala para ir à casa de banho, onde se sentou na sanita durante algum tempo até decidir tomar um banho.

– O que fez ele? – perguntou Beth.

– Nada – respondeu Susan. – Ele não fez nada.

– Sei que fez! – proferiu Beth, irritada.

– Fui eu – confessou Susan. – Fui eu quem teve o caso. Ele apanhou-me em flagrante há sete meses. Beth estava sentada e mesmo assim as pernas fraquejaram-lhe. Afundou-se no cadeirão.

– Tu? – inquiriu, alarmada e sem conseguir acreditar.

– Desculpa – retorquiu a mãe.

– Tu?

A mãe fez um gesto de assentimento. Beth não conseguia compreender. Durante todo aquele tempo julgara que era o pai que pensava ir-se embora, que era o pai que estava a destruir a família, que era ele o grande sacana. Todo aquele tempo em que ela o agredira, repreendendo-o enquanto ficava ao lado da mãe, consolando-a, durante todo esse tempo o pai é que fora a vítima. Beth estava sem palavras.

– Perdoa-me – pediu Susan.

Beth então recuperou a capacidade de pensar, de se mover e de falar e de súbito encontrava-se de pé, a andar de um lado para o outro, a pensar em voz alta e aos gritos. «Ele não disse nada!» «Porque não te pôs fora de casa?» «Porque me deixou falar com ele daquela maneira?» «Porque te encobriu?»

Susan só conseguiu responder que não sabia, porque desconhecia a razão de o marido ter sido tão perentório em não querer envolver a filha na traição dela. Fizera-a prometer isso e ela concordara, no esforço de tudo fazer para que a perdoasse. Passara-lhe pela cabeça que era bastante estranho que, quando Beth despejava todo o seu veneno para cima do pai, ele nunca se defendesse, apontando o dedo uma vez que fosse na direção certa. Por fim, a mentira aprisionara-a, desmoralizando-a, deixando-a de rastos e numa tremenda armadilha. Interrogara-se se teria sido essa mesma a intenção dele, mas seria demasiado maquiavélico e cruel. Ela não conseguia explicar à filha a razão por que o pai estivera tão desesperado em ocultar-lhe o adultério da mãe. Não fazia sentido.

«Quem foi ele?» «Quando e por quanto tempo?» «Quantas vezes?» «Porquê?», gritava Beth repetidamente enquanto andava em círculos pela pequena sala de Harri.

«Um construtor.» «Não muito.» «O que interessa isso?» «Sentia-me só», respondia Susan, repetindo-se.

Susan não queria ter de explicar a sua vida sexual à filha. Não estava certo. Não iria dizer-lhe que o pai perdera o interesse no sexo dois anos inteiros antes de ela sequer sonhar que iria ter um caso. Nunca lhe diria que tentara tudo para o cativar, indo ao ponto de refazer a maquilhagem, perder peso, vestir-se elegantemente, ou, de modo mais casual, andar de botas no quarto, tentar seduzi-lo com *lingerie* sensual. Ele rira-se dela. Fartara-se de rir. Ela chorava e ele saía furioso. Não estava interessado em ter sexo com a mulher, e ela sentia falta disso. Queria sentir-se atraente e viva e amada, não se queria ver como uma velha, seca e acabada, a aguardar a morte. Tinha quarenta e seis anos, era sensual e excitante. Queria fazer amor com o marido. Que raios, merecia-o e andava furiosa por ele a ter feito odiar-se a si própria e triste por ter saudades do que outrora haviam tido; culpada também, porque era errado fazer o que ela fizera com Keith e, contudo, parte dela gritava que estava inocente porque Andrew a abandonara primeiro. Talvez ele não tivesse feito sexo com mais ninguém, mas não o fazia com ela e deveria, pois era a sua maldita obrigação. Ela tinha amigos, mas quem queria era o marido, e ele não estava mais com ela. Porém, não poderia dizer isso a Beth. Só conseguia dizer que lamentava, mas não bastava.

Beth desprezou a mãe.

– Tenho nojo de ti! – ripostou, agarrando no casaco.

– Onde vais? – implorou Susan.

– Para casa, ver o meu pai e pedir-lhe desculpa por ter sido uma cabra tão estúpida!

Bateu com a porta da casa de Harri.

Harri saiu do banho, vestiu o roupão e foi à sala de estar, onde viu Susan sentada no meio do chão. Susan não precisava de repetir a discussão. A amiga ouvira tudo através das paredes finas. Não teve de explicar o seu ponto de vista nem de pedir desculpa, pois Harri sabia que o marido de Susan perdera de forma cruel o interesse por ela havia muito.

– Tenho tanta pena – disse Harri.

– Há muito por que ter pena ultimamente.

– Pois há.

Mais tarde, Harri e Sue sentaram-se as duas, a beber cacau e a ver um episódio do *CSI Miami*. Harri já vira todos os *CSI Las Vegas*.

– Tens mesmo de deixar de ver o *CSI* – comentou Susan, a meio do episódio.

– Bem sei. Já te disse que há um *CSI Nova Iorque*?

– Ai, meu bom Jesus! – suspirou Susan. – Bem sabes que é no fundo a mesma série, não sabes?

– É disso que eu gosto – respondeu Harri, assentindo com a cabeça. – Consola-me.

* * *

Andrew só apareceu em casa depois das onze da noite. Beth esperava-o.

Chorara durante grande parte da noite. Telefonara a quatro amigos, à prima preferida, Jessica, ao antigo namorado que lhe passara os chatos. Ele fora muito compreensivo e oferecera-se para passar lá por casa, mas, depois de ter pensado bem, ela decidiu que seria melhor que ele não fosse. A dor fragilizava-a aos avanços dele e, por muito que ainda sentisse saudades, não tinha confiança nele, não fosse transmitir-lhe mais alguma coisa desagradável. Esperou pelo pai na cozinha, sentada à mesa, de costas curvadas, as mãos agarrando na cabeça baixa.

Ele pareceu ter um ligeiro choque ao abrir a porta da cozinha e ver a atitude estranha dela e o silêncio em que estava. Ela ergueu lentamente a cabeça.

– Beth? – proferiu o pai, num tom que traía algum pânico.

– Desculpa, pai – retorquiu.

– Desculpa porquê, querida? – disse ele com voz trémula. Sentou-se ao lado da filha.

– Ela contou-me a verdade – explicou Beth, chorando.

Andrew ficou lívido.

– Ela contou-me o que fez.

– Muito bem – foi o que ele conseguiu responder.

– Ela foi-se embora.

– Muito bem – repetiu ele, assentindo com a cabeça.

– Porque não me contaste, pai? – perguntou Beth, desconcertada. – Todas aquelas vezes em que te ataquei, dizendo que eras um sacana para a mãe. Era afinal tudo culpa dela.

– E ela foi-se embora? – balbuciou ele.

– Pai?

– Sim.

– Porque não me contaste?

– Porque precisava de espaço para lhe perdoar.

– Mas não conseguiste? – perguntou Beth, num tom que demonstrava que já conhecia a resposta.

– Não, acho que não.

– Que se lixe a mãe! – exclamou Beth, abraçando o pai. – Tens-me a mim, paizinho, por isso, ela que se lixe. – Naquele momento, Beth transpôs todo o ódio que sentira pelo pai para a mãe. *Não consigo acreditar que ela nos fez isto.*

Andrew abraçou a filha e, embora não pronunciasse palavra, tinha a cabeça a explodir de tantos pensamentos, voando em tantas direções que ficou com dor de cabeça. *Ela foi-se mesmo embora? Ela contou à Beth – supliquei-lhe que o não fizesse. Acabou-se tudo? Por quanto tempo? Para sempre? E a Beth? Será isto que eu quis? Odeio-a. Onde estará ela? Isto é culpa minha. Sentirei falta dela? Vinte e seis anos. Vinte e seis anos. Vinte e seis anos. Porque era o sexo tão importante para ela? Porque não me aceitou como sou? O que haverá de errado comigo? Ficarei sozinho para sempre? Deveria ter-lhe perdoado ou pelo menos fingir que sim, mas, se a tivesse deixado voltar, ela teria percebido. Há qualquer coisa de errado comigo. Não sou um homem. Oh, meu Deus, a minha mulher foi-se embora!*

Andrew voltou ao quarto que partilhara com a mulher sete meses antes. O toucador estava vazio de tudo o que pertencia a Susan. As gavetas dela e o lado do guarda-fato que ela usava não tinham roupa alguma. A roupa de cama estava mudada porque, mesmo tendo-o deixado, ela fora suficientemente gentil para lhe fazer uma cama de lavado. Sentou-se no lado esquerdo, tão familiar, da sua cama de casado feita de fresco. Fora aquela cama que lhes destruíra o casamento. Susan e Andrew tinham-se dado maravilhosamente durante tanto tempo. Riam juntos, gostavam da companhia um do outro, partilhavam ideias, opiniões e tinham muitos interesses em comum. Ele nunca compreendera aquele estranho impulso dela para comprar utensílios de cozinha, mas, exceto isso, estavam sempre de acordo. De facto, até há três anos eram vistos como o casal perfeito, e isso não era nada mau depois de vinte e três anos de casados. Porém, as coisas mudaram. Ele mudara. Andrew começou a sentir dificuldade na cama. Crescera numa quinta, era filho de um camponês endinheirado e o filho do meio numa prole de seis. Tinha duas irmãs, ambas dançarinas de danças irlandesas, e três irmãos, todos robustos e altos. Andrew fora campeão de boxe aos dezasseis anos. Era tão esperto quanto robusto e alto e fora o primeiro dos irmãos a entrar para a universidade. Estudara direito, destacara-se na área e, quando se cansou disso comprou uma propriedade; quando também isso já não o satisfazia, deu aulas em *part-time* antes de se estabelecer como consultor num negócio de venda de propriedades que rapidamente se tornou um sucesso, como tudo aquilo em que se metia. Gostava de beber, de jogar às cartas, de golfe e aos quarenta ainda jogava bem futebol. Andrew era um homem muito viril, oriundo de uma longa linhagem de homens viris, e não estava habituado ao fracasso. Até há três anos, quando esse homem, o único que ele conhecia, começara a decair. De início pensara que andaria apenas cansado, mas passado algum tempo interrogou-se se teria realmente perdido o interesse pela mulher, mas não, pelo menos não achava isso. Ela ainda era linda, apesar de se notarem alguns traços da meia-idade, de ter uma cicatriz grosseira de uma cesariana e algumas estrias. De facto ele até gostava disso; eram sinais do milagre da filha que haviam tido. Costumava percorrer essas linhas com os dedos, pensando, maravilhado, em como a rapariga que dormia num quarto ali ao lado surgira de uma mulher tão pequenina. Pensara também que poderia ser devido à tensão, mas não andava tenso, exceto quando a mulher o pressionava para fazerem amor. Nessas alturas só conseguia sentir-se tenso, especialmente quando ela se esforçava por o excitar. Sim, rira-se dela e, no fundo, nem sequer percebia porquê. Só podia ser devido ao pânico que sentia. Não se rira dela de propósito e

sabia o quanto a magoara e de quantas vezes pensara em falar abertamente com ela, mas não tivera coragem. Por mais que tentasse, não era capaz de admitir o que se passava. Ela irritara-se tanto e ele ficara demasiado embaraçado. Parecia estúpido, um homem adulto ficar embaraçado em frente da mulher, mas ficava e, quanto mais aquilo durava, mais difícil se tornava falar com ela ou com alguém. Marcou uma consulta no médico uma vez e foi até ao parque de estacionamento do local, mas não mais. Ao estacionar, ocorreu-lhe que frequentava o mesmo clube de golfe que o médico, por isso, era óbvio que aquilo não iria funcionar. Continuou com esperança de que o problema se resolvesse por si, mas não aconteceu. Três anos antes, quando começara a sofrer daqueles problemas, tentara vários tratamentos, bem como a masturbação, o que só resultou num pulso distendido e no sangramento ligeiro do pénis que quase lhe causou um ataque cardíaco. *O meu pénis, o meu pénis, oh, meu Deus, o meu pénis!* Não voltou a tentar esses tratamentos. Em vez disso, pôs-se a ver pornografia, de todos os géneros – mais leve e sensual, *hardcore* e coisas ainda mais cruas, mas nada resultou. Ligou para linhas eróticas e falou com mulheres com nomes como Busty ou Pussy Freak. A Busty era simpática – era arrojada e possuía uma voz tão grave que parecia um homem. Claro que tentara o *Viagra*, que nada lhe fizera a não ser deixá-lo tonto e um pouco maldispósito. Depois de ter encontrado a mulher a beijar outro homem, metera-se no carro e conduziu até descobrir uma prostituta. Ela entrara no carro e dez minutos depois ele estava sentado, de calças pelos tornozelos enquanto a mulher chupava e chupava sem que conseguisse uma ereção.

– Ouça, homem, tem de ir ver alguém sobre isto.

Agora, a mulher partira de casa. O casamento, por mais patético que fosse, acabara, e tudo por causa da sua incapacidade para confessar o seu problema grotesco, a humilhante impotência; se ao menos tivesse tido a coragem. Odiava-se, odiava que o seu ridículo, estúpido e infantil comportamento o tivesse mantido calado, enquanto a mulher que amava fazia tudo para lhe agradar; odiava-se também por não ter tido a coragem nem a força para pedir ajuda; agora, como a pediria e onde iria, em quem confiaria e como diria a verdade? Como poderia um homem de cinquenta anos que nunca pedira nada a ninguém admitir que necessitava de ajuda? Mais importante ainda, como poderia um homem viril e um homem como Andrew admitir a impotência?

– Pai, estás a chorar – disse Beth, e ele limpou as lágrimas. Ela batera à porta do quarto, mas ele não respondera.

Beth colocou uma bandeja com uma caneca de chá e um prato de bolachas sobre a cama ao lado dele.

– Obrigado – agradeceu.

– Ela não te merece – disse a filha, e ele fechou os olhos.

– Estou muito cansado – confessou.

– Eu também – retorquiu Beth.

– Vemo-nos ao pequeno-almoço – prometeu.

– Está bem.

Beth fechou a porta ao sair. Andrew olhou em volta do quarto, abanando a cabeça, e começou a chorar porque a filha tinha razão. Susan não o merecia, mereceria melhor do que ele e, agora, iria correr mundo e encontraria esse homem melhor.

A mãe estava mesmo esquisita esta manhã. Encontrei-a sentada no meio do jardim à frente da casa. Chovia e ela ali. Chorava e quando me viu, por um segundo, foi como se não me tivesse reconhecido. Senti um arrepio nas costas. Foi mesmo inquietante. Depois, ficou bem. Ajudei-a a levantar-se e fomos para dentro de casa, fiz-lhe o pequeno-almoço e ela perguntou-me sobre o Matthew, foi como se nada tivesse acontecido. Acho mesmo que ELE anda a levá-la aos limites, mas eu nada posso fazer em relação a isso. Vou dormir em casa esta noite para ver se ela fica bem. Vai dar um programa sobre o cessar-fogo, vou vê-lo com ela. Ela vai gostar disso.

A noite passada foi boa. O Matthew levou-me a um restaurante mesmo muito giro. Era caríssimo, mas ele recebe uma grande mesada, por isso disse-me que eu podia comer o que me apetecesse, mas, para ser sincera, aquilo era demasiado chique para mim. Teria preferido um *Big Mac* e uma *Coca-Cola* a figados de animais e pato. Os patos são amorosos, não gosto nada da ideia de os comer, mas tenho de confessar que estava saboroso, mas só se fechasse os olhos, porque olhar para aquilo no prato metia-me nojo. Depois voltámos para casa dele e o pai dele chamou-nos para a sala. Estava a ver o *Late Show* e o Guy Birne entrevistava Minnie Brennan, da série *The Riordans*. Ela tinha o cabelo lindo. O pai do Matthew perguntou-nos o que estávamos a fazer. O Matthew não lhe disse nada. O pai disse-lhe que tivesse cuidado com o que fazia. O Matthew disse-lhe que voltasse para a Argentina e o pai atirou-lhe um copo!!! O Matthew esquivou-se, mas eu não tinha reparado e quase me atingiu. Estilhaçou-se mesmo atrás da minha cabeça. Acabei de tirar as ligaduras dos dedos e agora quase partia a cabeça. O pai do Matthew apanhou um choque e começou a CHORAR! O Matthew chamou-lhe bêbedo e fomos para o quarto dele. Ele pôs um disco do Elton John e disse-me que desde que o pai se separara da amiga andava a beber e agia como um idiota chapado. Isso, e o facto de, depois de amanhã, ser o dia do aniversário da morte da mãe do Matthew. Disse-lhe que devíamos fazer uma visita à sua campa. Ele não queria, mas eu insisti. Vou preparar um cesto com piquenique e, se o tempo estiver bom, poderemos sentar-nos ao pé dela um bocado e vai ser bom. Estou desejosa disso.

No outro dia, falava com o Christopher Nolan, na baixa da cidade. Ele é amigo do irmão mais velho do Shane McCafferty. Disse que a mãe do Shane não sai de casa desde que ele morreu. Sinto-me mal por não lhe ter levado a tarte de maçã, mas quando pedi à mãe que fizesse uma, ela disse que estava cansada. Tenho mesmo de aprender a fazê-la sozinha. Não deve ser muito difícil... embora, agora, talvez seja um pouco tarde de mais, ela iria se calhar pensar que sou alguma esquisita se aparecesse lá em casa com uma tarte. O Christopher disse que o irmão do Shane, Éamonn, também não está lá muito bem. Rompeu com a namorada, Ellen, depois de terem andado cinco anos juntos, e começou a jogar mal futebol e, tal como o irmão, Shane, era um grande jogador. Eu ainda conversava com o Christopher quando o padre Ryan me pediu que o ajudasse a levar-lhe as compras. Fizera muitas compras e eram pesadas de mais para a bicicleta. Arranje um carro, padre Ryan! De qualquer modo, ele lá levou dois sacos na bicicleta, um à frente e outro atrás, e eu levei o mais leve, que não era assim tão leve. Perguntou pela minha mãe, e disse-lhe que estava preocupada com ela. Ele disse-me que reparara que ela andava um pouco aérea, de facto. Contou-me que a encontrara a dormir no confessionário. Conte-lhe que ela dorme muito ultimamente. Perguntou se ELE lhe batia. Quem me dera poder dizer que sim, mas ele anda muito ocupado, fica fora de casa e bebe de mais para lhe bater. Ainda bem, ele vem a casa tão raramente, que é como se não vivesse lá mais. Há muito trabalho nas docas e, quando ele não está a trabalhar, tem dinheiro que chegue para o manter no bar com o amigo estúpido e desdentado. O padre Ryan acha que o Dr. B. devia ir ver a mãe, especialmente quando lhe disse que ela às vezes se esquece de vestir a saia. É estranho que eu não tenha pensado dizer ao Dr. B. que ela andava a agir de modo estranho, mas tudo o que ela faz é estranho para mim. Devia ter dito alguma coisa. Devia ter percebido que havia qualquer coisa mal. Pobre mãezinha. O que será? O padre Ryan diz que se calhar é só tensão. Espero que ele tenha razão e, se é assim, que olhe bem para si próprio, porque, se ela anda tensa, anda tensa porque levou aquele monstro outra vez lá para casa por o padre Ryan lho ter dito para o fazer. No entanto, não lhe disse isso, mas ele não é parvo. Sabia o que eu pensava porque lhe lancei aquele meu olhar.



Águas passadas movem moinhos

Quando Harri chegou, George estava num frenesim. – Por onde andaste?

– A trabalhar.

– Nada está pronto ainda, vai ser um desastre – retorquiu o irmão, abanando a cabeça.

Harri olhou em volta da loja, sorrindo.

– Tem ótimo aspeto!

Gostou de ver as estantes em faia que cobriam o espaço do chão ao teto, ao longo de quase toda a largura da parede esquerda. A loja era estreita e o teto em arco conferia-lhe uma atmosfera de caverna. A imagem pendurada por detrás da caixa registadora tinha tons fortes e brilhantes e a sala frigorífica à direita era arrojada e muito fria, muito fria mesmo.

– George, deixa-me sair daqui. Não tem piada, George!

– Estou a ver mamilos.

– E eu estou a ver um testículo esquerdo muito inchado.

– Está bem, está bem! – Ele deixou-a sair ao ver aquele olhar especial no rosto de irmã, significando que haveria sarilhos... e o facto de ela ter andado três anos a treinar *kick boxing*.

Quando Harri saiu, ficou feliz por poder dizer que a sala de refrigeração estava muito bem acabada.

– Tem bons acabamentos – disse, enquanto ia atrás do irmão pela loja.

– O que achas dos focos de luz? Estarão demasiado próximos uns dos outros?

– Não. Estão perfeitos assim.

– E a pintura?

– Fui eu que a escolhi. Gosto imenso.

– E o que me dizes do chão?

– O chão ficou exatamente como eu disse que seria. Está fantástico!

Parecia que George se esquecera das importantes sugestões da irmã na decoração, mas claro que isso acontecera antes do seu casamento falhado e ela não ia ali desde então.

– Tudo correu maravilhosamente – afirmou Harri, sorrindo.

– Ainda não viste a melhor parte – retorquiu o irmão, sorrindo também; ela seguiu-o então, descendo as escadas em caracol até à cave, que estava transformada numa sala de prova de vinhos. Ainda não se encontrava toda acabada. Aidan varria o velho chão de laje com ar carrancudo. Os caixotes estavam abertos, mas o vinho ainda não fora desenvolvido. Os petiscos ainda estavam empilhados e envolvidos em película aderente.

– O que queres que faça? – perguntou Harri, despindo o casaco.

– Varre o chão – disse Aidan, estendendo-lhe a vassoura.

– Aidan! – exclamou George com repulsa.

– Estou farto de varrer. Vou antes abrir o vinho. – Sentou-se na bancada e pegou no saca-rolhas.

Harri riu-se para ele e pôs-se a varrer. Depois George começou a dispor as sandes na mesa e a polir os copos enquanto Harri varria o pó no chão junto às prateleiras, que albergavam ainda mais garrafas de vinho. Havia cinco mesas redondas, cada uma com quatro cadeiras em volta, dispostas pelo recinto. Tinham colocado um CD de Ray LeMontagne a tocar. Depois de postas as toalhas engomadas, o chão limpo, o vinho aberto e a comida espalhada pelas mesas, estava na hora e por isso aguardaram, Aidan com um copo de vinho, Harri com água porque iria conduzir.

– Com ou sem gás?

– Sem gás.

– Pelo menos bebe uma com gás.

– Qual é a diferença, bolas? – riu-se Harri, abanando a cabeça. Reparou que o irmão erguera o sobrolho.

– As bolhinhas, obviamente.

– Não quero bolhinhas.

– Não tens espírito de aventura, sabes? – retorquiu Aidan quase amuado. Aidan parecia querer discussão. *Uh, oh.*

George andava por ali em círculos com um café duplo que fora buscar ao café ao lado.

– Não vem ninguém – exclamou.

– Passa um minuto das oito – realçou Harri.

– Não vem ninguém – repetiu o irmão.

– E eu sou a rainha dos dramas! – observou Aidan, entre dentes.

– Acalma-te! – Harri tranquilizou o irmão. – Eles virão.

Sentaram-se em silêncio enquanto Ray cantava «Can I Stay?». A campainha da porta tocou mesmo na altura em que ele pedia a alguém invisível para lhe segredar. George subiu as escadas num ápice, deixando Harri a sós com Aidan.

– Está tudo bem? – inquiriu ela.

– Está tudo ótimo – confirmou o rapaz, mas a atitude dele indicava precisamente o contrário.

Harri já pressentira que nem tudo corria bem entre Aidan e George e interrogava-se sobre quanto tempo faltaria para eles se separarem outra vez. *Ele nunca irá ser quem tu queres que ele seja, Aidan.*

George chegou à cave seguido de quatro estranhos, incluindo a famosa crítica de vinhos que ele esperara. Depois disso foi Harri quem passou a subir e a descer as bonitas mas desgastantes escadas para abrir a porta.

A noite ia animada. George falava de negócios e foi encantador para duas mulheres de meia-idade, uma das quais a crítica de vinhos que ele tanto queria impressionar.

– Oh, aqui vamos nós! O George Clooney entrou no edifício – resmungou Aidan, desdenhoso, de um canto da sala.

– Aidan! – admoestou-o Harri.

– Bem, olha só para ele em volta delas. Mete-me nojo.

Afastou-se, deixando Harri algo preocupada.

Duncan e Gloria encontravam-se a um canto a conversar com Melissa e Gerry. Duncan sorria, orgulhoso do que o filho conseguira, e quando George lhe concedeu um pouco do seu tempo, este

disse-lho efusivamente, dando-lhe uma palmadinha nas costas.

– Estou orgulhoso de ti, filho!

George respondeu de forma educada e ficou ao lado do pai um minuto, mas o ambiente entre os dois era algo de estranho.

George teria ainda de descobrir o modo de perdoar aos pais, apesar das aparências do contrário. Gloria não reparou nisso, estava demasiado ocupada em ignorar a nova realidade da sua família e dedicava-se a pôr a conversa em dia com Melissa sobre bebés e com Gerry sobre o trabalho e o amor que ambos nutriam por televisão e golfe.

Harri e Aidan foram os escolhidos para servir os vinhos.

Susan chegou com um companheiro.

– Apresento-vos o Keith.

Harri quase deixou cair a garrafa nas lajes do chão.

– Olá, Keith, prazer em conhecê-lo.

Aidan já estava um pouco alegre.

– Nada mau, Susan, nada mau, mesmo – disse à amiga, com um gesto de assentimento.

Keith ficou imóvel. Sue corou. Aidan piscou um olho a Keith e este, visivelmente perturbado, esvaziou o copo.

Harri arrastou Aidan para o armazém nas traseiras.

– O que estás a fazer?

– De certeza que queres dizer que raio está a Sue a fazer?

Tinha razão.

– Não sei... é um pouco estranho – admitiu ela.

– É uma doidice. O Andrew está na lista dos convidados.

Harri quase perdeu as forças.

– Ele não vem, pois não?

– Bem, ele disse que talvez viesse. De facto até disse que traria a Beth.

– Meu Deus! Alerta vermelho! Alerta vermelho! – Harri repetiu a frase três vezes a andar de um lado para o outro no armazém.

– Acalma-te – disse-lhe Aidan, rindo.

Harri dava-se mal em alturas de crise, mas arranjava sempre saída, como uma vez em que fora apanhada num assalto a um banco em Henry Street. Os assaltantes haviam ordenado aos clientes que se deitassem no chão e, quando lhe perguntaram por que razão continuava em pé, ela respondera que era devido a ter-se esquecido de como dobrar os joelhos. Os assaltantes tinham sentido de humor, e o pai mais tarde dissera que fora uma coisa ótima, pois, de outro modo, ela poderia ter saído dali com um tiro.

Aidan prometeu tratar de Susan se Harri continuasse a tratar da mesa de provas. Ele estava a ficar cansado da palavra *soupçon*. De início, sentira que o termo lhe conferia um certo ar de profissionalismo, mas, depois de quatro copos de vinho e de vinte e quatro *soupçons*, chegava ao seu limite.

– Empregado, o *Barolo*. Hum... sabe a tabaco, baunilha, chocolate e...

– Um *soupçon* de morangos silvestres.

O homem de nariz grande sorriu e Aidan retribuiu-lhe com um sorriso escarninho. *Não sou nenhum empregado e li o rótulo da garrafa, narigudo!*

O Narigudo chamou Aidan várias vezes nessa noite, só para poder falar com ele.

– Agora, jovem, o *Bardolino*... diria que é um vinho leve e frutado com um travo ligeiro a cereja e...

– Um *soupçon* a especiarias. – Aidan brindou-o com um sorriso maldoso que significava, para quem o conhecia, que podiam acontecer coisas más.

– De facto. – O homem que não o conhecia sorriu-lhe.

Não te vou comer, bicha velha. Aidan estava aborrecido. Queria afastar-se de toda a maldita prova de vinhos, estava farto de observar George a namoriscar com as mulheres. *Tu és gay, está bem?* Apetecia-lhe beber uma cerveja e dançar ao som de Kelly Clarkson em vez de estar a aturar o Ray LeMontagne e a maldita da Peggy Lee.

– Mas quem se terá lembrado de pôr a tocar Peggy Lee? – perguntou ao aproximar-se de Sue.

Ela encolheu os ombros.

– Está bem, anda, veste o casaco, vamo-nos embora daqui.

– Acabei de chegar.

– O Andrew e a Beth devem vir aí.

– Keith, acaba de beber.

Saíram dali antes de o vinho ter descido pela goela abaixo do construtor.

Quando George teve um minuto, Harri explicou-lhe que Aidan saía com Sue.

– Graças a Deus! Se ele usasse o termo *soupçon* uma vez mais, matava-o.

Andrew e Beth acabaram por não aparecer.

Duncan e Gloria foram-se embora, depois de apreciarem a noite tão agradável, com Melissa e Gerry, que iam a correr para casa dar uma rapidinha porque estavam com vontade e energia e se se despachassem talvez não perdessem a pica antes de se enfiarem na cama. Os provadores e os críticos foram saindo também, a sorrir. George fechou a loja pouco depois das onze horas.

– Não correu mal – disse ele, assentindo com a cabeça. – Nada mal, mesmo.

Harri sorriu e concordou com ele.

– Correu bem.

– Bebe um copo comigo – implorou o irmão. – Preciso de acalmar depois de tanto café.

– Vou conduzir.

– Um copo.

– Meio então.

– Ótimo – retorquiu ele, levando-a lá para baixo.

A vela no meio da mesa tremeluzia, quase no fim. Harri e George sentaram-se em frente um do outro à média luz e brindaram.

– Adoro o Paul Weller – disse George, sorrindo.

– Mas quem diabo é o Paul Weller? O Aidan sabe? É por isso que ele anda tão zangado? – perguntou Harri, tão alarmada que entornou um pouco o copo.

George riu-se da irmã, com tão pouco conhecimento musical.

– É o tipo que está a cantar no CD.

– Oh – fez Harri, rindo um pouco. *Até poderia ser o Paul Gascoigne a cantar...*

– Pedi ao James que viesse – disse o irmão.

Harri quase se engasgava.

– Não é possível!

– Esperava que ele viesse. Sei que sentes saudades dele.

– Isso é dizer pouco. – Ela riu-se. – Como é o ditado? Só damos valor ao que temos quando o perdemos.

O irmão apertou-lhe a mão e ela sorriu-lhe.

– Até tenho saudades daquelas piadas que ele contava.

– Não! – replicou George, rindo-se das recordações. – Truz-truz!

– George.

– Truz-truz!

– Quem é? – perguntou Harri com as mãos na cabeça.

– Sou eu.

– Eu quem?

– Eu que tu gostarias de saber quem é!

Ele desatou às gargalhadas e ela também.

– Ele voltará, Harri – proferiu George –, talvez não esta noite, mas há de voltar.

– É um lindo sonho – Harri sorriu. – E tu e o Aidan? Porque anda ele tão irritado?

– É difícil.

– Bem sei.

– Somos tão diferentes.

– Bem sei.

– Gosto dele, sabes.

– Bem sei.

– Para lá de dizer «bem sei».

– Está bem. – Ela sorriu.

– Quem disse que os opostos se atraem? – inquiriu George, fazendo o vinho girar no copo.

– A Paula Abdul.

– Bem, isso diz tudo, não diz? – Ele sorriu também.

– Sabes o que ele me disse uma noite destas? Disse que me odeio a mim próprio. Acreditas que ele pensa mesmo isto?

– Acredito.

– O quê?

O espanto no rosto de George tinha alguma piada, fazendo Harri sorrir. Não sorriu por muito tempo.

– Desculpa? – George elevou a voz, demonstrando alguma irritação.

Oh, não, estávamos a passar um bocado tão bom.

– Ouve, George, todos os que te amam sabem que uma parte de ti gostaria de não ser gay.

– Tretas.

– George, tu és um Rock Hudson atual. Em público, és o sonho de qualquer mulher, em privado, és, bem, tu sabes... és tu.

– Ora, vá lá! Nada posso fazer se as mulheres me acham atraente.

– Não, não podes, mas não precisas de as encorajar, e é isso que fazes. Queres que os estranhos pensem que não és gay.

– Porque é mais fácil assim.

– É mais fácil namoriscar escandalosamente a noite inteira com aquelas duas mulheres? Isso não é

fácil!

– Trata-se de negócios.

– Está bem.

– Não acreditas em mim.

– Esqueces-te de que fui eu que dei contigo a ferires-te quando tinhas dezasseis anos. De que fui eu quem te amparou quando passaste dois dias a chorar quando viste que não conseguias fazer amor com a Grace Fanning.

– Isso foi uma crise de verão e assumi-me mais cedo do que a maioria dos homens *gay* que conheço.

– Assumiste-te perante a mãe, o pai e eu. Assumiste-te na casa dos Ryan, onde ninguém fala sobre nada. Não te assumiste perante os teus amigos nem com colegas da escola nem com mais ninguém até já teres entrado bem nos vinte anos.

– Lá por eu não ser o Liberace não significa que não esteja contente com o que me coube.

– Espero que sim, George, porque tens muito.

– E tu? – perguntou o irmão, mudando de assunto, não querendo discutir nessa noite se a irmã e o seu namorado teriam razão.

– E eu o quê?

– O Aidan contou-me sobre o Matthew Delamere.

– Oh...

– Não estás sequer curiosa?

– Estou – admitiu ela. – Estou muito curiosa.

– Então?

– Então, amanhã faço anos – disse ela. – É o meu *verdadeiro* dia de aniversário.

– Ainda não tinha fixado a data – confessou George.

Ela encolheu os ombros.

– Vais lá, não vais? – perguntou ele.

– Pois vou – assentiu Harri.

Ele suspirou.

– Tens a certeza?

– Absoluta.

– Queres que vá contigo?

– Não.

– Graças a Deus! Acabei de abrir uma loja!

Harri desatou a rir. George era um grande egoísta, mas, ao menos, honesto.

Nessa noite, mais tarde, quando já se encontrava enfiada na cama, pensou no que teria feito se James tivesse comparecido à festa. Sentia saudades do rosto dele, da rugazinha sob os olhos, do sorriso, do modo como lambia o dente incisivo quando tinha razão.

Tinha saudades do cabelo dele, das mãos e de tudo nele. *Tenho saudades dos músculos das tuas pernas.* Sentia falta de tudo nele ao ponto de doer. Pensou em Matthew Delamere e em como se teria sentido depois de ter perdido a namorada. *Será que ele a amava mesmo? Será que um rapaz de dezassete anos compreende verdadeiramente o amor? Terá sofrido? Terá enterrado parte de si próprio com ela? Lembra-se dela?*

Harri olhou para a fotografia que o pai lhe dera com uma sorridente Liv de dezassete anos a afagar

um cavalo velho. Tinha tanto brilho nos olhos, um sorriso tão malicioso. Era alta, mais alta do que Harri, magra. Tinham o mesmo cabelo, as mesmas maçãs do rosto, mas era difícil verem-se outras parecenças ao olhar do retrato da rapariga de dezassete anos para si própria, ao espelho, mas, enfim, a rapariga da fotografia não passava de uma miúda. No dia seguinte, 11 de julho de 2006, era o verdadeiro aniversário de Harri Ryan e a namorada de Matthew Delamere morrera havia trinta anos. *Tenho tanta pena, quem me dera poder mudar alguma coisa por ti. Espero que repouses em paz, linda menina.*

* * *

– Harri? – repetiu James – Harri? Sei que és tu – suspirou ele. – Não vais dizer nada? – passaram alguns segundos. – Harri, isto é ridículo.

– Desculpa.

– Pelo menos, ela fala.

– Como soubeste que era eu?

– Ninguém mais me liga a meio da noite sem nada para dizer.

– Desculpa.

– Para de pedir desculpa. Que horas são?

– Passa um pouco das três.

– O que aconteceu?

– Tenho uma fotografia da minha mãe. Da minha verdadeira mãe, não da Gloria.

– É parecida contigo?

– Acho que não. A Sue acha que sim e a Melissa também, mas eu não vejo parecenças.

– Tem um ar feliz? – perguntou ele, fazendo Harri sorrir.

– Sim, tem.

– Ainda bem – replicou James e Harri sentiu-se imediatamente melhor.

Telefonara-lhe na noite em que Melissa lhe mostrara o retrato do pai. Ficara calada nessa noite também. Só queria ouvir a voz de James, mas depois mudara de ideias e fingira que havia qualquer coisa de errado com a linha.

– Consegues ouvir-me agora? – perguntara.

Fora a vez de James ficar em silêncio.

– Importas-te que te tenha ligado?

– Não – retorquira ele. – É bom escutar a tua voz.

Ela então contara-lhe sobre o pai.

– Queres conhecê-lo? – perguntara ele.

– Não – respondera ela, não sabendo realmente se dizia a verdade.

– Bem, tens muito tempo – aconselhou James.

– Não tive nenhum ataque de pânico – disse ela.

– Claro que não tiveste. Só têm tendência a acontecer quando estás prestes a casar-te comigo. – Proferira aquilo num tom ligeiro, mas ela sentiu a dor dele.

– Não é verdade – respondeu Harri. – Os meus pais confessaram que os tinha muitas vezes quando era miúda.

– Mas eles diziam... – A voz dele esmoreceu, ao ocorrer-lhe que os pais dela haviam mentido imenso e que isso era uma mentira inconsequente no esquema geral das coisas.

Mesmo assim, era bom saber e Harri ficou contente por lhe ter contado. Desde essa noite falavam de vez em quando. Era sempre por iniciativa de Harri, quando se encontrava em baixo, e, habitualmente, a conversa começava com um silêncio. Exceto uma vez, duas semanas antes, quando ela o vira numa cafetaria em Bray com Tina Tingle. Tina inclinava-se para lhe dar um beijo e, não fosse o facto de estar com um cliente a discutir amostras de tecidos, Harri teria caído no chão ali mesmo, no meio da rua.

Esse telefonema começara com as palavras:

– A porra da Tina Tingle!

James desatara a rir, mas Harri não achou piada.

– De que raio falas? – inquiriu ele.

– Eu vi-vos! – exclamou Harri num tom denotando asco.

– Viste o quê? – perguntou ele de bom humor.

– Aos beijos! – respondeu Harri de dentes cerrados.

James desatara a rir.

– Desde quando é que um beijo no rosto significa romance, o que, pelo teu tom, foi o que presumiste que viste.

– Beijinho no rosto? – disse ela. *Quem raio pensas tu que eu sou?*

– Estou a transformar o sótão dela – disse James.

A Tina Tingle tem o seu próprio sótão. Por alguma razão, Harri sempre vira Tina como alguém que só alugava casas.

– Como está ela? – perguntou, adquirindo um tom normal como se o telefonema tivesse começado naquele momento e assim devesse prosseguir num tom agradável.

– Está bem – respondeu ele. – Casou-se.

– Casou-se – repetiu Harri ligeiramente ofegante.

– Com um dentista.

– Um dentista, céus! – Harri nunca conseguira imaginar Tina Tingle casada com um dentista. – Ela perguntou por mim?

– Não – respondeu James.

– Oh.

Era estranho. Tina e Harri haviam vivido juntas durante alguns anos e, no entanto, quando Harri mudara de casa a amizade acabara de forma abrupta, sem malícia nem uma palavra má. Simplesmente, acabara. Como se Tina e Harri nada mais tivessem em comum do que uma morada partilhada. Assim, por que razão haveria ela de ter perguntado por Harri? Todavia, Harri perguntara por ela.

– Bem, eu perguntei por ela.

– Não, não perguntaste – lembrou-a James. – Viste-me com ela, imaginaste um caso e chamaste-lhe nomes! – Ele ria-se.

Espantava-a o facto de ele conseguir ser tão amável para com ela depois de o ter deixado no altar não uma, mas duas vezes. Perguntou-se se ele sentiria a falta dela tanto ou pelo menos metade do que ela dele. Sabia que, fosse como fosse, não importava porque, uma vez tendo James decidido dar-lhe espaço, não havia nada que ela pudesse dizer ou fazer para que ele mudasse de ideias. Tinha a esperança de que cumprisse a promessa de esperar por ela. Sabia que, se não se apressasse a resolver os seus problemas, lhe poderia fugir para sempre. *E se eu nunca vier a saber quem sou? E*

se a única coisa que quero és tu? E se, enquanto vagueio por aí tentando encontrar-me, tu encontras outra pessoa? Que se lixe esta treta de nos querermos encontrar! Será mesmo necessário? Quer dizer, eu sou quem sou, seja lá o que for, e quero a minha vida de volta, contigo e comigo, e a nossa casa de campo em ruínas e talvez uma casa em vez do apartamento e um coelho. Ando a pensar seriamente em arranjar um coelho. Não será suficiente?

– Tenho de desligar – disse ele.

– Está bem, eu também.

– Adeus.

– Adeus – repetiu ela.

Ele costumara acabar os telefonemas dizendo «amo-te». Para dizer a verdade, isso irritara-a um pouco, pois significava que ela deveria responder «também te amo» e não se importava quando estava sozinha, mas sentia-se idiota dizendo «também te amo» à frente de estranhos, nos transportes públicos, numa loja ou na fila do banco ou numa garagem onde invariavelmente tinha de aturar um velho chato com demasiado tempo. «Amas-me, querida? Ah!» Ela queixara-se várias vezes a Aidan, mas, agora, tinha também saudades disso. Tivera de se esforçar imenso por deixar de lhe ligar ao reparar que lhe fazia uma chamada por semana. Receava ficar a depender demasiado dele e tinha medo de que, se ele encontrasse alguém, alguém que soubesse quem era e o que queria, e não estivesse a enlouquecer, ele lhe pedisse que não lhe ligasse mais, e isso matá-la-ia de desgosto. Contudo, naquela noite, às três da manhã, com a fotografia da mãe ainda nas mãos, só lhe apetecera falar com James. Depois, quando após menos de três minutos ao telefone ele a fizera sentir-se bastante melhor e, por esse motivo, sonolenta, ficou contente por lhe ter telefonado, embora por vezes falar com ele lhe fosse mais doloroso do que não falar.

9 de agosto de 1975 — sábado

Passei um dia tão bom com a Sheila! Estava calor e passámos o dia na praia, a bronzear-nos e a pôr a conversa em dia. Parecia que não falávamos há séculos. Ela disse que o Dave mete as cuecas pelo rabo acima e faz um andar cómico ao imitar a mãe dela a falar do preço de uma bela fatia de fiambre. Ela imitou-o a imitar a mãe, enfiando as cuecas-biquíni no rabo no preciso momento em que Mrs. Brown, da padaria Brown, ia a passar. Mrs. Brown não ficou lá muito impressionada, mas eu rebolei-me a rir. Ela diz que o pai anda a pensar vender o *pub* e reformar-se. Ele é de Kerry e sempre quis voltar para lá. Ela diz que não quer mesmo que o pai venda e que faz a maior das fitas sempre que ele toca no assunto. Diz que, se venderem, irão definitivamente para Kerry, e aí o que seria dela? Ainda lhe falta um ano para acabar a escola e o que a esperaria em Kerry? Depois de ter desfeito muitos penteados, está outra vez a pensar em ser enfermeira e anda muito certa de que é isso mesmo que quer fazer, especialmente depois de o Dave ter enfiado um bocado de vidro na mão. Ela retirou o vidro, limpou-lhe a mão e pôs um penso na ferida. Ele chorou que nem um bebé, mas ela diz que, apesar de ele estar aos berros o tempo todo, fez um excelente trabalho. Consigo imaginá-la como enfermeira. É bastante mandona. Se a Sheila disser para tirarmos as cuecas, tiramos.

O Dr. B. convidou-me para uma chávena de chá na quarta-feira. Eu ia a passar pela casa do portão a caminho dos estábulos. Ainda nem acredito que voltei aos estábulos. Aposto que a única razão de o pai do Matthew me mandar embora do escritório foi tê-lo visto chorar. De qualquer modo, não é assim tão mau. Tinha saudades da *Betsy* e do *Nero* e o Henry é de longe um chefe mais simpático e é muito melhor estar perto do Matthew e vê-lo andar a cavalo. Fica lindo a cavalo. É pena ser demasiado alto para poder ser *jockey*, mas enfim, ele também não gostaria de ser baixo. Bem, mas então o Dr. B. chamou-me para ir tomar um chá com ele. Falou sobre a minha mão e fez-me fletir algumas vezes e ouvimos rádio, onde puseram a tocar uma música chamada «Born to Run» cantada por um tipo chamado Bruce Springsteen, e o Dr. B. pôs o rádio mais alto e dançámos na cozinha dele. Andámos a rodopiar por ali, rindo-nos, e aquele homem canta mesmo bem e foi estranho. Senti-me

como se quisesse fugir para qualquer lado. O DJ disse que o disco não estava disponível, que o arranjava na América, e, por isso, tenho ouvido o programa todas as noites desde que ouvi aquilo. Acho que o Dr. B. se sente só. Tem tendência a afastar-se das pessoas, guarda-se para si próprio. É uma pena, mas suponho que ele não gosta de futebol, nem de beber e nem de lutas. Disse-lhe que devia aprender a montar. Eu estou muito melhor agora e ajudá-lo-ia. Poderia começar a montar na *Betsy*. O Matthew disse que também o ajudaria. Então foi o que fizemos. Ontem fomos montar. O Matthew ia no *Nero*. Eu fiquei com o *Favourite*, que é o melhor pônei do Henry, e pusemos o Dr. B. na *Betsy*. Ela foi boazinha e pô-lo a galopar num instante. Ele demonstrou bastante jeito e creio que irá continuar a montar. Ele depois ficou mesmo contente.

Quando fomos para casa, o Matthew e eu atravessámos a floresta. Ele estava tão giro à luz do entardecer e puxou-me para ele, encostou-se a uma árvore e beijou-me e disse que me amava e eu disse-lhe que também o amava, cada centímetro do meu corpo parecia que explodia e sabia tão bem. Por vezes, quando estou sentada sozinha neste quarto atrás de uma porta trancada, tenho vontade de não amar nada nem ninguém, porque toda a gente sabe que o amor dói, mas amo, assim tenho de viver com isso. Nunca fui tão feliz como desde que o conheci. Ele faz-me sorrir e sinto-me quente por dentro e, quando ele me toca, o meu coração bate apressado e as minhas mãos suam e fico sem conseguir pensar nem falar, a minha cabeça anda à roda e o coração e o estômago dançam e rodopiam, morreria por ele. Morrerei por ele com um sorriso nos lábios.

A mãe acha que eu vou a Dublin com a Sheila e a mãe dela no próximo fim de semana, mas vou acampar com o Matthew. A mãe não saberia, mesmo assim. Desistiu do emprego nas limpezas e não me lembro de qual foi a última vez que a vi sair de casa. Mas acho que nem sequer se importa, e ELE, bem, ele e eu não falamos. Nem aparece, sabendo que o mataria mal lhe pusesse a vista em cima.

Mal consigo esperar pelo fim de semana, em que o Matthew e eu estaremos sozinhos. Ele vai voltar às aulas na primeira semana de setembro e parece que falta muito, mas não. O tempo voará e depois ficarei sem ele, de coração destruído, mas não posso pensar nisso agora, só posso viver o momento e gozar o tempo que temos juntos. Não vou estar triste. Vou estar feliz e contente e as coisas vão resolver-se. Sei que sim.

O Dr. B. tentou ver a mãe, mas ela não deixou. O padre Ryan tentou falar com ela, mas ela também lhe fechou a porta na cara. No entanto, agora não anda tão mal. Anda a vestir a roupa toda e recomeçou a cozinhar e, no outro dia, até andou a limpar um pouco o jardim de ervas daninhas. Vimos *Coronation Street* as duas e ela riu-se da Deirdre e do Ray. Não me lembro porque discutiam eles pois fiquei surpreendida. Já não me lembrava da última vez que tinha visto a mãe rir.

Ontem de manhã, acordei a chorar e não faço ideia da razão, mas senti uma imensa escuridão e solidão, mas foi um sonho. Não estou só, pelo menos, já não estou. Tenho o Matthew. O padre Ryan disse-me uma vez que ninguém está só desde que tenha uma relação com Deus, mas eu prefiro o Matthew a Deus, todos os dias!

Hoje o Matthew beijou-me junto ao velho muro de pedra, sob um céu azul e quente, sem nuvens e, depois, de braço dado, levou-me a casa e, junto à minha porta, disse-me que eu era a melhor coisa que lhe acontecera na vida. Nunca tinha sido a melhor coisa de ninguém. Hoje foi um dia bom e talvez um dos melhores de sempre.



Um segredo partilhado

Matthew Delamere acordou um pouco depois das seis. Permaneceu imóvel alguns minutos a ouvir a estranha a seu lado respirar. *Qual é o nome dela? Qual é o nome dela? Qual é o nome dela?* A festa da noite anterior fora improvisada e resultado de uma compra havia muito desejada, apesar da forte competição das propostas. O hotel estivera cheio de gente para o leilão, mas havia também um casamento e um almoço de senhoras e, de algum modo, os três eventos acabaram por se misturar a determinada altura. A excitação fora demasiada para Henry e, após uma abundante refeição, fora levado a casa cedo por Alfio. Henry vivia ainda numa das casas da propriedade dos Delamere e, apesar de mais de oitenta e dois anos e de oficialmente reformado, continuava a tratar dos cavalos e viam-no muitas vezes a deambular pelas terras. Apreciava imenso um bom leilão, especialmente quando Matt abria um pouco mão do dinheiro.

– Oh, ela vale bem a pena, filho! – dizia. – Ela vale bem tudo o que deres por ela.

Alfio voltara mais tarde para encontrar o patrão no bar, a conversar com duas senhoras que acabavam de almoçar e procuravam algo que as realizasse mais. Matthew não se fez rogado.

– Minhas senhoras, este é o Alfio.

Alfio fez uma vénia com a cabeça e sorriu. Percebeu imediatamente que a loura de grande peitaca era o alvo do desejo de Matthew. A bonita ruiva sorriu-lhe batendo com a mão no assento a seu lado. Cautelosamente, Alfio sentou-se. *Apanhado na armadilha! Amanhã ele vai pagar.*

– O Alfio é campeão de pólo – elucidou Matt as raparigas antes de fazer sinal ao empregado do bar, pedindo mais bebidas.

– Fui – esclareceu Alfio num tom não muito distante do mal-humorado.

– Uma vez campeão, sempre campeão – sorriu Matt, erguendo o copo num brinde a Alfio. *Ele vai dar cabo de mim. Só espero que ela valha a pena.*

– Oh, adorei *O Campeão*. Vi-o montes de vezes e ainda hoje choro ao vê-lo – disse a loura, colocando a mão sobre o peito, de considerável tamanho.

– Oh, é aquele com o miúdo da série *Silver Spoons*. – A ruiva abanou a cabeça. – É um destroçador de corações.

– Há pessoas que não deviam crescer – afirmou a loura, com grande autoridade.

Matt assentiu com a cabeça antes de olhar para Alfio, que lhe respondeu com um olhar que demonstrava estar a pensar em enfiar um *stick* de pólo no rabo do patrão.

– Pois é – retorquiu a ruiva pensativamente. – O miúdo do *Silver Spoons*, o do *Sozinho em Casa* e aquele do cabelo espetado do *Jerry McGuire*.

– Ahhhhhhhhhh! – fez a loura, dando uma palmada na mão da amiga. – Adoro-o!

– Lembras-te daquela parte sobre a cabeça humana? – perguntou a ruiva, num guincho.

– Pesa para aí três quilos! – quase gritou a loura. Ambas desataram a rir.

Matthew levou a mão à cara, pelo que Alfio não percebeu se estaria a rir-se, a sorrir ou a pensar que precisava de sexo. *Por favor, por favor, volta atrás.*

Matt não voltou atrás, e assim Alfio viu-se obrigado a ouvir aquela conversa fiada e observar as cautelosas tentativas de carícias e, quando foi altura de reservar quarto, o que sem dúvida Matt faria, viu-se forçado a dar uma desculpa à ruiva, visto não estar absolutamente nada interessado. Alfio deixou-se ficar calado enquanto Matt prosseguia a corte, fazendo ambas continuar aos risinhos e guinchos. Pensou na rapariga que deixara em casa, na Argentina, uma linda morena de grandes olhos cor de café, pele bronzeada e boca carnuda, peito basto, pernas compridas e corpo flexível. Era inteligente, fogosa, atlética e divertida. Era tudo. *Ah, Maria. Deste cabo de mim.* Sorriu amavelmente à ruiva baixinha que contava uma história sobre trânsito.

– O trânsito estava parado e ninguém ia a lado nenhum e eu pensei «não vou aguentar». Por isso, duas horas mais tarde e de lágrimas nos olhos, levantei a saia e fiz chichi ao lado do carro enquanto três homens das obras numa *Hiace* gritavam: «Força, coisa linda!»

Seguiram-se grandes risos da loura e de Matthew.

Para Alfio, bastava.

– Oh, não, fica! – implorou a ruiva.

– Estou mesmo cansado – explicou Alfio.

– Só mais um copo.

– Não, obrigado.

– Ah, vá lá!

– Não.

– Ah, bebe, sim!

– Isto está a começar a ficar familiar – riu-se a loura. – Vá lá, vá lá, vá lá!

A ruiva tapou a boca.

– Oh, meu Deus, sou Mistress Doyle!

As duas recomeçaram às gargalhadas. Alfio não fazia ideia a que se refeririam e também não se importava.

– Oh, Alfio, não deves saber disto, mas citávamos uma comédia irlandesa muito engraçada... chama-se *Father Ted* – explicou a ruiva, agarrando-o firmemente pelo braço. *Não vais a lado nenhum, homem.*

– A sério. – Ele soltou um suspiro.

– Pobre Dermot Morgan, morreu tão cedo. – A loura abanou a cabeça.

– Que descanse em paz! – proferiu a ruiva, benzendo-se e por isso soltando o braço de Alfio; este aproveitou para se ir embora.

Pouco depois, a ruiva, desapontada, apanhou um táxi.

Matt e a loura foram em seguida para a suíte marcada à pressa.

Qual é o nome dela? Qual é o nome dela? Qual é o nome dela?

Agora, à crua luz do dia e com dores de cabeça, arrependeu-se de ter ficado. A loura era uma tábua na cama. Limitara-se a ficar estendida, com um olhar fixo, enquanto dirigia as operações: «Não. Não. Aí em baixo não.» «Aqui. Toca-me aqui.» «Não gosto de ficar por cima.» «Não me quero mexer.» «Já te vieste?» Após vinte minutos, ela caiu para o lado e até a dormir era maçadora, ressonava e não parava de se mexer.

Ele percebeu pela respiração dela que ainda dormia profundamente, por isso levantou-se e tomou duche com tranquilidade; ela só acordou quando ele já se barbeava.

– Bom dia, Matt – disse a rapariga, de pé atrás dele e a olhar para o espelho.

– Bom dia, coisa *sexy* – ele sorriu, mais por força do hábito do que por qualquer outra razão.

– Posso pedir o pequeno-almoço? – Ela retribuiu-lhe o sorriso.

– Se estás com fome, pede o que quiseses, eu pago a conta. – Piscou-lhe um olho.

– Não ficas? – Ela parecia desiludida.

– Tenho uma reunião de trabalho muito cedo. Desculpa, coisinha *sexy*.

Ela sorriu, fazendo um gesto de assentimento.

– Está bem. – *Vou pedir tudo o que estiver na ementa e roubar tudo o que não estiver pregado, vais ver, sacana de merda.* – Foi bom enquanto durou – acrescentou, com um sorriso.

– Foi mesmo – mentiu Matt enquanto esvaziava a água do lavatório. Vestiu-se em poucos segundos.

Muita prática, não haja dúvida, pensou a rapariga observando-o da cama, para onde voltara. Ele saiu em menos de cinco minutos e, cinco minutos depois, a loura começou a pedir tudo o que via na ementa.

Alfio esperava-o no carro com dois cafés, dois bolos e um *Irish Times*.

– És um salva-vidas.

– *Beso mi culo, boludo!*

Matt sorriu.

– Tens razão. A noite passada não estive nos meus melhores momentos.

– *Come mierda!*

– Vai tu comê-la! – Matt riu-se.

– Dizem que os argentinos têm sangue quente, mas nunca vi um homem que gostasse tanto de dar umas voltas como tu, Matt Delamere – disse Alfio, repugnado.

– Encaro isso como um elogio.

– Não foi essa a minha intenção.

– Não faz mal. – Matt sorriu a Alfio, que ia abanando a cabeça e sorria para si próprio.

Passava das oito quando Alfio entrou pelo longo caminho serpenteante e passou pela casa do portão, depois pelos estábulos, os campos de treino e chegou à casa. Matt saiu e Alfio foi estacionar o carro. Tinha um dia preenchido pela frente para domar um garanhão puro-sangue californiano.

Matt entrou em casa pela porta das traseiras. Patsy Byrne, a governanta, estava em cima de uma cadeira, a limpar armários.

– Tem de ter cuidado, Patsy, olhe que ainda parte uma perna – disse ele, da entrada da porta.

– Está a dizer que sou velha, é?

– Sem comentários – ele sorriu-lhe e ela também.

– Então, ajude-me lá a descer.

– Hei de arranjar-lhe um escadote como deve ser. Robusto e seguro, e isso tudo. Talvez para o seu aniversário. – Matt riu-se.

– Que encantador – retorquiu a governanta, fingindo-se aborrecida.

Passou uma hora até Matt sair novamente de casa, vestido com o fato de montar e um grande ramo de flores que retirara de uma jarra na entrada. Passou a cavalo pelos campos de treino, deixando para trás os estábulos, o longo caminho da entrada, a casa do portão, atravessou Devil's Glen e desceu pela estrada estreita que o levava ao cemitério. Prendeu as rédeas do cavalo à entrada e foi a

pé o resto do caminho. Passava pouco das nove e meia e o cemitério encontrava-se vazio, com exceção de uma velha senhora debruçada sobre uma lápide desgastada pelo tempo.

Prosseguiu caminho até à campa, onde permaneceu com a mão livre sobre a pedra em que estava gravado o nome dela e agarrando as flores firmemente contra o peito.

– Olá, miúda – disse ele. – Já faz algum tempo, talvez um ano. Estive fora pelo Natal, senão teria vindo cá. Vejo no entanto que o Henry esteve aqui, mantém isto limpo e as roseiras podadas. Ele está bem, continua forte. Acho que nos vai sobreviver a todos. O Brendan também vai bem. Como é que lhe costumavas chamar? Dr. B.? – Riu-se e sentou-se na relva ao lado da campa. – Ainda vive na casa junto ao portão. Acreditas? Ele gosta imenso daquela casa velhinha e a casa velhinha adora-o. Recuperou-a muito bem. O velho tem bom gosto. Olha só para mim, a chamar velhote ao Brendan. Tem cinquenta e cinco anos. Recordo-me de quando o Henry tinha cinquenta e cinco e nós pensávamos que era um velho. Fiz quarenta e sete há três meses, acreditas? O meu pai tinha quarenta e sete quando... ele estava no Mónaco, lembras-te? Tivemos aquela grande discussão antes de ele partir. Impediste-me de lhe dar um murro. Fiquei tão aborrecido contigo... desculpa. Ei, lembras-te das noites que passávamos no castelo, a olhar para as estrelas? Voltaria atrás num segundo. – Suspirou, abanando a cabeça. – Juro que voltaria. – Parou de falar, agarrando a lápide com força. – Ei, Liv, ainda te amo. – Levantou-se. – Mas não digas a ninguém, está bem? É o nosso segredo.

Passados dez minutos foi-se embora, deixando o lugar onde ela descansava tão calmo e sereno como o encontrara.

Grande parte do dia de Matthew seria passada ao telefone. A maioria dos telefonemas era intercontinental; portanto, só depois do almoço é que o seu verdadeiro dia de trabalho começaria. Brendan estava sentado no seu jardim quando ele passou, montado no *Shadow*, o seu cavalo preferido.

– Brendan.

– Matt. Entra. Toma um café comigo.

Matt desmontou, dando uma palmadinha no *Shadow*, que abanou vigorosamente a cabeça. Matt sentou-se e Brendan serviu-lhe o café, já pronto, da cafeteira com êmbolo.

– Esperas companhia? – perguntou Matt, referindo-se à chávena a mais.

– Estava à tua espera. – Brendan sorriu. – Como está a nossa menina?

Matt fez um gesto de assentimento.

– Partiu há muito – suspirou.

– Trinta anos é muito tempo.

Matt voltou a assentir com a cabeça. Parecia que as palavras lhe faltavam sempre quando Brendan lhe falava de Liv. Nunca mencionava o bebé; nenhum deles falava do bebé. Matthew recostou-se na cadeira. *Ela faz trinta anos hoje. Parabéns, Harriet Ryan. Quis chamar-te Olivia, o nome da tua mãe. Olivia Delamere. Feliz aniversário, Olivia Delamere.* Matt estava a quilómetros dali, mesmo enquanto Brendan falava da sua recente viagem a Las Vegas.

– Que lugar poeirento. Não voltarei lá. – Ele gostava de São Francisco. – Tinhas razão sobre São Francisco. – De facto, Brendan gostara tanto de São Francisco que, quando era jovem, desejara ir para lá viver ou para qualquer outro lado, em vez de se enfiar numa floresta em Wicklow. *Tudo poderia ter sido tão diferente.*

Mais tarde, quando Matt voltou dos seus sonhos, falou sobre a sua mais recente aquisição. Fizeram um brinde a isso com mais café e os queques caseiros de Brendan.

– Podias ter sido pasteleiro.

– Podia ter sido muitas coisas.

Brendan sorriu para si próprio e Matt riu-se um pouco; depois, ambos caíram num confortável silêncio.

– Estás livre para jantar hoje? – perguntou Brendan.

– Vou ver a Clara.

– Ah, a linda Clara! Estás com intenções sérias?

– Céus, Brendan, só lá vão três meses.

– Três já são uma vida.

– Veremos. Ela é boa pessoa. Cumpre todos os critérios.

– Que romântico – brincou Brendan.

– Bem podes falar! – retorquiu Matt.

– Está bem, está bem – respondeu Brendan, com as mãos no ar. – Desisto. Não faço ideia do que estou a falar.

Matt riu-se.

– Nós somos o casal ideal!

– Certamente que somos. – Brendan sorriu. – Então e amanhã? Faço uma perna de borrego, partimos as cartas e passamos uma boa noite.

– Soa-me bem – disse Matt, levantando-se. – Estou cá por volta das sete.

Brendan ficou sozinho no jardim. Meditou na vida e na morte, no tempo a passar, recordou Liv e o sorriso dela, a força que tinha, a sua persistência, o coração aberto e a sua incapacidade para mentir. Sentia saudades da jovem amiga. *Como serias agora?*, perguntou-se. *Continuarias a ser uma lutadora? Terias sido fiel àquilo em que acreditavas? Ter-te-ia o mundo deitado abaixo?*

* * *

A poucos quilómetros dali, num lar, a mãe de Liv, Deirdre, encontrava-se sentada junto ao aquecedor, sob a janela que dava para a rua. Os jardins estavam divididos pelo longo caminho serpenteante que levava ao portão do hospital. O portão ficava demasiado longe para o ver da janela, mas, quando fechava os olhos, conseguia ouvir o motor elétrico que o fazia abrir e fechar. Mantinha as mãos apertadas sobre o colo, algo que fazia mais por hábito do que por vontade própria. Na maior parte do dia não tinha grande uso a dar às mãos. Não era ela que se vestia nem preparava a comida ou as bebidas, não saudava quem passava por ela e, quando falava, o que era raro, não se mexia muito. Levantava a saia quando ia à casa de banho e baixava as calças, mas, depois disso, não se lembrava de fazer muito mais com as mãos que mantinha apertadas no colo.

Uma enfermeira trouxe-lhe chá, deixando-o sobre o parapeito da janela junto ao velho rádio que estava sempre a ouvir. Gostava de conversas da rádio. O Gerry Ryan era um grande conversador e, à tardinha, ouvia o Joe Duffy. De facto, usava as mãos para mudar o posto da rádio do programa do Gerry para o do Joe e do Joe para o do Gerry. Também as usava para pegar na chávena e beber o chá.

Era terça-feira e às terças-feiras era dia de lavar o cabelo. Usava o cabelo curto, que, apesar de grisalho e de lhe aplicar pouco amaciador, continuava macio e ligeiramente solto. Não gostava que lhe tocassem na cabeça. Não gostava do dia de lavar o cabelo. Não lutava, nem rabujava nem se queixava, limitava-se a chorar um bocadinho. As lágrimas corriam em silêncio. Não era pessoa de

fazer muito barulho.

– Como se sente, Deirdre? – perguntou a enfermeira Trisha.

– Bem – respondeu.

– Está pronta para a medicação?

Deirdre acenou que sim. Trisha deu-lhe os comprimidos e Deirdre engoliu-os antes de a enfermeira ter tempo de lhe dar um copo com água.

– Vejo que recebeu flores – disse, mas Deirdre acabara o convívio. Olhava fixamente pela janela, para um jardineiro que podava uma sebe.

– Ao pé da sua cama – insistiu Trisha, tentando que ela voltasse a falar, mas sem resultado.

Para Deirdre, a voz de Trisha desapareceu atrás da voz de Gerry Ryan, que conversava com uma mulher sobre casamentos e música e bebedeiras, enquanto ela via o sol queimar o pescoço do jardineiro.

A enfermeira lá foi pelo corredor até à sala do pessoal. Maisie fazia café.

– A Deirdre recebeu um enorme ramo de flores.

– Sem cartão? – perguntou Maisie.

– Sem cartão – confirmou Trisha.

– Ele nunca deixa cartão – proferiu Maisie num tom inquietante que captou o interesse de Trisha.

– Quem? – perguntou Trisha, intrigada; afinal, a manhã correra de modo enfadonho.

– O Matt Delamere – respondeu Maisie, dando o café à colega.

– O treinador de cavalos?

– Esse mesmo.

– Porquê? – perguntou, pois era nova tanto no hospital como ali na zona.

– Alguma vez ouviste falar da rapariga que morreu a dar à luz em Devil’s Glen, a meio dos anos setenta?

– Sim, lembro-me de ter ouvido qualquer coisa. Muito triste.

– Deirdre era a mãe da rapariga. O Matt Delamere era o namorado.

– Meu Deus! – Trisha suspirou.

– Pois é.

– Então, por onde andava ele quando ela se esvaía em sangue até morrer na floresta?

– Quem sabe? Aquele médico, não sei o nome, encontrou-a.

– Céus!

– Pois é.

– Então ninguém sabia que ela estava grávida?

– Bem, se sabiam, de certeza não queriam que se soubesse. Mas, nessa época, mandavam-se as pessoas para um lugar qualquer. Por isso não me surpreenderia se não soubessem.

– Ele deve ter-se sentido tão mal – disse Trisha, abanando a cabeça.

– Bem, ele não paga as contas da Deirdre há mais de vinte anos por nada.

– Estás a gozar!

Maisie assentiu com a cabeça e saiu da sala, deixando Trisha a pensar naquilo. *Que vida de doidos levam as pessoas.*

* * *

Susan via alguns catálogos no banco do passageiro do carro.

– Há aqui coisas muito giras – disse ela a Harri, que conduzia. – Achas que podíamos passar por lá? Afinal, Bray fica a caminho.

Harri suspirou.

– Está bem, está bem. Não te preocupes mais.

Sue insistira em vir. Assim que Harri mencionara que ia tirar o dia, Sue percebera que ela tinha algo em mente e fez-lhe imensas perguntas, aborrecendo tanto a amiga que esta acabou por ceder. Normalmente Harri poderia ter-se escapado a Sue, mas como ela vivia na sua sala de estar, era evidente que não conseguia fugir. Fizeram-se à estrada quatro horas mais tarde do que ela pretendia. Uma encomenda de móveis perdera-se e Sue passara grande parte da manhã ao telefone com a companhia das entregas, enquanto Harri ia pedindo desculpas aos clientes. *Lá se vai o dia de descanso!*

– Levará menos de uma hora. Entramos e saímos – disse Sue.

– Ótimo – respondeu Harri, ligeiramente exasperada. *Vou só visitar a campa da minha mãe, não é preciso fazer disto grande prioridade.*

– Ótimo – retorquiu Sue, alegre. – Podemos também parar para um almocinho rápido. Estou esfomeada.

– Estás a abusar! – avisou Harri e, a julgar pelo olhar que lançou à amiga, falava a sério.

Sue permaneceu calada, depois ligou o rádio. Gerry Ryan falava sobre bandas que tocavam em casamentos. Sue desatou a rir.

– Sabes como se chamava a banda do meu casamento?

– Não. – Harri soltou um suspiro.

– Mixed Grill. – Sue sorriu e Harri não pôde deixar de sorrir também. – Mesmo assim eram uma boa banda. – O sorriso esmoreceu e ficou com ar um pouco desanimado por se lembrar de que o seu casamento acabara.

O dia estava bonito e quente, iluminado por um sol amarelo num céu azul e límpido, e Harri e Sue seguiam com a capota aberta. A estrada nova desenrolava-se à frente delas, assim como a promessa de uma agradável aventura para a qual nenhuma delas se sentia propriamente preparada. Harri continuava assolada por perguntas simples. *O que existirá para lá disto? Estarei a fazer o que é certo? Quererei mesmo abrir esta caixa de Pandora? Poderia voltar atrás se quisesse?* Sue tinha apenas uma pergunta a ocupá-la. *O que faço se ela se for abaixo?* O carro seguia na direção de Wicklow, com o sol atrás. Sorriam uma para a outra muitas vezes, mas durante a maior parta do tempo olhavam em frente, caladas.

* * *

Melissa apreciaria imenso passar o dia com a amiga da primeira vez em que esta celebrava o seu verdadeiro aniversário – bem, celebrar era um exagero em relação ao que iria fazer. Estar de luto seria mais apropriado, ou talvez não estar. Afinal de contas, embora fosse visitar a campa da mãe, na realidade era a campa de uma estranha. Gloria era a mãe dela e continuava bem viva. Tornava-se tudo um pouco confuso e difícil de entender, tanto que, apesar de querer mesmo estar com a amiga numa altura em que ela tanto precisava, não tinha a mínima ideia do que lhe dizer. «Anima-te» era algo que dizia muitas vezes em alturas de tristeza, mas de pouco ajudava, ou então a sua frase preferida: «Não te importes, acontece aos melhores», também de pouco serviria. Mesmo assim, apreciaria a oportunidade de passar o dia com Harri, não necessariamente por causa de sentir que

poderia ajudar, mas porque, fosse o que fosse, até uma viagem à campa de uma rapariga de dezassete anos morta na floresta seria uma pausa nas exigências cada vez maiores do patrão, dos colegas, do marido e dos filhos. Estava a meio de uma reunião quando o telefone tocou. Pedira que não a incomodassem e a pobre Ellen desfez-se em desculpas enquanto a fazia sair da sala da reunião e a levava até ao telefone sobre a secretária.

Era a professora de Jacob.

– O Jacob está com dores de barriga.

– Está pálido?

– Não.

– Tem febre?

– Não.

– Vomitou?

– Não.

– Bem, então, tenho a certeza de que ele está bem.

– Ele queixa-se de dores. Não posso ignorar isso.

Melissa suspirou.

– Por vezes ele diz que tem dores de barriga quando está a fazer qualquer coisa de que não gosta.

– Ele está a fazer o que faz todos os dias e gosta, além disso não comeu ao almoço e recusou uma bolacha de chocolate.

– Vou já para aí. – Jacob nunca dizia que não a uma bolacha de chocolate. *Por que raios não começou ela por dizer isso?*

Encontrou Jim no vestiário.

– Mas onde vais agora?

– O Jacob adoeceu.

– Vais a meio da apresentação.

– Bem sei e lamento, mas não posso fazer nada.

– Onde está o teu marido, a tua ama, a tua mãe?

– Onde estarão de facto? De folga e reformados em Espanha.

– Melissa.

– Jim.

– Isto não pode continuar assim. Dependo de ti. A empresa depende de ti.

– Desculpa. Vou resolver isto.

– O que vou dizer aos clientes?

– Diz-lhes que peço desculpa. Marcarei novamente reunião quando lhes convier mais.

– Isso não basta – respondeu Jim, abanando a cabeça.

– É o máximo que posso fazer – disse ela antes de se ir embora.

Tentou ligar ao marido quatro vezes, já no carro, mas a chamada ia sempre parar ao atendedor de chamadas. Chegou à escola de Jacob pouco depois das onze. O menino esperava-a à porta.

– Estou com dói-dói.

– Bem sei, meu lindo. Vou levar-te para casa, pomos o *Thomas* e podes estender-te no sofá a ver.

A creche ligou quando ela saía da escola de Jacob.

– A Carrie vomitou.

– Oh, meu Deus, vou já para aí.

Carrie dormia quando ela a foi buscar. Decidiu levar os miúdos imediatamente ao médico. Jacob queixou-se de que ela lhe prometera o sofá, *Thomas* e bolachas, e o consultório do médico não lhe proporcionaria nada disso. Adulou-o com promessas de um novo brinquedo do *Thomas* quando ele ficasse melhor. Depois de uma hora na sala de espera do consultório e de receber o olhar zangado do médico quando não lhe soube responder o que os filhos haviam comido ao pequeno-almoço visto ela ter saído de casa mais cedo para preparar a reunião que não conseguira acabar, e depois de um exame que durou apenas meros minutos, o médico concluiu que as crianças tinham um vírus e por isso teriam de deixar que a doença corresse o seu curso. Passou uma receita para um analgésico infantil e, depois de pagar os sessenta euros da consulta à rececionista, ela estava de volta ao carro, com Carrie a fazer birra e Jacob a queixar-se.

– Ainda tenho dói-dói na barriga.

O parque de estacionamento do centro comercial estava cheio, mas por fim lá conseguiu estacionar. Carrie chorava em altos berros e Jacob mexia na barriga, repetindo a palavra dói-dói sem parar numa voz cantante e particularmente irritante.

– Dói-dói. Dói-dói. Dói-dói.

Com Carrie ao colo e Jacob pela mão, Melissa atravessou o centro comercial cheio de gente até chegar à farmácia. Apesar da birra da filha e das persistentes queixas do filho a azucrinar-lhe os ouvidos, lá adquiriu a receita e, carregada com os filhos, exausta e de bexiga cheia, entrou na fila para pagar.

O telemóvel tocou. Era o patrão e ela pensou em ignorar a chamada, mas Melissa, ao contrário do marido, que ela começava a pensar agora seriamente em matar, nunca conseguia ignorar uma chamada. Largou a mão de Jacob e levou o telemóvel ao ouvido. O chefe, bastante irritado, transmitiu-lhe que os clientes não tinham ficado lá muito satisfeitos por ela sair a meio da reunião.

– Mamã!

– Só um segundo, Jacob. – Carrie continuava a chorar. – Posso tratar disto amanhã?

– Mamã!

– Já vai, Jacob.

– Preciso da tua palavra-passe. Prometi-lhes enviar as tuas notas de apresentação. É o mínimo que podemos fazer.

– Não posso ser eu a enviar?

– Mamã!

– Prefiro que eles fiquem com as notas agora.

– Eu preferia fazer isso.

– Bem, todos preferíamos que fosses tu própria a fazê-lo, Melissa, mas infelizmente, eu estou aqui e tu não.

Ela argumentou que não gostava nada que fossem outras pessoas a mexer no computador dela. Jim respondeu que não se importava nada com o que ela gostava ou não, tendo em conta que saíra abruptamente de uma reunião, fazendo com que pudessem perder um cliente. Melissa suspirou, e, com ar ausente, olhou para baixo, na direção onde o filho estivera menos de um minuto antes. Desaparecera. De início não ficou alarmada, mas depois olhou em volta e não o viu nas redondezas.

– Jacob! – gritou para o telefone. – Jacob! – gritou novamente. Começou a sair da fila e dirigiu-se à ala mais perto.

– Melissa, o que se passa? – perguntou Jim.

– É o Jacob, desapareceu! – disse, correndo agora ao longo da ala. – Jacob!

Desligou o telemóvel e começou a gritar tão alto que o gerente veio ajudá-la. Ele e uma rapariga chamada Jane percorreram o centro comercial a chamar por Jacob, mas ele não estava em lado nenhum. Desaparecera. Melissa juntou-se a Carrie no choro. Sentou-se no chão e chorou, chorou, o pobre gerente fazia o possível para a acalmar, e a rapariga chamada Jane entrava e saía de todas as lojas, perguntando se alguém tinha visto um menino pequenino chamado Jacob. Então chamaram a segurança.

Melissa tremia como varas verdes e Carrie entretanto calara-se.

– Ele estava aqui e depois desapareceu – repetia Melissa para si própria. – Dava-lhe a mão, mas depois ligaram-me do trabalho. – Recomeçou a chorar. – Oh, meu Deus, onde está ele? – Nem pensou em ligar ao marido, sentia-se completamente vazia e o medo assolava-a. Não podia fazer nada a não ser repetir-se e roer as unhas. – Ele não está bem – disse, inúmeras vezes. Ocorriam-lhe à cabeça imagens de crianças desaparecidas. Jamie Bulger fora raptado num centro comercial, e quando o encontraram estava morto. *Oh meu Deus!* Carrie agarrava-se à mãe, de olhos bem abertos e calada. Melissa apertava a sua menina, rezando. *Por favor, que estejas bem, filho. Por favor, volta.*

Tinham passado vinte longos minutos antes de um dos seguranças chamado Tim chegar com Jacob pela mão. Quando o viu, Melissa, que recomeçara a chorar, explodiu num choro ainda maior, soluçando alto, convulsivamente. Jacob, ao ver a mãe quase histérica, fez o mesmo e Carrie recomeçou a chorar. Melissa abraçou o filho desaparecido tão apertadamente que o segurança teve de os separar com medo de que a criança ficasse sem oxigénio. Uma vez calma e cerca de dez minutos depois, Tim, o segurança, explicou que descobrira Jacob nas casas de banho.

– Precisava de fazer cocó – disse Jacob. – Estava quase a fazer.

Melissa não o repreendeu por ter fugido. Ele tentara chamar-lhe a atenção. O filho estava com diarreia e ela não lhe dera importância, preferindo discutir sobre uma estúpida e maldita apresentação. Recompôs-se e agradeceu ao gerente da farmácia, à jovem Jane, e a Tim, o segurança, e saiu do centro comercial com os medicamentos que o farmacêutico insistira em que ela levasse sem pagar. Em casa, depois de dar banho e medicar as crianças, pô-las a dormir e preparou para si um grande uísque. Chorou novamente. *Já não aguento mais isto.*

O problema de Melissa era maior do que exaustão e do que um marido cheio de boas intenções, mas que acabava por ser inútil. O problema era que começava a transformar-se numa estranha para si própria. Outrora fora uma trabalhadora dedicada, uma profissional. Terminara o secundário sem problemas, a faculdade fora canja, e desde muito nova que estava destinada a uma carreira brilhante com que a mãe só conseguira sonhar. A vida profissional de Melissa era entusiasmante, um desafio, e recompensadora. Dava-lhe uma confortável conta bancária e todo o conforto associado a isso. Era respeitada e feliz. A vida era bela. Depois, tivera Jacob. De início, ao saber da gravidez, ficara encantada. Claro que tinha um plano. Haviām passado apenas seis meses quando descobrira a ama perfeita. Teria a baixa de parto mínima e voltaria ao trabalho. Sabia que ao princípio haveria problemas com dentinhos a nascer, como em qualquer nova aventura. Não era possível planear tudo, mas sentia-se confiante em que uma vez estabelecida a rotina poderia e conseguiria ter tudo e fazer tudo. Melissa não se preparara para o sentimento de culpa. Não compreendera que, com a maternidade, viriam preocupações como nunca conhecera, um amor avassalador e a grande necessidade de estar com o filho. No dia em que voltara ao trabalho, chorou na casa de banho por mais de uma hora. Pensara que seria fácil deixá-lo com a ama, mas não foi. Pensara que não

telefonaria para casa vinte vezes por dia, mas telefonou. Pensara que se conseguisse desligar aquele botãozinho no seu cérebro que lhe dizia que estava a perder tudo, as coisas voltariam ao normal, e que seria novamente a profissional competente e dedicada. Nada voltou ao normal, e Melissa sentiu-se atormentada e despedaçada no seu íntimo. Passara anos na faculdade e a trabalhar para chegar ao topo da carreira, para nada. Não se podia desfazer de tudo e, olhando à sua volta, havia muitas mulheres perfeitamente felizes por deixarem os filhos em casa e continuarem a trabalhar. Denise Green, mãe de quatro filhos, dissera que o trabalho continuava a fazê-la sentir-se tão realizada como antes e que também a salvara da insanidade. Melissa ficou embaraçada ao perceber que não se adaptava e vivia em negação, esmagando o desejo que sentia em renunciar ao seu lugar num mundo de homens pelo qual lutara tão valentemente e regressar à cozinha, onde, no fundo, ansiava por estar. Na cozinha, a fazer bolos com o filho, a brincar com ele, a vê-lo crescer, a estar presente na vida dele, a ser mãe. Por fim, caíra numa rotina e conseguira gerir bem a vida profissional e a doméstica, e era só nas alturas em que a sua ama perfeita lhe ligava para dizer que Jacob batera palminhas ou que se pusera em pé ou lhe chamara mamã que sentia o coração despedaçar-se e surgiam os negros pensamentos. *E se eu ficasse em casa?* Claro que era uma ideia ridícula. Teria dado em doida, tal como Denise Green dissera. Era uma profissional, não uma cozinheira de bolachinhas. Porém, depois, nascera Carrie e com ela trabalho a dobrar e o coração partido a dobrar e o trabalho sofria com isso e os filhos sofriam e o casamento sofria; sobretudo, e da pior das maneiras, ela sofria. Andava sempre cansada, assombrada por deixar não um mas dois filhos em casa e por saber que ouviria falar do desenvolvimento deles por outra pessoa.

Melissa precisava de uma pausa, necessitava de descanso. Desde que Jacob nascera que fingia ser a pessoa que costumava ser, mas já não era e a mentira desgastava-a.

18 de agosto de 1975 — segunda-feira

Acampámos em Brittas Bay e montámos a tenda nas ervas com vista para quilómetros de dunas de areia branca. Bem, se calhar não serão quilómetros, mas parecem. O tempo estava fantástico e quando lá chegámos (e fomos todo o caminho de bicicleta, o que quase me ia matando), o sítio encontrava-se cheio de gente. Montes de gente de Dublin para passar o dia com os filhos, com roupas coloridas e gelados e pás, e velhotas com roupas escuras envoltas em toalhas, apesar de se queixarem de que fazia calor. O mar parecia cheio até perder de vista de gente a nadar, a boiar, a atirar água umas às outras, a saltar e do som das gaivotas e das mães a chamar pelos filhos e estes a chamarem-se uns aos outros, os homens a jogar à bola e as ondas a subir e a rebentar, o calor nas nossas costas e na sola dos pés, o sol a brilhar sobre as ondas e a brisa que me fazia sentir tão leve e, a toda a hora, a rádio que passava aquilo a que Matthew chamava canções de verão. Hei de lembrar-me sempre deste meu fim de semana. O Matthew fez a maior parte do trabalho. Era escuteiro e estava habituado a montar a tenda para duas pessoas que ele conseguira trazer na mochila, de bicicleta, assim como o saco-cama. Ele é muito forte e musculado e acho que também tem bom equilíbrio. Deve ser por montar o *Nero*. Seja como for, eu estava quase morta e só levei o rádio e as nossas escovas de dentes, alguns pares de cuecas e coisas. O sol estava tão quente que não precisámos de muita roupa. Uma boa coisa também, porque eu não conseguiria carregar com tudo. Quando a praia ficou calma, depois das oito horas, sentámo-nos à beira-mar, olhando as ondas. Isso nunca cansa. Pensamos que sim, mas não acontece e não sei explicar porquê. Comemos sandes que comprámos na loja ao fundo da estrada e bebemos algumas latas de cerveja. Continuo a não gostar de cerveja, mas faz-me rir, bem, o Matthew faz-me rir, mas as coisas ficam mesmo mais divertidas quando bebo cerveja. Havia um homem na praia a passear o cão. Já passava das dez da noite e ainda havia claridade. O cão corria atrás da cauda e o homem estava de pé, observando e à espera. Por fim, o cão cansou-se e saltou para o homem. Ele abraçou-o como se abraça uma pessoa. O cão resfolegou e fugiu e o homem foi atrás dele, com o animal a ladrar e feliz com a liberdade. Estava longe de mais para lhe vermos a cara, mas aposto que é boa pessoa. Aposto que é bondoso. Provavelmente tem um bom emprego, se calhar é

médico, ou trabalha num banco, talvez casado e ama a mulher e provavelmente terá filhos que à noite não precisam de fechar à chave a porta dos quartos. De facto, se calhar nem têm fechaduras. Já para não falar do enorme cadeado que o Matthew instalou na porta do meu quarto — ele é muito jeitoso.

Assim, ficámos a olhar o mar e o Matthew estava calado e algo ausente. E eu sabia o que ele pensava. Faltavam duas semanas. Dentro de duas semanas irá para o colégio interno. Tentámos não pensar nisso, mas é difícil quando todas as lojas estão cheias de material para o regresso às aulas. Mantemos o acordo de viver o momento, mas como podemos viver o presente quando sabemos que em breve a nossa vida a dois como a tínhamos acabará. Estarei a ser demasiado dramática, como a Joanie Flynn, que vive três portas abaixo da minha, que chora por dá cá aquela palha e finge desmaiar quando está em apuros? Não me parece assim tão dramático. O Matthew finge que está bem com o facto de ter de regressar à escola, mas eu sei que não está. No ano passado foi agredido — só me disse isso recentemente. Ficou embaraçado com o assunto. A escola falou com o pai, que teve de se envolver no assunto, e ele disse que o facto de o pai ter sabido era pior do que as agressões que sofrera. O pai chamou-lhe nomes, mas os rapazes foram suspensos e as agressões acabaram. Antes, havia alguns que falavam com ele, mas, agora, ninguém fala porque é conhecido como bufo. Estúpidos. Preferem os agressores à solta a pararem com aquilo e a chamarem-lhe nomes. Disse-lhe isso e ele respondeu que para mim era mais fácil. Toda a gente diz isso, mas eu não acho nada fácil. Só penso que preferia lutar! Ele ri-se de mim quando falo assim, mas bem vejo que ele gosta.

Antes deste fim de semana nunca tínhamos ido até ao fim porque temíamos que eu ficasse grávida e é muito difícil arranjar proteção. A Sheila usa o método natural — diz que tem tudo que ver com o ciclo menstrual. Falou sobre os dias férteis e não férteis e da produção dos óvulos e eu desliguei. Tem um livro da biblioteca e agora é uma especialista no assunto. Vai dar com certeza uma ótima enfermeira. Então, numa noite, no nosso confortável saco-cama, aconteceu e estou com medo de ficar grávida, mas feliz por o termos feito. Foi certo. O Matthew tinha-o feito no ano passado com uma rapariga de Boston, por isso fingi que não era uma grande coisa fazê-lo, mas foi. Senti-me como, bem, no fundo não sei como me senti, como adulta, se calhar. Não sei. Acho que não o podia amar mais esta semana do que na anterior, mas amo. Olhá-lo nos olhos quando ele estava dentro de mim fez acender qualquer coisa. Não sei dizer o quê, mas naquele momento estava inspirada e tudo fazia sentido. Parece tão estranho e se calhar sou uma parva, mas, de súbito, descobri um lugar lindo no mundo. E não quero dizer que sou dele e que basta. Quero dizer que, pela primeira vez, o futuro se transformou numa ilha clara e não um lugar distante. Vou ser escritora. Vou entregar a minha alma, o meu coração, a minha experiência, a minha falta de experiência, os meus sonhos, as minhas esperanças e o meu amor, sobretudo o meu amor, vou pôr tudo em papel. Um dia, quando tiver realmente algo a dizer, vou escrever, porque toda a gente gosta de uma boa história.

Andamos a falar cada vez mais em irmos para a América depois de acabarmos o liceu, no próximo ano, especialmente para o Kentucky. Há universidades no Kentucky e eu poderia frequentar uma. Tenho boas notas, apesar de falar pelos cotovelos. Poderia entrar na faculdade, pelo menos é o que diz o Matthew. Estudaria inglês e o Matthew trabalharia em Keeneland. Uma noite na semana passada, ele perguntou ao pai se poderia organizar isso e o pai disse que sim e depois disse que não se importava se o Matthew voltava ou não, mas tudo porque o pai do Matthew é uma bosta, mas o amigo dele Ronnie dirige Keeneland e é um bom homem. O Matthew diz que ele nos aceitará aos dois. Tem uma família grande, e a mulher, Marjorie, e os filhos (são onze!) montam todos, e há centenas de estábulos e os empregados dos estábulos são tratados como família, fazem grandes churrascos todos os fins de semana e têm uma alpendre enorme com um baloiço e toda a gente é bem-vinda para jantar, é como se fosse tudo uma grande família, grande, amorosa e divertida. O Matthew poderia treinar cavalos e interrompia os estudos, eu estudaria e viveríamos juntos. É tão real que lhe consigo tocar. Meu Deus, espero não estar grávida. Se calhar vou mas é ler o livro da Sheila.

A mãe não fala comigo porque deixei o Dr. B. entrar pela porta das traseiras. Ele acha que há qualquer coisa de mal na cabeça dela. Quer que ela faça análises, mas ela não quer ir com ele. ELE veio a casa e ela começou aos gritos com o Dr. B. e, depois, claro, ele começou a berrar só porque adora gritar. O Dr. B. saiu, mas pediu-me que a mantivesse debaixo de olho. Não sei como é que isso irá ajudar, mas disse que sim.

O Dr. B. está a ficar mesmo bom a montar! Ultimamente andamos muito juntos a cavalo. Eu continuo a ficar um pouco nervosa, mas finjo que não e o Dr. B. e o Matthew parecem não notar. O Dr. B. deu-me a alcunha de *Sarilhos*. Isso faz rir o Matthew, por isso não me importo, de facto, até gosto. OLÁ, prazer em conhecê-lo, eu sou a *Sarilhos*!

ELE não tem tido trabalho nos últimos dias e anda ansioso por uma discussão. Ela anda tão calada e fechada em si própria... até para ele é difícil arranjar uma discussão com ela. Anda outra vez a olhar para mim, mas eu já não tenho medo. No meu coração, na minha cabeça, sou livre. Dentro de três semanas o Matthew vai voltar para o colégio. Vai fazer todos os

possíveis para vir a casa, pelo menos uma vez por mês, diga o pai o que disser ou faça o pai o que fizer. Então, só temos de conseguir aguentar onze meses para começar a nossa vida nova. Onze meses não são muito. Onze meses nada são. Vem depressa, próximo mês de julho!

Eu sabia que te conhecia

Aidan metia-se sempre em limpezas quando fazia qualquer coisa que o seu barómetro moral considerava errado. Pôs-se a limpar a casa quando disse à mãe que fosse bugiar depois de uma terrível discussão sobre um seguro pessoal. Pôs-se a limpar a casa quando mentiu aos amigos, dizendo que estava doente, só porque precisava de um dia de folga. Mas, enfim, é o problema de se trabalhar com amigos: mentir é problemático e faz com que nos arrependamos. Pôs-se a limpar a casa quando usou o cartão de crédito de George para comprar bilhetes para a Macy Gray, depois de uma discussão sobre queijos. Pôs-se a limpar quando roubou uma *T-shirt* da GAP desafiado por um tipo de cujo nome não se conseguia lembrar e limpou quando a irmã lhe ligou um dia a pedir que tomasse conta dos três filhos e ele fingiu estar com gripe. Aidan andava a limpar a casa quando o telefone tocou.

– Aidan.

– Andrew?

– Sei que isto é assim meio repentino, mas seria possível encontrarmo-nos esta semana?

– Ouve, se é por causa da Sue e do construtor...

– Não é.

– Oh. Está bem, então.

– Agradecia-te imenso.

– Está bem. – *Que raio quererá ele? Pensa, estúpido.* – Amanhã à tarde estou livre.

– Ótimo, estupendo. Muito bem, amanhã então. Estupendo. Obrigado. Até amanhã.

– Andrew?

– Sim...

– A que horas e onde?

– Oh! – Andrew riu-se um pouco. – Para mim, pode ser em qualquer lado, na baixa.

– Que tal no Westbury? – *Ninguém me conhece no Westbury.*

– Perfeito.

– Então até amanhã.

– Até amanhã. E... Aidan...

– Sim.

– Mais uma vez obrigado.

Aidan desligou e, ao ver que nem Sue nem Harri atendiam quando lhes ligou, decidiu telefonar a Melissa. Ela acabara de chorar quinze minutos antes e ia no segundo uísque. Podia ter contado a Aidan o que acontecera, mas sentia demasiada vergonha. Pensava até em esconder que quase perdera o filho e nada contar ao marido. Atendeu o telefone com rispidez.

- O que foi?
 - Não vais acreditar quando te disser quem me ligou.
 - O George Michael?
 - Não.
 - Bolas, de que vale dar-me com homossexuais se isso não me leva a conhecer o George Michael?
 - Já podes parar de ser cabra?
 - *Okay* – suspirou Melissa. – Diz lá.
 - O Andrew.
 - O Andrew Shannon?
 - Esse mesmo.
 - Mas que raio queria ele?
 - Encontrar-se comigo.
 - Não te vais encontrar com ele, pois não?
 - Vou pois.
 - Aidan...
 - O que é?
 - Ele é um imbecil.
 - Melissa, a vida não é assim tão simples.
- Ela suspirou, bem sabia que ele tinha razão.
- O que quererá ele...
 - Não faço ideia.
 - Se calhar é *gay*.

Melissa estava a ser sarcástica e, contudo, a julgar pelo que dizia Sue sobre a sua não existente vida sexual, era uma possibilidade num milhão.

Aidan desatou a rir.

- E eu sou o sonho erótico da Tipper Gore...

Melissa deu uma gargalhada. *Mas por que diabo terá ele pensado na Tipper Gore?*

– Pois, acho que a ideia até é bastante extravagante. Por falar nisso, que raio deu à Sue para aparecer assim com aquele Keith?

- Não lhe deu nada. Anda só um pouco perdida, mais nada.
- Lá isso andamos todos. Sabes onde foi a Harri?
- Não.
- A Wicklow.
- Céus. Foi rápida.
- Espero que não tenha sido demasiado rápida.

Melissa não apreciara muito a ideia quando Harri lhe telefonara no dia anterior, especialmente por não poder ir com a amiga. Por outro lado, fora ela quem pesquisara no Google, e por isso sentia uma certa culpa. *É demasiado cedo. Espera um tempo. Pesquisa um pouco mais no Google. Lê o artigo sobre o teu pai. Vai de férias. Lê um livro. Volta para o James. Que se lixe isto tudo, volta a ter a tua vida. Quem me dera poder voltar à minha.*

- Melissa.
- Sim...
- Consegues guardar um segredo?

- Não.
 - Falo a sério.
 - Eu também.
 - Quero contar-te uma coisa.
 - Então, conta-me, mas não te garanto que não contarei à próxima que vir à minha frente.
 - Já pareces a Harri e estás a irritar-me!
- Melissa riu-se.
- Diz lá.
 - Não, esquece.
 - Estás a portar-te como uma criancinha.
 - Tu amas o Gerry, não amas? – inquiriu Aidan, sem mais nem menos. – Quer dizer, zangas-te e queixas-te, mas isso é o que as mulheres fazem. Tenho razão?
 - Tem cuidado. Podes estar ao telefone, mas eu arranjarei maneira de te atirar com qualquer coisa.
 - A sério.
 - Claro que o amo. – Melissa sorriu para si própria, recordando o familiar beijo do marido, nessa manhã, o calor que sentira ao enroscar-se nele. Subitamente teve vontade de chorar outra vez. *Quase perdi o nosso filho. Meu Deus, quase o perdi. Aguenta, Melissa, acalma-te, ele está em casa, na caminha dele, a salvo. Tu estás bem. Bebe. Finge que está tudo bem.* – Mas por que raio falas nisso? – perguntou, após um bom gole.
 - Por nada – respondeu Aidan. Perdera-se o momento da verdade. – Bem, de qualquer modo, digo-te alguma coisa depois de me encontrar com o Andrew.
 - Mas que raio quer ele? – repetiu Melissa.
 - Não sei. E diz à Harri que me ligue quando voltar. Nem acredito que ela não me disse o que ia fazer... a bem dizer, eu não estava lá muito bem-disposto ontem à noite.
 - Reparei e dir-lhe-ei.
- Aidan desligou e soltou um suspiro. *Como diabo vou encontrar-me com o Andrew ainda quando tenho pelo menos uma semana de limpezas...*

* * *

Quando Sue acabou de ver os móveis que queria em Bray e chegaram a Wicklow, onde comeram qualquer coisa, já passava das quatro. As ruas eram demasiado estreitas e estavam repletas de gente e, para estacionar, um verdadeiro labirinto. Nada encontraram junto ao cais nem na rua atrás, e a rua principal estava demasiado agitada. Por fim, arranjaram lugar junto da antiga prisão.

– Olha, fazem visitas noturnas! – exclamou Sue, bebendo o café que levava na mão quando voltavam ao carro.

- Bestial. – Harri suspirou.
- As coisas não estão a correr conforme o planeado, pois não? – perguntou Sue.
- Não, não estão mesmo.
- Desculpa, estou a estorvar.

Harri sentiu pena da amiga. Andava desorientada desde que saíra de casa e parecia não conseguir voltar ao normal. Se Harri se sentia perdida, Sue estava mais perdida ainda e o caso com o construtor era um sintoma disso.

- Não faz mal. Não sei o que esperava. Se calhar devíamos fazer a visita guiada noturna à prisão

de Wicklow e voltar para casa. – Desativou o alarme do carro com um irritante bip-bip. Entraram no carro.

Sue virou-se para a amiga.

– Ouve, porque não vou dar uma volta e ver tudo o que Wicklow tem para oferecer enquanto tu vais ao cemitério? Não me vais querer lá.

Harri sorriu-lhe.

– Não te importas?

– Não. Pareceu-me ver por aí umas lojas decentes.

Sue agarrou na mala e, antes de sair do carro, puxou a amiga para si e deu-lhe um beijo na testa.

– Boa sorte, Harri. Espero que encontres o que procuras.

– Saber o que procuro já bastaria – confessou Harri, com um ligeiro sorriso.

Sue saiu e fez adeus à amiga, que lá seguiu à procura do cemitério.

* * *

Brendan acabou a tarde sentado, às quatro em ponto. Apesar de uma epidemia de vômitos galopante, tudo corria bem com as gentes de Wicklow e ele tinha tenções de passar bem o resto do dia. Primeiramente, iria buscar um café ao Donnali's, depois rumaria ao cemitério antes de ir fazer dezoito buracos de golfe. O café estava cheio de turistas e de clientes habituais.

– Aqui tem, doutor McCabe. Estava agora a dizer à Sarah que já não o víamos há que tempos.

– Ando por aí, Martina.

– Esta epidemia que põe toda a gente a vomitar é terrível.

– Pois é, afetou muita gente.

– O meu Malachy tem andado aflito, pelo menos é o que ele diz.

– Descanso e caminha, Martina, e beber muitos líquidos.

Ia a caminho da porta de café na mão quando quase embateu em Sheila Doyle.

– Doutor McCabe.

– Sheila.

– Como está?

– Bem, vou agora visitar a campa da Liv.

Sheila ficou sem palavras. *Dia II!*

– Esqueci-me – confessou, embaraçada.

– Já passou muito tempo – respondeu Brendan, sorrindo-lhe.

– Eu era a melhor amiga dela. Devia ter-me lembrado.

– Não penses nisso, Sheila, tens uma casa cheia de filhos, um negócio a gerir e um marido insulínoddependente e teimoso como sei lá o quê.

– O *senhor* lembrou-se – retorquiu Sheila, calmamente.

– São as vantagens de viver sozinho. Como vai o Patrick?

– Bem. Dá comigo em doida, mas vai bem.

Brendan apertou o ombro de Sheila.

– Espero não te ter perturbado – disse.

– Não e obrigada por me lembrar. – Ela sorriu, acenando-lhe adeus enquanto ele seguia rua abaixo.

Nem acredito que me esqueci de ti. Céus, Liv, desculpa-me.

Sue andou ocupada a ver as lojas de Wicklow, descobrindo num instante um lindíssimo *top* de seda. *Acho que o meu cartão Visa vai levar um enorme rombo hoje.*

Nem ela nem Harri haviam tocado no assunto de ela ter aparecido na inauguração da loja de George com Keith – de facto, o assunto fora até evitado por ambas. Sue não sabia exatamente o que andava a fazer. As consequências dos seus atos só a haviam feito pensar quando Aidan lhe explicara que o marido e a filha poderiam aparecer na festa a qualquer altura. Ficara abalada, e mesmo depois de terem saído da festa e quando se dirigiam para o The Front Lounge, um bar que o marido nunca frequentaria, não se conseguira livrar da sensação amarga de fracasso ou qualquer coisa que a atormentava e não conseguia identificar. Olhou para Keith, incomodado por se encontrar num bar *gay*. *Mas que raio estou eu a fazer?* Para dizer a verdade, ele estivera incomodado toda a noite. Nunca se assumira como namorado, e ir a uma prova de vinhos era como se o fosse, e não um amante casual. Sue forçara-o, e ele não se sentia bem. Nem ela. Além disso, era impossível tentar perceber a razão de o ter feito sem umas idas ao psicólogo. Keith fora-se embora depois de tomar uma bebida. Aidan estava muito divertido com um dos seus amigos que frequentavam o local. Sue conhecia um ou dois, mas estavam todos muito animados e não tinham tempo para falar com uma mulher de meia-idade de rosto triste. Aidan tentara animá-la com um copo de *sambuca*, mas fora nessa altura que ela se metera num táxi e voltara para casa de Harri.

Sozinha, no sofá-cama da sala de Harri, Sue tentara encontrar algum sentido na sua vida.

Beth não atendia as chamadas. O marido podia estar na Lua e o homem casado com quem tinha relações sexuais ocasionalmente não estava interessado em deixar a mulher nem em ser namorado dela. Ela era livre, mas Keith continuava casado. Mesmo que não estivesse, na verdade, querê-lo-ia ela na sua vida? *Ele anda a dar-me para trás.* Fora nesse momento que Susan Shannon jurara a si própria que não voltaria a ver o seu amigo construtor casado. Não se tratava de sentimentos de culpa em relação à mulher que ela andava a trair com o marido, nem por os amigos a julgarem em silêncio, mesmo que fingissem não o fazer, nem sequer por causa de ter medo de a filha vir a descobrir. E lá porque não pensava no casamento de uma estranha, não era má pessoa – um pouco egoísta, talvez, mas não má. Susan decidiu que era uma boa pessoa que simplesmente saíra de um casamento sem vida porque queria mais e o construtor casado nunca seria esse mais. Permaneceu acordada durante muito tempo, a reviver o seu casamento, tanto as alturas más como os momentos bons, recordando a filha e momentos mais importantes na família. Chorou e até acabou por se rir um pouco, ao despedir-se da sua antiga vida e libertando-se dela.

Por isso, aquele era um novo dia, um novo começo, tanto para ela como para a amiga Harri e, para celebrar, Sue iria fazer tantas compras até nada sobrar nas lojas de Wicklow. *Céus, adoraria encontrar uma bela batedeira de arames e uma colher de pau pintada à mão!*

Harri caminhou pelo cemitério lentamente, pois não fazia ideia por onde começar, por isso era natural que comesse pelo princípio. *Nunca terei tanta sorte.*

Encontrava-se ajoelhada a tentar perceber um nome e a lamentar não ter trazido os óculos com ela quando um homem passou e ela pensou em perguntar-lhe, mas depois reconsiderou, imaginando que seria impróprio assumir que toda a gente em Wicklow conhecesse todas as pessoas vivas ou que

tinham morrido, por isso deixou-o passar com o café que levava sem lhe dirigir palavra. *Estou a ficar ofegante. Acabou por se ferir numa silva e magoou o joelho ao tropeçar num vaso. Isto é uma estupidez. Nunca a conseguirei encontrar assim.* Havia um escritório à entrada, mas encontrava-se fechado e não existia ali nenhuma planta do cemitério; Harri sentia-se cansada, estava emocionada e farta de se magoar. *Se bato em mais uma das malditas lápides!* Mesmo assim, lá prosseguiu caminho, lendo todos os nomes gravados na pedra por onde ia passando.

* * *

Brendan instalou-se confortavelmente na relva.

— Olá, *Sarilhos!* — saudou, olhando para o nome de Liv gravado a negro. — Trinta anos e parece que foi ontem. Quem me dera que tivesses escrito o tal livro. Gostaria imenso de o ter lido. Aposto que seria um *bestseller*. Tudo tem que ver com o tempo... e tu não tinhas tempo, *Sarilhos*, e nenhum de nós percebeu isso. Juro que te teria salvado, se pudesse. Mas tu sabes disso. Tive um caso em São Francisco, vais gostar de ouvir. Ele tem quarenta anos, por isso és capaz de dizer que sou um ladrão de meninos. Ele trabalha em *design*. Mas não falámos muito sobre *design*! — Riu para si próprio. — Havias de gostar dele. É o tipo de *gay* que gostarias que eu fosse. Seguro de si, orgulhoso e feliz. E sou. Sou um homem diferente do que tu conheceste, há uma vida. Acho que ficarias contente ao veres no que me tornei, pelo menos, espero que sim. Tenho tantas saudades tuas, *Sarilhos!*

Calou-se, beberricando o café, e foi nessa altura que viu uma mulher a percorrer lentamente o caminho por entre as lápides. Ao aproximar-se dele, tornou-se-lhe familiar. O cabelo, a estrutura óssea, a boca e especialmente o olhar com que ficou quando escorregou na gravilha do caminho. Brendan levantou-se.

— Está à procura da Liv — disse ele.

Harri estacou imóvel à frente do homem com o café na mão. Acenou que sim com a cabeça.

— Ela está aqui — disse ele.

Assim, Harri lá foi andando lenta e cuidadosamente até ele de coração e alma na boca. Olhou para o nome inscrito na lápide e para a data e de lá para o homem de rosto lívido que a fitava.

— Parabéns, Harri — disse Brendan.

— Obrigada — retorquiu ela, num murmúrio.

— Chamo-me Brendan McCabe. — Os olhos dele pareciam perfurar-lhe a alma.

— O médico — conseguiu Harri dizer.

— Sim.

— Não estou preparada para isto — proferiu, e foi nesse momento que as suas pernas cederam.

2 de setembro de 1975 — terça-feira

Hoje despedi-me do Matthew. Chorei até me sentir tão mal que só consegui ficar estendida na cama. O Henry levou-nos à estação de comboios porque o estúpido do pai do Matthew foi para França. O Matthew tinha razões suficientes para sugerir que ele lá ficasse para sempre. Não consigo aguentar isto. O verão acabou e ele partiu e eu não aguento. Dói-me tudo da cabeça aos pés e por dentro. Toda eu grito. O Henry esperou um bocado e depois despediu-se, afagando o cabelo do Matthew, dizendo-lhe que sentirá a falta dele e prometeu tomar bem conta do *Nero*; eu já chorava por o Henry estar a dizer todas as coisas que o pai do Matthew devia ter dito se ali estivesse e, depois, o Henry foi-se embora e eu continuava a chorar enquanto ele tentava ser forte.

No sábado à noite, ele e o pai tiveram uma discussão enorme. Eu estava lá. Tudo começou por o Matthew lhe perguntar se podia vir a casa todos os fins de semana. Grande parte dos outros rapazes no colégio ia a casa ao fim de semana, mas o pai disse que não. O Matthew discutiu com ele, dizendo que nem sequer notaria se ele estivesse em casa. O pai perdeu as estribeiras e disse coisas tão dolorosas que, além disso, não eram verdade.

O Matthew pode ser tudo o que quiser. Não é parvo nem uma perda de tempo. Nunca desiludiria ninguém. A dor no olhar do Matthew quando ele disse aquelas coisas ficará em mim para sempre e, mais tarde, quando chorei, era como se me tivessem apunhalado. A sério. Parecia que tinha um punhal a cortar-me as entranhas. Isso nunca me acontecera e espero mesmo que nunca mais me aconteça, porque é tremendamente desagradável. Quando o pai do Matthew lhe disse que ainda bem que a mãe dele morrera para não ter de ver o falhado que o filho era, o Matthew ia dar-lhe um soco. Ergueu o braço e correu para o pai, mas eu puxei-o pela aba do blusão. Não sei porquê. Foi por instinto. O Matthew pôs-se aos gritos comigo depois. Disse que eu não devia ter interferido. Tinha razão. Devia tê-lo deixado dar um murro no pai. Sinto-me muito mal por isso. Preciso de aprender a não me meter onde não sou chamada. O Matthew ficou zangado comigo durante um bocado, e isso magoou-me tanto como vê-lo chorar. O pai dele é tão mau, mesmo mau. Vê-se nos olhos. É frio como um bloco de gelo. Anda sempre zangado e gosta de magoar as pessoas. Estava a divertir-se com aquilo. Acho que é um homem muito triste e pergunto-me como é que eu e o Matthew pudemos ter tanto azar. Se a mãe dele fosse viva, e o meu pai também, a nossa vida seria muito melhor.

O comboio parou na estação e eu quase perdi a força nas pernas. As pessoas começaram a entrar e nós ficámos ali durante o que pareceu uma eternidade a olhar um para o outro, desesperados. Ele vai para um colégio interno frio onde não fala com ninguém do princípio ao fim da semana e eu volto para o meu quarto, de porta trancada, com onze longos meses pela frente. Por vezes a vida é demasiado difícil. Hoje chorei tão alto que me ouvia, como se estivesse fora do meu corpo a assistir ao meu desespero. Estou preocupada com ele. Preocupo-me que não aguento mais um ano, agora que sabe o que é ser amado e ter amigos.

Na noite passada, a nossa última noite, a Sheila, o Dave, o Matthew e eu fomos à Quinta Keoghs. Foi ideia do Dave. Queria que o Matthew partisse em grande estilo. Como é habitual, a Sheila e o Dave começaram a noite com uma discussão. Ela afirmava que a avó a avisara para nunca atravessar o vale depois de escurecer. Como a Quinta Keoghs ficava do outro lado do vale e o Dave achava que a avó da Sheila só dizia disparates, ele foi-se embora deixando-nos aos três ali. Por fim lá voltou e falou com a Sheila, especialmente porque se dera ao trabalho de deixar um cesto cheio de sandes e cerveja na quinta. Eu nunca lá tinha ido e devo confessar que não estava lá muito encantada com a ideia de passar a minha última noite com o Matthew numa quinta assombrada depois de atravessar o pequeno vale já depois de anoitecer. Quer dizer, e, se a avó da Sheila tivesse razão? De qualquer maneira, lá fomos e foi realmente esquisito. O facto de a velha casa da quinta ser grande, imponente e estar abandonada não ajudou, e há uma vibração fantasmagórica naquele lugar, mas o mais estranho ainda é o pomar morto. Todas as árvores daquele pomar estão mortas. Parece um filme. O Dave e o Matthew entraram lá dentro, mas eu não fui capaz de lá ir por nada deste mundo e a Sheila estava tão pálida e nervosa que não parava de fazer chichi atrás das árvores mortas. Ela diz que a família dela sofre da bexiga, do lado da mãe. Fizemos o piquenique no pomar morto. O Dave tivera um trabalhão a arranjar as cervejas e ele próprio preparara as sandes de queijo. Até trouxera velas e uma lanterna e um dos tacos de golfe do pai para o caso de algum encontro com espíritos. Não sei o que pensaria ele que um taco de golfe poderia fazer ao enfrentar um espírito irrequeto, mas, para ser justa, ele próprio confessou que também não sabia bem. O Matthew disse que lera algures que basta dizermos ao espírito que rezaremos por ele para ele desaparecer. Tive mesmo esperança que ele tivesse razão, porque estive sempre com pele de galinha e a pobre da Sheila passou a maior parte do tempo agachada atrás das árvores. Nada aconteceu. Não se viu nenhum fantasma e foi bom. Contámos histórias de fantasmas, bebemos cerveja e falámos sobre os bons momentos que tínhamos passado na feira, ou junto ao castelo e na praia. O Dave pediu desculpa ao Matthew por ter pensado que ele era um arrogante quando o conhecera e o Matthew levou isso a bem e aceitou. Quando nos fomos embora, o Matthew disse-me que era a primeira vez que sentia que tinha amigos.

Pobre Matthew, parte-me o coração. Agora, está lá naquele sítio e está sozinho. Será que, se fechar os olhos e me concentrar muito, conseguirei comunicar com ele?

Não.

Merda.

ELE está cá em casa. Ouço-o aos gritos. Está bêbedo e a mãe chora. Quem me dera ter agora aqui o taco de golfe do Dave.

Ele já se foi embora. Quando entrei na cozinha, ela estava agachada junto ao lava-loiça e ele de pé, quase a agredi-la. Teve sorte em o estúpido do amigo desdentado o ter chamado porque levava com um dos pratos do jantar na cabeça. Estou tão farta disto. Tenho saudades do Matthew. Matthew, por favor, volta para casa.



Um dia de cada vez

Aidan chegou cedo. Aidan chegava sempre cedo. Levara um jornal e lia um artigo sobre os apalaches enquanto comia uma sandes de frango. Ia na segunda chávena de chá quando Andrew apareceu. Sentou-se na confortável cadeira em frente e começou por apertar a mão a Aidan e agradecer-lhe por ter vindo ao encontro. A empregada foi ter imediatamente com eles. Andrew pediu um café e um *croissant*.

– Então – disse Aidan.

– Então – repetiu Andrew.

– Porque estou aqui? – perguntou Aidan.

Afinal de contas, Aidan era amigo de Susan, não de Andrew. Eram bem-educados um para com o outro e haviam estado juntos em algumas ocasiões, mas, no fundo, não se conheciam bem.

– Estou com um problema – deu Andrew por si a dizer.

A empregada voltou com o café e o *croissant* e ambos se calaram, dando-lhe tempo para pousar a bandeja.

Quando ela se foi embora, Andrew prosseguiu.

– Estarás provavelmente a perguntar-te porque estou a falar contigo. – Riu-se um pouco. – É porque não sei com quem mais poderia falar.

Aidan começava a ficar nervoso. *Que raio...*

– Há três anos comecei a ter problemas. Não lhes dei importância. Não desapareceram. Há dois, a coisa piorou. Continuei a não ligar e, enquanto fingia que nada se passava, a minha mulher teve um caso.

– O que me estás a tentar dizer? – perguntou Aidan.

– Não consigo fazer sexo – confessou Andrew, de cabeça baixa. – Aí está, levei três anos a admitir isto. – Riu-se, mas o riso soou vazio.

– Porque me estás a dizer?

– Não sei. Porque não conseguia dizer a ninguém e tu és tão aberto, livre e...

– E *gay*.

– E *gay*.

– Ser *gay* não faz de mim um especialista em pénis, sabes?

– Bem sei. Só pensei que talvez já tivesses passado por isso, ou ouvido alguma coisa sobre o problema – disse Andrew, esfregando o rosto.

– Oh, não sei, pensei que talvez os homossexuais falassem sobre essas coisas.

– Já tentaste o *Viagra*?

– Dá-me tonturas, e as outras marcas também. Não há nada que funcione.

– Há uma clínica em James Street. Vou lá contigo.

– Agradecia-te imenso.

– Andrew?

– O que é?

– Como pudeste não dizer nada à Sue?

Andrew abanou a cabeça.

– Acho que terei o resto da vida para tentar descobrir isso – respondeu com tristeza.

– Ela pensou que não a desejavas.

– Eu sei.

– Quase a destruías com isso.

– Lamento imenso.

– Céus, Andrew, as pessoas como tu pertencem a outra época!

Andrew e Aidan despediram-se em Grafton Street. Andrew prometeu que telefonaria a Aidan com pormenores sobre a consulta. Aidan tentou convencê-lo a falar com a mulher, mas Andrew afirmou perentoriamente que a não queria envolver naquilo.

– Porquê?

– Porque não.

– Porque não?

– Porque ela se foi embora, Aidan.

– Só foi porque tu deixaste.

– Não quero a piedade dela.

– Ora bolas, Andrew, é a tua mulher!

– Pois. Diz lá isso ao construtor.

Estava no Jurassic Park a tomar uma bebida quando viu Lorcan, o rapaz de vinte e quatro anos com quem dormira duas noites antes. *Bolas*. O objetivo de ir ao Jurassic Park era que os que tinham menos de trinta anos ficavam no The George, o lado jovem e divertido onde todos os dias são dia de Carnaval e a idade é apenas um número e não está indelevelmente marcada no rosto.

– Tive esperança de te encontrar por aqui – disse Lorcan, sentando-se ao lado dele no bar.

– Devia ser proibida a entrada a menores de trinta anos – respondeu Aidan, continuando a olhar em frente.

– Pensei que não nos íamos fazer difíceis depois da outra noite.

– Eu estava bêbedo quando disse essas coisas. Tu tens vinte e quatro anos e eu tenho uma relação.

– E então?

– Então, não comeces.

– Tu gostas de mim.

– Não gosto, não.

– Gostas, sim, é por isso que não consegues olhar para mim. É demasiado doloroso.

Aidan desatou a rir.

– Eu gosto mesmo de ti – disse Lorcan, de cabeça inclinada, de modo que era difícil a Aidan evitar olhar para ele sem ser ostensivo.

– Eu tenho uma relação.

– Mas não és feliz.

– Isso não é da tua conta.

– Aidan, sempre que rompes com ele, vens ter comigo. Sempre que discutes com ele, vens ter comigo. Sempre que ele faz qualquer coisa com que não concordas, rimos juntos, e sentimo-nos atraídos um pelo outro. Sou paciente, mas a paciência tem limites.

– Não devia ter ido bater à tua porta na outra noite – retorquiu Aidan. – Não é justo para ti.

– Ele nunca te há de fazer feliz como eu faço – respondeu Lorcan.

Aidan riu-se.

– Tu não me conheces.

– Conheço-te melhor do que ele. – Lorcan deixou-o com isto.

Porque será tão fácil ter respostas para as relações dos outros e no entanto sermos tão inúteis quando se trata da nossa?

* * *

Melissa já estava ao computador quando Gerry foi abrir a porta a Aidan.

– Meu Deus, como chove! – exclamou ao ver Aidan encharcado.

– A sério? Nem reparei – retorquiu Aidan secamente, pingando água sobre o tapete de Gerry.

– Pois é, pois é. Entra. – Gerry tirou numa toalha da casa de banho sob as escadas e deu-a a Aidan para que limpasse o rosto e secasse o cabelo. Depois tirou-lhe o casaco e colocou-o sobre o aquecedor.

– Café?

– Adorava. Onde estão os miúdos?

– Felizmente, na cama.

Aidan olhou para o relógio. Pouco passava das oito.

– Então, onde está ela?

– Lá em cima, ao computador. Anda a imprimir coisas desde que tu telefonaste. O que se passa, afinal?

– Oh, nada.

– Pois. – Gerry achou melhor não interferir; aliás estava a começar um jogo na televisão. Ofereceu o café a Aidan. – Já sabes onde é.

Melissa olhava para o monitor quando o amigo entrou no improvisado escritório.

– Então?

– Então, podia ser qualquer coisa. Ouve isto. Cinquenta e dois por cento dos homens entre os quarenta e os setenta anos relataram algum grau de impotência. Acreditas nisto?

– Preferia não acreditar.

– A idade é um fator na disfunção erétil. A maioria dos homens com disfunção não procura nem tem tratamento adequado. – Melissa ia acenando com a cabeça. – Lembra-te alguém que conheças? Ainda não consigo acreditar. Que parvalhão. Se o meu Gerry me escondesse uma coisa destas, matava-o.

– Há dias em que se o teu Gerry pusesse manteiga no pão com a faca errada o matavas. E ele ainda cá está, graças a Deus, o pobre coitado.

– Ah, ah, devias pensar em fazer comédia – respondeu ela, sem tirar os olhos do monitor.

Aidan sorriu-lhe. A amiga estava no elemento dela, de óculos na ponta do nariz e a bater no teclado, pesquisando na fonte de toda a informação antes de regurgitar factos e números. Embora Aidan tivesse prometido a Andrew que não diria uma palavra sobre o problema dele a Susan, não prometera não mencionar o assunto a qualquer outra pessoa e, assim, a seguir ao encontro com

Andrew telefonara a Melissa, do Jurassic Park. Andrew pedira-lhe ajuda, por isso dar-lha-ia e, para o fazer, teria de saber um pouco mais sobre aquilo com que lidava e o seu computador estragara-se havia três meses. Portanto, era perfeitamente natural que ligasse à sua amiga fanática do Google.

– Para um terço dos casos contam as razões psicológicas. Achas que é psicológico?

– Não sou médico.

– Está bem, as causas físicas da disfunção erétil. A ereção ocorre em resposta a sinais dados pelo cérebro a tecidos eréteis, cilindros e coisas esponjosas, blá, blá, blá. As fibras contraem-se, a esponja é espremida.

– Céus, Melissa!

– Estou apenas a ler o que aqui diz. Bem, onde ia eu? Oh, derrame de vasos.

– Está bem, chega, lê para ti.

Ficaram sentados em silêncio, Aidan de chávina na mão, lendo um póster sobre uma dona de casa em stresse que estava colado na parede em frente dele, e Melissa a ler tudo sobre pénis eretos *versus* pénis flácidos.

– Ora aqui está. Possíveis causas físicas para a DE. Diabetes. Ele não tem isso. Tensão arterial alta. Se calhar, tem.

– Céus, eu tenho – disse Aidan. – Quer dizer, não é escandalosamente alta, mas na última consulta o meu médico disse que estava um pouco alta. – Empalidecera um pouco.

– Tem que ver com a aterosclerose.

– Oh, meu Deus.

– Acalma-te lá. Tu estás ótimo. Oh, e com o fumar.

– Ele não fuma.

– Agora não, mas fumou durante quase vinte anos.

– Oh, meu Deus, eu fumava.

Aidan começava a ficar bastante arrependido por ter pedido a perícia de Melissa no Google. *Por vezes a ignorância é uma bênção!*

– Esclerose múltipla. Não. Doença de Parkinson. Não. Operação à próstata. Não. Problemas de coluna?

– Acho que teríamos notado.

– Pois é. Muito bem, e que tal algumas curas? – perguntou ela enquanto continuava a clicar.

– Sim, por favor.

Aidan sofria ainda do choque. *Um pouco alta. O que significará um pouco alta? Quão alta terá de ficar para o nosso pénis deixar de funcionar?*

– Medicamentos. Ele tentou isso. Não deram resultado. Muito bem. Um aparelho mecânico de vácuo causa ereção ao criar um vácuo que facilita a circulação de sangue pelo pénis. – Ela olhou do monitor para Aidan. – Não será o ideal, pois não?

– Não, acho que não.

– Oh, aqui está um diagrama. Céus!

– Não quero ver isso. Não quero mesmo ver isso! – retorquiu Aidan, tapando os olhos com as mãos. Foi nesse momento que Gerry entrou.

– Mas que raio é isso?

– Uma bomba para o pénis.

– Desculpa ter perguntado! – Foi-se embora, fechando a porta.

- Não é para mim! – gritou Aidan para a porta.
 - Oh! – exclamou Melissa, fazendo uma careta.
 - O que é? – Aidan não tinha a certeza de querer saber do que se tratava.
 - Há muitos homens que conseguem ter ereções maiores injetando drogas no pénis.
 - Oh, não. Não. Não.
 - Está bem, continuemos. Uma operação em que se implanta um aparelho, reconstrução das artérias ou bloquear as veias por onde o sangue sai do pénis.
 - Pobre Andrew! – murmurou Aidan, abanando a cabeça. – Pobre, pobre Andrew!
- Aidan saiu da casa de Melissa com um peso no coração.

* * *

George abriu a porta de avental.

- Não esperava vir jantar – disse Harri.
- De qualquer modo, estava a cozinhar.
- Comes sempre depois das nove?
- Não, se o fizesse, não seria o perfeito espécimen masculino que vês à tua frente – respondeu, com um sorriso nos lábios.
- Onde está o Aidan?
- Fora do radar.
- Oh!

Harri sentou-se à mesa da cozinha do irmão e foi só quando sentiu o cheiro da comida que se lembrou que não comera o dia inteiro. Ele serviu chili e abriu uma garrafa de vinho – algo que dissera que complementaria a comida, mas Harri estava mais interessada em beber água, pois o chili do irmão era bem conhecido pelo picante.

- Então?
- Conheci o médico – respondeu Harri. – Ele estava lá, junto à campa.
- O médico que te encontrou.
- Sim.
- Estranho.
- Estranhíssimo. Ele conheceu-me.
- O quê?
- Ele conheceu-me. Sabia que eu procurava a campa dela e chamou-me pelo nome.
- Bem, se calhar o pai contou-lhe o nome que te deu.
- Mas porque haveria ele de se lembrar, o que fazia lá e por que razão esteve envolvido em tudo desde o início?
- Não sei. Perguntaste-lhe?
- Não consegui. Fiquei sem conseguir fazer nada. Pensei que iria ter outro daqueles estúpidos ataques de pânico, mas ele ajudou-me a respirar com a cabeça entre as pernas. – Harri abanou a cabeça e suspirou. – Fiquei com a cabeça entre as pernas.
- Acho que essa é a mínima das tuas preocupações. O que te disse ele?
- Não muito. Assim que consegui respirar, fugi. Ele ainda me chamou, mas eu não estava preparada. Sabes como é. Pensei: vou a Wicklow. Vou ver a campa. Quão difícil será isso? Não esperava ter de lidar com os vivos. Os vivos nada têm a fazer nos cemitérios.

George assentiu.

– Ele disse-me que se chamava McCabe e que o nome estava na lista telefónica, que gostaria de me voltar a ver.

– Queres que vá lá contigo?

– Eu não disse que iria.

– Mas irás.

– Tu agora tens de estar à frente da loja.

– Então, vamos no próximo domingo.

– Tens a certeza?

– Absoluta.

– Está bem, mas não digas nada aos pais.

– Prometo.

Depois desta conversa, comeram o chili, e George falou sobre o negócio e o artigo que saíra no *Independent*. Falou sobre Aidan, que não o conseguia contactar.

– Ele só precisa de alguns dias para se acalmar. Vai correr bem. – Depois falou sobre os pais. – Não consigo ultrapassar isto ainda. Não sei porquê.

Harri então disse-lhe que estava preocupada com Susan. Tivera esperança que a amiga, ao afastar-se de Andrew, recuperasse forças, mas ela parecia cada vez mais em baixo.

– Ainda ontem à noite chorou até adormecer.

– Ainda é cedo.

– Bem sei.

– Então e tu?

– Oh, eu choro muitas vezes até cair no sono. – Sorriu ligeiramente, mas dizia a verdade. *O que pensaria James do Brendan McCabe?*

* * *

Susan acordou tarde. O dia começara mal e tornava-se pior a cada segundo que passava. Tinha ocorrido atraso após atraso e ela acabara por ficar no meio de uma sala sem papel de parede em seda de um lado, uma cozinha inacabada devido à saída intempestiva do carpinteiro quando entregaram a cozinha errada e quatro cadeiras a mais pelas quais ninguém se responsabilizava. Telefonara a Aidan na esperança de que ele a ajudasse na crise do papel de parede, mas ele estava estranho e dissera que tinha uns assuntos para resolver, de que não quis falar. Aquilo era muito invulgar em Aidan, porque normalmente falava de tudo e mais alguma coisa. Desligara antes de ela tentar insistir com ele. *Se queres alguma coisa feita, Sue, então fá-la tu.* Acabou de forrar a parede às dez horas e depois passou mais uma hora a retirar os caixotes dos armários da cozinha para ficarem prontos a ser instalados. Enviou uma mensagem para a loja a dizer que, se não viessem buscar as cadeiras às dez horas, deixaria de trabalhar com eles. Voltou para casa de Harri por volta da meia-noite.

Harri bebia cacau e via mais um maldito episódio do *CSI*.

– Oh, Harri!

– Desculpa, não conseguia dormir.

– Sei como é – disse Susan, atirando-se para o sofá.

– Queres um cacau?

– Não, obrigada – suspirou.
– Porque não me ligaste?
– Ah, correu bem. Lá fiz o trabalho. Como sabias?
– O Aidan ligou-me. Disse-me que precisavas de ajuda, mas, quando te liguei, tinhas o telemóvel desligado.
– Ele estava estranho.
– Anda a evitar o George.
– Como correu o teu trabalho em Swords? – perguntou Susan.
– Bem. Ele é simpático. Sabe o que quer. Tem bom gosto e dinheiro.
– É isso que eu gosto de ouvir. – Sue sorriu. – Mais alguns clientes assim e deixo-te em paz.
– Gosto que estejas aqui – admitiu Harri.
– Obrigada – disse Sue e os seus olhos encheram-se de lágrimas.
– Sabes alguma coisa da Beth?
– Não.
– Ela há de voltar atrás.
– Espero bem que sim – retorquiu Sue, limpando uma lágrima. – Espero mesmo que sim.
Harri foi para a cama pouco depois, deixando Sue no seu sofá-cama.
Harri prometeu a si própria levar a mãe a almoçar. Não se conseguia imaginar a causar à mãe a mesma dor que vira nos olhos da amiga.

26 de setembro de 1975 — sexta-feira

O Matthew não vem a casa. O Henry disse que ele brigou com alguns rapazes e que lhe retiraram todos os privilégios. O Henry disse-me que não chorasse, que ele está bem, mas eu sei que não. O Matthew não é um lutador, não foi ele que começou aquilo. Não é justo. O estúpido do pai dele bem que lhes podia ter dito que queria o filho em casa, mas não disse. Odeio-o. O Henry diz que o *Nero* também sente a falta dele. O Dr. B. tem saído nele. Por vezes acompanho-o na *Betsy*, mas a *Betsy* anda cansada ultimamente. Sei como ela se sente. Tentei telefonar ao Matthew da cabine na baixa, mas não me deixaram falar com ele. É como se estivesse na prisão. A escola não devia ser uma prisão. Tudo está errado. Não consigo dormir. Há três dias que ando com dor de cabeça.

Na semana passada, esqueci-me de fechar a porta à chave. Nunca me esqueço, mas, seja como for, dessa vez esqueci-me. Acordei e ELE estava em cima de mim com a mão sobre a minha cara. Tentei gritar, mas nada saía. Era como se estivesse surda-muda. Ouvia-me a gritar na minha cabeça, mas não saía som algum. Ele agarrava-me e tentava abrir-me as pernas, mas consegui cruzá-las e apertá-las muito, como se fossem um tornio. Ele teria de as partir. Mordi-lhe a mão com toda a força que tinha e quando ele soltou um urro a minha mãe gritou do quarto dela, perguntando quem estava ali. Ouvi-a a arrastar os pés. Assim ele deu-me uma bofetada e saiu de cima de mim, fugindo, e ouvi a porta fechar-se atrás dele. Levou o cadeado que o Matthew instalara, por isso pedi dinheiro emprestado ao Dr. B. porque eu tinha pouco dinheiro, pois voltara à escola, era eu quem pagava os almoços e tive de comprar o estúpido livro que perdera; além disso, preciso de dinheiro e queria que ele me perguntasse para que era o dinheiro. Queria contar-lhe. Ele perguntou e eu contei-lhe, e ele não me deixou ir para casa. Disse-me que ficaria ali com ele na casa do portão nessa noite e que haveria de arranjar qualquer solução. Ligou ao padre Ryan e ele veio mesmo na altura em que o Dr. B. fazia chá. Foram para a outra sala e não ouvi o que disseram. Depois, o padre Ryan disse que a minha queixa era algo de muito sério e perguntou-me se tinha consciência de que Deus via sempre tudo. Eu disse-lhe que, se Deus via tudo, tinha uma linha direta com o padre Ryan e ele podia perguntar-lhe diretamente o que acontecera. Estava a ser atrevida, mas ele não respondeu, limitou-se a assentir e disse que iria tratar do assunto. Concordeu que o melhor para mim seria ficar com o Dr. B. no quarto de hóspedes, nessa noite, mas só se a Minnie Jones, a governanta, também ficasse. A Minnie chegou depois das oito horas, carrancuda. Ela deitou-se cedo e eu fiquei a conversar com o Dr. B. Ele disse

que eu não devia voltar para casa, a não ser que quisesse. Disse-lhe que tinha de voltar, precisava de tomar conta da minha mãe. Ele respondeu que o padre Ryan falaria com ELE para lhe meter juízo na cabeça, e eu ri-me. O Dr. B. e o pobre padre Ryan pensam mesmo que se pode meter juízo na cabeça de alguém como ele! Não se pode falar com alguém como ele. O Dr. B. devia era ter-me dado o dinheiro para o cadeado novo.

O padre Ryan falou mesmo com ele e ele negou e deu um murro ao padre Ryan. Disse que eu era uma prostituta mentirosa quando acabei por ir para casa. A mãe nem sequer parecia saber o que acontecia, agia como se não passasse de mais uma estúpida discussão. O Dr. B. veio e ele ameaçou-o, mas o Dr. B. não se deixou intimidar. Disse que estaria atento e, se suspeitasse sequer de alguma coisa, chamaria a polícia e, se os guardas não fizessem nada, chamaria uns amigos que não se importavam nada com a Igreja nem com a lei e que lhe deixariam a cara num bolo mal o vissem. Ele ficou assustado. Bem vi isso. Olhou para mim como se eu inventasse tudo e cuspiu-me em cima quando o Dr. B. saiu. A mãe já estava na cama a dormir, mas acho que ela só fingia. Ela não consegue lidar com nada disto. Não é capaz. O Dr. B. trouxe-me um novo cadeado e agora nunca mais me esquecerei de trancar a porta.

Tenho escrito ao Matthew e ele escreve-me. Guardo as cartas dobradas no meu diário e leio-as e volto a relê-las e, quando fecho os olhos, consigo ouvir a voz dele. Na última carta estava tão entusiasmado em vir a casa... e, agora, não pode vir. Deve estar destróçado. Quem me dera vê-lo! Ainda faltam dez meses. Só dez meses.

19 de setembro

Liv,

Só falta uma semana. Mal posso esperar. Conto as horas e os dias e os minutos e os segundos e, bem, tu compreendes. Tenho saudades tuas. Tenho saudades tuas. Tenho tantas saudades tuas que dói mais do que um pontapé nos testículos. Quando for a casa, vamos cavalgar pela floresta e podemos fazer um piquenique junto à cascata enquanto o tempo ainda está bom. No próximo mês já vai fazer muito frio. Como vai a escola? Como vão a Sheila e o Dave? Diz-lhes que lhes mando um olá. Estudo, ando sozinho e vivo para o fim de semana. Não tenho novidades, nunca tenho, mas amo-te.

Com amor, Matt

P.S. Liv, dantes estava só, mas agora já não estou.

Os homens são homens

O jantar começou bem. O borrego estava delicioso, a carne soltava-se facilmente do osso. Matt trouxera um vinho decente, um dos preferidos do velho amigo.

Brendan não abordou o assunto do seu encontro casual até terem acabado de comer, quando estavam entretidos a jogar póquer.

– Baralha quem dá – disse, entregando as cartas a Matt. – Como está a Clara?

– Está bem – respondeu ele enquanto baralhava. – Está a pensar ir para o Reino Unido. – Distribuiu cinco cartas a cada um.

Brendan pegou nas suas e observou-as antes de as colocar sobre a mesa.

– Essa ideia surgiu assim sem mais nem menos...

– Não é bem assim – respondeu Matt, pousando as suas cartas viradas para baixo. – Ela anda a falar nisso há uns tempos.

– Não disseste nada.

– Não há nada a dizer. Quanto apostas?

– Um euro.

– Estás rico! – Matt riu-se, atirando para a mesa o seu euro. – Quantas cartas?

– Duas.

– Quem dá tira três.

– Vais ter saudades dela?

– Não sei. Digo-te quando ela se for embora. – Pegou nas cartas de que Brendan se desfizera.

– Ontem fui visitar a campa da Liv.

– Fizeste bem. Apostas?

– Outro euro.

– Acompanho.

– Vi lá a Harri.

Matthew imobilizou-se, como se algo dentro dele se tivesse desligado. Ficou muito quieto.

Brendan pousou as cartas. O jogo acabara. Levantou-se, tirou uma garrafa de brande da prateleira e limpou dois copos antes de os colocar em frente do paralisado amigo e servir; Brendan bebeu, mas Matthew continuou sem se mexer.

– É tão parecida com ela – disse Brendan. – Não é tão alta, mas o rosto foi-me tão familiar...

Matthew permaneceu calado.

– Ela apanhou um susto, não esperava encontrar lá ninguém, mas sabia quem eu era, Matt. Perguntou-se se eu era o médico.

As lágrimas corriam pelo rosto de Matthew.

Brendan baixou a cabeça.

– Ela falou contigo?

– Não. Não propriamente, sabes. Precisou de ajuda para controlar a respiração e, assim que recobrou, fugiu, mas eu chamei-a. Disse-lhe que o meu nome vem na lista. Que me telefonasse. Espero que tenha ouvido.

– Ela devia ter-se casado o mês passado.

– O quê?

– Não conseguiu chegar ao altar. Foi a segunda tentativa. Pobre tipo, um James qualquer coisa...

– Como sabes tudo isso?

– Tenho andado de olho nela desde que regressei dos Estados Unidos, há quinze anos.

– Nunca me falaste disso.

– Desde aquela noite, quando lhe peguei ao colo junto ao *Eliana*, parte de mim ficou sempre com ela. – Encolheu os ombros. – Como podia afastar-me? Ela era tudo o que me restava da Liv. Dantes passava todos os anos à espera. Pensava que ela viria ter comigo. Comecei a pensar que isso aconteceria mesmo. Achas que acontecerá?

– Não sei – retorquiu Brendan, com tristeza. – Quando ela me viu, disse-me que ainda não estava preparada.

– Esperei trinta anos. Acho que consigo esperar ainda mais.

Não tocou no brande. Pouco depois, foi para casa.

Brendan ainda tomou um segundo brande sentado no sofá. *Todo este tempo e ele nunca disse uma palavra.*

* * *

A consulta estava marcada para a uma e meia da tarde. Aidan acabara o trabalho por volta do meio-dia, foi a casa com tempo para fazer a barba, tomar um duche e mudar de roupa. Tinha três mensagens no atendedor de George e quatro chamadas não atendidas. *Neste momento não posso lidar contigo.* Encontrou-se com Andrew no parque de estacionamento do hospital. Decidira não comentar as pesquisas de Melissa. Como dizia sempre a sua mãe, se não se tem nada de positivo para dizer, mais vale ficar calado. Andrew tremia visivelmente.

– Sentes-te bem?

– Ótimo!

– Estás a tremer...

– Bem sei.

Aidan queria dizer-lhe que não seria assim tão mau, mas, a julgar pelo que lera, talvez fosse mesmo mau e talvez Andrew tivesse andado a pesquisar também.

– Vais ficar bem – disse Aidan quando se encontravam já sentados, por ironia do destino, nas mesmas cadeiras em que Harri e a filha de Andrew, Beth, se haviam sentado um mês antes.

– O que digo? – perguntou Andrew, um pouco ofegante.

– Diz que não consegues levantá-lo – segredou-lhe Aidan.

– Pois. Estou enjoado.

– Os hospitais exercem esse efeito nas pessoas... é perfeitamente normal – respondeu Aidan, dando palmadinhas no braço de Andrew.

– Acho que não consigo fazer isto – proferiu Andrew, levantando-se.

Aidan puxou-o, obrigando-o a sentar-se de novo.

– Não sejas parvo. Podes e vais fazer.

Andrew sentou-se muito sossegado. Depois daquele episódio, não voltaram a falar. Esperaram até uma enfermeira chamar o nome dele. Se alguém tivesse perguntado a Andrew o que o levara a procurar ajuda, ele não conseguiria responder, pelo menos imediatamente, mas, se pensasse no assunto, diria que não tinha nada a perder. Quando o chamaram, e após um pequeno empurrão de Aidan, pôs-se de pé e lá entrou no consultório, ouvindo a porta fechar-se atrás dele.

Aidan esperou cinco minutos, dez, quinze, vinte, meia hora. *Céus, quanto tempo irá isto durar?* Passada uma hora, Andrew apareceu, mas vinha numa maca, com a camisa aberta e pensos no peito.

– Por favor, deixe-nos passar – pediu uma enfermeira.

– O que se passa?

– O seu amigo está a ter um ataque cardíaco.

Oh, valha-me Deus!

* * *

George encontrava-se na cave a analisar o *stock* quando o telefone tocou.

– Pensei que tinhas saído do país! – exclamou.

– O Andrew está a ter um ataque cardíaco.

– Desculpa?

– O Andrew Shannon está a ter um ataque cardíaco!

– Como sabes?

– Estou no hospital com ele. Ele tem andado com problemas na pila. Eu disse-lhe que iria com ele, para lhe pegar na mão, o que fosse preciso. Quando entrou no consultório estava bem. Ao sair vinha de maca e a ter um ataque cardíaco.

– Valha-nos Deus! Porque te pediu ele isso?

– Não sei, George. Não acho que seja nisso que nos devamos concentrar agora.

– Acalma-te, Aidan.

– Terás de dizer à Sue.

– Porque hei de ser eu?

– Porque não consigo fazer tudo. Tenho de ir. Estamos no Hospital St. James.

Aidan desligou, deixando George mudo de assombro.

* * *

– Olá, George! – Sue atendeu o telemóvel, empoleirada no segundo degrau mais alto de um escadote.

– Olá, Sue! – respondeu o amigo, num tom mais ligeiro do que era normal nele.

– Estás bem?

– Tens uma cadeira ao pé de ti?

– Estou em cima de um escadote. O que se passa?

– Desce do escadote.

– O que aconteceu?

– Já saíste do escadote?

- George?
 - Desce lá do escadote.
- Sue desceu.
- Já desci. Estás contente?
 - O Andrew teve um ataque cardíaco.

Silêncio.

- Sue?
- Sim.
- Ele está no Hospital St. James. O Aidan está com ele.
- Ele está bem?
- Não sei pormenores.
- Disseste que o Aidan está com ele?
- Disse.
- O que faz o Aidan com ele?
- É uma longa história. Acho que devias ir para o hospital e, se calhar, ligar à Beth.
- Ela não me atende. Vou pedir à Harri que a vá buscar ao emprego.
- Muito bem. Ótimo. Se precisares de alguma coisa, diz-me.
- Está bem, sim. – Sue desligou, completamente aturdida. *Tenho de ir ao Hospital St. James. Como vou daqui para lá? Tenho é de ir. Hei de lembrar-me do caminho no carro.*

* * *

Andrew tivera bastantes pesadelos nesse dia, mas aquele era particularmente desagradável. Sonhara que lhe examinavam o pénis quando uma dor fortíssima se apoderara dele, uma dor que nunca tivera na vida. Agarrou no braço esquerdo e no peito e caiu, e o médico, que lhe segurava no pénis, disse qualquer coisa e chamou alguém e, de súbito, encontrava-se numa maca com Aidan a correr atrás dele.

Acordar e perceber que não se tratara de um sonho foi um choque sem o qual teria passado bem. *Estava sozinho. Onde está o Aidan? Oh, Deus, encontrem o Aidan. Ele não pode dizer a ninguém que estou aqui.*

* * *

Aidan encontrava-se na rua, a apanhar ar e a beber um café, aliás surpreendentemente bom, que fora comprar à cafetaria do hospital numa zona que mais parecia um centro comercial. *Lojas, restaurantes, o raio de um bar de sumos. Desde quando se come e bebe de forma saudável num hospital?* Agarrava no telemóvel bem junto ao ouvido para conseguir ouvir por entre o barulho e agitação em seu redor.

Harri ia no carro, a caminho da loja onde Beth trabalhava para a ir buscar. Falava com ele através do sistema mãos livres.

- Vou atravessar o parque, por isso, se ficarmos sem rede ligo-te a seguir.
- Está bem – respondeu ele. – Então e o que irás dizer à Beth?
- Vou dizer-lhe a verdade.
- Não podes dizer-lhe a verdade.

– Porque não?

– Porque não podes dizer-lhe que o pai teve um ataque cardíaco enquanto lhe examinavam o pénis!

– Ela não é nenhuma criança e não faço tenções de lhe dizer isso. Direi apenas que ele estava no hospital a fazer um *check-up* quando teve um ataque cardíaco, e foi precisamente o que aconteceu, sem pormenores.

– Está bem. Quando será o melhor momento para eu me ir embora?

– A Sue já está aí?

– Não.

– Então, quando a Sue chegar.

Aidan suspirou.

– Pois. É melhor voltar para lá.

– Está bem. Vemo-nos já, se ainda aí estiveres.

Aidan desligou e voltou para o pé de Andrew, que estava desperto, alerta e profundamente embaraçado. Aidan recompôs-se do lado de fora do cubículo onde estava o marido da amiga. Afastou a cortina, de sorriso estampado no rosto.

– Bem, bem, Andrew Shannon, pelos vistos sabes bem como nos pregar um susto.

– Ligaste à Sue, não foi?

Andrew sentia-se peganhento, fraco e com náuseas, cansado com todos os líquidos que lhe corriam pelas veias e a lembrança da tremenda dor ainda vívida na psique.

– Não – respondeu Aidan.

– Obrigado – retorquiu Andrew, de mãos cruzadas, como que a rezar.

O gesto expôs os dois tubos de soro, um em cada mão, fazendo com que Aidan se sentisse um pouco tonto. Virou-se para o lado, pousando o olhar num cacifo branco sem puxador.

– Liguei ao George – confessou ele. – O George é que ligou à Sue.

Andrew soltou um suspiro.

Aidan prosseguiu, sem parar:

– Também liguei à Harri, que foi buscar a Beth ao emprego e vai trazê-la cá.

Andrew manteve-se calado durante cerca de setenta e cinco segundos, absorvendo toda a informação que Aidan despejara. Se não estivesse às portas da morte, ter-se-ia levantado da cama, empurrado Aidan até à janela mais próxima e atirá-lo-ia dali abaixo. *Quando eu sair daqui, põe-te mas é a léguas.*

Depois de terem passado os setenta e cinco segundos, Aidan explicou a Andrew que, embora fosse provável que a razão de ele ter ido ao hospital se viesse a saber, relativamente falando, e tendo em conta as circunstâncias em que Andrew se encontrava, o seu pénis era agora de somenos importância. Aidan não chegara a esta conclusão levianamente. Passara a noite anterior acordado e preocupado com a saúde do seu próprio pénis. *Será que, se eu pedir, alguém aqui me medirá a tensão?* Porém, tinha a certeza, ao ter temido que o marido da amiga estivesse a dar o último suspiro, que, no que dizia respeito a pénis e a coração, o coração é que ganha. Enquanto meditava na vida e na morte numa dura cadeira de hospital, a beber um galão magro, deduzira que a teoria do coração a ganhar ao pénis era de facto uma analogia adequada ao estado do casamento de Andrew. Não pode deixar de partilhar esta epifania com o seu temeroso novo amigo e, fosse por profunda crença de Aidan ou pelo facto de o coração de Andrew ter falhado momentaneamente, ou talvez devido aos medicamentos, ela fez sentido para Aidan.

Aidan sentou-se de novo. *O meu trabalho aqui está feito. Sue, despacha-te lá, porra!*

* * *

Sue guiou o carro a quarenta quilómetros o caminho inteiro até ao hospital. Não conseguia carregar no pedal, limitava-se a descansar lá o pé, como que pairando. Na verdade, quase não conduziu até ao parque de estacionamento do hospital, pareceu-lhe que fora o carro a levá-la. Tinha um turbilhão de perguntas na cabeça. Estacionou e, ao retirar as mãos do volante, percebeu que tremiam. Chorou um pouco antes de sair e ficou grata à chuva que de súbito começou a cair e a encharcou. As pessoas corriam de um lado para o outro, protegendo-se com jornais sobre a cabeça, ou malas, mas ela não conseguia andar depressa, quanto mais correr. Descera de um escadote e o seu mundo mudara para câmara lenta.

Gaguejou ao perguntar à mulher da entrada com doce na cara onde eram as urgências. Ali, perguntou a uma enfermeira, tropeçando na palavra «esposa», gaguejando na palavra «Andrew», mas o efeito foi o mesmo e fê-la querer gritar.

Tal como Aidan, pouco tempo antes, ficou algum tempo a tentar recompor-se antes de entrar no cubículo onde se encontrava o doente do coração que costumava ser seu marido.

Quando Andrew a viu, pensou que ela estava com pior aspeto do que ele. *Ela ainda se importa, ela ainda se importa*. Reparou que a mão lhe tremia, apesar do esforço dela para o ocultar atrás da enorme mala que trazia. *Mas que mania terão as mulheres com as malas grandes...?*

Ela tentava sorrir, mas aquela irritante síndrome da boca seca voltara, fazendo com que o lábio ficasse preso na gengiva.

Meu Deus, pensou Aidan, levantando-se. *Mas o que se passa com a cara da Sue?* Ajudou-a a sentar-se na cadeira onde ele antes estivera. Ela sentou-se sem proferir palavra. Aidan inclinou-se para ela.

– Queres um café? – perguntou, falando devagar, pronunciando cada palavra devagar e de forma clara. – Posso ir buscar-te um ótimo café. Há cá uma cafetaria maravilhosa. A sério, sabe mesmo bem.

– Estou bem – respondeu Sue e, apesar do atordoamento que sentia, percebeu que o amigo também estava abalado.

Que se lixe, pensou Aidan. *Talvez eu diga que quero café ou não, se calhar um sumo. Tenho a certeza de que o café faz mal à tensão arterial. Vou tomar um sumo e depois vou-me embora.*

– Vou buscar um sumo. Queres um?

– Não.

– Está bem. – Aidan ia a sair da sala quando ouviu a pergunta.

– Aidan? – chamou Sue.

– Sim.

– O que fazes aqui?

Aidan olhou para Andrew, que abanou a cabeça e suspirou. Aidan saiu e, em vez de ir buscar um sumo, deixou o hospital e chamou um táxi.

* * *

Harri entrou na loja e olhou em volta. Não viu Beth em lado nenhum. Foi até ao balcão e irritou-se

quando a mulher que substituíra o rolo dos talões fingiu não dar por ela.

– A Beth Shannon está?

– Está a fazer um intervalo – respondeu a mulher, sem desviar os olhos do que fazia.

– Sabe onde foi ela fazer o intervalo? – inquiriu Harri, num tom que demonstrava estar pronta a uma luta de *kung fu*.

– Não – retorquiu a mulher, num tom igualmente azedo.

– Deve ter alguma ideia, não?

– Bem, não sou dona da rapariga e deixei a varinha de adivinhação em casa, por isso não está com sorte.

Harri assentiu.

– O pai dela acabou de ter um ataque cardíaco.

A mulher ergueu os olhos e fitou Harri, notando-se de imediato que estava arrependida de ter sido tão antipática.

– Ela está no Burger King.

– Obrigada – disse Harri, saindo porta fora.

O Burger King estava cheio e Beth encontrava-se ainda na fila quando Harri a descobriu.

A caminho do carro, Harri explicou-lhe as circunstâncias em que o pai se encontrava. Beth ficou imóvel ao receber a notícia, mas não havia tempo e Harri levou-a gentilmente até ao carro.

– Põe o cinto.

Beth pôs o cinto e Harri ligou o carro.

– Vai tudo correr bem – disse, satisfeita por não estar a entrar em pânico, a chocar com muros e a esquecer-se do próprio nome. *Não sei do que falam as pessoas. Sou ótima em tempos de crise.*

Acelerou e o carro não respondeu.

– Harri.

– Sim.

– Talvez seja melhor se carregares no travão de mão.

– Pois. Vou fazer isso.

Beth passou do choque à irritação em tempo recorde. Decidiu que o ataque cardíaco do pai era culpa da mãe e ficou furiosa.

– Odeio-a. Espero que arda no inferno.

– Beth! – admoestou-a Harri.

– Ela quase o mata! – ripostou Beth.

– Oh, Beth, a sério, não penses assim.

– Assim como?

– Não culpes a tua mãe.

– Porque não?

– Porque tu não sabes do que falas.

– Sei que ela teve um caso e lhe partiu o coração e o que aconteceu hoje é o reflexo físico disso.

O que aconteceu hoje é o reflexo físico disso. Quem fala assim?

– Beth, tu não conheces toda a história entre os teus pais.

– Então, conta-me.

– Queres mesmo saber tudo?

– Tenho o direito de saber.

– A sério.

– Pois, é a minha família, não é?

– Está bem. Pronto. Faz-me um favor. Fecha os olhos.

Beth soltou um suspiro bem alto antes de fazer o que lhe pediam.

– Agora, imagina os teus pais a fazer amor. Melhor ainda, imagina a tua mãe de joelhos.

Repentinamente Beth abriu os olhos e a boca ao mesmo tempo.

– Harri, o que se passa contigo? – quase gritou.

– Então já não queres saber tudo? – inquiriu Harri.

– Não! – gritou Beth, prolongando a nasal, para demonstrar bem que não queria.

– Acho que consegui explicar – disse Harri num tom que indicava alguma satisfação.

Beth ficou calada.

– Os teus pais são pessoas. As pessoas falham. Os teus pais têm os problemas deles e tu andas a julgar as coisas só com metade da informação sobre o problema. Julgaste o teu pai e fizeste-o passar um mau bocado e não conhecias a história toda. Por essa razão agora te peço que aprendas com isso, que compreendas que não conheces tudo o que se passou e que não deves julgar ninguém. Para de a julgar e perdoa-lhe. Perdoa a ambos.

– E tu, já deixaste de julgar os teus pais? Já lhes perdoaste? – perguntou Beth.

Harri mordeu um lábio ao lembrar-se do almoço forçado com a mãe e das últimas conversas por monossílabos com o pai.

– Não – suspirou.

– Então, estás a ver! – retorquiu Beth, com as mãos no ar.

– Ouve, Beth, os adultos são muito bons a dar conselhos. Infelizmente não somos tão bons a aceitá-los. A questão é que todos nós cometemos erros e sabemos que os cometemos porque vemos as pessoas à nossa volta a fazer os mesmos erros. A raça humana tem uma enorme propensão para a estupidez. Mas, tendo isso em conta, estou a pedir-te que ouças o meu conselho e o aceites. Quebra o círculo, Beth!

Beth recostou-se no assento. *Uma enorme propensão para a estupidez! Quem fala assim?*

– És mesmo esquisita, sabias?

– Não, não sabia, mas estou a registar o que dizes – respondeu Harri, entrando na área do hospital.

Beth sorriu.

– Está bem, aceito o teu conselho, mas sob uma condição.

– E qual é? – inquiriu Harri.

– Que o aceites também.

Harri sorriu, anuindo.

– Vou tentar.

9 de outubro de 1975 — quinta-feira

O pai do Matthew morreu! Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Oh, meu Deus.

10 de outubro de 1975 — sexta-feira

Estava à espera, com o Henry, quando o Matthew chegou. Tinha um ar estranho. Estava muito pálido e esquisito. Abraçou-me durante imenso tempo. Senti-me tão grata. Nem sei explicar a gratidão que senti. O Henry levou-o até casa e a governanta fez-lhe qualquer coisa para comer, chorando sempre, e o Henry ia dizendo coisas amáveis e o Matthew estava a ser mesmo muito forte. Apesar de odiar o pai, era muito triste. Apesar de eu o odiar, era mesmo muito triste. Os avós dele chegaram e o avô disse que nos devíamos ir todos embora e que ele queria ficar algum tempo sozinho com o neto. Fui-me embora. Já passava das dez horas, por isso, o Henry levou-me de carro a casa. Contou-me que o pai do Matthew ia a conduzir, no Mónaco, e que tivera um acidente. Estava com uma mulher. Ela também morrerá. Perguntei-lhe o que iria acontecer ao Matthew. Foi só quando vi os avós dele que me comecei a preocupar. E se o levassem? Eles vivem em Meath. Por favor, meu Deus, faz com que não o levem!

11 de outubro de 1975 — sábado

O Matthew disse que os avós não falaram sobre nada a não ser os preparativos do funeral. O corpo só chegará a casa na próxima semana! O Matthew pode ficar lá em casa até depois do funeral e a seguir terá de voltar para a escola. Os avós perguntaram-lhe o que andava o pai a fazer no Mónaco, mas ele nem sequer sabia que ele se encontrava lá. Ele está a aguentar-se bem, tendo em conta que também está preocupado com o que irá acontecer. Chorou ao lembrar-se que da última vez que vira o pai tinham tido uma discussão e haviam dito coisas terríveis um ao outro. Disse-lhe que achava que o pai dele estava simplesmente triste por a mulher ter morrido e que, por alguma razão, não conseguia libertar-se da memória dela e que, ao longo dos anos, isso o tornara amargo e que se calhar, ao ver o Matthew, isso ainda o fazia mais triste. O Matthew pensou nisso e disse que eu devia ter uma certa razão. Agora ele pensa que eu sou mesmo sensata. Não sou sensata. Falei ao Dr. B. desta discussão e foi ele quem disse estas coisas. Nunca me teriam ocorrido. Mas não posso dizer nada sobre o Dr. B. ao Matthew porque ele ficaria furioso se soubesse que eu contei a alguém. De qualquer maneira, acho que o ajudou, e é isso que importa. Não consigo ainda acreditar que o pai dele morreu.

18 de outubro de 1975 — sábado

O corpo do pai do Matthew veio para casa na quinta-feira de manhã. O velório foi nessa noite e o funeral ontem. O Matthew tem andado mesmo muito bem durante toda a semana e não chora desde o sábado passado. Parece que a cidade inteira foi ao funeral. Eu não sabia que o pai do Matthew conhecia tanta gente. A Sheila e o Dave também foram e levaram uma coroa de flores mesmo muito bonita que me fez sentir mal porque não pensei em comprar nenhuma; mas não tenho dinheiro e acho que o Matthew não reparou nisso. Mesmo assim, sinto-me mal por não ter levado nenhuma. O Dr. B. disse ao Matthew que estaria sempre disponível para ele, o que foi muito simpático. O padre Ryan disse a missa e foi bonito. Falou sobre tudo o que o pai do Matthew conseguira. Sabia que ele era rico, mas não fazia ideia de que era tão bom no que fazia. Fez muita coisa. Acho que foi estupidez da minha parte, mas nunca tinha pensado realmente nisso. A avó do Matthew chorou imenso. O avô, não. Ficou sentado, a pegar na mão dela. O Henry ajudou o Matthew a levar o caixão. Com exceção do avô, não conhecia os outros. A Sheila disse-me que um deles era ator. O Matthew está tranquilo. Está estendido na cama, a ouvir música triste, principalmente o «So Far Away», da Carole King, e a «Cosmic Dancer», dos T-Rex. Ouviu essas duas canções durante horas e horas. De início foi muito triste, mas depois tornou-se aborrecido. Desliguei. Ele não quer falar, mas não faz mal. Não me quer tocar e compreendo. No fundo, não tem vontade de fazer nada. Faz-me lembrar um pouco a minha mãe. Espero que ele esteja bem. Espero que ele fique bem. Espero que nada venha a ter de mudar, mas enfim, tudo acaba por mudar. Ele vai voltar para o colégio amanhã à noite e os avós ainda não lhe disseram nada sobre o futuro dele. Aquela família é mesmo estranha.

19 de outubro de 1975 — domingo

O Matthew voltou para o colégio. Nem consigo acreditar. Tenho saudades dele. Os avós quiseram levá-lo para almoçar e

depois para Dublin. O Henry disse que foi tudo à última hora e que não me pôde ligar porque eu não tenho a porcaria de um telefone. Foi-se embora. Não sei quando voltará. Nem sequer sei se voltará. Não sei nada. Nem sequer me despedi dele. Não consigo acreditar nisto.

21 de outubro

Liv,

Tenho tanta pena de não te ter visto, mas o meu avô não me deixou ir dizer-te adeus. Não quero que fiques preocupada. Ele falou comigo e concordou que tenho idade suficiente para ficar na minha própria casa nas folgas da escola. Aos catorze anos ele já dirigia um negócio; por isso, não preciso de agir como uma criança. Falou com o Henry, que está contente por ficar a tomar conta das coisas, e agora vem o melhor — posso ir a casa todos os fins de semana, se quiser. O Henry diz que fica contente por eu ir em qualquer altura e o avô acha que é uma boa ideia eu ficar perto dos cavalos para ir aprendendo a gerir o negócio. Acreditas? Irei a casa na sexta-feira à noite. Hoje é terça-feira (desculpa não te ter escrito ontem. Tive de ir numa excursão da escola a uma gruta estúpida), por isso, na altura em que receberes esta carta já estarei se calhar a caminho.

Amo-te, Matt

P.S. Tudo vai correr bem.

Sei o que disse,
mas, desta vez, é verdade

Harri levantou-se da cadeira e olhou para os pais. – O que estás a fazer, minha querida? – perguntou Gloria.

– Perdoo-vos – respondeu.

Gloria olhou para Duncan, que olhou para Gloria antes de fitar Harri.

– Sei que pensaram que estavam a fazer o correto. Sei que, se não tivessem tomado conta de mim, provavelmente teria ido para um orfanato, e tive uma vida maravilhosa como membro da família Ryan. Estou feliz por ser uma Ryan!

Duncan sorriu.

– Bem – disse ele –, bem – repetiu. – O quê? – perguntou a alguém invisível.

Gloria sorriu, com os olhos marejados.

– Ficamos tão felizes por te sentires assim, Harri. Amamos-te tanto!

– Eu sei – retorquiu Harri. – Sei que gostam de mim e eu também vos amo, assim como o George, apesar de ele ainda não o conseguir demonstrar por mais um mês ou dois.

– Oh, querida, o George é mesmo assim – respondeu Gloria, rindo-se e acenando com a mão.

Harri sentou-se.

– Vou amanhã jantar com o Matthew Delamere – disse.

Gloria e Duncan ficaram muito sérios.

– Telefonei ao doutor McCabe. Conheci-o junto à campa da Liv e ele disse-me que lhe telefonasse. Foi o que fiz e ele convidou-me para jantar e disse que o Matthew gostaria de se encontrar comigo. – Harri proferiu tudo isto de enxurrada. – Primeiro desliguei o telefone, mas, depois, voltei a ligar-lhe e aceitei.

Aguardou a resposta deles. Ambos continuaram calados.

– Só quero conhecê-lo – explicou Harri.

– Claro que queres – anuiu Duncan. – É natural que sim.

Gloria continuava calada.

– Mãe?

A mãe assentiu com a cabeça, sorrindo, depois levantou-se.

– Passas-me o teu prato, querida? Estes pratinhos não se lavam sozinhos. – Riu-se, pegando nos pratos, assinalando que a conversa terminara por ali.

De início, ao receber o choque da notícia de que a tensão alta do marido fora responsável pela disfunção erétil deste e pelo ataque cardíaco, ficou assombrada.

– Disfunção erétil?

– Sim – respondera o médico.

– Disfunção erétil – repetira ela.

– Mistress Shannon, creio que está a par de que o seu marido sofre de DE desde... – o médico consultou os exames – há três anos, mas estamos a fazer tudo para lhe controlar a tensão arterial e, claro, teremos de falar sobre dieta, exercício, etc. Primeiro tratamos do coração e depois vamos tratar da disfunção.

– Disfunção erétil – disse ela, abanando a cabeça. – Certo. Obrigada.

Afastou-se do médico, que ainda não acabara o relato do historial clínico do marido. *Com franqueza.*

Seria invulgar que uma esposa tivesse vontade de esmurrar o marido estando ele ligado a um aparelho do coração, mas, se quisesse ser sincera, Sue teria de confessar que era precisamente isso que lhe apetecia fazer. Porque, no instante em que o médico lhe dissera que o marido sofria de disfunção erétil, os problemas que haviam tido, com início três anos antes, fizeram sentido. *Como pude ser tão estúpida? Espera aí! Como pode ele ter sido tão estúpido? Tão cruel. Eu a pensar que já não me queria.*

Susan acalmou-se tomando um sumo de aipo, cenoura e maçã que a rapariga ao balcão do bar de sumos lhe jurara ter um efeito calmante. A rapariga não mentiu, pois, quando se sentou à beira da cama do marido, a vontade de o esmurrar desaparecera, deixando-a apenas com uma vaga tristeza.

– Perdoa-me – pediu ele –, perdoa-me.

– Destruíste o nosso casamento porque sentiste vergonha disto – retorquiu Sue à beira das lágrimas.

– Eu sei – respondeu Andrew. – Sei o que fiz.

– Pensei que a culpa era minha – disse Sue. – Pensei que não querias mais nada comigo.

– Fui muito estúpido – admitiu ele.

– Estúpido, vaidoso, arrogante e ridículo – acrescentou a mulher.

Ele assentiu com a cabeça e sorriu um pouco porque, visto ela estar a chamar-lhe nomes, talvez houvesse ainda esperança.

– Sue.

– Tiveste a tua oportunidade, milhares de vezes. Despedi-me de ti.

– Mas ainda aqui estás – realçou ele.

– Pela Beth.

– A Beth está em casa, na cama.

– E o Keith? – perguntou ela, olhando-o de tão perto que o viu estremecer.

– Perdoo-te se me perdoares.

– Que simpático da tua parte – retorquiu ela, irritada. *Isto é inteiramente culpa tua. Tudo isto sem tirar nem pôr. Nada precisava de ser assim. Vai-te lixar, Andrew!*

– Sei que estás zangada.

– Atenção, há um génio neste quarto!

Andrew riu-se. Gostava imenso de ver a mulher tão sarcástica e ele há muito que não lhe dava essa possibilidade.

– Não te rias.

– Desculpa.

Subitamente Susan apercebeu-se de que, apesar de toda a raiva e recriminação que sentia, pela primeira vez desde há muito tempo ela e o marido estavam no mesmo campo, ao mesmo nível. Eram ambos culpados e ambos vítimas. *Curioso*. O que era também curioso era que a filha se comportava de modo simpático, compassivo e quase benevolente.

«Tens fome, mãe?» «Trouxe-te uma sandes, pelo sim pelo não» «Pareces cansada, queres que fique eu a tomar conta do pai?» «Apetece-te um café?» «O pai precisa de alguma coisa? Qualquer coisa?» «Mãe, tens ar de quem precisa de um abraço.» A mudança de atitude de Beth não era apenas inesperada, era um milagre e os pais sentiram ambos esse efeito.

No terceiro dia do internamento de Andrew, ele pegou na mão da mulher, fazendo-a lembrar-se da pintura no consultório de aconselhamento matrimonial. *Levará algum tempo e trabalho, mas talvez venhamos a ficar bem.*

* * *

Quando Harri chegou a casa, Sue fazia as malas.

– Então?

– Vou voltar para casa.

– Ainda bem.

– Vamos a pouco e pouco – disse Sue. – Passo a passo. – Porém, estava sorridente e tinha um ar mais feliz do que nos últimos tempos.

Harri estava encantada com a esperança que via nos olhos da amiga.

– Talvez não funcione.

– Bem sei.

– Ainda temos muita coisa a resolver.

– Bem sei.

– Ainda há por aí muita dor.

– Bem sei.

– Podes parar de dizer «bem sei»?

– Está bem, pronto. – *Qual é o problema desta gente toda comigo quando digo «bem sei» quando sei mesmo?*

Harri ajudou-a a levar as malas até ao carro.

– Obrigada por tudo – proferiu Sue, com gratidão.

– Gostei mesmo de te ter aqui. – Harri era sincera. A presença de Susan ajudara-a a sentir-se menos só e acabara por quebrar o seu hábito de ver o *CSI*.

– Nunca mais verei aquela maldita série.

– Ah, por favor!

– Não.

– É o meu apartamento.

– Isso é injusto.

– Pronto, vive com isso.

Harri despediu-se da amiga e foi tomar um banho. *Amanhã será um grande dia. Não estragues isso. Não tenhas nenhum ataque de pânico. Não acabes por ir parar ao hospital.*

Levaram o carro de Harri, mas foi George a conduzir. Ele nunca concordaria em que fosse Harri a guiar o carro.

– Porquê?

– Porque conduzes mal.

Ele parecia obcecado com o facto de a irmã nunca ter um mapa no carro.

– Não precisamos de mapa. É sempre a direito pela autoestrada.

– Não se trata disso.

Vai ser uma longa viagem.

George queixava-se porque queria falar, e queria falar porque estava nervoso. Ele falava sempre muito quando estava nervoso.

«Olha para aquilo. Quer dizer, o que pensa este governo? Quantas mais casas irão construir? Sabes, daqui a dez anos os irlandeses já não vão saber o que é uma nesga de campo.» «Estou farto de ver gente que ultrapassa sem fazer sinal. Mas será tão difícil fazer sinal? Faz sinal, parvalhão!» «Sabes o que me irrita na NASA? Não param com as idas à Lua. Não há lá nada, vão a outro sítio!»

Harri contentou-se em ouvi-lo, em sorrir e assentir com a cabeça quando era indicado porque a ajudava a não pensar no encontro iminente e acalmava-lhe o coração. Foi surpreendentemente fácil encontrar a casa do portão, situada mesmo à frente de uma propriedade que parecia espalhar-se por vários quilómetros.

– Então é assim que é ser camponês – comentou George entrando no caminho que levava à casa.

Harri seguia calada.

– Está tudo bem, Harri. Está tudo bem.

Ela assentiu com a cabeça.

– Respira fundo.

Ela assentiu.

– Continua a respirar fundo.

Brendan abriu a porta e acenou-lhes. George saiu do carro e apertou-lhe a mão.

– George Ryan.

– Brendan McCabe.

– Prazer em conhecê-lo.

– O prazer é meu. – Brendan virou-se para Harri. – É bom voltar a ver-te, Harri.

Ela assentiu com a cabeça.

– Ela está um pouco emocionada – disse George, ajudando a irmã a dar a volta ao carro.

– Claro, entrem. – Brendan estava sorridente.

Harri sentia-se sem força nas pernas e George lá a arrastou para dentro da casa.

– Querem beber um copo de vinho? – perguntou Brendan. – O jantar estará pronto dentro de meia hora.

Os dois Ryan preferiram não beber vinho. Harri perguntou-se onde estaria Matthew Delamere.

– O Matthew não deve demorar.

Ela assentiu.

Encontravam-se sentados à mesa, George e Brendan riam-se do medo de Harri em relação aos estrangeiros quando Matthew abriu a porta da casa de Brendan e entrou.

– Não é exatamente medo, é mais uma sensação de desconforto.

– Mas incomoda-te.

– Ele está a exagerar e, além disso, ele tem medo de chão ladrilhado.

– Não se trata de medo, é mais uma sensação de desconforto – retorquiu George, fazendo Brendan desatar a rir.

Matthew ouvia a conversa à porta, receoso de entrar.

– O George fala quatro línguas – disse Harri, com orgulho.

– A Harri trabalha com azulejos – explicou George, imitando o tom orgulhoso da irmã.

Brendan ria-se.

– O que fazes?

– Sou *designer* de interiores – explicou Harri.

– Impressionante.

– Nem por isso, mas gosto.

A porta abriu-se e Brendan sorriu.

– Matt.

Harri soltou um suspiro profundo e audível. George apertou-lhe a mão antes de se levantar de um salto para apertar a de Matt.

– George.

– Matt.

– Prazer em conhecê-lo.

– Prazer em conhecê-lo também.

Harri levantou-se e encarou Matt.

– Olá.

Matt assentiu com a cabeça e sorriu.

– Olá.

Um silêncio tenso instalou-se então na sala.

– Quem tem fome? – perguntou Brendan, tentando quebrar o gelo.

O jantar foi extraordinário, na medida em que nada teve de extraordinário.

Brendan e George comportaram-se como se se conhecem há uma vida inteira e Harri e Matt estiveram calados, não encontrando nada para dizer.

– Da última vez que parti a perna, qual das pernas foi? – George virou-se para Harri.

– A direita.

George assentiu.

– Da última vez que parti a perna direita jurei que nunca mais faria *snowboard*. As pessoas pensam que esquiar é mais difícil, mas eu não acho.

– Quantas vezes partiste a perna direita? – perguntou Brendan, divertido.

George pensou um segundo ou dois antes de olhar para Harri.

– Uma vez. A esquerda partiste duas vezes.

– Pensei que a tinha partido três vezes.

– Não, duas, e outra foi uma rotura de ligamentos.

– Deus do céu, como isso doeu! – Esfregou involuntariamente a perna. – Então, Matt, deve ter caído uma vez ou duas do cavalo.

Matt fez um gesto de assentimento.

– Uma ou duas vezes.

Acabei de dizer isso.

Brendan, sentindo uma pausa na conversa, decidiu pedir a George que o ajudasse com a sobremesa.

Levantaram-se, deixando Matt e Harri sozinhos.

– És mais baixa do que ela – disse Matt.

Harri não sabia o que responder, por isso ficou calada.

– Tens o mesmo cabelo, até o usas da mesma forma.

– Ando a pensar cortá-lo – respondeu ela. *Muda de assunto, estás a assustar-me.*

– Sabes montar?

– Não. O George sabe.

– Gostarias de aprender?

– Não, mas agradeço.

Ele fitava-a.

– Está a agir de modo estranho – apontou ela e Matt riu-se.

– Desculpa. – Fitava-a novamente. – Estava à espera que fosses mais atlética.

– Costuma dizer tudo o que lhe vem à cabeça? – perguntou ela, admirada.

– Muitas vezes – confessou ele.

– É muito aborrecido – concluiu ela.

– És exatamente como ela. – Matt abanou a cabeça. – É o género de coisa que ela teria dito.

Felizmente Brendan e George não demoraram muito a voltar à sala com um *cheesecake* caseiro. Depois, Brendan insistiu que Matt levasse Harri a visitar os estábulos.

– São dez minutos a pé e além disso o Henry está desejoso de te conhecer – afirmou Brendan.

– Ele é como um segundo pai para mim – disse Matt. – Prometo que voltas dentro de meia hora. –

Para de a fitar, Matt e, por amor de Deus, não faças mais comentários.

O passeio foi agradável e tranquilo.

– Isto aqui é tão bonito – afirmou Harri, maravilhada com as centenas de tons de verde, as velhas árvores, o caminho de gravilha e o perfume fresco que pairava e a sensação de tempos passados que a envolvia.

Matt concordou e continuou o caminho, recordando o passado quando era mais novo e a rapariga ao lado dele era a rapariga que amava.

– Está a pensar nela, não está? – perguntou Harri.

– Se pudesse, na altura, não me teria separado de ti – proferiu ele.

– Oh.

– Perdoa-me – pediu Matt, abanando a cabeça. – Habitualmente sou bom com mulheres.

– Fantástico – disse ela.

– Não devia ter dito que lamento. Não sei bem como agir contigo.

– Seja como é.

– Parece que não gostas lá muito que eu seja como sou.

– É verdade – ela riu-se.

Henry encontrava-se a limpar o estábulo da *Derby Girl*.

– Henry! – chamou Matt.

Henry foi até ao pátio e ficou imóvel um segundo antes de levar a mão à testa e abanar a cabeça.

- Ora aí estás tu – proferiu, com os velhos olhos marejados. – Aí está ela, Matt – disse, fungando.
- És mais baixa – proferiu, com uma lágrima a correr-lhe pela face. – Mas não faz mal.
- Harri sentiu vontade de chorar com aquele idoso que não conhecia.
- Matt foi de um estoicismo firme.
- Ela é uma maravilha, Henry – disse ao velho.
- Ah, pois, vem de boa cepa.
- Depois levaram Henry a casa.
- A seguir, Matt contou a Harri como Henry tomara conta dele depois de o pai ter morrido.
- É um bom homem – concluiu.
- Ele sabia que ela estava grávida?
- Oh, não. Ninguém sabia.
- Posso perguntar-lhe uma coisa?
- Claro.
- Como pensaram que podiam manter aquilo em segredo?
- Ele encolheu os ombros.
- Éramos miúdos.

25 de dezembro de 1975 — quinta-feira

A última vez que tive o período foi a 30 de outubro. Acho que estou em sarilhos. Tenho andado com vontade de vomitar. Vomito e dói-me tanto o peito que na noite passada acordei por isso. Não disse nada ao Matthew porque ele ainda está a tentar ultrapassar a morte do pai e, de qualquer maneira, talvez não se passe nada de mal. Esperarei mais alguns dias. Não. Vou esperar até ao Ano Novo. Se não tiver o período pelo Ano Novo, conto ao Matthew. Conto-lhe na primeira semana do ano que vem. O Matthew está a passar o Natal com os avós em Meath, deixou o coitado do Henry sozinho. Antes nunca tinha pensado no Henry a ficar sozinho, só quando lhe pediram que tomasse conta do Matthew. Agora, todos os fins de semana, são como duas ervilhas da mesma vagem. É bom, todos nos damos bem com os cavalos, montamos e o Dr. B. aparece e ajuda também, é como se fôssemos uma família, o que é bom porque eu sou bem capaz de já não ter família também.

ELE arranjou emprego em Galway durante um mês, pelo menos foi isso que disse à mãe. Acho que ela já não se importa muito com nada. Hoje comemos frango no jantar de Natal. Fui eu que cozinhei. Ficámos a maior parte do tempo a ver televisão. Ela deu-me um fio, embora fosse da minha avó. É bonito. Eu comprei-lhe um frasco de perfume e um livro, mas ela nem sequer olhou para as prendas. Não lhes ligou muito, enfim. Sentámo-nos no sofá, o tempo passou e agora estou cá em cima a escrever tudo, apesar de não haver muito que escrever. O Matthew virá para casa depois de amanhã e tudo voltará ao normal. Bem, pelo menos, espero que sim. Talvez fale com o Dr. B. ou, se calhar, não falo. Não. Vou esperar e ver. Se calhar está tudo bem. A Sheila e o Dave andam a fazer amor há séculos e ela não engravidou. Tudo vai correr bem. Feliz Natal para mim!



Se eu pudesse mudar...

Harri e George tinham muito que conversar durante o caminho para casa.

– O Brendan é simpático – disse George.

– Parece simpático, sim – retorquiu ela.

– Sabes o que ele me contou enquanto tu e o Matt foram visitar os estábulos? Disse-me que a primeira pessoa com quem ele se assumiu foi a Liv.

– Não!

– Juro!

– Que estranho – exclamou ela.

– Que curioso é este mundo...

Falaram bastante sobre Matt.

– Gosto dele! – afirmou George, rindo.

– Mas não te assustou a maneira como ele não parava de falar do meu aspeto?

– É natural.

– E aquela maneira dele de dizer sempre o que lhe vem à cabeça?

– Tu és assim.

– Mas têm de me perguntar.

– É verdade – concordou George.

– Ele acha que não gosto dele.

– E gostas?

– Sim. Não. Não sei.

– Eu diria que ele tem muitas mulheres a gostar dele – observou George, sorrindo.

– Oh, a sério, George, não faças isso.

Ele riu-se um pouco.

– É lindo.

– George, por favor, olha que fico enjoada no carro.

– O Henry pareceu-me bom homem.

– Ele deu-me vontade de chorar.

– Sabes o que penso?

– O que pensas?

– Penso que a rapariga que morreu na floresta em setenta e seis foi muito amada.

– Também acho. – Harri sorriu. – Também acho.

Deirdre encontrava-se sentada na sua cadeira junto ao aquecedor, ao pé da enorme janela que dava para os terrenos. Matt pousou a mão sobre o ombro dela.

– Olá, Deirdre.

– Olá, Matt.

– Desculpa não vir cá há tanto tempo. – Sentou-se na cadeira ali perto.

Ela encolheu os ombros.

– Foi assim tanto?

– Deirdre...

Ela pestanejou, ao olhar para ele.

– Lembras-te de te ter contado um segredo, há alguns anos?

Ela fez um gesto de assentimento.

– Sobre a rapariga parecida com a minha Liv.

– Isso mesmo.

Ela sorriu, piscando um olho.

– Encontrei-me hoje com ela. Foi muito estranho – Ele riu-se. – Acho que fiz figura de parvo. – Aguardou a reação dela, mas Deirdre nada manifestou. – Irias gostar mesmo dela, Deirdre. Ela tem aquele olhar, aquele que nos põe imediatamente no lugar quando dizemos qualquer coisa que não lhe agrada.

– Até assustaria o diabo em pessoa – proferiu Deirdre, com uma risada fugaz que pareceu surgir de um lugar distante.

– Esse mesmo! – Matt riu-se. – Talvez um dia a traga cá para te conhecer. Não será hoje nem amanhã e se calhar ainda levará algum tempo. Não sei quando a voltarei a ver e está tudo ainda muito no ar, mas, talvez, um dia, a possa trazer cá. Gostarias de a ver?

Ela pestanejou.

– Deirdre.

Porém, a mente dela encontrava-se já longe dali.

– Bem – disse ele, levantando-se – quem sabe, um dia.

Os médicos debatiam muitas vezes a depressão de Deirdre e a associada alteração do comportamento que lhe fora diagnosticada logo a seguir à morte da filha. Durante trinta anos, Deirdre estivera internada em várias instituições onde fora tratada de diversas maneiras. Infelizmente, fora apenas a seguir a um eletroencefalograma, a meio dos anos noventa, que se percebeu que a causa do estado mental de Deirdre era uma lesão no cérebro, sem dúvida resultado dos maus tratos que sofrera às mãos do marido, durante a década de setenta. O diagnóstico fora feito demasiado tarde, por isso tiveram de a continuar a tratar com medicamentos, embora fosse evidente, há muito tempo já, que nunca mais voltaria a ser a mesma pessoa.

Deirdre voltara para a sua casinha em Castle St muitas vezes ao longo dos anos, mas nunca por muito tempo, e, durante as alturas de internamento a pequena hipoteca da casa aumentara. Quando se tornou evidente que não conseguia tomar conta de si própria, Matthew levava-a para uma instituição, onde a internara, pagando todas as contas, pois teria sido assim que Liv queria.

Ver Deirdre deixava-o sempre triste porque, naquela última semana Liv estivera certa de que a mãe iria ficar bem – mas Liv era assim, sempre pronta a ver o lado melhor das coisas. *Éramos miúdos...*

George só se apercebeu até que ponto estava cansado quando abriu a porta de casa. Tivera uma semana agitada no trabalho e a viagem de ida e volta a Wicklow num só dia não era brincadeira, especialmente ao terem apanhado um maldito engarrafamento de duas horas, no regresso, por causa não de um mas de dois camiões avariados.

– Mas como acontece uma coisa destas? Olha para eles, lado a lado, a ocupar a estrada toda!

Aidan esperava-o, sentado no sofá. Estava calado. Tinha o televisor desligado. George sabia que estava na altura de conversarem e sentou-se.

– Isto não dá entre nós.

George concordou com um gesto.

– Estamos sempre a tentar. Pelo menos isso. – Aidan sorriu. – Não quero ficar a odiar-te e, se continuarmos assim...

– Eu também não – retorquiu George.

– Vou sentir muito a tua falta – proferiu Aidan, com um ligeiro sorriso.

– Eu também sentirei muito a tua – replicou George, com ar triste.

– Tu és egoísta e tens problemas que se calhar nunca resolverás, mas és fascinante, vivido e divertido, apaixonado e amável e não me arrependo de um único minuto que passámos juntos. – Aidan proferiu tudo isto com os olhos rasos de lágrimas.

– Talvez aquele minuto em que nos apontaram uma arma à cabeça depois de teres mostrado o rabo à janela daquele autocarro no Egito – lembrou George, sorrindo.

– Pois, está bem, esse minuto não conta. – Aidan riu-se.

– És muito espalhafatoso e às vezes pergunto-me se não fazes isso só para me aborreceres.

Aidan assentiu.

– És barulhento, resmungão, paciente... tens sido muito paciente. Tens mais graça do que a maior parte das pessoas que conheço e, quando disse que te amava, fui sincero.

Aidan suspirou e levantou-se.

– Adeus, George.

– Adeus, Aidan.

Abraçaram-se, fazendo esforço para conterem as lágrimas. Aidan saiu calmamente e George ficou sentado sozinho, de coração apertado, no seu apartamento no centro da agitada Dublin. *Se eu pudesse mudar, teria mudado por ti.*

* * *

Fora uma semana longa e, entre George e Aidan, Harri e o pai reencontrado, Sue e Andrew e todos os outros, Melissa preparava-se para uma noite sem acontecimentos de nota com o marido.

Levou Jacob para a cama.

– Só mais um *Scooby Doo* – implorou o menino.

– Não.

– Só metade...

– Não.

– Mais uma canção – guinchou.

– Jacob, já chega, querido. Grita, chora, berra, dá os pontapés que quiseses, mas não vais ver mais nenhum *Scooby Doo*.

Jacob ponderou nisto um segundo e depois começou aos gritos e berros, dando pontapés no chão,

até que, exausto, adormeceu.

Gerry encontrava-se no andar de baixo, a embalar Carrie, que estava constipada.

– Ela está bem?

– Ainda respira mal, a coitadinha – respondeu o marido, olhando para o rosto da filha.

– É da creche – disse Melissa. – Apanha tudo lá na creche.

– Não é da creche – suspirou ele.

– É da creche – replicou ela.

– Ela é uma pessoa e as pessoas adoecem.

– Não tantas vezes assim.

Gerry suspirou, com ar dramático.

– Está bem, pronto, vamos chamar Mistress Rafferty para vir cá, para casa tomar conta dela até ficar boa.

– Ótimo – respondeu Melissa. – Olha, tenho andado a fazer umas contas e, se nos livrássemos dos dois carros e comprássemos outro, usado, e se cortássemos nas férias durante alguns anos e apertássemos um pouco o cinto, eu podia deixar de trabalhar.

– Não.

– Gerry!

– Melissa, não nos podemos dar a esse luxo.

– Mas poupávamos na mensalidade da creche.

– Oh, a maldita creche outra vez! – exclamou Gerry, limpando o nariz de Carrie.

– Sabes uma coisa? Ótimo. Ótimo. Ótimo. Vou morrer em pé, está bem?

– Não faço ideia do que isso quer dizer – replicou Gerry. *Meu Deus, cá vamos nós outra vez!* – A porta bateu com força. *Parece que ficámos só os dois, miúda.*

* * *

Harri abriu a porta em roupão, com um amplo sorriso no rosto.

Melissa estendeu-lhe uma garrafa de vinho.

– Posso ficar cá?

– Porque não, acabei de me livrar da Sue.

Melissa atirou-se para o sofá enquanto Harri abria o vinho.

– Ainda não acredito que conheceste o teu pai.

– Bem sei.

– Ainda não acredito que a Sue e o Andrew se deram outra oportunidade.

– Bem sei.

– Ainda não acredito que o George e o Aidan se separaram.

– Bem sei.

– Toda a gente vai com a vida para a frente e eu parece que estou emperrada no mesmo ramerrão de sempre. – Brindou, tocando no copo de Harri.

– Ele continua a não mudar de opinião, então?

– Nem quer falar disso.

– Mesmo assim, tu trabalhaste tanto para chegares onde estás.

– Eu sei.

– Se calhar ias detestar estar sempre em casa.

- Eu sei.
 - Mas então algo terá de mudar de um modo ou de outro.
 - Eu sei. – Melissa sorriu.
 - Se ao menos arranjasses um *part-time*...
 - Não é possível... a empresa é demasiado pequena e o meu trabalho é imenso.
 - O que pensas fazer?
- Melissa pegou no copo e pensou um momento.
- Já aceitaste a proposta do Matt?
 - Não.
 - Se aceitasses, gostarias de ter companhia?
 - Mas estamos a meio da semana.
 - Exatamente. Acho que está na altura de o Gerry ter um gostinho do que é a minha vida.
 - Oh, não farias isso!
 - Ai faria, sim.
 - Vou telefonar-lhe.
- Melissa bateu palmas.
- Viagem, viagem!

* * *

Passara uma semana desde que Matt se encontrara com a filha pela primeira vez, na cozinha de Brendan. Esperara até quarta-feira antes de lhe telefonar convidando-a a ir assistir a um espetáculo equídeo em Sevilha. Explicou-lhe que seria uma maneira de ela ver o que ele fazia, uma pausa agradável a meio da semana e talvez uma forma mais fácil de se irem conhecendo em terreno neutro. Parecia nervoso ao telefone, falando como se não estivesse habituado a sentir-se nervoso.

- Não sei – respondera Harri.
- Pensa nisso.
- Está bem, vou pensar.
- Ótimo.

Seguiu-se um silêncio ligeiramente incómodo e depois a chamada terminou. Quando ligou ao pai no sábado de manhã para confirmar que iria, acompanhada da amiga Melissa, ele ficou encantado.

- Fantástico! Vou mostrar-vos coisas maravilhosas.

Mais tarde, Harri foi a casa dos pais. O pai encontrava-se a apanhar sol na cadeira da avó. Ela deu-lhe um beijo no rosto barbudo e sentou-se ao lado dele.

- Está um dia lindo – disse ele, contemplando o dia.
- Pois está – concordou Harri.
- O sábado passado esteve ótimo também.
- Pois esteve. – Ela riu-se.
- Como era ele?
- Agradável. Simpático. Estranho.
- Creio que seria de esperar...
- Pai.
- Sim, amor.
- Seja como for, ele não é como tu.

Duncan sorriu, passando o rosto barbudo pela cara dela, como fazia quando ela era pequenina. Ela empurrou-o, rindo às gargalhadas.

– O teu irmão está lá dentro com a tua mãe – explicou ele, em tom de conspiração. – Esta semana tem vindo quase todas as noites.

– Sente saudades do Aidan.

– Ainda é tudo recente – concordou, com um gesto. – Então e tu?

– Eu, bem, vou recuperar o James.

Duncan virou-se para olhar para a filha.

– Bem, ainda bem para ti! – Deu-lhe uma palmadinha na coxa. – São as melhores notícias que tenho desde há muito!

* * *

Harri ouviu o toque de chamada várias vezes e pensou em desligar, mas era tarde de mais.

– Está?

– James.

– Harri.

– Não faz mal estar a ligar-te?

– Estava mesmo a pensar em ti.

– Ah. Tem piada.

– Estás bem?

– Estou sim – respondeu Harri. – Estou mesmo muito bem.

– Ótimo.

– James, da última vez que estivemos juntos disseste que eu precisava de me encontrar, qualquer coisa do género... bem, estou a fazer isso. Visitei a campa da minha mãe e jantei com Matt, o meu pai, e com o médico amigo dele, conheci o velho Henry, de quem tu irias gostar imenso; além disso, vou ver uma exposição de cavalos em Sevilha, com eles, na próxima semana, e é estranho, embora não seja nada estranho, mas tenho saudades tuas. Todos os dias. Sei que não é muito, e ainda tenho muito caminho a percorrer, mas posso pedir-te que aguentes?

– Sim.

Ela riu-se.

– Está bem. E... James?

– Sim.

– Estava a pensar casar pelo Natal.

– Não exageres.

– Compreendido.

– Liga-me quando voltares de Sevilha.

– Ligarei. – *Amo-te, meu querido maluco das anedotas parvas.*

30 de janeiro de 1976 — sexta-feira

Pronto, estou ligeiramente em pânico. O período ainda não veio e decidi esperar antes de preocupar o Matthew porque pode ter sido um falso alarme e ele teve um Natal difícil com os avós, a escola também é difícil e só o vejo aos fins de semana. Estou a

arranjar desculpas. Sou uma cobarde. Estou sempre indisposta e cansada. Hoje, adormeci na aula de biologia. A professora esteve a falar sobre os órgãos reprodutores, o que foi irónico. Não paro de vomitar, vomitar, vomitar. Se o vômito fosse uma arte, eu seria o Leonardo da Vinci, acho que também emagreci, a saia da escola dança-me na cintura. É estranho. Quanto tempo durará isto...

Andava a cavalo com o Dr. B. na segunda-feira à tarde e fazia muito frio. A *Betsy* não estava nada contente e bem a compreendo. Eu também não me sentia lá muito feliz, mas prometera ir. Pensei em falar com ele e talvez o devesse ter feito, mas depois perguntei-me se ele não seria obrigado por dever a relatar o facto, tal como fora obrigado a contar à polícia que ELE entrara no meu quarto; não que a polícia tenha feito alguma coisa sobre isso, mas e se ele fosse obrigado a contar o que se passava comigo e me fizessem alguma coisa? A Pauline, a irmã mais velha da Pamela Whelan (naquela família há quatro raparigas e os nomes começam todos por P) ficou grávida há dois anos e mandaram-na para um convento nas Midlands e, quando voltou, não trazia bebé e anda meio estranha desde então. O Dave contou à Sheila sobre uma prima, a Loretta. Ficou grávida e mandaram-na para Inglaterra, há quatro anos, e a família nunca mais falou com ela. O Dave não sabe o que lhe aconteceu. Estou metida num grande sarilho. De qualquer maneira, pensava contar ao Dr. B. e depois não o fiz e então ele disse-me que tinha encontrado uma pessoa. Quase ia morrendo. O Dr. B. a encontrar alguém! Fico feliz por ele. Encontraram-se num baile qualquer em Dublin e só o viu três vezes, mas estão muito bem, gostam os dois de jogar às cartas e de xadrez. O outro tem carro e ganha muito bem como gerente de uma fábrica. É fantástico. Disse-lhe que ficava muito feliz por ele, e não estava a mentir. Durante um bocado, até me esqueci de que estou grávida. Tenho de contar ao Matthew este fim de semana e estou muito receosa. Ele continua a falar sobre Kentucky, que só faltam seis meses para irmos. Pensei que, depois de o pai dele morrer, teríamos de alterar os nossos planos, mas o Matthew não irá herdar nada até ter vinte e um anos e o amigo do pai do Matthew ainda quer que ele vá; o Henry acha que é uma ótima ideia e agora eu dei cabo de tudo. Ele vai odiar-me.



1 de fevereiro de 1976 — domingo

O Matthew e eu tivemos uma discussão enorme. Ele disse que eu lhe mentira e que lhe devia ter dito, que durante todo este tempo estive a fazer planos e que agora está tudo muito confuso. Ficou bastante zangado. Expliquei-lhe que pensei que aquilo passasse. Ele disse que eu era como a minha mãe. Isso magoou-me, mas ele teve razão. Enfio a cabeça na areia tal como ela e agora não sei o que fazer. Ele não fala comigo. Disse que não conseguia olhar para mim, e eu estou desesperada porque sei que agi mal e que o magoei, mas só quero que ele me abrace e me diga que tudo irá correr bem. Não quero ir para um convento e sair de lá sem bebé e meio doidinha. Não quero ir para Inglaterra e desaparecer... E, se ELE descobrir? Estou metida num sarilho enorme. Matthew, onde estás?

2 de fevereiro

Liv,

No comboio só conseguia pensar em ti. Não deveria ter dito aquelas coisas. Parecia o meu pai a falar, não queria fazer-te chorar. Sei que não mentiste. Sei que estavas a tentar fazer o melhor possível, como sempre fazes. Quero que

saibas que vamos ficar bem. Talvez ainda possamos ir para a América e, mesmo, que não vamos, casar-me-ei contigo. Caso contigo amanhã. Talvez o Henry possa falar com o meu avô e casamos assim que terminarem os exames. Não quero de modo algum que te preocupes. Acho que fizeste bem em não teres contado ao Dr. B. Penso que é melhor mantermos isto entre nós durante algum tempo. Os meus avós são muito antiquados e a tua mãe não está bem, por isso, não diremos nada pelo menos por enquanto. Por favor, não fiques preocupada e, por favor, não chores mais. Estou tão arrependido. Vemo-nos no fim de semana.

Com amor,

Matt

Não, não, não, não e não!

Sue e Harri encontraram-se com Aidan no bar Paddy Cullen. Estava tão cheio como de costume, mas descobriram um banco ao fundo da sala. Aidan tinha bom aspeto, acabara de regressar de um fim de semana na Playa del Inglés. Estava bronzeado, descontraído, de rosto fresco e mais feliz do que as raparigas se lembravam de o ver nos últimos tempos.

– Pensei sempre que a Playa del Inglés era um sítio horrível – disse Susan.

– Oh, e é, mas é um sítio *gay* horrível... além disso, se gastarem umas massas, não é assim tão mau.

– Não te vou perguntar o que andaste a fazer. – Harri sorriu.

– É melhor não – respondeu Aidan, assentindo com a cabeça e franzindo o lábio da maneira como costumava fazer sempre que pensava em qualquer coisa obscena – E o George? – quis saber, visto ser melhor arrumar logo o assunto.

– Ele está bem.

– Anda ainda de volta da mãe? – perguntou Aidan, sorrindo.

Harri lançou um olhar maroto a Sue antes de fitar novamente o amigo.

– Sim, anda, mas está bem.

– Fico contente. E tu, Miss Harri... ouvi dizer que vais a Sevilha.

– Na próxima semana.

– E a Melissa...

– Está a pensar fugir do marido e dos dois miúdos por quatro dias. Chamamos-lhe a Operação Vá-te Lixar, Gerry.

Aidan desatou a rir.

– Que ousadia.

– Pois, tempos desesperados, essas coisas... – Harri sorriu.

Susan estava calada.

– Sue? – disse Aidan; ela sorriu-lhe. – Como vão as coisas com o Andrew?

– Difíceis – explicou ela, com toda a sinceridade. – Por vezes parece que somos dois estranhos. – Baixou a cabeça, suspirando. – Mas estamos a tentar e, pelo menos, a Beth voltou a ficar mansinha, por isso regressámos a alguma normalidade! – Riu-se um pouco.

– E como está o pénis dele? – inquiriu Aidan, tentando falar baixinho.

– Vai ser operado em breve, talvez ainda antes do Natal.

– Não digas mais nada! – exclamou Aidan, erguendo a mão. – Lamento ter perguntado.

Passaram uma noite muito agradável, pondo a conversa em dia, e Aidan aguardou até ao fim para revelar às amigas que estava de partida.

– De partida? – perguntou Sue.

– Da Irlanda – respondeu ele.

– Bolas! – Harri riu-se.

– Recordam-se do meu amigo da Califórnia?

– Aquele com o carro elétrico? – Sue tentou adivinhar.

– Não, *ele* vive na Califórnia, mas é de Berlim. Estou a falar do tipo da Califórnia mas que vive em Londres.

– Oh, aquele que chora quando canta a canção do *Rei Leão*? – perguntou Harri, de dedo no ar.

– Sim.

– Então? – insistiu Sue.

– Então, ele foi contratado para um grande trabalho de restauro em Kent. Trata-se de uma velha mansão, património nacional. Eu tratarei da conservação das paredes, restauro de motivos decorativos, caiar, rebocos, todo o trabalho duro. Aquilo em que sou bom. Estou farto de pintar e decorar edifícios novinhos em folha. Trabalhei muito para ser bom no que faço e, nos últimos dois anos, tornei-me preguiçoso. Aceitei o trabalho porque estava à mão, era fácil, mas quero mais da vida.

Sue ergueu o copo.

– Acho ótimo!

– Não vás! – pediu Harri, de olhos marejados.

– Não será para sempre – retorquiu o amigo, sorridente.

– Não sabes isso – replicou ela, e Aidan concordou com a cabeça.

– Vou ter saudades vossas, meninas. – Aidan ergueu o seu copo para brindar com Sue.

– Ah, há mais amiguinhas de *gays* de onde viemos! – exclamou Sue, rindo-se.

Harri inclinou-se e beijou-o na face.

– Amo-te – disse ela, e Aidan sabia que era verdade.

– Também te amo – respondeu Aidan.

Melissa não chegou a despedir-se dele. Carrie andava ainda doente, Gerry tinha uma conferência e Aidan partiria no dia seguinte.

* * *

George não estava habituado a trabalhar o dia inteiro nem a maior parte das tardes; de facto, George não estava habituado a trabalhar muito. Conseguira evitar trabalhar a sério até aos trinta anos e, apesar de ter realizado um sonho havia muito acalentado, começava a reconhecer o valor do dinheiro ganho com esforço. Estava cansado no final do dia e, ao chegar ao apartamento, encontrava apenas um espaço vazio, agora sem Aidan. Como Aidan nunca vivera formalmente ali, mantendo sempre casa própria, George não se apercebera do tempo que acabavam por passar juntos no apartamento. Não estava habituado a ficar sozinho. Não gostava da sensação. Tentava viver o melhor possível dessa forma, mas, quando não conseguia, pegava no carro e ia a casa da mãe, onde ela estava sempre pronta a mimá-lo, a cozinhar para ele, servir-lhe vinho e riam-se de coisas a que a maior parte das pessoas não acharia graça nenhuma, incluindo o pai. Assim que Aidan deixou George, Gloria e Duncan foram de imediato perdoados. O perdão de George, apesar de surgido da necessidade, foi gratamente recebido no lar dos Ryan.

– Oh, querido – disse Gloria –, não te contei ainda que a Mona vai saltar de um avião, para um

evento de caridade.

- A Lamúrias saltou de um avião?
- Para uma causa dos paraplégicos.
- Ela conhece algum paraplégico?
- Não, querido, mas, tal como lhe disse, só estava a um salto de conhecer...

George e a mãe desataram às gargalhadas enquanto Duncan murmurava qualquer coisa sobre aquilo não ter assim tanta graça. *Ser paraplégico não tem piada nenhuma.*

Quando, por fim, George regressou a casa, Harri ligava-lhe ainda ele não pousara o casaco.

- Como sabias que eu estaria em casa?
- Tive um pressentimento. Sabes o que o Aidan vai fazer?
- O quê?
- Vai viver para Londres.
- Oh!
- Sentes-te bem?
- Sinto.
- Tens a certeza?
- Absoluta.
- Está bem. Só queria que soubesses.
- Obrigado – retorquiu ele, num tom que indicava que se sentia leve, feliz até.
- O que foi? – perguntou Harri, desconfiada.
- Nada.
- Não me mintas.
- Pronto. Está bem. Acalma-te, pousa lá o machado de guerra.
- Então...
- O Brendan ligou-me.
- Qual Brendan?
- O Brendan McCabe.
- E?
- E vamos tomar um copo.

Silêncio.

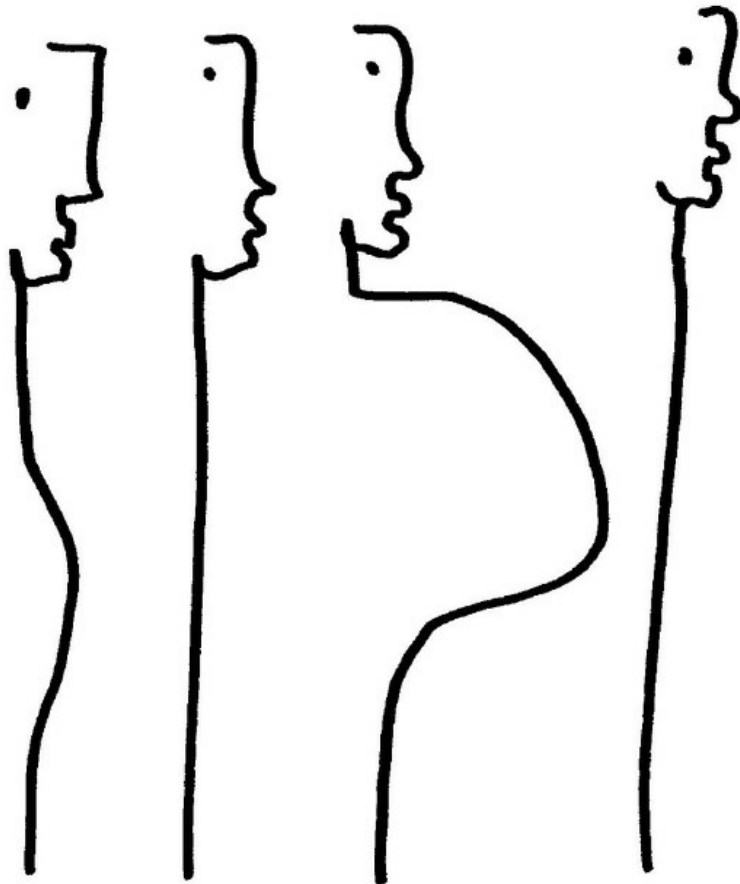
- Harri?
- Nem pensar.
- Ele é simpático. É atraente. Gosto dele.
- Ele tem cinquenta anos!
- E então?
- Então és doido, mais doido do que a loucura. Estás doente da cabeça.
- Gosto dele.
- Não. Não. Não. Não. Não. E não! – Harri desligou.

George pousou o telefone. *Gosto dele.*

Se a última vez que tive o período foi a 30 de outubro, devo estar agora de quatro meses e meio. Se partirmos da Irlanda logo a seguir aos exames, ninguém saberá até chegarmos ao Kentucky. É um risco, mas a barriga ainda está pequena, se calhar porque vomito mal sinto o cheiro de comida. Não me lembro de qual foi a última vez em que comi qualquer coisa além de uma cenoura. Gosto mesmo de cenouras e, dantes, detestava. Tenho a barriga dura como uma pedra. O Matthew diz que parece a de um pugilista. Quando estou vestida, não se nota nada, mas, na noite em que o Matthew veio a casa e estávamos no quarto dele, despi-me e a minha barriga estava enorme. Ele não parava de rir e de me tocar na barriga, dizendo-me que fizesse poses em frente ao espelho. Esta manhã não está assim tão grande. Parece de loucos, mas fica maior à noite. Espero que continue assim. Não me importo que fique grande à noite desde que esteja pequenina durante o dia.

A Sheila anda desconfiada — deve ser a enfermeira que existe nela. Está sempre a perguntar-me o que comi. Preciso de ter cuidado com ela. Gosto imenso da Sheila, mas ela não consegue ficar calada. A minha mãe não faz ideia. Faz as coisas dela, o que no fundo não é nada. ELE voltou, por algumas semanas, mas anda ocupado a descarregar papel nas docas. A mãe deixou-se mesmo descuidar. Costumava pintar o cabelo mas, agora, está todo grisalho. Cabelos compridos e grisalhos dão um aspeto estranho. Bem vejo porque as pessoas dizem que ela mete medo. O Dr. B. continua a tentar que ela faça uns exames, mas é como se falasse para uma parede.

Também ando a tentar manter-me o mais longe possível do padre Ryan, mas, sabe-se lá porquê, de cada vez que me viro, lá está ele. Sempre a fazer perguntas, sempre a falar de paciência e de amor e de Deus e sei lá que mais. Desligo. Acho que ele ainda se sente mal por ter convencido a mãe a deixá-lo voltar, só por o Dr. B. lhe ir contar que ele tentou ter sexo comigo. Pobre padre Ryan, tenta fazer o seu melhor. No outro dia foi fazer uma visita à escola e sentámo-nos os dois a almoçar. A Sheila fugiu, não queria ser vista com um padre, mas eu não me importo com isso. Ele é mesmo simpático e, por vezes, até consegue ser divertido. Não gosta de carros e também não aprecia aquecimento. Quem não gosta de aquecimento? Diz que lhe causa comichão. Gosta do frio. Disse-lhe que deveria ir para a Polónia. Ele respondeu que iria pensar nisso. Afagou-me o cabelo antes de se ir embora, da mesma maneira que o Henry faz ao cabelo do Matthew. É bom termos alguém que se preocupa connosco, mesmo sendo um padre que me enfiaria num convento mal soubesse que estou grávida. Só espero continuar com a barriga pequena. Espero que não descubram. Por vezes irrita-me e não estou indisposta, mas tento não comer porque, se descobrissem, tudo acabaria, tudo aquilo por que tanto temos trabalhado. O Matthew diz que, aconteça o que acontecer, iremos para o Kentucky. Ele fará tudo por isso. Sei que iremos para lá. Mal posso esperar. Faltam quatro meses!



Realidade

O telemóvel de Harri tocou quase ao mesmo tempo que o despertador. O relógio apitou *bip-bip-bip*, seguindo-se o telemóvel com o toque das Pussycat Dolls, «Loosen Up My Buttons». Ergueu-se na cama de um salto. *George, para de mexer nos meus toques de telemóvel!* Desligou o despertador e atendeu a chamada.

– Levantada.

– Ótimo. Sincroniza o teu relógio porque a Operação Vai-te Lixar Gerry começou – disse Melissa, num murmúrio, da sua cozinha, enquanto Gerry e Carrie dormiam profundamente nos quartos lá em cima. Jacob estava refastelado no sofá a ver o *Scooby Doo* e a comer uma tigela de cereais.

Melissa preparara o almoço de Jacob e metera-o na mala da escola junto à porta. No dia anterior deixara a cozinha bem fornecida de comida e combinara com Mrs. Rafferty que viesse às oito e meia como era habitual para tomar conta de Carrie (que estava melhor da constipação, mas ainda «não recuperara totalmente» – pelo menos fora isso que Melissa dissera a Gerry). Porém, depois destes assuntos tratados, e durante três dias, a família de Melissa estava oficialmente por sua conta.

Pegou na mala que escondera debaixo das escadas e saiu para ir esperar o táxi na rua quando ele apareceu. *Sevilha, aqui vamos nós.*

* * *

Harri estava na fila para o *check-in*. Não falava, limitou-se a entregar o bilhete e o passaporte a Melissa e continuou a andar. Melissa não deu importância ao assunto, visto Harri ser clinicamente incapaz de falar antes das oito e meia da manhã. Como faltavam duas horas para as oito, Melissa estava não só preparada para aquele silêncio como também demasiado feliz para desfrutar dele. Estava já quase no fim da fila quando Harri regressou com dois cafés. Deu um a Melissa, em silêncio, Melissa aceitou-o, em silêncio, e beberam o café enquanto aguardavam a vez dela.

O avião não ia cheio. Melissa gostava de se sentar à janela. Harri preferia o lugar do corredor. O lugar do meio estava livre, e usaram-no para colocar revistas, jornais, uma bolsa de maquilhagem, um saco de bombons que Melissa insistia em comer tanto ao levantar como ao aterrar. O avião levantou voo quinze minutos depois das oito e, assim, foi possível começarem a falar.

– A irmã do meu pai, Noreen, começou a sangrar do ouvido num destes voos – disse Melissa, virando a cabeça para o lado e abrindo a boca em forma de O. – Imaginas? Sangue a sair do ouvido. O meu pai diz que isso nunca teria acontecido se ela estivesse a chupar qualquer coisa.

Harry pensou numa piada obscena, mas era cedo de mais para se dar ao trabalho de a contar.

– Então, estás nervosa? – perguntou Melissa.

– Há muitos espanhóis que falam excelente inglês.

– Não estou assim tão certa.

– Oh. Sim, vai ser estranho, mas temos um quarto só para nós e não temos de andar sempre atrás dele, aliás, ele vai estar a trabalhar, sabes, negócios com cavalos, ou lá o que é... – Encolheu os ombros.

– Estás entusiasmada? – perguntou Melissa, com um sorriso.

– Nervosa, será a mesma coisa?

Melissa pensou naquilo um momento.

– Não sei bem. Se calhar é. Mal posso esperar para o conhecer.

– Nada de namoriscar. Se comesas a namoriscar, morro.

– Claro que não vou namoriscar! Sou uma mulher casada e, além disso, é teu pai.

– Ele é só cinco anos mais velho do que o Gerry.

– É impressionante, não é?

– Pois é.

Melissa fungou.

– Sentes uma mudança na pressão?

– Não.

Melissa atirou um bombom para a boca.

– Como estarão os miúdos? – perguntou ao olhar para as nuvens macias e brancas abaixo do avião.

* * *

Gerry desligou o despertador às sete horas e estendeu a mão para o outro lado da cama, vazio. Não era habitual. Melissa estaria possivelmente a andar de um lado para o outro, embalando Carrie, mas, se era esse o caso, por que razão estaria a menina a chorar? Ao ver que o choro não parava, e que, pelo contrário, se tornava mais alto, levantou-se.

– Melissa? – chamou.

– Ela deu-me o pequeno-almoço e saiu – disse Jacob, do fundo das escadas.

Gerry olhou lá para baixo.

– O que estás a fazer, filho?

– Estou a ver o *Scooby Doo*.

– Está bem. – Foi ao quarto de Carrie e deparou-se-lhe a filha, muito birrenta – Oh, não chores, o papá está aqui. Não chores! – Ela não acatou o que ele disse. Assim, Gerry teve de começar a dar voltas com ela ao colo. – Chiu... – Ela berrou ainda mais alto. Gerry começou a dar passos com algum ritmo. – Chiu... – A menina berrou ainda mais alto. Embalou-a nos braços enquanto tentava ligar para o telemóvel da mulher. Estava desligado. *Que raios, ela não me disse que tinha de sair cedo de manhã!* Foi só quando entrou na cozinha que reparou na mensagem na porta do frigorífico.

Querido Gerry,

Dizes que não conseguimos viver sem dois salários. Dizes que ambos trabalhamos imenso. Dizes que na maior parte das vezes faço uma tempestade num copo de água — afinal de contas, o Jacob vai para a creche e Mrs. Rafferty toma conta da Carrie. Dizes que não é assim tão difícil, e talvez tenhas razão, mas, para termos a certeza, penso que devíamos testar essa teoria. Estou em Sevilha e só voltarei na sexta-feira de manhã. Mrs. Rafferty chega pelas oito e meia e o Jacob tem de estar na creche às nove.

Boa sorte,

*A tua mulher que te adora,
Melissa.
Bjs.*

Gerry riu-se um pouco. *Isto é uma brincadeira. Ela está a brincar.*

– Melissa! Ah, ah, ah, que engraçado! – Silêncio. – Melissa! – *Ela não está a brincar. Oh, meu Deus, ela não está a brincar!*

– Pai, tenho fome.

– Pensei que a mãe te tinha dado de comer.

– Ela deu, mas ainda tenho fome.

– *Okay.*

– Pai, faz com que a Carrie pare de chorar.

– *Okay.*

– Pai!

– O que é?

– Estou com frio.

Foi nesta altura que Gerry reparou que o filho estava nu. *Meu Deus.* Certo.

– Onde está o teu pijama?

– Despi-o.

– Porquê?

– Porque quis.

– Pronto, vamos lá acima.

Subiram as escadas.

– Quero o do Homem Aranha.

Gerry voltou a arrumar na gaveta os *boxers* do Batman.

– Ora aqui está o Homem Aranha! – O filho vestiu os *boxers* e puxou-os para cima.

– Pronto... calças de ganga.

– Quero as calças dos bolsos grandes.

– Não as vejo.

– Está bem, então quero...

– Jacob, estás a ver as calças que tenho na mão? São estas que vais vestir.

Jacob encolheu os ombros, resolvendo não insistir demasiado.

Vestir-lhe a camisola foi mais difícil, especialmente com uma Carrie choramingtona ao colo.

Quando o filho estava vestido, Gerry suspirou fundo, satisfeito por ter realizado um feito notável.

– Pai!

– O que é, filho?

– Os meus *boxers* do Homem Aranha estão apertados.

– O quê?

– Acho que não me servem.

Meu Deus, mata-me!

Voltou a vestir ao filho a indumentária do Batman e foram a correr para a cozinha. Talvez ela estivesse com fome. Colocou Carrie na cadeirinha. Ela resmungou. Pegou nela e cheirou-a. *Oh, raios, a fralda está suja!* Voltou a subir as escadas e foi buscar fraldas.

– Pai, onde está o meu pequeno-almoço?

– Já vai! – gritou ele lá de cima.

– Mas, pai...

– Jacob, dá-me um minuto! – *Onde estarão as fraldas? Onde diabo estarão as fraldas? Ah, pronto, aqui estão elas. Onde estão os toalhetes?*

– Oh, desculpa, Carrie, o papá não queria deitar-te no toalhete frio. – *Pronto, ela precisa de roupa. Qualquer coisa serve.* – Carrie, se parasses de chorar, o paizinho acabaria de te vestir mais depressa e depois podes beber o teu biberão.

– De manhã ela come comida, como eu. Eu como comida de manhã – explicou Jacob, de súbito ao lado do pai.

– Pronto, pronto, está bem – retorquiu Gerry, acabando de mudar a fralda à filha e de lhe vestir uma *T-shirt*. – Vamos.

– Pai, não a podes deixar sem calças.

– Jacob, estás com fome ou não?

– Já te disse que sim.

Na cozinha de novo, Carrie atirou comida para todo o lado, mas parara de chorar. Gerry já ficaria contente se pelo menos uma colher de sopa de comida em quatro lhe entrasse na boca. Jacob comia o seu pequeno-almoço em frente do *Scooby Doo*.

Precisamente no momento em que Gerry se preparava para trincar uma torrada ouviu Jacob chorar.

– O que se passa, filho? – Correu para a sala de estar e viu que Jacob deixara cair ao chão a tigela do pequeno-almoço, entornando tudo por cima dele.

– Vamos lá subir ao quarto! – *Melissa, isto não tem piada nenhuma.*

Mrs. Rafferty chegou às oito e meia em ponto.

– Mistress Rafferty – sorriu Gerry. – Seja bem-vinda!

– Obrigada – respondeu ela, olhando-o com ar estranho. – Onde está a Melissa?

– Em Sevilha.

– Ela não me disse nada.

– Já somos dois então.

– Oh – proferiu Mrs. Rafferty, assentindo com a cabeça antes de lhe piscar ligeiramente o olho. *Ah, pois é, já vi isto antes. Saltou-lhe a tampa e ele terá muita sorte se ela não o arruinar.*

Gerry passou-lhe Carrie, cheia de uma papa alaranjada, para o colo.

– Desculpe, sei que ela já devia estar vestida, mas, se não sair já, o Jacob chegará atrasado à creche e eu não vou conseguir chegar a horas ao trabalho.

Mrs. Rafferty assentiu.

– Não faz mal.

– Pronto, Jacob, vai buscar a tua mochila... vá lá, despacha-te.

– Gerry.

– Sim.

– Talvez não fosse má ideia vestir-se primeiro.

Gerry olhou para o estado em que se encontrava. *Estou em frente de Mrs. Rafferty em cuecas. Ah, valha-me Deus!*

No aeroporto havia um carro à espera delas. Um homem com um cartaz que dizia «Harri Ryan» encontrava-se junto à porta. Melissa não foi de modas e começou a conversar com ele até chegarem ao carro. Era uma limusina.

– Uau, imagina só! – exclamou Melissa, sorrindo.

O motorista abriu a porta e as senhoras entraram no carro. Ele fechou a porta e pouco depois seguiam caminho.

– Ele fala inglês – disse ela. – É simpático, dantes trabalhava no exército.

– Só falaste com ele alguns minutos...

– Tenho um dom – respondeu Melissa, brincando com o comando. – Queres ver televisão?

O Hotel Hacienda Benazura, de paredes muito brancas, erguia-se num enorme relvado verdejante até ao céu muito azul.

– Uau! – Melissa contemplava a paisagem através da janela da limusina de guia na mão. – Diz aqui que é uma antiga quinta do século décimo. Magnífico, não é?

Harri sorria, concordando.

– É lindíssimo.

O carro parou à entrada do hotel. O motorista saiu e abriu-lhes a porta.

– É um verdadeiro cavalheiro, Enzo – elogiou Melissa.

Harri sorriu ao homem.

– Obrigada.

Ele assentiu com a cabeça.

– Não tem de quê.

– Vês, o Enzo não morde – disse Melissa, sorridente.

– Bem, a senhora fez-me prometer isso – disse Enzo a Melissa, e ambos se riram.

Meu Deus, e só falaram alguns minutos!

* * *

Matt passou grande parte da manhã no quarto do hotel, às voltas. Alfio estava sentado na varanda, com ar satisfeito, a ler um jornal espanhol.

– Senta-te – disse.

Matt apareceu e debruçou-se à varanda.

– Achas que é demasiado cedo para esta viagem?

Alfio sorriu.

– Não se trata de uma nova namorada.

– Eu sei.

Alfio riu-se.

– Acho que vai ser ótimo.

– Só estivemos juntos algumas horas e agora arrasto-a até Sevilha.

– Ela quis vir.

– Quero que ela goste de mim.

– Ela gosta de ti.

Matt soltou um suspiro. Alfio sorriu. Não estava habituado a que o patrão perdesse o controlo, especialmente com mulheres. Para ele, era interessante observar aquilo.

Matt foi para dentro do quarto e voltou, depois de mudar de casaco.

- Este fica melhor?
- Ela não se vai importar com o casaco!
- Alfio!
- É um casaco melhor, sim. Posso voltar a ler?

Bateram à porta.

– Ela chegou – disse Matt, juntando as mãos e respirando fundo, como se fosse um pugilista antes de entrar no ringue. Foi até à porta.

Alfio levantou-se e entrou no quarto.

Matt abriu a porta, ali estavam Harri e Melissa.

- Deves ser a Melissa – disse Matt, apertando-lhe a mão. – Bem-vinda a Sevilha!
- Obrigada, Matt! – Ela sorriu.

Não te ponhas a namoriscar com ele.

– Harri.

– Olá – respondeu ela, sorrindo.

Virou-se para Alfio e depois de novo para as raparigas.

– Este é o Alfio, o meu compincha.

Alfio sorriu e aproximou-se para apertar a mão às senhoras.

– Não se assuste – disse ele a Harri. – Falo inglês. – Sorriu-lhe.

Harri ficou confusa e a confusão que sentiu estampou-se-lhe no rosto. *Como saberá ele?*

– O Brendan falou um pouco sobre isso – explicou Matt, rindo-se.

Melissa estava entretida a ver a vista da janela.

– Olha-me só para esta vista! – Foi até à varanda. – Não cheira a laranjas?

Alfio foi ter com ela e começaram a conversar sobre as laranjeiras da zona.

Matt suspirou.

– Sentes-te bem assim?

– O que quer dizer?

– Estares aqui. É bom para ti?

– É agradável – respondeu Harri. – Desde que não comece a dizer-me que sou baixinha, que tenho um olhar terrível e que é muito estranho eu não ter uma compleição atlética.

Ele desatou a rir.

– Desculpa, sim?

– Desculpas aceites.

O hotel ganhara um prémio qualquer pela cozinha que tinha e como era ainda cedo e o bar tinha uma bela área no exterior, comeram aí.

– Eu podia viver só de *tapas* – declarou Melissa antes de olhar para o relógio. – Que horas são agora na Irlanda?

* * *

A secretária de Gerry bateu à porta do gabinete dele e entrou. Ele apontou para o telefone, indicando que atendia uma chamada. Ela sabia que ele estava ao telefone. Atendia o mesmo telefonema há quarenta e cinco minutos e a ama ligara três vezes já durante aquela chamada. Mostrou-lhe um bilhete.

A SUA AMA VAI SAIR DE SUA CASA DENTRO DE 15 MINUTOS.

– O quê? – gritou Gerry, de telefone na mão. – Não, desculpe, não. Ah, Ernest, posso ligar-lhe já para falarmos desses números? Aconteceu uma coisa aqui que, ah, bem, precisa da minha atenção imediata. Pronto. Ótimo. Ótimo. Ótimo. Está bem. Ótimo. – Desligou e olhou para o relógio – Não. Não. Não. Ela deveria ficar até às cinco.

– Não à quarta-feira – esclareceu Lorraine. Apontou para o telefone. – Ela está à espera.

– Oh, valha-me Deus, é quarta-feira. Merda! – Agarrou no telefone. – Mistress Rafferty, desculpe-me! Esqueci-me de que era quarta-feira. Não, compreendo que o seu tempo é precioso. O ioga é muito importante. – Suspirou. – Só conseguirei estar aí em quarenta e cinco minutos. Bem, talvez haja uma aula mais tarde. Está bem. Pronto. Vou sair. Vou sair já.

– Então cancelo a sua reunião com o Noel? – inquiriu Lorraine.

– Bolas! – gritou Gerry. – Sim, que se lixe a reunião. Cancele!

À porta de casa deu de caras com uma Mrs. Rafferty muito irritada.

– Desculpe-me! Apanhei a hora de ponta!

– Tive de faltar à aula. Podia ter ficado um pouco mais...

Bem e porque não ficaste, velha cabra?

Ela foi-se embora depois de ele ter pedido ainda mais desculpas.

Carrie tinha um dente a nascer, dissera Mrs. Rafferty, para justificar o mau humor da menina. Jacob estava aborrecido com o *Scooby Doo*, chovia, e ele queria ir nadar. Gerry ultrapassara já o ponto de não retorno da tensão depois do trânsito que apanhara e precisava de uma bebida. Serviu-se de um gim tónico e sentou-se no sofá, desapertando a gravata. Carrie começou a chorar quando Jacob a abraçou com demasiada força.

– Jacob! – gritou Gerry, assustando imenso o menino, que só estava a ser simpático.

Jacob desatou a chorar. Gerry chegou a pensar juntar-se ao choro dos filhos. O dia ainda não acabara e Melissa mostrara bem que tinha razão.

* * *

O chefe de sala conduziu George à mesa. Apertou a mão a Brendan e sentou-se.

– Pedi um copo de tinto da casa enquanto esperava. Espero que não te importes – disse Brendan.

– De modo nenhum.

George sorriu. *Mas não vamos beber vinho da casa à refeição.* Era curioso que nem um nem outro se sentisse atrapalhado e que não fosse necessário fazer conversa fiada. Era curioso que, embora só se tivessem visto uma vez, se sentissem como velhos amigos. *Eu conheço-te.*

Brendan riu-se enquanto George lhe falava da sua infância e juventude com Harri como sua gémea e o modo como sempre se haviam dado e continuavam a dar.

– Quando tínhamos cinco anos caí de um árvore.

– Uma das tuas pernas partidas...

– Foi um braço e a Harri correu para a cozinha e, em vez de dizer à mãe que eu tinha caído, deu-lhe um murro no joelho.

Brendan desatou a rir.

– Deu-lhe um murro?

– Pensou que, se lhe desse um murro e saísse a correr, a mãe iria atrás dela e foi exatamente isso que aconteceu. A mãe correu atrás dela, aos gritos, até parar ao pé de mim, com a Harri a apontar para mim. Ela nunca foi lá muito boa em alturas de crise, mas, de algum modo, consegue sempre

ultrapassá-las.

– Vê-la traz-me recordações da Liv e é difícil... – disse Brendan, com ar triste.

– Lamento.

– Oh, não lamentes! – Abanou a cabeça, com um largo sorriso no rosto. – As melhores coisas da vida surgem das dificuldades.

– Não percebo.

– Ver a Harri lembra-me da Liv, e magoa, mas também me dá uma enorme felicidade.

– Ela deve ter sido uma grande amiga tua.

– Sei que ela só tinha dezassete anos, mas acho que foi a melhor amiga que já tive.

– Não sei o que faria se perdesse a Harri.

– Chorá-la-ias e, depois, prosseguirias a tua vida.

– Não havia de querer.

– Pois não.

– E o Matt, prosseguiu a vida dele?

Brendan sorriu.

– Sabes que o pai do Matt perdeu a mulher quando o Matt era miúdo. Nunca ultrapassou isso. Tornou-se um homem amargo, difícil de aturar. O Matt jurou que nunca seria como o pai, e não é. É um bom homem, simpático e adora a vida. Adora mulheres! – Riu-se. – Talvez demasiado e, sim, ainda a ama, mas continuou o seu caminho.

Brendan entrou num táxi depois do jantar no restaurante e, baixando a janela, disse:

– Temos de repetir isto.

– Absolutamente.

– Boa noite.

– Boa noite.

George ficou a observar o carro a desaparecer ao fim da rua. *Ah, bolas, gosto mesmo de ti, e a Harri vai dar cabo de mim.*

25 de Abril de 1976 — domingo

No princípio do mês, a minha barriga começou a esticar e a sobressair e tornou-se mais difícil de esconder, e, visto que deixei de vomitar, decidi que o melhor a fazer era comer tudo o que encontrasse de modo a parecer gorda. Pernas e braços magrinhos e uma grande barriga é demasiado óbvio, mas braços e pernas gordas e uma barriga grande, vestida com uma enorme camisola, talvez disfarce. Tenho-me fartado de comer sem parar. A mãe até brincou com isso um dia destes. Nem acreditei, estávamos na cozinha e ela disse que se eu comesse mais, rebentaria e também achou piada porque se riu um bocadinho; foi mesmo bom vê-la assim. ELE também estava lá, mas de ressaca e entretido a ouvir qualquer coisa no rádio.

O Dave apareceu uma noite destas. Disse que tinha qualquer coisa para me contar e estava muito sério. Pediu-me para irmos dar um passeio e lá fomos passear pela cidade. Disse-me que O tinha visto e que ele ia com outra mulher e que estavam aos beijos, à porta do The Pole. Disse-lhe que não me importava com o assunto e que quanto a mim bem se poderia ir embora fosse com quem fosse e nos deixasse em paz. No entanto, tenho pena dela, pois não sabe no que se irá meter. Ele achou um pouco estranho que eu não me importasse, mas não conhece nem metade da história. Disse que gostava de mim assim mais gordinha. Quase morri. Mas enfim, ele disse que a Sheila pensava que eu devia saber daquilo e que estava contente por me ter contado. A Sheila tem tanta piada — anda comigo na escola todos os dias, é a minha melhor amiga e pede ao Dave que me diga isto! Que estranhas são as pessoas. Quero dizer, ela sabe que o odeio. De facto, aquelas notícias até me animaram. Tenho vontade de festejar. Acho que vou comer um bolo.

No outro dia, eu estava na casa do Dr. B. a jogar xadrez. Ele pensa que, se continuarmos a jogar, eu acabarei por descobrir que gosto mesmo do jogo. De qualquer maneira, estávamos a jogar e eu falava sobre uma regra qualquer estúpida que implicava uma estratégia com um peão ou outra treta qualquer, e, sem mais nem menos, ele começou a chorar!!! O homem com quem ele tem andado não o quer ver mais. Ele disse que estava confuso e que precisava de ajuda. O Dr. B. não está confuso. Disse-lhe que adoraria encontrar esse homem e ter uma conversinha a sério com ele. Isto fez com que o Dr. B. se risse um bocadinho. Perguntei-lhe porque teria o homem dito todas aquelas coisas más. Explicou-me que falara com ele sobre as preocupações que tinha em ir parar ao inferno. O padre Ryan tem sido perentório, diz que se ele insistir em agir de acordo com os seus desejos acabará no inferno. Disse-lhe que não se preocupasse, que o padre Ryan diz o mesmo a toda a gente, até às pessoas casadas quando usam contraceptivos. Por isso, se ele for para o inferno, estará lá com todos nós. Ele voltou a rir-se, mas bem o vi preocupado. Às vezes também fico preocupada. Se calhar vou acabar por ir para o inferno e, se for sequer metade do doloroso que é duas aulas de ciências numa sexta-feira à tarde, espero não ir. Bem, mas lá lhe disse que, se ele quisesse discutir o bem e o mal, e se é ou bom ou mau, deverá fazê-lo com o padre Ryan e não quando está na cama com o outro homem. Ele corou e disse que nunca mencionara o lugar onde tiveram a discussão, mas eu bem percebi. Disse-me que a vida seria muito aborrecida sem mim, o que foi uma coisa muito simpática de ouvir. Ao vê-lo assim, tão aberto comigo, tive uma vontade desesperada de lhe contar que estava grávida, mas prometi ao Matthew, por isso, nada disse. Espero que ele me perdoe.

É a minha viagem a Sevilha e, se quiser, choro

O Palácio dos Congressos, com todo o esplendor da sua cúpula abobadada e dourada, parecia um cenário de *A Guerra das Estrelas*. No exterior, à frente do edifício, havia um pequeno lago artificial que refletia toda a sua grandiosidade e beleza. O recinto estava apinhado, muita gente, cavalos e gado. Harri sentia em toda a parte uma energia enorme, que vinha do solo e a invadia dos pés à cabeça. Todo o local estava decorado com muito colorido. As arenas eram fantásticas, em terra vermelha, batida, e, na exposição equídea, havia cavalos espanhóis puros-sangues. Alguns deles eram de um branco puro e destacavam-se do fundo multicolor. Tinham visto o espetáculo de saltos, passo e *dressage*, passeando de arena em arena, parte de uma multidão que cada vez aumentava mais.

Matt estava atarefadíssimo, explicando a Melissa a diferença entre cavalos pampas e cavalos árabes, por isso, afastaram-se, deixando Harri e Alfio junto ao ringue onde os juizes analisavam os ganhões de uma quinta que os criava, no Norte de Espanha, e muito famosa.

Alfio inclinou-se para observar um cavalo em particular.

– Vê o seu à-vontade natural.

– Vejo-o ali parado.

Ele riu-se.

– Mas são tão bonitos. Tive sempre tanto medo de montar que nem sequer perdia tempo a olhá-los com atenção.

– É assim que se sente em relação a estrangeiros?

– Ah! – Harri soltou um gritinho e ele riu-se. Ela também. – Talvez.

Ela fez-lhe perguntas sobre a vida dele e Alfio contou-lhe que crescera numa quinta de criação de cavalos, na Argentina. Falou sobre os tempos em que fora campeão de pólo e do acidente que lhe acabara com a carreira. Confessou o amor que sentia pelo treino de cavalos e como conhecera Matt, no Uruguai, e como, um ano depois, lhe telefonara, de coração destroçado, a precisar de trabalho. Matt fizera-o vir de avião para a Irlanda imediatamente.

– É um bom amigo – disse Alfio.

Harri estava mais interessada na história do coração despedaçado e, após alguns protestos, ele acabou por lhe falar de Maria, o amor da sua vida, que deixara Santa Cruz por um emprego como fisioterapeuta em Buenos Aires. Harri perguntou-lhe por que razão não fora com ela, mas Alfio respondeu que tinha toda a sua vida em Santa Cruz.

– Então, porque está a viver em Wicklow?

– Porque, depois de ela ter partido, não conseguia viver lá.

– Então, porque não foi com ela para Buenos Aires?

– Fui – acabou por confessar Alfio –, mas era tarde de mais. Ela encontrara outra pessoa.

Harri concluiu que Maria deveria ter ficado mesmo muito aborrecida por Alfio não a apoiar no sonho dela, depois de ela ter investido tantos anos a apoiá-lo enquanto jogador de pólo. Confirmou também que ele esperara oito meses até ir ter com ela, por isso, encarando a realidade, uma rapariga tão bonita como ele a descrevia deveria por essa altura já estar a namorar outra pessoa. O que Harri não conseguia compreender era, se Alfio tinha Maria como o amor da sua vida, por que razão não a tentava reconquistar.

– Reconquistar? – repetiu Alfio.

– Ligar-lhe, dizer-lhe que ainda a ama, que é um parvo e que iria até ao fim do mundo por ela.

– Já passaram dois anos.

– Então e o que tem a perder?

Deixou-o a pensar no que lhe dissera. *É isso que farei, James, vou cerrar fileiras e lutar por ti.*

* * *

Melissa e Matt encontravam-se sentados no bar do hotel.

Ela estava encantada com ele e, contudo, começava a inquietar-se um pouco com a família que abandonara em casa.

– Telefone-lhes – aconselhou ele.

– Se telefonar, o Gerry vai dizer-me qualquer coisa terrível. Fico em pânico e meto-me logo num avião, o que estragaria o objetivo de tudo isto.

– Mas não se consegue descontrair... – realçou Matt.

– Matt, isto não tem que ver com descontrair-me... trata-se de exemplificar uma coisa.

– Pronto.

Permaneceram sentados no bar, ambos calados.

Não tinha passado despercebido a nenhum que Harri tudo fizera para evitar Matt.

– Ela está só assustada – proferiu Melissa passado um bocado.

– Eu também – replicou Matt. – Ela não queria vir, pois não?

– Não. Nem por isso. Acho que fui eu que a convenci.

– Não lhe devia ter pedido isto. Portei-me tão estupidamente da primeira vez que a vi que quis compensar.

Melissa riu-se.

– Ela não o acha nada estúpido.

– O que acha ela?

– Está confusa.

– Bem sei o que isso é – admitiu Matt. – Não devia ter apressado as coisas.

Quando perceberam que Harri não iria ter com o pai que reencontrara há tão pouco tempo, Matt e Melissa encaminharam-se para o restaurante do hotel e pediram qualquer coisa para comer.

Durante o jantar, Melissa falou sobre os seus problemas.

– Entende, o Gerry acha que é só uma fase. Ele pensa que mais tarde ou mais cedo voltarei ao que era, mas nunca o voltarei a ser, porque isso era eu antigamente e, agora, sou uma nova pessoa – gesticulou, entornando um pouco de vinho – agora sou «a que fica em casa com os miúdos». – As lágrimas vieram-lhe aos olhos. – Quer dizer que não gosto dessa ideia também. Não me licenciiei e

trabalhei como uma moura durante os últimos vinte anos para nada. Mas, Matt, em primeiro lugar, sou mãe. É esta a realidade. Sou mãe.

Matthew passou a noite a fazer gestos de assentimento. Melissa não estava propriamente a pedir-lhe opinião ou conselho, precisava apenas de alguém que a ouvisse.

– Sabe ouvir tão bem – suspirou ela por fim, algo chorosa depois de ter bebido vinho a mais. – A Harri tem imensa sorte em tê-lo.

Matthew sorriu à sua nova amiga, embriagada. *É pena que ela não pense assim.*

* * *

Alfio descobriu Harri no jardim.

– Pensei que estava a jantar com o Matt...

– Não me apetece muito – disse Harri, sentando-se num banco.

Ele sentou-se a seu lado.

– É um pouco de mais para si, tudo isto?

– Não devia ter vindo. Não estou preparada. É demasiado para mim.

– O Matt nunca faz as coisas pela metade.

– No fundo, vim por causa da Melissa. Pensei que seria mais fácil, mas, de cada vez que olho para ele, sinto-me estranha.

– Estranha, como?

– Não sei explicar. Tenho tantas perguntas, mas não estou certa de querer saber as respostas. Ele é um estranho e, contudo, quando olha para mim, vejo tantas esperanças. Não consigo lidar com isso. Ele não para de falar sobre o meu aspeto e sei que pensa que me pareço com ela, e é arrepiante. Parece ser bom homem, mas não tenho a certeza de que seja o género de pessoa que quero conhecer. Não gosto de cavalos, não me interessa que sejam muito bonitos. Não gosto de propriedades no campo, de botas de borracha e blusões de pele. Não gosto da forma como ele me olha tão intensamente quando falo. Não gosto que ele saiba tanto sobre mim, que me tenha observado de longe. Não gosto que ele pareça não conseguir afastar da cabeça uma rapariga que morreu há trinta anos. Não gosto que ele continue a enviar-me mensagens. Detesto mensagens.

Alfio desatou a rir.

– Já acabou? – perguntou, com um sorriso.

Ela esboçou um sorriso.

– Não gosto que ele ande a namoriscar com a minha melhor amiga. Pronto, agora acabei.

– Ele está à espera disto há trinta anos.

– Bem sei.

– Sentiu a sua falta durante trinta anos.

– Bem sei.

– Só a quer conhecer.

– Bem sei.

– Ele não é propriamente um estranho que pretende qualquer coisa de si, e a vida dele não se limita a montar cavalos, a botas de borracha e a blusões de pele. É uma pessoa inteligente, divertida, bondosa e, sim, é mulherengo e anda sempre a namoriscar, mas é também um cavalheiro e, tal como a Harri, está também um pouco perdido.

– Estou com medo – confessou ela. – Ele esperou tanto tempo por isto. E se eu for uma desilusão?

– Não é. – Alfio sorriu.

* * *

Matthew levou Melissa até ao quarto.

– Tive uma noite muito agradável – disse ele.

– Mentiroso. – Melissa riu-se.

Harri abriu a porta do quarto e Melissa passou por ela silenciosamente, deixando-a cara a cara com Matthew.

– Peço desculpa por ter desaparecido.

– Não tem importância. Eu é que peço desculpa por ter insistido tanto que viesses.

– Não insisti tanto assim, foi a Melissa.

– Não devia ter-te pedido isto.

– E eu não deveria ter aceitado.

Ele riu-se um pouco e ela sorriu.

– Parecemos patéticos.

Matt assentiu.

– Tenho uma ideia. Porque não tomamos o pequeno-almoço juntos amanhã? Só te peço uma hora.

– Está bem – concordou Harri –, uma hora então.

* * *

O pequeno-almoço decorreu forçadamente e, apesar de ambos terem tentado, durante grande parte da hora permaneceram sentados num silêncio incómodo.

– Fazes esqui?

– Não. O George é que faz.

– Oh. Eu gosto imenso de esquiar.

– Pois, ele também.

Silêncio.

– Já viveste no estrangeiro?

– Não. E o senhor?

– Na América. No Kentucky.

– É bonito?

– Lindíssimo.

– Oh.

Silêncio.

– Os ovos estão mesmo bons – tentou Matt de novo.

– Sim, estão estupendos.

– Gosto muito de ovos.

– Eu também. – *Isto está a ser um encontro horrível, oh, meu Deus, começo a entrar em pânico.*

Silêncio. Respira fundo. Está tudo bem. Inspira, expira. Inspira, expira. Não depressa de mais. Espera. Expira. Espera.

– Sentes-te bem?

– Estou bem. – *Inspira. Expira. Inspira. Expira. Não faço ideia do que dizer a este homem.*

Harri conseguiu recompor-se, mas voltou a ficar nervosa a seguir a um mal-entendido embaraçoso com o empregado, que pareceu confundi-los.

Matthew tentou valentemente recompor a situação.

– Que tal se cada um de nós fizesse uma pergunta ao outro? – sugeriu, esperançoso.

– Está bem, o Matt faz primeiro.

– O teu pai é boa pessoa?

– Sim – ela sorriu –, é melhor do que boa pessoa.

Matthew sorriu.

– Pressenti isso. Fico contente por não me ter enganado.

– Quis ficar comigo?

– Tinha dezassete anos.

– Não foi isso que perguntei.

– Não. Tinha acabado de perder a Liv. Estava completamente destroçado. Perdido.

– Compreendo.

– Mesmo assim custou-me deixar-te ir.

Ela sorriu.

– Isto foi agradável.

Harri levantou-se e foi-se embora, depois de lhe ter dado cinquenta e cinco minutos do seu tempo.

Quando voltou ao quarto, Melissa tentava dormir ainda para lhe passar a ressaca. Despertou ao ouvir a amiga chorar aos pés da cama.

– O que se passa?

– As coisas nunca mais voltarão a ser como dantes – desabafou, soluçando.

– Eu sei – acalmou-a Melissa. Levantou-se e foi ter com Harri aos pés da cama. – Mas isso não quer dizer que seja o fim do mundo.

– Pois, bolas, é como se fosse! – exclamou Harri, fazendo sorrir Melissa. – O empregado pensou que éramos um casal.

Melissa riu-se com tanta vontade que Harri viu-se obrigada a fazer o mesmo.

* * *

Gerry estava em alerta vermelho.

– Muito bem, Melissa, queres fazer jogos. Muito bem. – Decidiu achar que o dia anterior fora um pesadelo só porque não estivera preparado. *Isso não vai acontecer hoje.* O despertador tocou às cinco, cerca de dois minutos antes de a filha acordar a chorar. Andou às voltas antes de tentar levá-la para a casa de banho enquanto tomava o duche. Ela não gostou do duche, por isso ele saiu rapidamente de lá sem se lavar. Tentou vestir-se, mas ela não gostou mesmo nada quando parou de se mexer e, depois de quase ter tropeçado nas próprias calças, enrolou-se numa toalha e desistiu.

Tinha colocado as roupas de Jacob sobre a cama do filho, de modo que, quando este acordasse, estivessem prontas para ele se vestir.

– É isto que vais vestir – disse ao filho, apontando para a roupa. Jacob começou a chorar. – Não estou a ouvir nada. Não estou a ouvir. – *Oh, meu Deus, pareço a Melissa a falar.*

Pôs Carrie na cadeira dela com um frasco de comida que ela podia atirar em volta e, enquanto ela se entretinha com isso, preparou uma torrada para Jacob.

– Não quero torrada.

- Vais comer uma torrada.
- Mas...
- É só hoje... come lá a torrada.

Assim, enquanto Jacob comia a torrada, Gerry vestiu-se. Comeu o último bocado da torrada de Jacob e levou Carrie ao andar de cima para a limpar e vestir.

- Não te esqueças do meu almoço.

Preparou o almoço do filho.

- Não encontro a minha mala.
- Onde a puseste?

Jacob encolheu os ombros.

Gerry passou quinze minutos à procura da mala, que por fim encontrou no armário das toalhas.

Às oito e meia em ponto chegou Mrs. Rafferty. Ele pôs-lhe Carrie ao colo.

- Jacob, vamos lá.

Jacob chegou ao corredor.

- Olá, Mistress Rafferty.
- Olá, meu docinho. – Ela olhou-o de alto a baixo. – Essa camisola fica-te enorme.
- O pai diz que não importa.
- Pois.

- Adeus, Mistress Rafferty – despediu-se Gerry, puxando o filho para a porta.

Teve de levar Jacob até dentro do edifício da creche, pois essa era a regra. Depois, Cara, a educadora, quis dar-lhe uma palavrinha.

- Não tenho tempo.
- Desculpe?
- A sério, não sou um mau pai, mas não estou com tempo!

Correu porta fora até ao carro antes de ela conseguir correr atrás dele.

O trânsito estava lento. Ligou a Lorraine.

- Vou chegar quinze minutos atrasado.
- Eles já cá estão.
- Oh, que chatice.
- Posso entretê-los um pouco, se quiser... talvez com um *medley* do *Grease*?
- Lorraine.
- O que é?
- Não é altura para brincadeiras.

Gerry chegou vinte e cinco minutos atrasado à reunião e os colegas que o esperavam não ficaram lá muito bem impressionados.

Como Mrs. Rafferty trabalhava até às cinco horas, encheu a pasta com trabalho que poderia levar para casa e saiu do escritório às quatro e um quarto, chegando a casa às quatro e cinquenta e nove. Mrs. Rafferty já estava de casaco vestido. Das cinco às oito da noite, andou pela casa, atrás de Jacob a brincar aos índios e cobóis, cozinhou, deu de comer aos filhos e arrumou a cozinha, visto Mrs. Rafferty ter deixado bem claro que não fazia limpezas. Depois, vestiu os filhos para irem para a cama, mudou três vezes a fralda à filha, leu três histórias ao filho e tentou beber duas vezes café, sem ter conseguido. Às oito e cinco, abriu a pasta, à mesa da cozinha e, pelas oito e vinte e cinco estava de cabeça apoiada na mesa, a cair de sono. Acordou às dez da noite.

- Sue?
- Olá, Gerry.
- Preciso da tua ajuda.

Ela desatou a rir.

- Ela contou-te o que me ia fazer, não foi? – perguntou Gerry.

Sue confessou que sim.

Ele suspirou.

- Desisto.

- O que posso fazer?

- Tenho de estar no trabalho para uma videoconferência às oito.

- Estarei em tua casa pelas seis e quarenta e cinco.

- Oh, muito obrigado! Agradeço-te imenso, Sue. Obrigado. MUITÍSSIMO obrigado.

Sue chegou às seis e quarenta e cinco, tal como prometera. Começou a tratar dos miúdos enquanto Gerry se vestia, revia alguns números para a videoconferência e comeu um verdadeiro pequeno-almoço. Saiu pelas sete e quinze. Às oito e meia, Mrs. Rafferty chegou e Sue levou Jacob para a escola. Depois de ter passado a tarde a escolher tecidos para um cliente, voltou a tempo da hora de saída de Mrs. Rafferty, às cinco. Gerry chegou a casa pouco antes das seis. Os miúdos estavam bem, sentados a ver desenhos animados. Sue serviu o jantar a Gerry e sentou-se a beber um café enquanto ele comia.

– Não fazia ideia – disse ele. – Quero dizer, vivia aqui e não quer dizer que não faça nada, mas não tinha ideia desta treta.

Sue riu-se.

- Na altura em que tive a Beth, as mulheres praticamente não trabalhavam fora de casa.

- Bem, agora percebo porquê.

- Vai ser apertado – disse Sue.

- Nem fazes ideia – admitiu ele.

- Mas vai funcionar – disse Sue, sorrindo.

– Só tenho medo que ela deixe de trabalhar e depois perceba que detesta estar em casa. Digo-te, Sue, penso que preferiria morrer torturado.

- Estás a exagerar.

- Não. Não estou mesmo.

– Acho que ela vai sentir falta disso. Ela gosta imenso do trabalho, mas não pode fazer tudo e, afinal, descobriu que só quer estar em casa com os miúdos. Quem diria? – Sue sorriu.

- Ela poderá sempre voltar ao trabalho – replicou Gerry, esfregando a testa com a mão.

- Ou talvez queira fazer qualquer outra coisa.

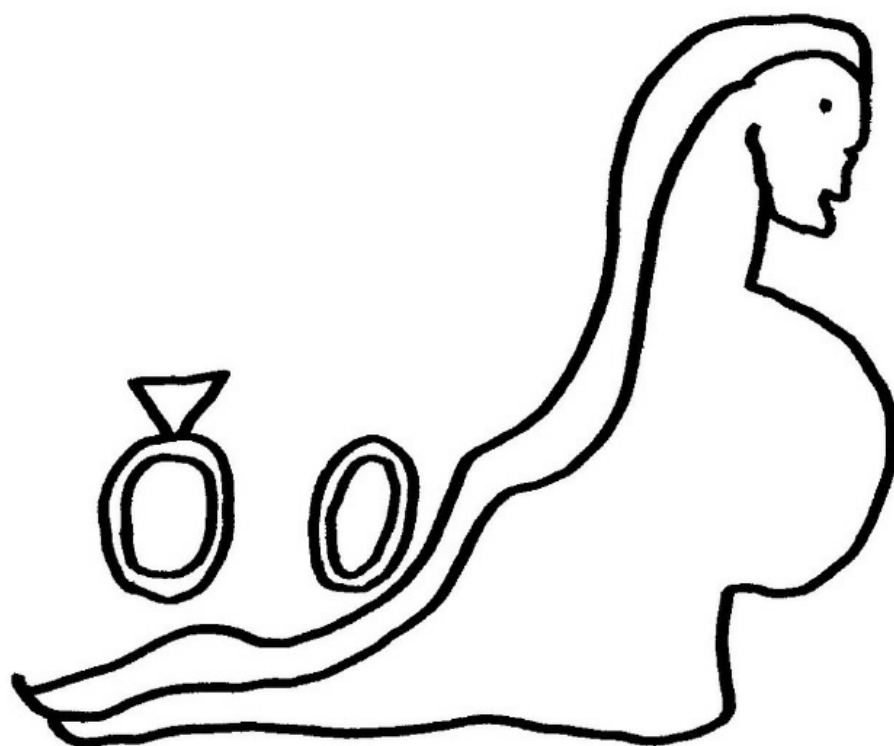
- Quando os miúdos forem para a cama, vou fazer algumas contas.

- Sabes uma coisa? Eu vou deitar os miúdos e tu comesças já a fazer contas.

– Obrigado, Sue – respondeu ele, dando-lhe um beijo na cara. – És um anjo. O Andrew é um homem cheio de sorte.

- Pois, lá isso é – disse ela, sorridente.

ELE estava bêbedo, chocou em mim e perdi um pouco o equilíbrio, ele agarrou-me e a mão dele deve ter sentido o meu ventre duro e percebeu. Percebeu no instante em que me tocou que eu não estava apenas gorda. Chamou-me nomes, mas eu não me importei. Tinha dito ao Matthew que ele me poderia chamar os nomes que quisesse que nem sequer lhe dava ouvidos, mas, quando ele me tocou e olhou para mim, percebi que aquilo iria correr mal. Deu-me um murro em cheio na cara. Pensei que o olho me iria saltar da cara. Atirou-me ao chão. Foi tal o barulho que a minha mãe ouviu e veio a correr, e depois ele pôs-se aos gritos, dizendo que era uma vadia e puxando-me a roupa, e ela saltou para cima das costas dele e agarrou-lhe no pescoço, parecia possessa, gritava que nunca deixaria que ele me tocasse, ele quase sufocava por ela lhe apertar tanto o pescoço, e juro que, por mais que ele se esforçasse, não se livrava dela. Caiu de joelhos antes de ela o largar e ela começou a dar-lhe pontapés e disse-lhe que se fosse embora, e ele foi. Saiu de casa. Depois, ela foi buscar gelo e pôs-mo no olho e, ao ver que não desaparecia a nódoa negra, levou-me ao Dr. B. Atravessámos as duas Devil's Glen e, se ela percebeu que eu estava grávida, nada disse, limitou-se a andar, respirando o ar fresco como se já não soubesse o que era sentir o ar fresco. Não falou, mas, quando lhe agradeci por me ter ajudado, parou e beijou-me na testa, disse-me que me amava de todo o coração e, a seguir, recomeçámos o caminho em silêncio; só me apetecia chorar, mas causava-me dor. O Dr. B. retirou as cuecas amarrotadas cheias de gelo que eu agarrava junto ao olho e disse que tinha mau ar, mas que ficaria bem. A mãe ficou a aguardar na sala de estar dele, a ver *Coronation Street*. Ele quis saber o que acontecera e eu disse que não fora nada, mas ele percebeu que eu mentia e perguntou-me diretamente se estava grávida e respondi que sim; perguntei-lhe como sabia e ele disse que adivinhara e, em vez de ficar aborrecido, pediu-me desculpa por não ter notado antes. Disse-lhe que não se preocupasse, que fizera todos os esforços para que ninguém reparasse. Ele examinou-me e disse que receava que desse à luz mais cedo do que pensávamos. Disse-lhe que isso não podia ser, porque eu e o Matthew iríamos partir para o Kentucky na próxima semana. Ele perguntou como e expliquei-lhe que o Matthew andava a tratar de tudo. Foi então que ele ligou para casa do Matthew, pedindo-lhe que viesse ali, e foi aí que tudo se tornou um pouco estranho, visto ele dizer que o nosso plano era uma parvoíce, naquelas condições. Por fim, eu chorava, o Dr. B. andava de um lado para o outro e a mãe continuava a ver televisão, embora *Coronation Street* já tivesse acabado há muito tempo. Algum tempo depois, concordou-se que o Matthew iria a casa dos avós pedir autorização para se casar comigo. Tinha qualquer coisa que ver com o dinheiro e a propriedade, ou assim. Não sei, desliguei por completo. De qualquer modo, o Matthew disse que iria, depois ficámos noivos e abraçamo-nos, e o Dr. B. fez chá, brindámos com as canecas, e a mãe continuava a ver televisão. O Dr. B. disse que, se ela não ouvisse a voz da razão, teria de a levar à força para um hospital. Perguntei-lhe se ele podia mesmo fazer isso e ele respondeu que sim. Conte-lhe como ela me salvara e que achava realmente que ela andava melhor. Ele disse que a iria manter debaixo de olho, mas que a nossa prioridade agora era o Matthew ir falar com os avós. Ele parte depois de amanhã. Mal consigo esperar.



O tesouro de Castle St

- **M**uito, bem, tenho uma pergunta – disse Harri, de telemóvel na mão e a suspirar para o bocal.
- Diz lá – retorquiu Matt.
- Quando é que se apaixonou pela Liv?
- Oh, essa é fácil. Um dia, o meu pai apareceu nos estábulos aos gritos sem mais nem menos, irritado por um dos cavalos estar coxo. Fora ele quem andara a exercitá-lo, por isso, claro que a culpa era minha. Chamou-me todos os nomes possíveis e ela ficou o tempo todo no estábulo, atrás de mim. Sabia que ela estava lá, e gostava dela, por isso, fiquei bastante atrapalhado.
- Então, o que aconteceu?
- Depois de ele se ter ido embora furioso, ela veio ter comigo e tocou-me ligeiramente. Eu estava tão vermelho que nem queria olhar para ela, mas Liv sorriu e disse-me que não me preocupasse, que todos os pais eram uns grandes sacanas. – Matt riu-se, ao recordar. – Apaixonei-me por ela ali, naquele momento.
- Harriet desatou a rir.
- Todos os pais são uns sacanas! Que bela história. – Ambos se riram. Harriet andava a dar a volta ao mercado com Melissa, que estava cansada e cheia de fome. – Tenho de ir.
- Vai lá.
- Divirta-se na exposição de cavalos.
- Assim farei.
- Harri desligou.
- Melissa virou-se para a amiga.
- Então, deixa lá ver se percebo: ele trouxe-te a Sevilha para falares com ele ao telefone?
- Funciona melhor assim.
- Gostos não se discutem, minha amiga. Gostos não se discutem. Agora, vamos comer. Estou esfomeada.
- Alfio bateu à porta de Harri pouco depois das seis.
- Telefonei à minha antiga namorada.
- Harri abriu a porta e deixou-o entrar.
- Então?
- Ela casou-se.
- Oh, que chatice. Lamento imenso.
- Não. Não faz mal. Eu esperei demasiado tempo.
- Parece estar quase a chorar.
- Porque estou quase a chorar.

Oh, meu Deus!

– Bem, e o que diz o Matt?

– Ele diz o mesmo de sempre. Vai para a cama com alguém.

Que encanto!

– Mas, sabe, acho que desta vez tem razão.

– Ainda bem para si.

– Obrigado, Harri. Abriu-me os olhos. Custou. Mas era necessário.

– Não tem nada que agradecer.

Alfio foi-se embora antes de Melissa voltar da piscina.

– Vamos ter com o Matt para jantar, ou não?

– Não, vamos beber um copo depois.

– Ótimo.

– Com o Alfio.

– É um tipo simpático.

– À procura de alguém com quem ir para a cama.

– Não é assim tão simpático... tenho marido e dois filhos para quem voltar.

Harriet sorriu. *E eu tenho o James, quer ele goste quer não.*

* * *

Gerry esperava Melissa no aeroporto, com flores e um grande pedido de desculpas. Ela estava feliz por voltar a casa e deu-lhe um grande abraço, perguntou pelos filhos, de quem Sue tomava simpaticamente conta. Durante o caminho para casa só falaram do que poderiam fazer para lidar com o problema e, mesmo depois de chegarem a casa, sentaram-se à entrada, a conversar sobre o assunto.

– Tens a certeza? – inquiriu Gerry.

– Ando tão cansada, sabes – disse Melissa.

– Eu sei – admitiu o marido.

– Não será para sempre.

Gerry beijou a mulher.

– Antes tu do que eu – sorriu e abraçaram-se.

– Não será para sempre – repetiu ela.

Melissa ficaria triste por abandonar o emprego e os amigos e sabia que sentiria falta da bisbilhotice e das piadas no emprego, do trabalho e do dinheiro; enfim, de todos os benefícios, mas o que fazia exigia imenso da parte dela, e os filhos também, e sabia que não conseguiria mais fazer tudo ao mesmo tempo. Demitiu-se duas semanas mais tarde e nessa noite conseguiu dormir como não dormia havia um ano. *Olá, mundo, voltei!*

* * *

Matt insistiu em levar Harri até ao carro estacionado no parque.

– Então, posso telefonar-te?

Harri sorriu.

– Pode, sim.

– Que bom – respondeu ele. – Creio que sabes que o Alfio vai voltar para a Argentina.

– Bem, não podia ficar escondido em Wicklow para sempre.

– Foi o melhor treinador que já tive.

Ela riu-se.

– Isso é duro.

Matt riu-se. Ela entrou no carro e ele fez-lhe adeus, visto a relação que tinham ainda não permitir abraços.

Harri saiu do aeroporto e dirigiu-se para casa de Malcolm, onde James ainda estava alojado. Ele abriu a porta.

– Olá – cumprimentou ela, sorridente.

– Olá – retribuiu ele.

– Então, acabo de chegar de Sevilha e, enquanto lá estive, conheci um argentino a quem aconselhei a tentar convencer a mulher que amava a voltar para ele; para ser sincera, não deu resultado, mas, que se lixe, pois agora estou aqui para te pedir que me dês nova oportunidade. Amo-te. Quero casar-me contigo, e sabes o que se diz, que à terceira é de vez.

– Que romântica és – riu-se James.

– Bem, pois é, sou uma grande romântica.

– Não, não és nada.

– Não, não sou – admitiu Harri –, mas posso sempre mudar.

– Não, não podes.

– Não, não posso. Então, aceitas ou não?

Malcolm chegou a casa com dois pacotes de batatas fritas, um *kebab* e um hambúrguer e deparou-se-lhe o amigo aos linguados à ex-noiva. *Ah, bem, estou aqui a mais.*

* * *

No mês que se seguiu à viagem a Sevilha, Harri falou muitas vezes com Matthew Delamere. Ao telefone era muito mais fácil do que cara à cara. Sentia-se mais calma assim e percebia que ele também.

– Sabe o que não entendo? – disse Harri, enquanto ajeitava a almofada para ficar mais confortável.

– O quê? – perguntou Matthew, bebendo um copo de vinho, sentado no jardim de inverno da propriedade.

– Foi o Brendan quem a encontrou. Mas que diabo andava ele a fazer na floresta a meio da noite?

– Ele disse que tinha ido dar uma corrida.

– E acredita nele?

– Na altura era ele um *gay* celibatário, por isso, acho que tudo é possível.

– Pobre Brendan.

– Sabes, uma vez, há muitos anos, quando ele estava muito bêbedo, contou-me que a ouviu chamar por ele.

– Telepatia?

– Foi o que ele disse.

– Isso é impossível.

– Foi o que pensei na altura, mas, depois, lembrei-me de uma coisa.

– Do quê?

– A Liv costumava tentar contactar comigo por telepatia quando eu estava no colégio interno.

Ficava sempre irritadíssima quando não conseguia.

– Que coisa.

Matthew riu-se.

– Tenho a certeza de que ele andava só a correr para afastar alguma frustração.

– Pois.

Harriet desejou-lhe as boas-noites e ficou a pensar no que Matt lhe contara e interrogou-se se teria mencionado isso a James, que se encontrava na outra sala a ver um episódio do *CSI*. *Bem, não vou pensar mais nisso hoje.*

* * *

Uma manhã, não muito depois de esta conversa ter ocorrido, Brendan estava sentado à mesa da cozinha a ler o jornal e a apreciar uma segunda chávena de café.

– Brendan?

– Harri?

– Sim.

– Bem, olá!

– Espero que não se importe de lhe ligar de manhã tão cedo.

– Claro que não!

– Importa-se que lhe faça uma pergunta? – perguntou Harri, de telefone encostado por um ombro ao ouvido, visto estar a fazer torradas.

– Faz favor.

– Na noite em que a Liv morreu, por que razão ligou ao tio Thomas?

– Mas quem é o tio Thomas?

– Oh, desculpe-me, o padre Ryan. Porquê ele?

– Porque a mãe da Liv não estava bem. O padrasto era um monstro que tinham acabado de expulsar da cidade e o pobre Matty, bem, ele não passava de um rapazito. Prometi à Liv que cuidaria dela e falhei. Depois de todos os problemas com o padrasto dela, o padre Ryan sentia que também a deixara ficar mal. Eu sabia que ele me ajudaria e foi o que fez.

– Brendan?

– Sim?

– Nessa noite, na floresta, ela chamou-o mesmo por transmissão de pensamento?

Brendan ficou ligeiramente chocado pela pergunta. Manteve-se calado um momento.

– Chama-me doido, se quiseres, mas acredito mesmo que ela o fez.

– Uau! – exclamou Harri.

Depois, continuaram a conversar um pouco mais, o tempo suficiente para Harri ter queimado duas torradas, mas, para ela, o mais intrigante foi o final da conversa.

– Harri?

– Sim?

– Como está o George?

* * *

Faltava um mês para o casamento de Harri. O Shelbourne estava apinhado de gente, mas Harri

conseguiu descortinar Matt ao fundo. Acenou-lhe e ele sorriu-lhe. Ela levantou-se da cadeira e ele beijou-a no rosto. Sentaram-se.

– Como está a Clara?

– Está bem.

– Fico contente.

– O James?

– Ótimo.

Ele sorriu.

– Rompi com a Clara.

Harri desatou a rir.

– Então quando diz que ela está bem significa que está melhor sem si?

– Muito obrigado. – Matt sorriu. – Vou continuar solteiro por enquanto.

– Solteiro ou celibatário?

– Ainda não decidi.

Haviam passado seis meses desde o primeiro encontro e, embora fosse ainda tudo muito recente e, por vezes, estranho até, Matt e Harri tinham iniciado uma agradável amizade, a pouco e pouco. Descobriram que, apesar de não terem muitos interesses em comum, eram bastante parecidos, visto ambos darem mais valor à honestidade do que ao que possuíam.

– Nervosa? – inquiriu ele, lendo a ementa.

– Nem um pouco.

– Então não estás a fazer planos para estragar um terceiro casamento?

– Nada disso.

– Ainda bem.

– Obrigada.

A empregada era uma loura com cerca de trinta anos.

– O que desejam? – perguntou.

– Bem, minha querida, depende do que tiver – respondeu Matt, lançando-lhe um sorriso.

– Nem se atreva! – avisou Harri.

Nunca viriam a ter uma relação de pai e filha tradicional, mas Harri já tinha na vida esse género de pai e descobria que gostava bastante do tempo que passava com Matt, a um nível completamente diferente, o que era novo e interessante para ela.

Antes de saírem do restaurante, Matt mencionou a antiga casa da mãe dela, em Castle St. Contou-lhe que a comprara alguns anos atrás e que era dela, se Harri a quisesse.

– Um presente de casamento.

– É demasiado.

– Não. Não é. É tua por direito e, além disso, há lá muito trabalho a fazer ainda. Pensei que daria uma linda casa de férias.

– Temos uma em Wexford.

– O George diz que é uma espelunca.

Ela desatou a rir.

– É uma autêntica espelunca, mesmo.

– Bem, a casa em Castle Street não será provavelmente muito melhor, mas creio que está na altura de aquele lugar ver um pouco de alegria. Vai lá e vê. Pensa nisso. – Deu-lhe as chaves. – Não

precisas de aceitar, a não ser que queiras.

– Obrigada – respondeu Harri, pegando nas chaves. – Não sei o que dizer.

– Não digas nada. Vai até lá. Acho que irás gostar daquilo.

– Vou sim – sorriu ela.

– Só mais uma coisa. A mãe da Liv, a Deirdre, deixou o quarto dela exatamente como estava na noite em que a Liv morreu. – Matt sorriu – É como voltar atrás no tempo.

– Obrigada – disse Harri e, subitamente, tinha os olhos rasos de lágrimas. – Obrigada.

Ele assentiu com um gesto e despediram-se.

* * *

George andava a encontrar-se com Brendan havia quatro meses, mas só depois desse tempo reuniu coragem para contar a Harri.

– Gosto mesmo dele.

– La, la, la!

– Harri, gosto mesmo dele.

– La, la, la!

– Vais parar com isso?

Harri retirou as mãos dos ouvidos.

– Ele é vinte e quatro anos mais velho do que tu.

– Bem sei.

– Foi amigo da minha mãe que morreu.

– Bem sei.

– É o melhor amigo do meu pai novinho em folha.

– Bem sei.

– Para de dizer «bem sei».

Pela primeira vez, Harri compreendia verdadeiramente o quão irritante aquilo era.

– Achas mesmo que tens futuro com este homem?

– Acho, acho mesmo que sim. – Falava com toda a sinceridade, e ela sabia disso.

Que raio!

– Muito bem, então.

– A sério?

Ela acenou que sim e riu-se.

– Não é que não vás fazer alguma coisa, mas o que queres fazer de qualquer maneira.

– Isso é verdade, afinal de contas, tenho fama de egoísta – replicou George. – Obrigado, Harri.

– De nada, George.

* * *

Seis meses juntos e parecia que Brendan e George nunca se tinham separado. Partilhavam os mesmos interesses, tinham um modo parecido de se vestir, apreciavam ambos as coisas mais requintadas da vida e muito especialmente sentiam-se bem juntos, encaixando na perfeição. A diferença de idades não existia entre eles.

Harri gostava de estar com o irmão e o novo namorado deste, mas, para Brendan, a presença de

George e da filha do velho amigo na sua vida significava o mundo.

– Estou mesmo feliz – confessou ele a George, uma noite, estendidos na calma, calmo e descontraído. – Nem me lembro de me sentir assim tão feliz.

– Nem eu – retorquiu George.

– Senti-me tão só – proferiu Brendan, com um leve sorriso – durante tanto tempo.

– E o teu lado romântico gosta de pensar que a tua amiga Liv teve uma mãozinha neste encontro.

O sorriso de Brendan alargou-se.

– Conheces-me tão bem.

George riu-se.

– Bem, quer tenha sido a Liv quer o destino ou apenas a sorte, sinto-me muito grato.

* * *

Faltavam duas semanas para o casamento. Harri telefonou a Sue, do carro, Beth atendeu.

– Então? – perguntou Harri.

– Ele ainda está na sala de operações. Sabes o que lhe estão a fazer?

– Nem quero saber!

– Estão a reconstruir...

– Beth, não quero saber.

– A mãe não para de dizer piadinhas sobre pénis. Como aquela que pergunta por que razão atravessou o pénis a rua? Porque podia.

– Isso não tem piada nenhuma.

– Eu não disse que tinha piada. Mas o pai ri-se, por isso, é bom. Oh, ela já voltou da casa de banho... vou passar-te o telemóvel... até breve, Harri.

– Até breve, Beth.

– Olá – saudou Sue.

– Então? – inquiriu Harri.

– Ele deve estar quase a sair. Estou cheia de fome.

– Eu também.

– Apetecia-me imenso um frango *tandoori*.

– Precisamente no que pensava. – Harri olhou para James, que ia a conduzir. – Vamos ter de parar para comer um frango *tandoori*.

– Estás no carro? – perguntou Sue.

– A caminho de Wicklow.

– Vais ver a casa, não vais?

– Sim – respondeu a amiga.

– Desejo-te sorte.

– Obrigada.

– Bem, é melhor ir – disse Sue.

– Diz ao Andrew que lhe mando um abraço.

– Direi. Um beijo ao James.

Desligou e Harri olhou para James e suspirou.

– O que é?

– Nada.

Estiveram a olhar para a casa de fora menos de um minuto. Harri pôs a chave na fechadura e abriu a porta. Caminharam pelo rés do chão, pela pequena entrada com a escadaria íngreme, depois foram até à cozinha, às traseiras que dava para um jardim comprido e maltratado. A sala de estar na frente da casa era pequena, mas cheia de luz. Subiram ao andar acima, com Harri à frente. Pararam primeiro para ver a casa de banho, que era surpreendentemente ampla.

– Estás a pensar no mesmo que eu? – perguntou James.

– Esta casa de banho tem o espaço perfeito para instalar um chuveiro *Raindance Rainmaker* – suspirou Harri.

– Acertaste! – Ele sorriu.

O quarto de Liv tinha o nome dela na porta. Harri ficou à entrada um momento a contemplar o quarto. O nome Olívia gravado na porta estava gasto pelo tempo, quase desaparecera. Abriu a porta e viu um quarto pequeno, com uma cama estreita, um armário repleto de revistas de raparigas, verniz das unhas e cremes. O guarda-roupa ainda albergava as roupas dela: calças de ganga, *tops* e uma túnica ou duas.

– Céus, agora usam-se novamente – reparou James.

O uniforme da escola também lá estava pendurado, mas puxado para um lado. A secretária junto à janela era pequena e a madeira tinha desenhos gravados.

A Liv ama o Matthew.

Um dia de cada vez.

Kentucky.

James descobriu um enorme cadeado na gaveta de cima.

– Para que raio serve isto? – perguntou, pegando no objeto.

Harri encolheu os ombros e depois sentou-se na cama, sentindo-se um pouco avassalada por tudo.

– Sentes-te bem? Estás pálida.

– Estou bem, sim.

– De certeza?

– Não sentes a presença dela aqui?

– Não – confessou James. *E, se sentisse, fugiria daqui a sete pés.*

– Eu também não, e ainda bem. Fico feliz por ela já ter abandonado este sítio.

Foi James quem notou um leve alto no colchão.

– Bem, é velho...

James levantou o colchão.

– Bem te disse... olha, encontrei qualquer coisa. – Entregou a Harri um livro grosso.

– É um diário – disse ela, com um brilho nos olhos.

De dentro do diário tombaram algumas cartas. Harri apanhou-as do chão.

– São cartas do Matt.

Abriu a primeira página do diário e leu em voz alta.

– «Um de janeiro de setenta e cinco. Então lá começa um novo ano. Meu Deus, espero que seja melhor do que o último. A Sheila disse que terá de ser, porque toda a gente sabe que todos os anos que terminam em cinco são anos bons. A Sheila é mesmo uma sabichona!»

Harri riu-se e abraçou o diário.

– É dela! – exclamou, de lágrimas nos olhos.

– Quem diria que encontraríamos um tesouro – retorquiu James, abraçando-a.

11 de julho de 1976 — domingo

Acordei com dores e durante todo o dia senti contrações. Estava a fazer o pequeno-almoço para a mãe e tive de me dobrar com dores, mas, depois, passaram. Ela parece mais animada desde que ELE se foi embora. Ele veio ontem buscar as suas roupas e foi o padre Ryan quem o levou até à estação. Não sei para onde irá e nem me importa, mas a Sheila disse que o pai dela lhe contou que um dos tipos que costumavam beber com ele no The Pole esteve ontem à noite no bar e que disse que ele iria para Londres. É tão bom que se tenha ido embora! Juro que, mesmo quando estou com aquelas pontadas de dor, sorrio. Acho mesmo que, depois de alguns meses afastada dele, a mãe voltará a ser a mesma de antes num instante. O meu olho está a sarar bem, o que é bom, visto ir casar-me em breve. O Matthew foi visitar o avô esta manhã e, antes de partir, enfiou uma carta por baixo da minha porta só porque eu lhe disse que, depois de ele acabar a escola, sentia falta das cartas dele. Ele é tão romântico!

É tarde e as dores estão muito piores agora. A mãe já está deitada e dorme. Chove. Se sair já e seguir pelo atalho através de Devil's Glen, chegarei ao Dr. B. dentro de meia hora. Se calhar não é nada, mas mais vale prevenir do que remediar. Estou tão farta de não ter telefone! Talvez, se me concentrar muito e fechar os olhos, consiga comunicar com ele para ele vir ter comigo a meio do caminho.

Não.

Merda.

Antes de ir, ainda. Hoje dei um passeio à tarde porque pensei que talvez ajudasse a fazer passar as dores. Há muito que não passo muito tempo junto ao *Eliana*, desde que ELE me agarrou lá, mas, hoje, fiquei lá uma boa hora só a olhar para o mar. Sei que estou sempre a dizer que mal posso esperar para deixar Wicklow, mas gosto muito disto também. Wicklow corre-me no sangue, por isso, vá para onde for, nunca sairá do meu coração, e ainda bem. É melhor ir agora, antes que comece a chover mais.

Uma última coisa! VOU CASAR-ME! Olá, sou a Liv Delamere!

10 de julho

Liv,

Amanhã de manhã estarei no comboio para ir visitar o meu avô e levá-lo a concordar em fazer de ti minha mulher. O Dr. B. tem razão, é o que devemos fazer, mas, mais do que isso, é a única coisa que quero fazer. Quero chamar-te minha mulher. Amo-te mais do que pensei ser possível amar. O meu coração está cheio, cheio de ti. O Henry diz que os anjos existem e acho que tem razão porque eu vou casar-me com um anjo. (Não vomites, falo a sério!) Mal posso esperar por voltar a casa, para ti.

Mal posso esperar que sejas minha mulher. Até breve, Liv Delamere.

Amo-te

Matt

O casamento – à terceira é de vez

Era dia 27 de dezembro de 2007, a terceira vez que Harri ia tentar casar-se.

Dormira como uma justa na noite anterior, com o noivo ao lado.

– Não vou fazer isto a não ser que entremos juntos na igreja – dissera James.

– Mas dizem que dá azar.

– Haverá maior azar do que ser abandonado no altar duas vezes?

– Bem visto!

James estava no quarto de George, com Malcolm e Brendan a ajudá-lo com o nó da gravata, com os votos e com os nervos dela.

– O que disseste? Honrar, proteger e quê? – perguntou Malcolm, mastigando uma torrada.

– Ele disse honrar, proteger e amar – retorquiu Brendan. – É lindo!

– Eu falava alto, se fosse a ti... pareceu-me ter ouvido honrar, proteger e proibir.

– Grande dia – saudou o pai de Harri, do patamar da escada, piscando o olho.

– Grande dia, pai – retorquiu Harri, sorrindo.

– À terceira é de vez – disse ele.

– Faz figas – respondeu ela, dando-lhe um beijo na face barbuda enquanto ele seguia para a casa de banho de jornal na mão, para um bem merecido alívio dos intestinos.

A mãe chamava-a, do quarto.

– Querida, ora aí estás. Levo o vestido azul-escuro ou o rosa-pálido?

– Esses são dos meus últimos casamentos. Tu não és nada de reciclar.

– Bem, prometi ao teu pai que reduziria a minha pegada de carbono e a conta do cartão de crédito e, visto que nunca os usei a não ser para ir às urgências do hospital...

Harri desatou a rir.

– O azul-escuro.

– Boa ideia. Agora, preparemo-nos. A Mona chega dentro de meia hora e desde que o Desmond saiu da escola anda com umas trombas que parecem o rabo de uma mula. – Gloria piscou-lhe um olho e Harri desatou a rir às gargalhadas.

– Amo-te, mãe.

– Também te amo, querida.

De volta ao quarto e depois de um longo duche, foi até à mesinha junto à janela que dava para o pátio empedrado e bonito onde havia o velho carvalho. A chuva caía ininterruptamente de um céu pesado e plúmbeo.

– Não consegui desfazer-me de nada – disse, aconchegando-se no confortável roupão de banho que a mãe lhe oferecera seis anos antes, quando saíra de casa pela primeira vez para ir viver a vinte

minutos, no *campus* da universidade. Sentou-se ali e pensou em Liv durante um bocado. *Terias sido uma linda noiva, Liv.*

– A Lamúrias já cá está. A mãe está a preparar-lhe um café, por isso tens cinco minutos até ela te vir arranjar o cabelo e maquilhar.

– Obrigada.

– Estás com um ar inacreditavelmente calmo. Já nos conhecemos? – perguntou ele, brincando.

– Ah, ah!

– Sentes-te bem? – perguntou ele, com ar sério.

– Nunca me senti melhor.

– Está a chover a potes.

– Deixa que chova.

– O pai e a mãe abriram uma garrafa de brande velho e já vão a meio.

– Espero que a bebam toda.

– O James está a pensar cantar *Unchained Melody* no copo-d'água.

Ela riu-se.

– Ele que não se atreva!

– Meu Deus, acho que hoje vamos mesmo a um casamento.

Duncan e Harri ficaram um instante sob o guarda-chuva à porta da igreja. Ela entrou e o pai fechou o guarda-chuva, sacudiu-o e pousou-o no chão. Lá dentro, Harri viu todos os que amava: Melissa e Gerry, Jacob e Carrie, Sue e Andrew e Beth, esta de mãos dadas com o rapaz que lhe passara os chatos. George e Brendan, Matt e a mãe dela, Aidan, que viera de Londres com o namorado, Quan, e toda a gente que tivera a bondade de comparecer pela terceira vez.

E no altar estava o tio Thomas, conhecido por todos como padre Ryan, inchado de orgulho, feliz por Harri, por fim, conhecer toda a verdade. Quando o pai a levou através da igreja, Harri transportava no seu coração uma adolescente chamada Liv.

1 de maio de 1976 — sábado

Acordei esta manhã a sonhar com o Kentucky. Via cavalos e feno e camiões e terras que se espalhavam por quilómetros e quilómetros. Via uma grande e antiga casa de quinta com um alpendre e um sofá de baloiço tão grande que daria para seis pessoas. Via-me num prado, com o Matthew, que cavalgava tão depressa que parecia uma mancha veloz. Foi mesmo bom. Sentia-me quente, completa e livre, feliz e segura. Sentia-me a salvo... E, quando olhei para baixo, vi um bebé, mesmo amoroso, ao meu lado, ainda careca e franzino e, apesar do rostinho enrugado, o bebé era lindo. Era uma menina e agarrava na minha mão e sorria. Depois, vi outro bebé! Esse tinha cabelo e era um pouco mais rechonchudo, berrava e não parecia nada contente. Por isso, peguei nela, acho que era também uma menina, mas não tenho a certeza, apertei-a ao coração e disse-lhe que não chorasse, fiz-lhe festinhas, ela ouviu o meu coração a bater e deixou de chorar. Percebi que era um sonho e que acabaria depressa, por isso agarrei nela com toda a força que tinha e segredei-lhe qualquer coisa, mas não ouvi o que disse, o que me deixa a pensar que se calhar não disse nada porque, se tivesse dito, de certeza que saberia o que foi. Depois, ela desapareceu. Os sonhos são tão estranhos. A seguir, acordei. Senti-me durante todo o dia um pouco nostálgica, por isso, sentei-me no quarto a ler o diário e não me tinha apercebido das vezes, tantas, em que escrevi «de qualquer maneira» e «estranho» e «treta». Digo «treta» muitas vezes. Também desligo muitas vezes e não sei se isso será uma coisa boa. Além disso, não sei mesmo, mesmo, desenhar. Penso que estou nostálgica porque em breve partirei daqui e os finais, mesmo os felizes, são sempre tristes, mas, enfim, todo o fim é um novo começo, por isso, está tudo bem.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a John Goodman, pela excelente visita guiada em Wicklow, e à sua mulher, Joanne Costello, por ter levado o meu marido a andar a cavalo de modo a que eu tivesse tempo para me dedicar ao trabalho. Um brinde, amigos! Sempre no topo da minha lista, agradeço à minha família: Mary e Tony O'Shea, Denis e Lisa, Siobhan e Paul, Brenda e Mark, Caroline, Ger e Aisling; foi ótimo ter podido passar algum tempo com todos vós, em Auckland, apesar das circunstâncias da minha viagem – o tempo que passámos juntos fez-me ver bem as saudades que tinha vossas. Às crianças, começando pelo mais velho: Daniel, Nicole, Conor, David, Tara, Katie e, claro, o pequeno Asling; sois todos uns miúdos maravilhosos e amo-vos muito. A todos os Flood: Mary e Kevin, Eoin e Marcella, Dara, Conall e Ruairi; o meu amor e a minha gratidão. A Paudie McSwiney: recusas-te a vir passar o Natal connosco este ano por eu ser uma cozinheira terrível – perdoo-te porque tens toda a razão. À família McPartlin: Don e Terry, Ruth e Mick Lambert, Felicity e Mick Creedon, Rebecca e Aidan Cornally; tal como cordeiros prontos para a matança, virão a minha casa no Natal. Sugiro que bebam bastante. Aos miúdos deles, de agora em diante conhecidos como vítimas das decisões dos pais: Daniel, Jessica, Hannah, Con, Abby, Harry e Bill. Queria pedir já desculpas e aconselho-vos a comerem muitos doces. A todos os McSwiney: Bertie Snr, Colette, Bertie Jnr e a sua mulher, Noreen, Conor, Aileen, Eoin e Mary; o meu amor e a minha gratidão. A Claire e a Michael Collins e à mãe de Claire, Mary; obrigada pelo vosso apoio e pela vossa simpatia. Ao meu marido: ainda não tens bem ideia do que faço, mas eu também não quereria as coisas de outro modo. Obrigada, amo-te. Aos meus amigos: Valerie e Dermot Kerins, Martin e Trish Clancy, Leonie Kerins e Steph Duclot, John Goodman e Joanne Costello, Tracy Kennedy, Enda Barron, Fergus Egan, Lucy e Darren Walsh, Edel e Noel Simpson, Graham e Bernice Darcy, Angela Delaney, David Constantine, Garrett e Emma Tierney, Clifton Moore, John e Aoife Hicky; os amigos tornam-nos a vida mais doce, por isso, grata vos estou. Ao grupo: Seminey, Lisa, Barry, Alan e mais uma vez ao meu marido, Donal; foi um prazer trabalhar convosco. A Lindsey, por ter ajudado Lisa a tomar conta dos cães; salvaram vidas. Agradeço uma vez mais aos compradores e vendedores nas lojas Easons, Hughes and Hughes, Dubray e Tesco, pelo vosso apoio constante. A Paula Campbell, que, apesar de grandes trabalhos, consegue sempre que tudo corra bem. A todos na Poolbeg, como sempre, o meu sincero agradecimento. À minha agente, Faith O'Grady, por toda a paciência, e a Jennifer Griffin, por ter sido a primeira pessoa a apoiar o meu desejo de escrever para televisão. À minha revisora, Gaye Shortland: obrigada, obrigada, obrigada. Por fim, prometi a uma linda senhora elogiar-lhe os belos olhos por escrito, por isso, Milly Kerins, tens uns olhos lindíssimos.